Romanos

Exposição sobre Capítulo 9

O SOBERANO PROPÓSITO DE DEUS

D. M. Lloyd-Jones

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
God's Sovereign Purpose

Editora:
The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:
1991

Copyright:
Mrs. D. M. Lloyd-Jones

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Capa:
Sergio Luiz Menga
Permissão gentilmente concedida pela Banner of Truth Trust para usar a sobrecapa da edição inglesa

Primeira edição em português:
2002

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

1 9
O objetivo da nova seção – a imutabilidade do propósito de Deus – o método apostólico – teodicéia – seis temas subsidiários – análise minuciosa dos capítulos 9 a 11.

2 24
Uma solene expressão de angústia – consciência, independente mas falível – a tristeza de Paulo pelos judeus – a interpretação do seu desejo impossível – Paulo e Moisés – os críticos do apóstolo, passados e presentes.

3 39
O perigo do intelectualismo – o evangelho divide e separa – novos irmãos na fé – compaixão por nossos parentes – abertura pronta e franca para a direção de Deus.

4 56
A peculiar relação dos judeus com Deus – judeus, hebreus e israelitas – vários sentidos de "adoção" – a manifestação da glória de Deus – a participação dos gentios nestes privilégios – a tragédia dos israelitas.

5 71
A idéia bíblica de aliança – um entendimento errôneo da aliança mosaica – a promessa do Messias – o cumprimento da aliança na vinda de Cristo – a voz de Deus na dádiva da Lei.

6 87
O verdadeiro método de culto – promessas minuciosas da era do Messias – as experiências incomuns dos pais – a vinda de Cristo, a base de todos os demais privilégios – as traduções modernas e a glória de Cristo.

7 103
A gramática, os manuscritos e a deidade de Cristo – Cristo como o Cabeça ou Chefe sobre todas as coisas – referências diretas à deidade de Cristo – doxologias dirigidas a Cristo – a história e os preconceitos teológicos.

8 117
Paulo começa a tratar da objeção – o propósito expresso de Deus não tem sido ineficiente – a frase chave – o princípio visto nos Evangelhos e em Atos – relevância hoje – os dois sentidos de "Israel".

9 131
Provas oriundas da história de Abraão, Isaque e Ismael – "semente", "filhos" e "chamados" – escolha de Deus, não de Abraão – a semente espiritual, os filhos de Deus – o nascimento miraculoso de Isaque "segundo o Espírito".

10 147
O caso dos filhos de Rebeca – a mesma mãe e o mesmo pai – Jacó amado, Esaú odiado – o princípio da eleição – a ação independente de Deus para estabelecer o Seu propósito.

11 161
Argumento necessário – o propósito de Deus levado a efeito por meio da eleição – a escolha feita por Deus é livre e soberana – a perspectiva verdadeira é positiva – esta interpretação leva naturalmente à objeção presente no versículo 14.

12 175
A abordagem apropriada de uma passagem controvertida – interpretações antagônicas – o ensino de Armínio – a nossa reação à soberania de Deus – o reto espírito de humildade e de reverência – a autoridade do apóstolo – o testemunho dos grandes expositores.

13 193
O caso de João Wesley – uma questão de misericórdia, não de justiça – Charnock sobre a livre ou gratuita misericórdia de Deus – o universalismo e a filosofia – a soberana vontade de Deus – excluída toda a atividade do homem – os trabalhadores na vinha.

14 209
O problema do endurecimento – o faraó, Deus e C. H. Dodd – declarações paralelas ou semelhantes sobre Deus e o mal – como Deus endurece – retirando a restrição e entregando a satanás.

15 227
A manifestação que Deus faz do Seu poder – a próxima objeção também confirma esta interpretação – discussão do tema da responsabilidade – o espírito contencioso repreendido – manifestações da glória de Deus a Moisés, Josué, Jó e Isaías – o barro e o oleiro.

16 244
O absurdo de questionar a Deus – a base escriturística para a repreensão de Paulo – a diferença entre criar, e modelar a humanidade decaída – a nossa responsabilidade pelo pecado – a incoerência dos oponentes de Paulo – contingência, determinismo e a certeza cristã.

17 263
O desejo de Deus de manifestar o poder da Sua ira – "preparados para a perdição" (ou "para a destruição") – motivos pelos quais Deus tolera o mal – longanimidade manifestada – distinção entre desejo e vontade – o homem feito inescusável – a ira tornada mais patente.

18 276
Motivos adicionais para a protelação – a glória de Deus demonstrada superiormente na misericórdia – graça, a medida das riquezas – a glória do plano de salvação – "a Trindade econômica" – a maravilha dos caminhos de Deus no Velho Testamento.

19 291
A glória do Senhor Jesus Cristo – Sua vinda, vida e morte – a obra realizada pelo Espírito Santo em nosso favor – preparados na eternidade, chamados no tempo – a glória mostrada mesmo na aplicação de castigo – glorificados como Cristo – fim de questões.

20 309
Análise da parte restante do capítulo – a admissão dos gentios profetizada – Paulo procurando conquistar os judeus – citação de Oséias – a dupla aplicação da profecia – pagãos vêm a ser a noiva de Cristo.

21 323
Confirmação profética da rejeição por parte dos judeus – o método de Paulo com os leitores judeus – a angústia de Isaías – a sentença decretada por Deus – julgamento protelado – promessas e ameaças condicionais – a semente remanescente conforme a graça.

22 340
Os gentios incluídos, os judeus excluídos – a meta da justiça – fé distintiva – Paulo não se contradiz – a soberania divina e a responsabilidade humana.

23 357
Conseqüências de se atribuir a salvação à nossa fé – a escolha e o chamado procedentes de Deus – como mortos crêem – como a graça endurece – os ordenados para a vida crêem – mistério profundo.

24 369
A morte de Cristo planejada e profetizada – Cristo, pedra de tropeço – o escândalo da cruz – o orgulho e a autoconfiança expostos – escândalos na Igreja – rejeitado o caminho da justiça estabelecido por Deus.

25 388
Deduções gerais – o valor do Velho Testamento – lições pessoais – lições para a Igreja – a surpresa da soberania de Deus – a possibilidade de sermos deixados de lado.

1

Ao começarmos a nossa consideração deste novo capítulo de Romanos, aventuramo-nos também a uma nova seção desta poderosa Epístola, uma seção ou parte que inclui os capítulos 9, 10 e 11. Essa é retamente considerada como uma parte famosa das Escrituras, mas devemos abordá-la com cautela, e a primeira pergunta que nos cabe fazer é: qual é a sua relação com o que vem antes? Sempre que chegamos a uma nova porção das Escrituras é prudente fazer essa pergunta a nós mesmos, e fazê-la também ao escritor. Por que há uma nova divisão do texto, e em que consiste exatamente?

Pois bem, há quem diga que no fim do capítulo 8 chegamos ao fim da parte doutrinária de Romanos. Dizem os que assim opinam que Paulo realmente concluiu a grande doutrina da salvação no fim desse capítulo e que agora já não há doutrina como tal, porém que o apóstolo se ocupa de alguns problemas e dificuldades e deles trata até o fim da Epístola. Mas devemos rejeitar imediatamente essa idéia, porque há uma grande porção da mais elevada e importante doutrina nesta passagem particular.

Que será que encontramos aqui então? Bem, no fim do capítulo 8 o grande apóstolo certamente havia terminado o tratamento por ele dado à doutrina da salvação do ponto de vista do crente individual. Ele havia tratado da doutrina da justificação pela fé somente, da santificação e da glorificação; em acréscimo, ele nos mostrara a certeza final da nossa libertação completa na questão da glorificação. Entretanto o tempo todo estivera tratando disso do ponto de vista do cristão individual.

Então, a diferença entre esta parte e a anterior é que agora

Paulo fala sobre a doutrina da salvação, e sobre o propósito de Deus na salvação, de maneira mais geral. Agora ele não está tão interessado nela em termos do crente individual; ele a está tratando do ponto de vista do mundo e, em particular, do ponto de vista do judeu e do gentio. Assim, continua sendo um grande tema de discussão, porém ele já não está tratando do que podemos chamar "ordem da salvação", ou "passos e estágios da salvação individual", mas, antes, do propósito global de Deus.

Que será, então, que levou Paulo a tratar disso? Por que teve que ir adiante? Tendo tratado da glorificação suprema e final do crente, por que não terminou aí a sua Epístola? Por que razão ele introduz especialmente esta seção nos capítulos 9, 10 e 11? Pois bem, neste ponto lamento ter que discordar de Charles Hodge e de Robert Haldane, como fiz numa ou duas ocasiões. Não é uma questão vitalmente importante, mas para mim é de muito interesse, porque, quanto mais correta for a nossa exposição, melhor.

Segundo Charles Hodge, o apóstolo, tendo tratado da doutrina da salvação, toma como principal objetivo e propósito a questão do chamado ou vocação dos gentios e da rejeição dos judeus. Noutras palavras, ele toma um novo assunto e passa a tratar dele. Rejeito essa opinião porque, embora Paulo faça isso, é claro, não é esse o seu principal objetivo.

Que dizer de Robert Haldane? Ele se expressa em termos como estes: "O apóstolo discorrera amplamente sobre a justificação e a santificação dos crentes, e agora passa a tratar particularmente da doutrina da predestinação, e a exibir a soberania de Deus em Seus procedimentos tanto para com os judeus como para com os gentios". Assim, de acordo com Haldane, o principal objetivo desta parte é tratar da doutrina da predestinação e ilustrá-la dessa maneira. Essa concepção eu também rejeito.

Mas há outra idéia, apresentada com freqüência e muito popular entre muitos evangélicos. No momento em que você

menciona para eles Romanos, capítulos 9, 10 e 11, eles dizem: "Ah, toda essa matéria é sobre os judeus e sua salvação, e sobre o seu retorno ao território". E eles tendem a pensar nesta seção apenas em termos disso. É, dizem eles, uma questão de ensino profético; e ficam nisso. Rejeito isso também.

Como, então, devemos entender estes capítulos? Bem, sugiro-lhes que o apóstolo toma essa matéria no início do capítulo 9 e continua tratando dela nos outros dois capítulos também, porque era algo que lhe cabia fazer como um bom mestre, e sábio. Ao meu ver, a conexão entre esta parte da Epístola e a anterior é profunda. Não é que Paulo tenha terminado algo e passado a tratar de uma coisa diferente. Esta parte, para mim, segue-se logicamente da parte anterior, especialmente do que ele tinha dito no fim do capítulo 8. Na verdade, esta parte é inevitável porque, como certamente vocês se lembram,* o que ele acabara de dizer tem relação com a doutrina da segurança do crente, e em particular com a doutrina da perseverança final do crente.

O argumento do apóstolo naqueles grandiosos versículos foi: "Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que são chamados por seu decreto", ou, "chamados segundo o seu propósito" (Romanos 8:28). É o propósito de Deus que garante a perseverança final dos santos, a glorificação final do Seu povo. E depois Paulo continuou e disse que esse grande propósito tinha sido efetuado desta maneira: "Os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Esse é o propósito, esse é o objetivo. E então: "E aos que predestinou (daquela maneira) a estes também chamou; e aos que chamou

---

* Ver Romanos: *Uma Exposição do Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos*, PES, 2002.

a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou" (Romanos 8:30). O propósito de Deus é levado a efeito desse modo. E Ele declara que é absolutamente certo e seguro.

Vimos também que ele levanta desafios e em seguida os põe abaixo com os argumentos deles. É absolutamente certo e seguro, diz ele, porque é o amor de Deus em Cristo Jesus, porque é o propósito de Deus, e não há nada nem ninguém no céu, no inferno ou em qualquer outro lugar que possa "Seu propósito frustrar, nem minha alma cortar do Seu amor!" Foi um tremendo argumento. A nossa segurança está baseada na imutabilidade do conselho de Deus, na garantia de que qualquer coisa que Deus Se tenha proposto fazer, necessariamente será efetuada.

A seguir o apóstolo imagina alguém que se aproxima dele e diz: "Espere um minuto, Paulo, você está se deixando arrastar por sua eloqüência. Que dizer sobre o caso dos judeus? Você diz que quando Deus começa uma coisa, sempre a completa; você diz que quando uma coisa constitui propósito de Deus, nada pode frustrá-la. Mas, se a sua pregação sobre o evangelho cristão, como você o denomina, está certa, o propósito de Deus foi por água abaixo, porque o fato é que, em sua imensa maioria, os judeus não são cristãos; eles não estão naquilo que você chama de reino de Deus, o qual se compõe mormente de cristãos gentios. Assim, então, onde está o propósito de Deus? Onde a imutabilidade do Seu conselho?" Essa foi a objeção.

Ora, essa objeção não era imaginária. Era o que os judeus diziam, e o diziam em alto e bom som. Eles diziam que Paulo era um traidor. Não somente isso; eles tinham uma segunda acusação contra ele, a de que estava jogando fora o Velho Testamento. "O Velho Testamento", eles diziam, "é um livro que se concentra unicamente nos judeus, deixando fora todos os demais; e aqui está um ensino que traz para dentro os outros, enquanto os judeus ficam fora. Paulo está negando o ensino

concernente a Deus e a Seu propósito como esboçado e desenvolvido no Velho Testamento, ensino cheio de promessas aos judeus." Por isso me parece que o apóstolo incumbe-se deste assunto porque lhe é necessário lidar com essa dificuldade e com essa objeção. Portanto, não é uma seção inteiramente nova; é seqüência da anterior.

Paulo, então, enfrenta o desafio; ele trata desse argumento e o refuta a seu modo. É interessante notar que o apóstolo faz aqui o que já fizera várias vezes nesta Epístola. Ele sempre usa o mesmo método, método perfeito de ensino. Faz as suas declarações e depois trata das objeções e dificuldades e lhes dá resposta. Pois bem, nós já o vimos fazer isso.* Ele começa a sua grande doutrina no capítulo primeiro, onde a lança nos versículos 16, 17 e 18. Depois, vocês se lembram, ele a elabora em termos dos gentios e dos judeus. Isso o leva ao fim do capítulo 2. A seguir, no início do capítulo 3, ele se ocupa de uma objeção. Se, diziam os judeus – e o disseram ruidosamente dessa vez – se o que você está dizendo é certo, bem, então, "Qual é logo a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão?" Paulo faz uma digressão para tratar da objeção, e continua lidando com ela até o fim do versículo 20 desse capítulo três. Depois de fazer isso, ele retorna ao seu tema principal no versículo 21 e de novo faz uma admirável exposição da sua doutrina.

Mas ainda, vocês vêem, Paulo sabe que as pessoas não se deram por satisfeitas com isso. Ele sabe que esta doutrina da justificação pela fé parece ir contra tudo o que todos criam acerca dos judeus – que eles eram o povo de Deus porque eram circuncisos e guardavam a lei, ao passo que os gentios eram incircuncisos e não tinham a lei nem a guardavam. Por isso dedica o capítulo 4 a responder a essa objeção uma vez por todas. Ele toma o caso de Abraão, que é um caso chave. Se

---

* Ver os volumes anteriores de Romanos (PES).

pudesse provar que tudo o que dissera era verdade até no caso de Abraão, destruiria a posição deles. E é isso que ele faz em todo o capítulo. Esse capítulo também é uma destas seções que entram em cena para tratar de uma objeção à doutrina firmada por ele.

Depois, tendo feito isso, ele passa a induzir os principais resultados da doutrina da justificação pela fé. Ele começa no versículo primeiro do capítulo 5: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus...". E ele continua a elaborar isso em toda a extensão desse capítulo. E então, imediatamente, de novo ele se contrapõe a duas dificuldades. Ao que parece, este seu ensino está fazendo duas coisas. Parece incentivar as pessoas a continuarem pecando, e também parece pôr de lado a lei de Deus. Por isso o apóstolo não pode continuar seu ensino enquanto não refutar e der tratamento a essas duas objeções particulares. No capítulo 6 ele toma a primeira: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?" "De modo nenhum", ele replica. Todavia não deixa o assunto nesse pé; desenvolve-o em detalhe.

No capítulo 7 ele se dedica à questão da lei: "Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive?" (Romanos 7:1). Todo o capítulo é dedicado ao tratamento das funções, do propósito e dos limites da lei de Deus. Os capítulos 6 e 7 são, portanto, verdadeiras digressões para o trato das dificuldades.

Depois, no capítulo 8, ele volta à linha principal mais uma vez com esta gloriosa doutrina da segurança, levando finalmente à maravilhosa doutrina da perseverança final dos santos. Mais uma vez, porém, ocorre uma dificuldade; há esta objeção à qual já me referi. E assim, nos capítulos 9, 10 e 11 ele deixa seu curso de ação, empenhando-se em conciliar o que dissera com o Velho Testamento em geral. Assim, como vocês podem ver, ele não diz apenas: "Bem, já acabei isso; e agora, que mais? Ah, sim, há esta questão de judeu e gentio;

devo tratar disso". Isso não é tudo. Não há nenhuma ruptura aqui; esta seção é decorrência inevitável. Ele tem que tratar disso porque as pessoas estavam tendo problema com isso, particularmente os judeus, e o apóstolo está interessado em ganhá-los para a verdade e para a fé. Por isso nestes três capítulos ele aceita o desafio; ele trata dos argumentos e os destrói inteira e completamente.

E depois, que dizer dos capítulos 9 a 11? Eles são o que se pode chamar de teodicéia, uma justificação dos procedimentos de Deus com relação ao homem. É um tema maior do que a predestinação. Maior até do que a vocação dos gentios e a rejeição dos judeus. É uma tentativa de harmonizar os procedimentos de Deus, e não devemos permitir que esse tema seja reduzido a dimensões menores. Esta seção cuida da maneira pela qual o apóstolo harmoniza o Velho Testamento com o Novo – tudo o que Deus disse e revelou, com o que Ele ainda está fazendo e o que fará.

É, noutras palavras, o modo como o apóstolo nos mostra que, embora possa parecer que as coisas contradizem o propósito de Deus, não contradizem. Ele simplesmente continua a estabelecer que o propósito de Deus é absoluto e que nada o pode frustrar. Nestes três capítulos ele demonstra a eterna e gloriosa coerência de Deus: a coerência de Deus conSigo mesmo, com a Sua natureza e com o Seu grande e glorioso propósito.

Pois bem, eu posso provar que assim é, referindo-me à maneira pela qual ele conclui a seção toda no capítulo 11, versículos 33 a 36: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que, quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém". O tema desse trecho é imensamente maior do que o da predestinação, que é

apenas uma parte dele. E alguém exaltar a predestinação como o principal tema desta seção é quase fazer-se culpado de blasfêmia. Aqui se trata do próprio Deus na glória da Sua Pessoa e do Seu caráter. A predestinação é tão-somente uma das maneiras pelas quais Deus leva a efeito o Seu grande propósito.

Mas, naturalmente, há vários temas subsidiários nestes capítulos. Muitas vezes comparei o método de Paulo com o de um compositor musical, e aqui se vê isso, mais uma vez. Há um grande tema central; depois, os temas subsidiários – os "leitmotifs" * – são todos elaborados na composição; depois o compositor conclui com o grande tema. Quais serão, então, os temas subsidiários? Bem, o primeiro é o caso particularmente trágico dos judeus, que rejeitaram a Cristo, seu próprio Messias! Foi uma tragédia, especialmente para Paulo, que era judeu, e ele não se esquece de dizer-nos e de repetir isso. Assim, veremos que ele nos fornece as causas disso e as coloca franca e claramente diante de nós.

Segundo, há o tema da liberdade de Deus em Sua soberania absoluta na questão da eleição, e o Seu direito de chamar quem Ele quer, seja judeu, seja gentio. Digo isso porque é do que Paulo está tratando, não simplesmente da eleição. Já consideramos o assunto no capítulo 8, que é onde ele realmente fala sobre a predestinação. Tudo o que ele faz aqui é mostrar a *liberdade* de Deus na eleição, o que é algo diferente.

O terceiro tema subsidiário é a vindicação deste ensino concernente à salvação para qualquer indivíduo, para gentios bem como para judeus, à luz do ensino do Velho Testamento. Pois bem, isso é muito importante, e veremos que o apóstolo continua fazendo isso. Ele era muito sensível nesse ponto, e com razão. Ele era judeu e fariseu, e era perito em Velho Testamento, e uma acusação sempre lhe tocava as fímbrias da

---

* Do alemão, *leitmotiv* –"motivo condutor". No presente caso é referência a frases melódicas que dão seqüência ao tema geral. Nota do tradutor.

alma.* Acusavam-no de negar o ensino do Velho Testamento. "Mas não o nego", diz praticamente Paulo, "posso provar-lhes que tudo o que eu ensino está no Velho Testamento." Assim, ele justifica o seu ensino, a sua apresentação da doutrina cristã da salvação, em termos do ensino do Velho Testamento, e mostra que o Novo Testamento, longe de ser uma contradição do Velho Testamento, é cumprimento dele. Ele poderia ter empregado a linguagem empregada mais tarde por Agostinho: "O Novo Testamento está latente no Velho Testamento, e o Velho Testamento está patente no Novo Testamento".

O quarto tema subsidiário é o terrível perigo de entender mal e de aplicar mal a doutrina, e de fazer falsas deduções da doutrina. Essa era, em geral, a dificuldade com os judeus. Eles faziam falsas deduções do claro ensino do Velho Testamento concernente ao propósito de Deus para o Seu povo. Foi por isso que eles vieram a rejeitar a Cristo. Esse é um perigo terrível. Assim, depois de mostrar que pesava sobre os judeus a culpa de fazerem deduções falsas da gloriosa doutrina de Deus, Paulo volta-se para os gentios e diz: "Cuidado, vocês também! Se os ramos naturais cometeram esse erro, vocês não são imunes a isso".

Como vocês podem ver, estas doutrinas são gloriosas, porém, ao mesmo tempo, são muito perigosas. Temos aqui esta grande doutrina da segurança e da perseverança final dos santos; quantas pessoas têm argumentado com base nisso? – "Eu sou filho de Deus, e, portanto, o que eu faço não tem a menor importância; porque sou filho de Deus, a minha glorificação é certa e segura, e, assim, posso fazer o que eu quiser, porque vou chegar lá obrigatoriamente". Antinomismo! Existia em demasia na Igreja Primitiva. E tem que ser combatido repetidamente, pois, desde aquele tempo, sempre surgem pessoas que se fazem culpadas disso. É um conhecimento só

---

* Literalmente, "o tocava na cutícula". Nota do tradutor.

da cabeça, conhecimento que leva a pessoa a ignorar o coração e tudo mais. Antinomismo – uma das maiores maldições que se pode conceber! E nesta parte da Epístola veremos o apóstolo advertir-nos contra isso; contra o mau uso da doutrina, com falsas deduções da gloriosa verdade de Deus, indo até à condenação da alma! É disso que ele está tratando. Ele o demonstra tanto no caso do judeu como no do gentio.

No quinto tema subsidiário, Paulo dá uma explicação completa da situação particular dos judeus no propósito de Deus. Isso está principalmente no capítulo 11, é claro. Ele explica o que está acontecendo com eles agora, e também o que ainda lhes vai acontecer.

Por último, o sexto tema subsidiário é o propósito eterno de Deus em Cristo, e a salvação com respeito a todo o universo: seu caráter inescrutável e glorioso. Esse é o tema que percorre toda a extensão desta divisão da Epístola. "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis os seus caminhos!" E se alguma vez pensamos que entendemos a mente e o propósito de Deus, espero que esta divisão do texto nos faça repensar. Não é tão fácil, nem transparente, nem simples como às vezes nos inclinamos a pensar! Se toda esta doutrina não nos causar encantamento, admiração e assombro, e não nos impelir à adoração, certamente há algo de errado com o nosso entendimento dela. O correto entendimento da doutrina sempre deveria levar-nos à adoração, ao louvor e a humilhar-nos cheios de encanto diante do Senhor.

São esses, pois, os temas que servem para assinalar esta grande e central teodicéia, que constitui o tema que governa tudo, pelo que me permitam que agora eu lhes dê uma análise da seção toda, para que possamos mantê-lo em mente enquanto estivermos desenvolvendo suas diferentes partes e os seus detalhes. Aqui, de novo, só podemos ficar fascinados face à mente e ao método do apóstolo. Esta é uma seção muito interessante do ponto de vista da estrutura, e eu vou dividir a

minha análise em duas partes – geral e detalhada. O ponto geral a ser analisado é breve. Permitam que lhes lembre que Paulo não dividiu as suas cartas em capítulos. Isso só apareceu por volta do século treze. Mas os que fizeram esse trabalho o fizeram muito bem, porque viram que o apóstolo faz a mesma coisa nos três capítulos desta divisão. Vejamos o que é.

Eis a primeira coisa que ele faz: em cada capítulo ele se identifica com os judeus, e é muito cuidadoso, cortês e amável ao tratar da situação deles. No capítulo 9 ele começa nestes termos: "Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo): que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne". Depois, os primeiros dois versículos do capítulo 10 dizem: "Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação. Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento". E então, o capítulo 11, versículo primeiro: "Digo pois: porventura rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum: porque também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim". Portanto, nos três capítulos ele se identifica com os judeus. Eles são seus concidadãos, e ele os trata com gentileza.

A segunda coisa comum aos três capítulos é elaboração de doutrina. A doutrina principal do capítulo 9 é a doutrina da predestinação e eleição, e no capítulo 10 é a doutrina da justificação pela fé somente, ao passo que a principal doutrina do capítulo 11 é a rejeição temporária dos judeus. Assim, como vocês vêem, ele começa com os judeus, com os quais ele se envolve pessoalmente, e depois faz a declaração da doutrina.

O terceiro tema dos três capítulos é a confirmação que Paulo faz da sua doutrina, com base nas Escrituras. No fim de cada um deles, cita as Escrituras do Velho Testamento para provar o que tinha acabado de dizer em sua doutrina, e o fato

de que ele o faz três vezes põe em destaque a excelência do seu método.

Mas agora devemos examinar os detalhes, e, assim, deixem que eu lhes indique a divisão.

Capítulo 9, versículos 1 a 3: Apresentação do assunto em termos pessoais – como eu disse há pouco.

Versículos 4 e 5: Descrição da situação e da posição peculiares dos judeus.

Versículo 6: Este é o versículo chave do capítulo 9: "Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas".

Versículos 7 a 13: Explanação e explicação do versículo chave e do verdadeiro sentido do termo "Israel". A Palavra de Deus, ele prova ali, teve efeito e fez o que Deus planejara que fizesse. Ele só pretendia que ela fizesse certa coisa, e ela a fez. Mas só entenderemos isso se entendermos o real significado do termo "Israel".

Versículos 14 a 24: É injusto fazer objeção a isso. "Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma." Esse é um problema resultante do que ele havia dito nos versículos 7 a 13, e em resposta o apóstolo mostra o direito que Deus tem de chamar quem Ele quer, até mesmo os gentios – o que ele explicita no versículo 24.

Versículos 25 a 29: Tudo foi predito no Velho Testamento pelos profetas. Não é uma doutrina nova e estranha; tinha sido profetizada e predita.

Versículos 30 a 33: Resumo da situação até aqui – a situação então era: os gentios entrando e os judeus ficando fora.

Capítulo 10, versículos 1 a 3: Nova apresentação de toda esta situação dos judeus. Aqui ele faz mais uma declaração concernente à sua trágica cegueira. Em certo sentido, o capítulo 10 é uma pequena digressão na qual Paulo estabelece e elabora o que tinha dito no resumo feito nos versículos 30 a 33, no fim do capítulo 9. Ele o desenvolve em detalhe.

Versículos 4 a 11: Um esboço do verdadeiro plano de

salvação. O apóstolo mostra que os judeus tinham se desviado e que tinham um conceito errôneo da salvação. Paulo dissera no versículo 3: "Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus". Mas eles não entenderam isso. E, do versículo 4 ao 11, Paulo nos diz o que eles não tinham entendido: "O fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê". É uma declaração da doutrina da justificação pela fé somente.

Ele então continua e diz, nos versículos 12 a 17, que, como a salvação é resultado da justificação pela fé, obviamente é para todos, porque Deus é Deus de todos. Não somente dos judeus; Ele é o Deus dos gentios também. Ele é o Criador de todo o universo. E, portanto, como é uma salvação que vem pela fé, como resultado de ouvir, está aberta para os gentios, bem como para os judeus. É isso que ele expõe nestes versículos. É questão de escutar e dar ouvidos e crer no evangelho. Alguns, diz ele, o recusam – esse é o problema dos judeus; outros crêem nele – esse é o caso mormente dos gentios. E, de novo, nos versículos 18 a 21, ele mostra que isso também fora predito e profetizado pelos profetas do Velho Testamento.

Isso nos leva ao capítulo 11. Novamente ele começa, no versículo primeiro, com a sua declaração concernente ao povo de Deus, e de novo se apresenta como um deles. A seguir, faz esta declaração categórica: "Deus não rejeitou o seu povo". Nos versículos 2 a 6 ele nos dá a verdadeira chave doutrinária para o entendimento deste assunto em geral. E a chave é também algo que ele já havia insinuado – que há diferença entre uma pessoa e outra, e isso vem sob o título geral de "Israel". Noutras palavras, ele nos apresenta esta maravilhosa doutrina bíblica do "remanescente", mostrando que ela se aplicava até nos tempos do Velho Testamento e que ainda se aplica – que Israel, como nação, está fora, mas o verdadeiro Israel, o remanescente, está dentro; e mostra que essa divisão é sempre questão ligada à graça. Essa é a doutrina vitalmente

importante dos versículos 2 a 6.

Depois, no versículo 7, ele nos dá outro versículo chave: "Pois quê?" – à luz disso – "O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos". Vejam vocês, Israel é dividido em dois grupos – os eleitos em Israel, e os demais. Os demais foram endurecidos, ao passo que os eleitos "o alcançaram".

Nos versículos 8 a 24 Paulo desenvolve o que tinha acabado de dizer. Ele mostra a diferença entre os eleitos e os demais, e trata principalmente dos demais, e o que ele mostra é que tudo o que é verdade a respeito deles agora, desde muito tempo havia sido predito nas Escrituras do Velho Testamento. Daí ele passa a explicar por que foi que isso aconteceu; diz ele que é uma coisa apenas temporária, e termina fazendo uma advertência aos gentios, assinalando que, se isso pôde acontecer com os judeus, quanto mais poderá acontecer com eles! Portanto, que não sejam presumidos. Temos aí, pois, uma mistura de doutrina e de exortação e aplicação prática.

A seguir, nos versículos 25 a 32, Paulo faz um resumo da situação como era em seu tempo e em sua geração, e passa a dar um esboço da execução do grande e original propósito de Deus, que inclui tanto gentios como judeus, e mostra que tudo vai terminar exata e precisamente como Deus projetou e planejou mesmo antes da fundação do mundo.

E então, como já vimos nos versículos 33 a 36, temos aquela grande apóstrofe final que irrompe da reverência, da adoração e do louvor: a maravilha e o encanto disso tudo, e a atribuição a Deus, e somente a Ele, de toda a honra e de toda a glória.

Essa foi, pois, uma consideração geral do objetivo e do propósito desta grande porção das Escrituras, e é uma boa maneira de abordá-la. Muitas vezes as pessoas ficam perdidas porque não procuram ter um quadro global. Não conseguimos ver a floresta por causa das árvores. E os que se interessam por doutrinas isoladas estão particularmente sujeitos a isso;

aqueles que pulam ou omitem a predestinação, que pulam os judeus e o seu destino, e tudo mais que compõe o ensino profético. E quão triste é ver como eles omitem a verdade maior, a verdade mais gloriosa – esta maravilhosa teodicéia, esta justificação dos procedimentos de Deus com relação ao homem, e a harmonização do que Deus permite com o que Ele Se propõe fazer, o que Deus tolera com o que Ele planejou, e a demonstração de como as coisas realmente contribuem juntamente para o bem e para a execução final do propósito eterno de Deus.

2

"Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo):que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne." – Romanos 9:1-3

Depois de ter feito uma análise geral desta nova divisão de Romanos em nosso estudo anterior, e de mostrar o que o apóstolo faz nesta porção da Epístola, e até certo ponto por que o faz, podemos agora partir para uma exposição minuciosa da passagem. A primeira subdivisão do capítulo 9, vocês se lembram, consiste dos três primeiros versículos, nos quais Paulo introduz o assunto e coloca diante de nós toda esta questão da situação dos judeus; e faz isso particularmente em termos da sua relação com eles e com o problema que eles constituíam.

Pois bem, esta é uma das mais notáveis declarações que se encontram nos escritos de Paulo e nos escritos dos demais apóstolos, e, além disso, é uma declaração vital. Por isso, parece-me que a nossa melhor maneira de abordá-la é, primeiro, verificar o que ela diz de fato; depois podemos considerar por que ele fez essa declaração e por que a colocou nessa forma. E em seguida, em terceiro lugar, podemos tirar dela algumas lições e conclusões.

Comecemos, pois, com os termos e expressões. Paulo começa entrando súbita e ardorosamente no problema: "Em Cristo digo a verdade...". Agora, a questão que de imediato surge é se ele estava fazendo um juramento aqui. Estaria ele,

digamos, jurando em nome de Cristo com relação à veracidade da declaração que estava para fazer? Não é preciso que isso nos detenha, porque o ensino claro e simples do Novo Testamento é que os cristãos não fazem habitualmente juramentos desse tipo. Temos o ensino pessoal do nosso Senhor, no qual Ele diz, "Não jureis"; não façam juramento. Como certamente vocês se lembram, havia uma discussão entre os fariseus sobre uma das sutilezas legais nas quais eles tanto se deleitavam: se se deve jurar pelo céu, ou pela terra, ou pelo altar, ou pela oferta depositada no altar, etc. E o ensino do nosso Senhor é: "Não jureis... Seja, porém, o vosso falar: sim, sim, não, não" (Mateus 5:34,37). Os fariseus sempre gostavam de salientar o que diziam fazendo juramento, mas o nosso Senhor desestimula isso. E essa é a ênfase geral do ensino do Novo Testamento, e é uma ênfase necessária atualmente. As pessoas estão sempre prontas a fazer esse tipo de juramento para dar-nos certeza da veracidade do que elas estão dizendo. Mas isso vai diretamente contra o ensino do nosso Senhor, e, nos registros que temos da vida de Paulo em Atos e em suas Epístolas, não o vemos fazer isso.

Que será, então, que Paulo quer dizer aqui? Naturalmente, o seu forte desejo é que eles compreendam que ele está fazendo uma declaração muito séria e muito solene. Assim, o que efetivamente diz é isto: "Digo estas palavras consciente de que estou na presença de Cristo. Não somente isso; falo como alguém que está em Cristo, como cristão, como alguém que é membro do corpo de Cristo". Em parte, ele se refere, é claro, ao que já havia dito no capítulo 5 – aquele que estava em Adão, agora está em Cristo. "E", diz ele, "estou falando como um homem que foi crucificado com Cristo, que morreu com Cristo e que ressuscitou com Cristo para uma novidade de vida. Falo como um homem tal, não descuidada nem casualmente. Falo como alguém que compreende qual é a sua posição no Senhor Jesus Cristo."

Além disso, penso que ele quer dizer que fala como quem

sabe que Cristo o vê enquanto ele fala. Paulo diz algo parecido em 1 Timóteo 6:13: "Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica", diz ele a Timóteo, "e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão". Ele compreende, e quer que Timóteo também compreenda, que ambos eles estão na presença de Deus, que Ele os vê, e que o Senhor Jesus Cristo os está vendo ao mesmo tempo. Assim também aqui em Romanos ele diz: não posso fazer nenhuma afirmação mais forte que esta: "Em Cristo digo a verdade".

E depois, para torná-la ainda mais forte, ele introduz a sua negativa: "não minto". Seu anseio é que todos quantos a ouvirem ou a lerem saibam que ele está falando isso da maneira mais séria e mais solene que se pode conceber. Uma negativa muitas vezes reforça a asserção positiva, e o faz aqui.

Mas Paulo vai mais longe ainda, e diz: "Dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo". Este é um ponto muito importante. Por que ele acrescenta isso e insere esta questão de consciência? Pois bem, o que temos realmente no original é, "a minha consciência dando também testemunho comigo", de modo que o que Paulo diz efetivamente é: "Estou dizendo isso, mas a minha consciência está dando testemunho comigo, ou atestando a verdade do que estou dizendo".

Noutras palavras, o apóstolo está dizendo: "Não é meramente que eu faço esta declaração com toda a honestidade que está à minha disposição, não é meramente que não há nenhuma mentira nem qualquer pensamento em mentir em mim ou por perto. Digo isso com toda a sinceridade que está em meu poder expressar, porém lhes digo mais uma coisa: a minha consciência dá testemunho comigo".

Mas, por que isso é mais forte? – vocês perguntarão. Naturalmente, a resposta é que a nossa consciência é algo independente de nós. Todos nós sabemos disso, acaso não sabemos? Podemos dizer uma coisa, porém não significa que a nossa consciência vá concordar. É isso que torna tão

importante a nossa consciência. Em certo sentido, a nossa consciência é algo separado do homem. Ela foi colocada nele por Deus; é algo que faz lembrar a voz de Deus dentro dele, é um monitor interno, e o homem realmente não pode manipular a sua consciência. Pode ir contra ela, mas isso não é manipular. É possível, como o que o apóstolo diz, outra vez a Timóteo, a consciência ser queimada "com ferro quente", ser "cauterizada" (1 Timóteo 4:2). Todavia, apesar disso, é certo dizer que a consciência é uma testemunha independente. Portanto, o apóstolo diz com muito acerto que a sua consciência está dando testemunho de que o que ele está dizendo é verdade. Por isso devemos sempre ouvir com muita atenção a nossa consciência, por causa da sua independência. O que quer que pensemos ou digamos, a consciência está ali e registrará a opinião dela. Também é igualmente importante que não façamos nada contra a consciência. Devemos sempre dar ouvidos ao que ela diz, por causa dessa posição independente e porque foi colocada ali por Deus. Paulo estava sempre preocupado com isso; mesmo quando se refere à sua vida passada ele afirma a mesma coisa. Em Atos 23:1 lemos: "E, pondo Paulo os olhos no conselho, disse: Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência". Ele sempre era cuidadoso sobre isso, e nós igualmente o devemos ser. Embora sendo cristãos, devemos dar atenção à consciência; nunca devemos agir contrariamente aos seus ditames e ao seu veredicto.

Contudo, depois Paulo acrescenta: "dando-me testemunho a minha consciência *no Espírito Santo*". Esse é outro ponto importante a respeito da consciência. Apesar de haver uma testemunha independente e de precisarmos estar sempre atentos a ela, a consciência é falível e necessita receber iluminação. Essa verdade também é muito clara nas Escrituras, e deveríamos estar familiarizados com ela em nossa vida e em nossa experiência. O valor da consciência é quase inteiramente negativo. Ela não fala positivamente; geralmente condena.

É por isso que sempre devemos ouvi-la com atenção. Mas isso não significa que a consciência é perfeita. Ela precisa ser treinada e educada. Deixem que lhes conte uma ilustração. Há no mundo muitos que, por causa da sua criação e da sua ignorância, talvez vivendo nas trevas da idolatria e do paganismo, acham que certas coisas são erradas. A consciência deles diz a eles que aquelas coisas são erradas, e por isso não as praticam. Entretanto, se se tornarem cristãos, verão que muitas coisas que a sua consciência condenava não são erradas, e a sua consciência não os condenarão mais por causa daquelas coisas particulares. Noutras palavras, a consciência terá sido iluminada e treinada.

Permitam-me ilustrar isso com algo oriundo da carta que Paulo enviou à igreja em Corinto. Havia lá um problema relacionado com comer carne de animais que tinham sido oferecidos a ídolos, e a dificuldade surgiu porque alguns cristãos de Corinto eram mais iluminados que outros. Havia os irmãos "mais fortes", assim chamados, e os irmãos menos iluminados, ou "mais fracos". Os mais fracos, por sua falta de iluminação e de entendimento, ainda estavam sob uma espécie de escravidão nessa questão, ao passo que os mais fortes a enxergavam com clareza. Tinham chegado a entender que podiam comer a carne que quisessem, que ídolo era coisa irreal, que não havia nenhum outro deus, e que, portanto, não havia nada de errado em comer tal carne. Mas os outros não tinham enxergado isso, de modo que, quando os irmãos mais fortes comiam esse tipo de carne, a consciência dos irmãos mais fracos se escandalizava. Por quê? Porque a consciência dos fracos não tinha sido iluminada plenamente (1 Coríntios, capítulo 8).

Temos aí uma prova do fato de que a consciência pode ser treinada e que pode ser iluminada. E o que o apóstolo está dizendo aqui, em Romanos, capítulo 9, é que não somente a sua consciência dá testemunho do que ele está dizendo, mas também que a sua consciência é uma consciência que agora é iluminada – pelo ensino da mensagem cristã e pelo ensino

direto do Espírito Santo. Ele tem uma consciência iluminada no Espírito Santo, a mais alta condição em que uma consciência pode jamais estar.

Façamos, pois, um resumo desta questão da seguinte maneira: em qualquer estágio particular em que vocês se encontrem, sempre dêem ouvidos à sua consciência. Nunca façam coisa alguma que a sua consciência condene. Mas, se a sua consciência for iluminada pelo Espírito e pelo ensino cristão, ela não mais condenará algumas dessas coisas, e vocês terão direito de fazê-las. Entretanto, não discutam com a sua consciência. É o Espírito Santo e o ensino das Escrituras que deverão iluminá-la. E é isso que o apóstolo nos está dizendo aqui: ele não só está fazendo esta declaração e não está *mentindo, mas a sua consciência também, iluminada pelo* Espírito, está dizendo Amém a isso; está concordando, não há nele nenhuma condenação. Pois bem, essa é uma maravilhosa posição para a gente ocupar.

Assim, é uma solene asseveração a que Paulo faz aqui. Ele diz: "Digo desta maneira a vocês que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração...". Por quem? Por "meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne". E, examinando os termos empregados por Paulo, vemos que esta é também uma declaração muito forte. As palavras "grande peso" (VA) podem ser traduzidas pela expressão "amargo desgosto". Paulo se entristecia amargamente acerca dos seus irmãos, e havia um peso em seu espírito. Depois, "contínua tristeza", pode-se traduzir por "incessante angústia". Ele experimentava uma angústia na mente e no coração pelo estado e condição dos seus patrícios. Ora, não existe nenhum sentimento maior nem mais profundo do que o que o apóstolo nos conta como ele se sente com relação à situação geral dos judeus.

Mas, naturalmente, tudo o que dissemos empalidece, quase chegando a ser uma insignificância, à luz do que em seguida ele diz: "Pois eu poderia desejar que eu próprio fosse amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos,

meus parentes segundo a carne" (VA). A palavra traduzida por "amaldiçoado" é *anáthema*, maldição, no original – "Eu poderia desejar que eu próprio fosse anátema e separado de Cristo". Portanto, devemos atribuir a essa declaração o seu pleno valor. Algumas pessoas se vêem em óbvia dificuldade com ela e procuram dizer que é meramente como se o apóstolo estivesse dizendo: "Se é a minha presença na Igreja Cristã que está causando escândalo aos judeus, estou disposto a ser excomungado da Igreja Visível para que eles possam ingressar nela". Todavia está claro que essa idéia não pode ser aceita. Ele fez uso da palavra *anáthema*, "amaldiçoado", e essa palavra sig-nifica "amaldiçoado por Deus". E, notem vocês, ele diz "(separado) de Cristo". Não da Igreja, mas de Cristo! Ele fala em vir a ser um réprobo, um excluído de Cristo, do Seu reino e da salvação cristã. É isso que ele está dizendo.

No entanto, que será que ele quer dizer? É certamente um grande problema, um problema que ocupou a mente de comentadores de todos os tempos e de todos os lugares, e, portanto, há algumas coisas que precisam ser esclarecidas. A primeira explicação disso que devemos rejeitar é a de João Calvino. Como vocês podem ver, não temos papas no protestantismo! Não cremos na infalibilidade de João Calvino, como tampouco cremos na infalibilidade do papa. E qualquer pessoa que faça de João Calvino um papa estará negando as Escrituras e realmente não estará prestando serviço nem a João Calvino. Ele cometeu erros; há muitos deles em seus comentários, e eu acredito que ele estava errado neste ponto. A idéia de Calvino é que Paulo, o apóstolo, num estado de êxtase, quis de fato ser condenado em lugar dos seus concidadãos, expulso do reino de Deus e excluído da salvação, para que eles fossem salvos e se tornassem cristãos.

Rejeito essa interpretação porque, obviamente, nenhum cristão poderia dizer ou diria isso. Uma pessoa ignorante talvez diga isso levianamente, mas um cristão, que sabe o que significa ser amaldiçoado e separado de Cristo, dizer isso é

uma impossibilidade, é inconcebível. Verdadeiramente seria muito errado alguém dizer tal coisa.

E o último homem do mundo que diria isso é este apóstolo Paulo, porque ele nos estivera dizendo no capítulo anterior que a salvação de um homem não é coisa que esse homem determina; ele não pode querer estar dentro ou fora. Tudo está no propósito de Deus, e o que Deus Se propõe fazer Ele predestina, e põe em operação todos os passos e estágios, até chegar finalmente à glorificação. Por conseguinte, o homem que passou o tempo que este apóstolo passou dizendo tudo aquilo, estaria entrando vulgarmente em contradição se começasse a falar em pôr-se fora. A salvação é certa e garantida, e os que são cristãos e que viram o que isso significa dão graças a Deus por tal bênção; e para eles não há nada mais terrível do que a idéia de ficar fora da salvação.

Desafortunadamente, rejeitamos também a explicação de Robert Haldane. Haldane pode ver o engano de Calvino, e o denuncia. Mas então ele acha que descobriu um meio de sair da dificuldade. Ele assinala que o apóstolo usa o verbo no passado – o que significa, segundo Haldane, que o apóstolo se refere agora a seu estado e condição anterior à sua conversão. Depois Haldane continua e diz que a palavra traduzida pelo verbo "desejar" poderia ser igualmente traduzida por "gabar-se". "Eu mesmo me gabava, ou fazia disso o meu orgulho, de estar separado de Cristo". (Diga-se de passagem, ele está completamente errado aí, e, naturalmente, isso vicia toda a sua exposição.) Noutras palavras, ele diz que o apóstolo está mostrando aqui a sua empatia com os judeus. Ele está falando como um homem que outrora se gabava do fato de que era amaldiçoado e separado de Cristo, e por isso se entristece muito por aqueles concidadãos seus que agora se acham exatamente na mesma situação.

Rejeitamos a explicação de Haldane porque, se o apóstolo quisesse dizer isso, teria feito uso do verbo no aoristo, tempo que ele gostava tanto de usar – o tempo verbal que descreve

uma condição que prevaleceu uma vez, porém que agora é finda. Mas não é esse o tempo utilizado por ele aqui; em vez disso, ele usa o imperfeito. Assim, o próprio tempo do verbo deveria ter sido suficiente para livrar Haldane dessa explicação equivocada.

Em segundo lugar, o incrédulo jamais quereria ser amaldiçoado e separado de Cristo, ou gabar-se de ser assim amaldiçoado, porque, se o fizesse, isso implicaria que ele cria em Cristo de algum modo. Implicaria que ele reconhecia uma condição de amaldiçoado e separado de Cristo, condição que, naturalmente, nenhum incrédulo jamais poderia reconhecer. Na verdade, Paulo nunca estivera numa situação na qual teria dito que ele estava orgulhoso de ser "amaldiçoado e separado de Cristo", porque houve tempo em que ele costumava dizer que Cristo era um amaldiçoado, um maldito. Assim, ele nunca falaria em ser amaldiçoado e separado de alguém que ele considerava amaldiçoado; é uma total impossibilidade.

Depois, em terceiro lugar, não há sentido em dizer isso nesta passagem. O apóstolo não lhes está contando o que sentira no passado; está lhes contando o que sente agora, está lhes falando sobre a sua presente condição e sobre a sua presente atitude para com estes judeus incrédulos que rejeitam Cristo e que estão fora da salvação realizada por Ele. Logo, devemos rejeitar também essa tentativa de livrar-nos da dificuldade. Não é isso o que ele quer dizer.

Qual será, então, a resposta? Deve ser encontrada no tempo verbal utilizado pelo apóstolo, o imperfeito. Agora, a explicação que vou dar tem por trás grandes autoridades; homens como Charles Hodge, Henry Alford do século dezenove, e Marvin R. Vincent, talvez o maior gramático da língua grega do século passado,* e, também, os conhecidos comentadores Sanday e Headlam.

---

* No original inglês: "deste presente século"; o século vinte. Nota do tradutor.

Henry Alford se expressa dizendo que o imperfeito deveria ser traduzido desta forma: "Eu desejava, se fosse possível", ou, "Eu poderia desejar isso", "Eu desejaria isso, se fosse possível". Ele não diz, "Eu desejo", mas, "Eu desejaria". Vocês vêem a diferença? Diz ele que é uma ação inacabada; ele começa um processo, porém um obstáculo intervém e ele não pode completá-la. Marvin R. Vincent diz algo muito parecido; diz ele que literalmente é, "Eu estava desejando", mas aqui o imperfeito tem uma força experimental ou empírica, implicando o desejo iniciado porém detido logo de saída por alguma consideração antecedente que o impossibilita, de modo que praticamente não foi mantido. É, noutras palavras, um homem que começa a pensar e depois percebe algo, e por isso tem que parar. "Eu estava a ponto de desejar ou de pensar" – mas não pôde prosseguir. Essa é, segundo esses gramáticos, a força da palavra.

Marvin R. Vincent refere-se também a Filemom, versículo 13 (onde Paulo fala sobre o escravo Onésimo, que ele está enviando de volta a Filemom), que, na Versão Autorizada (inglesa), diz: "A quem eu teria retido comigo, para que em teu lugar me servisse nas prisões do evangelho; mas, sem a tua opinião, eu nada quis fazer". Paulo começou a pensar com seus botões: "Ora, bem que seria maravilhoso ficar com este tal Onésimo; ele poderia ser um grande..." Ah, ele pára imediatamente. "Mas isso é impossível. Não tenho direito de retê-lo; ele pertence a meu amigo Filemom." Noutras palavras: "Eu poderia ter desejado" (ou, "Eu desejaria") "mantê-lo comigo, se não fosse pedir muito".

Diz A. T. Robertson que a tradução correta aqui não é, "Eu desejo", mas "Eu estava a ponto de desejar que eu mesmo fosse amaldiçoado e separado de Cristo por amor dos meus parentes segundo a carne", enquanto que Sanday e Headlam traduzem a frase por, "O desejo estava em minha mente", ou, "A oração estava em meu coração". "O desejo estava em minha mente" – sim, mas não quer dizer que ele desejava aquilo.

Depois, finalmente, Charles Hodge faz esta tradução: "Eu desejaria, se isso fosse permissível ou possível ou apropriado...". Ele diz: "Isso implica a presença de uma condição que se sabe que é impossível". E essa é, penso eu, a chave para o entendimento dessa declaração deveras extraordinária.

Pois bem, existem outros casos semelhantes que lançam alguma luz sobre este ponto. Vejam, por exemplo, a narrativa da conversa de Festo e Agripa sobre Paulo em Atos 25:22. Na Versão Autorizada lemos: "Eu gostaria de ouvir pessoalmente o homem. Amanhã o ouvirás, disse ele". Mas é a primeira frase que importa; é o mesmo tempo verbal, e a frase deveria ser traduzida: "Eu também pensava em ouvir o homem". Notam a diferença? "Eu também pensava em ouvir o homem." É assim que essa frase deve realmente ser traduzida.

Há outro exemplo em Gálatas 4:20, onde Paulo diz: "Eu bem quisera agora estar presente convosco, e mudar a minha voz: porque estou perplexo a vosso respeito". Mas a melhor tradução seria: "Eu gostaria de estar presente convosco neste momento". Foi o pensamento que entrou na mente de Paulo, "Se tão-somente eu pudesse estar com eles agora". Mas não podia, é claro; havia uma grande distância e havia circunstâncias que tornavam esse desejo completamente impossível.

Noutras palavras, o que temos aqui em Romanos é uma expressão muito forte dos sentimentos de Paulo. Ele não quer realmente ser amaldiçoado e separado de Cristo, porém praticamente diz o seguinte: "Vocês sabem, estou tão preocupado com isso que se, de um jeito ou de outro, sacrificar-me os ajudaria...", e pára aí. Nada de continuar com isso! "O desejo, a idéia entrou em minha mente; eu estava a ponto de dizer...", mas então ele pára.

Há um maravilhoso paralelo disso tudo – de fato, o único em todas as Escrituras – em Êxodo, capítulo 32, versículos 30-32. Trata-se do incidente em que Moisés, tendo estado no monte com Deus, viu que os filhos de Israel tinham feito um

bezerro de ouro e tinham cometido grave pecado. "E aconteceu que no dia seguinte Moisés disse ao povo: vós pecastes grande pecado: agora, porém, subirei ao Senhor; porventura farei propiciação por vosso pecado. Assim tornou Moisés ao Senhor, e disse: ora, este povo pecou pecado grande fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito."

Que significa isso? Bem, o que temos aqui, nestes dois grandes e poderosos homens de Deus, Moisés e o apóstolo Paulo, é um tão intenso interesse pela glória de Deus e pelas almas dos homens que o sentem tanto, a ponto de chegarem mais perto que ninguém da mente que havia em Cristo Jesus quando Ele Se entregou como oferta pelo pecado, para que outros fossem salvos. Achamos difícil entender isso, acaso não achamos? O antigo e famoso comentador Bengel disse: "Não é fácil avaliar a extensão do amor de um Moisés e de um Paulo, pois a nossa mente limitada não o compreende, como uma criança é incapaz de compreender a coragem dos guerreiros". De tal maneira estes homens tinham algum conhecimento experimental do fardo das almas que podiam empregar estas expressões que nos enchem de um sentimento de admiração e assombro – expressões que muitas vezes têm levado mentes menores a criticá-los e a entendê-los mal. Não, o que temos aqui é tão-somente uma expressão muito intensa empregada pelo grande apóstolo, uma expressão muito intensa da sua angústia de coração e mente em face do estado e condição dos seus concidadãos, os judeus.

Isso nos leva então à segunda questão: por que será que o apóstolo faz esta declaração? Vimos uma resposta geral a isso em nosso estudo anterior. É esta grandiosa teodicéia, esta justificação dos procedimentos de Deus para com os homens, a harmonização traçada por Paulo daquilo que está de fato sucedendo com o que ele vem ensinando claramente. Mas, indubitavelmente, há mais uma razão. O apóstolo estava ansioso para livrar-se das acusações que faziam freqüentemente

contra ele. Seus patrícios o consideravam como nada mais nada menos que um renegado e um traidor que se tinha vendido.

Como vocês podem ver, devemos lembrar que no tempo em que Paulo viveu os romanos tinham conquistado a Palestina, como tinham feito com muitos outros países, e o pior tipo de indivíduo de qualquer país era o que se tornava servo do império romano. Era o caso dos publicanos; eles se fizeram coletores de impostos para os romanos, coletando-os do seu próprio povo e oprimindo-o; eram vistos como colaboracionistas e, por isso, eram desprezados. E os judeus estavam fazendo esse tipo de acusação contra o apóstolo Paulo. Eles diziam que Paulo tinha tirado vantagem da situação, por assim dizer; que ele tinha percebido que aquela nova religião, opondo-se duramente ao judaísmo, se tornaria popular com relação às autoridades e aos gentios, e que, como um verdadeiro traidor, tinha virado a casaca e tinha aderido a ela.

Na verdade, não só naquele tempo as pessoas diziam isso; uma vez me encontrei com um homem que me disse isso. Eu voltava da América num transatlântico, e fui persuadido a fazer uma palestra num domingo à noite. Mais tarde, naquela mesma noite, quando eu passeava pelo convés, fui detido por um médico judeu que me disse que estivera na reunião. Disse ele: "Digo-lhe francamente que fui lá por pura curiosidade, por seu passado como médico. Mas", disse ele, "ouvi sua palestra e o ouvi falar sobre Paulo". Então passamos a uma discussão a respeito de Paulo. "Oh", disse ele, "não há dificuldade quanto a Paulo! Não critico nem a mim nem a minha nação quando digo isto", continuou ele, "mas Paulo era um judeu típico e um negociante de primeira classe; ele pôde enxergar que a velha religião já tinha dado o que tinha e estava no fim, e quis entrar na nova o mais rápido possível. Isso explica o apóstolo Paulo. Nada de conversão, não houve nada do que você nos falou", disse ele; "a coisa é muito simples; naturalmente ele tinha que arranjar algum argumento,

porém, para mim, é óbvio. Ele era um homem astuto e estava de olho no negócio; ele percebeu o que estava acontecendo, pisou chão firme e seguro, e saiu-se muito bem." Os judeus diziam isso naquele tempo, e continuam dizendo isso a respeito de Paulo.

Não só isso, porém; os críticos de Paulo diziam que ele era indiferente para com os judeus e seu destino. Eles diziam que ele se fizera hostil para com eles, um grande inimigo da sua nação, e o grande apóstolo sentiu isso com toda a intensidade da sua natureza e do seu ser. Por isso diz: "Digo a verdade em Cristo, não minto, e a minha consciência, iluminada pelo Espírito, me testifica isso. Não somente não estou contra os meus concidadãos, pois até chegou a entrar em minha cabeça a idéia de que se de um jeito ou de outro o fato de eu ser amaldiçoado pudesse salvá-los – bem, faltou pouco para que eu me rendesse a isso". Ele quer que as pessoas de Roma para as quais escreve saibam disso – na maior parte eram gentios, mas entre eles havia alguns judeus, e Paulo sabia que eles poderiam passar a outros aquelas notícias – ele queria enterrar de vez essa mentira. Ele não é antijudeu. Muito ao contrário!

Entretanto ele faz mais que isso. Ele quer revelar a tragédia da situação dos judeus, e ele sabe do que está falando. Ele é judeu, e, não só judeu, mas fariseu, "fariseu de fariseus", um homem impregnado pela lei e pela história da sua nação. Lembrem-se do que ele diz sobre isso em Filipenses, capítulo 3. Ele é um israelita, da tribo de Benjamim, etc. Se jamais houve um homem com direito de falar, ele é esse tal, e o seu desejo é tentar mostrar a tragédia da situação dos judeus, a tragédia que só um judeu como ele teria possibilidade de entender e avaliar. Por isso ele fala como fala e faz esta declaração particularmente forte. Mas nos versículos 4 e 5, como veremos, ele expõe em detalhe o caráter singular desta espantosa tragédia, a maior tragédia que o mundo já conheceu – que o Verbo "veio para o que era seu, e os seus não o receberam". Eles, os

judeus, dentre todos os povos, atraiçoá-lO, crucificá-lO, livrar-se dEle e rejeitá-lO – essa é a tragédia das tragédias!

Pois bem, Paulo está interessado em mostrar que isso o fere no coração, na mente e no espírito; leva-o a constante amargor e a uma incessante angústia. Ele está ansioso por mostrar como ele próprio, como judeu, vê isso tudo, porque a sua intenção suprema é que, quem sabe, até mesmo por meio de tal exposição, os olhos dos judeus sejam parcialmente abertos, ou alguns deles, de alguma forma, enxerguem o erro e o engano disso tudo e se convertam e creiam no evangelho.

3

"Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo): que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne." – Romanos 9:1-3

Já consideramos o que o apóstolo Paulo estava dizendo nestes versículos e por que ele fez esta declaração; mas, antes de passarmos a considerar o que ele diz nos dois próximos versículos, acho que é essencial fazer certas deduções e conclusões, e juntar algumas lições desta declaração tão extraordinária.

Ela é única em muitos aspectos, é muito pessoal, e, como assinalei, é uma das declarações mais notáveis feitas pelo apóstolo a respeito de si próprio. Ele a repete, embora não tão completamente, no início do próximo capítulo, e, na verdade, no início do capítulo onze, mas aqui está em termos mais notáveis e extraordinários. E para mim ela é tão importante que não posso deixá-la e ir adiante apenas com uma explicação do sentido exato dos termos.

Sempre devemos cuidar que o nosso estudo das Escrituras não seja meramente mecânico. O nosso objetivo ao percorrermos esta grande Epístola não é apenas entendê-la intelectualmente. Por certo sempre devemos pôr isso em primeiro lugar. Mas nunca devemos parar aí, porque sempre devemos fazer aplicação das Escrituras. É por isso que eu nunca traço distinção entre o que alguns chamam preleção ou palestra sobre a Bíblia, e a pregação. Sempre se deve pregar a

Bíblia. Nunca devemos abordar a Bíblia de maneira teórica ou acadêmica.

Por essa razão eu, pessoalmente, nunca acreditei em fazer estudos ligados aos conhecimentos bíblicos. Acredito que essa é, em si mesma, uma prática falsa. Temos a tendência de perder a idéia de que a Bíblia nos é dada para que sejamos edificados na fé, para que ela nos faça algum bem espiritual. Não há nada mais perigoso do que termos a cabeça atulhada de conhecimento sobre o conteúdo da Bíblia, se esse conhecimento ficar só na cabeça e não tocar o nosso coração, nem influenciar a nossa vontade. É a estrada expressa para o antinomismo em suas várias formas. Assim, é importante lembrar que o principal objetivo para o qual as Escrituras nos são dadas é que elas sejam alimento para a nossa alma. Elas foram designadas para levar-nos a um maior e mais profundo conhecimento experimental de Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, e das riquezas da graça de Deus que nos são dadas nesta salvação cristã.

Pois bem, essa é a razão pela qual não saímos destes três primeiros versículos imediatamente. Sei que há muitos que provavelmente estão ansiosos por fazer isso, porque temos aí vindo ao nosso encontro esta grande declaração sobre a predestinação e a eleição, e essa é a única coisa que enxergam em Romanos, capítulo 9. Já mostrei que isso é trágico. E é mesmo. O que devemos fazer é aprender o ensino das Escrituras em cada parte e em cada porção. Não sejamos devotos de passagens favoritas. Tudo o que há na Bíblia é de grande valor para nós, e me parece que há um ensino muito rico nestes três primeiros versículos, ensino do qual é provável que estejamos em grande necessidade. Portanto, deixem-me tentar apresentar-lhes alguns comentários e lições que nos causam impacto imediato quando lemos estes versículos.

Primeiramente, será que vocês podem ler estes três versículos sem que sejam atingidos e, na verdade, sem que fiquem profundamente impressionados com o fato de que

o evangelho é algo que divide e separa? Aí está o apóstolo tendo que escrever o que escreveu aos seus concidadãos, os judeus. Alguma coisa aconteceu. O evangelho entrou e atuou como uma grande força divina. Parece que muitos não entendem isso como deviam e por isso se vêem em considerável dificuldade. Acaso não surpreende vocês, como algo curioso, o fato de que, dentre todos os homens, o apóstolo Paulo se tenha encontrado nessa situação? Porque, como vimos em Filipenses, capítulo 3, se alguma vez existiu um homem neste mundo que deu grande importância à nacionalidade, aos antecedentes e às vantagens naturais, este é o homem. Ele foi, por natureza, um judeu ardoroso, um homem incomumente orgulhoso de ser judeu e de pertencer a essa favorecida raça e nação. E, contudo, vemo-lo aqui nesta situação, na qual os seus concidadãos lhe são antagônicos e ele tem que escrever desta maneira particular.

Que foi que produziu isso? O evangelho. Existe uma idéia leviana e tola de que o cristianismo elimina todas as divisões e distinções e junta todo o mundo num excelente, feliz e alegre sentimento de companheirismo, de fraternidade e de amizade, de modo que somos todos bons uns para os outros e tudo fica abafado suavemente. Erro total! Naturalmente, o nosso bendito Senhor mesmo nos advertiu sobre isso. Disse Ele: "Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada", e depois continua e diz: "Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; e assim os inimigos do homem serão os seus familiares" (Mateus 10:34-36). Ele nos avisou que veio para fazer isso. O evangelho de Jesus Cristo vem com espada. Ele divide as pessoas até nas mais ternas relações: marido e mulher, pai e mãe, pais e filhos; ele causa separação fora do comum. E o apóstolo nos faz lembrar justamente isso aqui nestes três primeiros versículos deste grandioso capítulo.

Depois, em segundo lugar, devemos notar o caráter profundo da divisão. Não é meramente que aqueles de nós

que nos tornamos cristãos assimilamos uma nova idéia, uma nova esperança, ou algo parecido, em que os demais não estão interessados. Não é isso. Há muitas coisas que dividem as pessoas desse modo, mas essa é uma divisão superficial. Aqui, porém, temos uma divisão muito intensa e profunda, divisão que as coloca em dois compartimentos diferentes, uma coisa que realmente as divide e as separa de tal maneira que elas não podem mais entender-se umas às outras. Foi o que aconteceu com Paulo e os judeus. Ali estava este judeu típico, este fariseu; ele os entendia, eles o entendiam, eram todos um. Então ele se tornou cristão, e se abriu um grande golfo entre eles; eles simplesmente não o entenderam. Por isso o trataram como o fizeram.

Agora, Paulo também estava preocupado com isso porque, escrevendo aos coríntios, diz: "O que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido" (1 Coríntios 2:15). Essa é a profundidade da divisão. No momento em que as pessoas se tornam cristãs, ficam numa situação que ninguém mais pode entender. Os seus mais chegados e mais queridos não os podem entender. Alguma coisa ruiu entre eles, uma espécie de postigo, e ali ficam eles olhando uns para os outros. E aqueles que ainda não são cristãos ficam confusos e inquietos. Podem ver que o outro tomou posse de algo que significa tudo para ele (ou ela), e não entendem, ficam sem saber o que é. E é por isso que odeiam tanto o cristianismo, porque quando ele se apodera de nós e nos introduz nesta nova situação, e coloca a vida de Deus em nós, faz com que sintamos que esta é a coisa maior e mais importante de todas.

De fato, voltando a Mateus, capítulo 10, o nosso Senhor continua a dizer o que vinha dizendo, e o que declara muitas vezes deixa as pessoas perplexas e as faz tropeçar. Diz Ele: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim" (Mateus 10:37). E vocês têm essa mesma declaração em Lucas, capítulo 14, expressa de maneira mais

chocante ainda: "Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14:26). Muitos ficam perturbados em face disso, porém não deviam. Ele está dizendo que, quando as pessoas se tornam cristãs, esse fato passa a ser a coisa suprema na vida delas. Ocupa o primeiro lugar, transcende todas as outras relações, mesmo as relações humanas mais ternas, mais delicadas e mais maravilhosas. Noutras palavras, a divisão causada pelo evangelho é muito séria e profunda, e tudo isso está implícito nestes três primeiros versículos.

Vemos depois que o evangelho não somente nos divide e nos separa das nossas velhas relações, mas também nos introduz em novas relações, numa nova agremiação. Paulo diz aqui: "Eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne". Noutras palavras, porque ele se tornou cristão, agora tem duas classes de irmãos. Houve tempo em que ele não era cristão e só tinha uma classe. Os judeus eram a raça e a nação a que ele pertencia e o povo do qual ele fazia parte. Entretanto isso não é mais a verdade a seu respeito. Agora, como cristão, ele tem novos irmãos, irmãos "em Cristo Jesus", e se estes são judeus ou cristãos, não importa. Ele lhes escreve referindo-se a eles como seus "irmãos amados", como, por exemplo, escrevendo a uma igreja gentílica como Filipos, ele diz: "Portanto, meus amados e muito queridos irmãos, minha alegria e coroa..." (Filipenses 4:1). Escreve assim porque agora pensa em si como membro da família de Deus. Não mais como membro de uma família humana, terrena, ou de uma raça ou nação terrena. Ele se dirige aos filipenses como "amados e muito queridos irmãos" porque todos eles são irmãos em Cristo Jesus. Por isso, aqui, em Romanos, capítulo 9, versículo 3, ele tem que inserir uma frase restritiva. Não é suficiente dizer, "meus irmãos"; ele acrescenta: "que são meus paretnes segundo a carne".

Pois bem, isso é verdade a respeito de todos nós, de cada cristão. O evangelho faz isso conosco inevitavelmente. Ainda pertencemos a algumas ordens naturais; ainda pertencemos à família e à nação em que nascemos. Sim, mas, como cristãos, estamos também nesta nova nação, neste povo de Deus. Todos nós temos relações ali, somos todos irmãos e irmãs, todos nós pertencemos uns aos outros, e assim temos ciência de uma espécie de dualismo em nós: aquilo que sempre esteve em nós por natureza, e isto que veio a existir como resultado da operação do Espírito Santo de Deus sobre nós. Dessa forma, reconhecemos agora, como o apóstolo, estas duas lealdades diferentes. Não deixamos de ser naturais, mas estamos bastante cientes desta nova relação. Dou ênfase a estes pontos porque eles nos dão a conhecer o caráter profundo da mudança que ocorre quando nos tornamos cristãos. Estamos conscientes de que agora somos membros da família de Deus, somos cidadãos deste reino eterno e pertencemos ao céu.

E assim, para o apóstolo Paulo, os que pertencem a esta nova esfera são os que agora lhe são mais chegados e mais caros. Estes são os seus verdadeiros irmãos. Os outros passam a ser "parentes segundo a carne". É o que ele nos está dizendo. E, naturalmente, ao fazê-lo, ele abre os nossos olhos e nos propicia um vislumbre desta estupenda realidade resultante do novo nascimento, da regeneração: que somos literalmente "participantes da natureza divina". Que temos relações uns com os outros como irmãos em Cristo; e que esta é a mais firme e a mais estreita associação do que a de qualquer outra.

São muitas as maneiras pelas quais podemos examinar estas coisas. Na verdade, temos aí um bom meio de testar a nós mesmos. Os homens e as mulheres que têm interesse meramente intelectual por estas coisas não sentem nem conhecem, ou não entendem, a sua realidade. Mas aqueles que verdadeiramente foram regenerados ficam sabendo logo disso, reconhecem os seus; sempre reconhecem os filhos de Deus. Eles se apercebem de que lhes pertencem, de que eles agora

são sua família, e querem estar na companhia deles, ao passo que os demais vêm a ser seus "parentes segundo a carne". Por conseguinte, se alguém está em dúvida sobre se é cristão ou cristã, sugiro-lhe que este teste é muito valioso. Você está ciente desta divisão e desta relação? Está ciente de que pertence a um novo alinhamento, de que pertence a um novo povo? Você está ciente do fato de que agora os seus verdadeiros irmãos são aqueles que estão "em Cristo Jesus", como você está?

Assim, partimos desse ponto; temos aí a base e o alicerce sobre os quais repousará toda a argumentação do apóstolo.

O próximo ponto é que, embora isso tudo seja verdade a nosso respeito, não significa que deixamos de interessar-nos pela relação antiga. Não devemos fazer isso. Tudo o que estou dizendo é que a nova relação é tal que obtém a supremacia. Todavia não cancela a outra. Ora, algumas pessoas parecem achar difícil compreender este ponto. O cristão nunca tem como seu propósito tornar-se inatural ou antinatural. Ele é espiritual, mas isso não é tornar-se antinatural; ele não corta completamente a relação antiga. Ele agora é um novo ser, há esta diferença essencial, porém isso não significa que ele deixou totalmente de pertencer à chamada "ordem natural".

Isso, naturalmente, é verdade em todas as nossas relações. Alguns tentam argumentar que, uma vez que o apóstolo diz, "Não há grego nem judeu, circunciso nem incircunciso, bárbaro, cita, servo ou livre" (Colossenses 3:11), o cristão é um tipo de supranacionalista, mas a inferência não essa. Paulo não quer dizer que a pessoa deixa de pertencer à sua nação. O que ele quer dizer é que tais coisas não têm a mínima importância no que se refere à salvação. O judeu não deve pensar mais que só ele é o homem que pertence ao povo escolhido, porque Deus forma Seu povo de todas as nações. A salvação não é determinada de maneira nacional, garante Paulo. No entanto, isso não significa que não há nenhum sentido ou nenhuma razão de ser nestas divisões e distinções nacionais. Significa que não somos governados por elas, mas isso não as elimina.

Pois bem, essa verdade sobressai claramente aqui. O apóstolo, embora nesta condição inteiramente nova, continua preocupado com os judeus, seus companheiros de raça e de nação, e é isso que ele está salientando aqui. Estes três versículos mostram, acima de tudo mais, o profundo interesse do apóstolo por seus "parentes segundo a carne", pois não escreveria como escreve se não fosse esse o caso; e a tese é que ele não terminou com eles; antes, tem esta grande e profunda preocupação por eles.

Assim, a questão que eu levanto é: experimentamos algo da mesma preocupação? Não temos o direito de passar às pressas por estes três versículos e ir direto para o importante ponto teológico que vem logo adiante, sem parar por um momento e perguntar a nós mesmos: tenho eu esta "tristeza", esta "contínua dor", de que Paulo fala, pelos membros da minha família ou da minha nação que ainda não são cristãos? Sabemos o que é isso? O apóstolo sabe, e dá testemunho disso com esta linguagem audaz. De que vale todo o conhecimento, se não leva a isso? Se não temos isso, significa que num ou noutro ponto nós falhamos, não compreendendo a verdade sobre a salvação; e, mais ainda, não nos damos conta da situação e do destino dos perdidos. Foi porque ele tinha essa profundidade de experiência espiritual, porque estava gozando a glória da salvação e porque sabia qual é o destino dos não redimidos, que o apóstolo tinha este grande peso sobre si e esta contínua dor em seu coração por seus "parentes segundo a carne".

Deixem-me expressar este ponto em termos de um princípio: não existe melhor prova do nosso estado e condição espiritual do que o nosso zelo missionário, o nosso interesse pelas almas perdidas. É sempre isso que separa os cristãos meramente teóricos e intelectuais dos que têm vida espiritual vigorosa e real. Isso é uma coisa que se pode comprovar amplamente pela história. Vejam o caso do próprio apóstolo. Aí está um homem que tinha mais conhecimento que ninguém e, contudo, vocês podem notar o seu interesse, o seu

quebrantamento de coração por seus concidadãos judeus, que estavam rejeitando Cristo.

E essa verdade caracteriza todos os grandes homens e mulheres de Deus, aqueles que Deus tem usado mais assinaladamente através dos séculos. Poucos homens entenderam estas verdades como, por exemplo, Jonathan Edwards, com seu intelecto brilhante e com seu gênio – e, todavia, vejam o seu zelo missionário. É inevitável. Vocês podem ver a mesma coisa em Whitefield. Ele não conseguia aquietar-se, era infatigável. Sempre viajando e pregando, quando devia estar descansando, quase se matando, morrendo com pouca idade, simplesmente por causa desta paixão pelas almas, por seu interesse pelas pessoas. Ele se afligia, por exemplo, com o estado e condição em que se encontravam os seus conterrâneos de Gloucester, e sentia que não devia sossegar, tinha que pregar. A mesma coisa com William Carey e Charles Haddon Spurgeon, e essa é sempre uma característica de tais pessoas. Portanto, não podemos descartar-nos destes três versículos e dizer: "Naturalmente, isso não passa de uma declaração pessoal; quero passar logo à doutrina". É isso que quer fazer? Deixe que eu o detenha ali por um momento, meu amigo. Você sente o fardo dos perdidos; dos perdidos que fazem parte da sua família? Isso o aflige? Causa-lhe dor? É uma contínua dor em seu coração?

Se não é, algo está errado em seu conhecimento e em seu entendimento. Há um grande defeito em seu gozo desta grande salvação. Pois afinal é próprio da natureza humana, se há algo que realmente você desfruta e que lhe traz grandes benefícios, querer reparti-los. Você deseja que os outros tenham a bênção que você goza; e com quem você começa? Obviamente, com aqueles que lhe são mais chegados e mais caros, com as pessoas da sua família e da sua nação. E aqui isso é desfraldado diante de nós em toda a sua plenitude pelo grande apóstolo. "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (João 13:17). Se sabeis estas coisas, felizes sois se as praticardes. Se sabeis

estas coisas, felizes sois se elas derem frutos em sua vida. E este é o primeiro fruto, qual seja, a preocupação com os que estão fora.

Será que acreditamos realmente que aqueles que não são salvos vão sofrer condenação eterna? Se acreditamos, não seria inevitável que nos preocupemos com eles, principalmente com aqueles que nos são mais próximos? Portanto, examinemo--nos, provemos a nós mesmos à luz disso. Não me aplico a estes estudos de Romanos só para oferecer entretenimento intelectual. Não o faço apenas para fazer divisões das Escrituras. É minha tarefa dividi-las com o fim de aplicá-las, para que produzam frutos em nossa vida e façam de nós homens e mulheres que se aproximem cada vez mais do padrão e do exemplo que temos diante de nós na pessoa do grande apóstolo. De nada vale ter qualquer conhecimento que não leve a esse tipo de resultado.

Passemos, porém, a algo mais prático. Considerem a maneira pela qual o apóstolo lida com estes parentes segundo a carne. Chegou o evangelho, separou-o deles e o colocou numa nova relação. Ei-los aí rejeitando Cristo, blasfemando contra Ele. Contudo, como o apóstolo reage a isso? Todos nós vemos, eu espero, a implicação prática disso tudo. Como reagimos aos membros da nossa família, aos nossos amigos e aos nossos concidadãos? Bem, observem este apóstolo; ele não demonstra nenhum traço de aborrecimento contra eles. Não há suspeita de alguma atitude insolente para com eles. Não os descarta, não os denuncia, não os agride; nem mesmo fica irritado por causa deles.

Ora, eu insisto neste ponto porque, se algum homem já teve motivo para ficar aborrecido ou magoado com seus patrícios, esse homem teria sido o apóstolo Paulo. Mas não há sinal disso. Lembram-se de como eles o trataram? Diz-nos ele em 2 Coríntios 11:24: "Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um" – tratamento sumamente cruel. Como ele diz alhures, eles o contrariavam constantemente,

faziam tudo o que podiam para impedi-lo, conspiravam contra ele, faziam circular mentiras sobre ele, caluniavam-no. Nunca homem algum recebeu pior tratamento dos seus parentes segundo a carne do que este poderoso apóstolo. Todavia, como ele reage? Não há sinal de amargor ou de mordacidade. Ele não os ataca, não os denuncia. Antes, vemô-lo cheio de compaixão e dó, cheio de tristeza. Além disso, ele lhes afirma que está pronto a fazer o que puder para levá-los a este conhecimento e a libertá-los da sua escravidão e da sua cegueira.

Ora, a questão que se nos confronta é esta: como pôde ele portar-se desse modo com relação a eles? Não é fácil, é? Não sabemos todos o que é ser provocado por pessoas por não crerem no evangelho? Para nós a verdade está bem clara, mas para elas não; ainda a rejeitam. Como é fácil descartar-nos delas como pessoas quanto às quais já não há esperança, dar-lhes as costas e não ter mais nada com elas! E há muitos cristãos que fazem isso. Claro, é muito mais fácil cortar as relações do que administrá-las do modo como Paulo faz. É muito difícil isso; não obstante, é o que o apóstolo faz. Sugiro-lhes que aquilo que o habilita a fazê-lo é que, em sua mente, ele se coloca na situação deles! E é assim que devemos agir sempre; é absolutamente essencial.

Noutras palavras, você não deve reagir objetivamente a tais pessoas e denunciá-las. Pare e diga a si mesmo: "Por que essas pessoas estão rejeitando Cristo, por que recusam o evangelho?" Muitas vezes coloco a questão nestes termos: todos nós conhecemos a tentação – não conhecemos? – quando temos exposto a coisa tão claramente, e as pessoas não conseguem vê-la; por dentro as agarramos e as sacudimos; sentimo-nos como se estivéssemos esmurrando os seus ouvidos por causa da sua sonolência e estupidez! E desde o instante em que ficamos assim, não podemos ajudá-las.

Pois bem, o jeito de evitar tudo isso é colocar-nos na situação delas. O apóstolo faz isso, e se dá conta de que tais

pessoas estão cegas. Ele vai tomar grande extensão do capítulo 11 para nos dizer isso; ele já o sente, e é orientado por isso. Assim, quando nos virmos indagando como ele pode sentir-se desse modo com relação aos que o tinham maltratado, vemos que o que ele faz é perguntar a si mesmo: por que estariam eles fazendo isso? E a resposta é: o diabo os cegou. Em 2 Coríntios 3:15 ele nos diz: "Até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles". Eles vêem as palavras, mas não enxergam o sentido delas; estão cegos, pela ação do deus deste mundo. Portanto, procurem compreender isso, diz o apóstolo; olhem para eles de maneira própria, e verão o estado e as condições em que eles se encontram.

Então ele prossegue e faz mais uma coisa. Ele se recorda de que, não muito tempo atrás, ele era exatamente daquele jeito. Conheço cristãos que fazem verdadeiro estrago na vida alheia por se esquecerem disso. Vejo-os impacientes e aborrecidos, e isso devido ao fato de que não se lembram de que pouco tempo antes eles eram assim e se esquecem de que Deus foi muito paciente com eles. Desde o momento em que vocês compreenderem isso, serão pacientes com os outros. Escrevendo a Timóteo, Paulo declara que no passado ele fora "blasfemo, e perseguidor, e opressor" (1 Timóteo 1:13). Eu fazia isso na ignorância e na incredulidade diz ele; eu não sabia o que estava fazendo. E estes outros também não sabem. Portanto, assim que você se colocar na situação do outro, virá a entender que a sua irritação se deve simplesmente ao fato de que você não entendeu bem a coisa. Se tiver claro entendimento da teologia e da doutrina, saberá que nenhum homem natural pode crer no evangelho. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Logo, se você espera que o homem natural creia no evangelho só porque você lho está apresentando, você está negando o evangelho, você não o entendeu. Tal homem não pode fazer isso. Não adianta

vibrar e entusiasmar-se ou forçá-lo e pressioná-lo; tudo isso será inútil. O homem não pode ser diferente do que é! Ele precisa da iluminação que só o Espírito Santo pode dar. Você precisou disso; ele ainda precisa. O apóstolo sabe disso tudo e, assim, pode escrever desta maneira e desta forma a respeito dos seus parentes segundo a carne.

Seríamos nós tão pacientes como devemos ser com estes outros? Levamos a carga com eles, procuramos entendê-los, damo-nos ao trabalho de ter bem claro na mente que eles são o que são porque ainda estão mortos espiritualmente? É uma coisa trágica o fato de que muitas vezes nós mesmos pomos empecilho à nossa pregação porque deixamos de lembrar nesta altura qual é o estado e qual a condição dos nossos "parentes segundo a carne", que estão fora. Por isso se vê, logo na superfície destes versículos, esta importante lição.

A seguir, a última lição é que a situação do apóstolo, como ele a descreve aqui, mostra a importância de nos mantermos sempre dispostos para ser conduzidos e guiados por Deus e para atendermos o Seu chamado. Em muitos aspectos, a coisa mais admirável que já se deu na história é que a este homem, ao apóstolo Paulo, dentre todos os homens do mundo, coube ser o apóstolo enviado aos gentios. Em Gálatas, capítulo 2, ele declara que Deus lhe dera esta comissão ou esta incumbência dos gentios, como a Pedro Ele dera a da circuncisão. É coisa deveras estupenda que este ardente judeu, este essencial nacionalista judeu, tenha tido que passar a maior parte da sua vida como o apóstolos dos gentios.

Encontrei aqui uma grande lição, uma das lições mais salutares que eu creio que já encontrei em minha vida. Estou certo e seguro de que falo corretamente quando digo que a última coisa do mundo que o apóstolo escolheria para si era ser o apóstolo dos gentios. Todos os seus gostos e aversões naturais, todos os seus preconceitos, todos os seus antecedentes, a sua criação, o seu treinamento, tudo enfim parecia torná-lo apto para ser o apóstolo dos judeus. Ele era um fariseu

notavelmente experto; conhecia a lei mais que ninguém. Vocês teriam imaginado que, acima de todos os homens, ele seria designado para os judeus, mas a verdade é que foi nomeado para os gentios!

Por que isso? Pois bem, isso é algo a que Paulo se refere aqui e ali. Vejam, por exemplo, como ele se expressa sobre esse ponto quando escreve aos gálatas, no capítulo primeiro, versículos 13 e seguintes: "Porque já ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava. E na minha nação excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais". Dentre todos os homens ele era o mais zeloso. "Mas quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios..." Aí está, o assombroso fato de que ele foi enviado aos gentios; e aqui está o seu segredo: "não consultei a carne nem o sangue" – não consultou nem sua carne nem seu sangue, e ninguém mais – "nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco". Então ele diz: "Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro.... E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor. Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto. Depois fui para as partes da Síria e da Cilícia. E não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo; mas somente tinham ouvido dizer: aquele que já nos perseguiu anuncia agora a fé que antes destruía. E glorificavam a Deus a respeito de mim".

E diante de Agripa e de Festo ele faz exatamente a mesma declaração: "A minha vida, pois, desde a mocidade, qual haja sido, desde o princípio em Jerusalém, entre os da minha nação, todos os judeus a sabem, sabendo de mim desde o princípio (se o quiserem testificar), que, conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu" (Atos 26:4,5). Aí está de novo. Um

dos maiores e mais ardorosos nacionalistas judeus que o mundo conheceu, contudo, ei-lo, apóstolo enviado aos gentios. E certamente vocês se lembram da narrativa feita por ele noutros lugares de Atos sobre como isso lhe aconteceu. Vejam, por exemplo, Atos, capítulo 13, começando no versículo 44: "E no sábado seguinte ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus. Então os judeus, vendo a multidão, encheram-se de inveja: e, blasfemando, contradiziam o que Paulo dizia". Agora vem um ponto crucial, vejam vocês: "Mas Paulo e Barnabé, usando de ousadia, disseram: era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios. Porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te pus para luz dos gentios, para que sejas de salvação até aos confins da terra". Vocês encontrarão um relato semelhante em Atos, capítulo 18, versículo 6.

E assim vejam vocês, sucede que Paulo, o grande judeu, pode dizer, como o faz em Romanos, capítulo 11, versículo 13: "Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério". Que coisa desnorteante – tal homem gloriar-se em seu ofício e glorificá-lo, ofício para o qual ele fora designado apóstolo dos gentios!

Qual será, então, o seu segredo? Este homem tornou-se um cristão verdadeiro, foi regenerado. E, portanto, ele não é mais governado por preconceitos e opiniões. Todavia muitos de nós somos. Queremos fazer certas coisas, achamos que somos talhados para elas, e elas são as coisas de que realmente gostamos. Contudo, como cristãos verdadeiros, não devemos continuar procedendo dessa maneira; não mais devemos deixar-nos governar por gostos e aversões. Há alguns que de coração gostariam de ser missionários em terras estrangeiras, e para tais pessoas é muito difícil permanecer na pátria. Mas às vezes essa é a vontade de Deus para elas. Não decidimos estas coisas. O apóstolo não decidiu. Ele não consultou carne e

sangue, não elaborou pessoalmente a idéia, não raciocinou a respeito para chegar à sua decisão e conclusão. Ele não fez o que queria. Não há dúvida de que, como homem natural, ele desejaria ser apóstolo para a sua própria nação. Mas já não pensava assim. Tudo o que ele queria saber agora era: "Qual é a vontade de Deus?" Tudo o que lhe interessava era fazer essa vontade e, naturalmente, ele vivia no Espírito e se tornara sensível para a direção e orientação do Espírito Santo.

Há uma ilustração perfeita de tudo isso em Atos, capítulo 16, versículos 6 e 7. "E", diz Lucas, "passando pela Frígia e pela província da Galácia, foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu." Pois bem, esse é o segredo. Está bem claro que o apóstolo Paulo tinha decidido pregar a Palavra na Ásia, mas somos informados de que ele foi impedido disso pelo Espírito Santo, e se contenta com isso. E mais tarde "intentavam" – tentavam – "ir para Bitínia".

Evidentemente, pela idéia de Paulo, ele iria para lá; ele queria ir lá e se propôs fazê-lo, mas de novo lemos: "o Espírito de Jesus não lho permitiu". E quando ele tomou ciência do fato, ou de que o Espírito não lhe estava dando liberdade, ou de que o Espírito fazia surgir dúvida em seu coração, ele desistiu de ir para onde planejara; ele não foi, porque sabia que seria um erro.

Para onde deveria ir então? Ele não sabia, porém finalmente chegou a Troas, junto ao mar. Não havia nada diante dele senão o mar, e ele deve ter ficado a se perguntar o que lhe estaria acontecendo. Mas depois lhe foi dada aquela visão de noite; o varão macedônio lhe apareceu, e ficou claro em sua mente, como também claros ficaram todos os outros aspectos, que ele fora impedido de ir para a Ásia e para Bitínia porque o plano de Deus era que ele fosse para a Europa. Vê-se, pois, que o segredo de Paulo era que ele não agia sem ter clara indicação do Espírito.

E esse é o único meio de saber com certeza que estamos sempre fazendo o que Deus quer que façamos. Sempre lancei isto como um princípio na questão de direção. Não tenho hesitado em dizer às pessoas: "Quando você tiver planejado tudo; se decidiu seguir certo curso, e se consultou outras pessoas e elas concordam com você, e todo o mundo parece estar desse lado, se você não tiver liberdade absoluta em seu espírito, não o faça – espere". A sinalização final antes de nos movermos é que o Espírito autentica dentro de nós qual razão e qual entendimento a exposição das Escrituras e a consulta feita a cristãos parecem sugerir. Só depois que o Espírito tiver dado o Seu assentimento e a Sua confirmação é que a sinalização é feita e você pode ir. O apóstolo era tão sensível à direção dada pelo Espírito que o que quer que ele sentisse não mais o governava; assim, este ardoroso judeu, o mais judaico dos judeus, tornou-se apóstolo dos gentios; e ele engrandecia, glorificava, o seu ofício. Agora, por meio da carta que enviou aos romanos, ele quer explicar aos seus concidadãos, aos judeus, a razão disso. Quer explicar a eles a tragédia dos judeus, por que ele se sente como se sente quanto a eles, e por que pode dizer: "Eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne".

Queira Deus dar-nos graça para que possamos examinar a nós mesmos à luz destas coisas, tanto em nossa relação com os outros como com respeito ao que estamos fazendo neste mundo, quanto à nossa vocação, ao serviço que prestamos ao Deus vivo. Não importa o que estamos fazendo; a única coisa que importa é esta: seria esta a vontade de Deus quanto a mim? Foi para isso que Deus me chamou? Seria a isso que o Espírito me leva? Não importa o que seja, se estou neste lugar ou noutro, se o que faço é em minha nação ou noutra – o que isso envolve não importa. A única coisa que importa é que eu devo saber se estou no centro da vontade de Deus, e se estou fazendo, com o máximo da minha capacidade, pelo poder do Seu Espírito, aquilo para o que Ele me chamou.

4

"Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual e sobre todos, Deus bendito eternamente." – Romanos 9:4,5

Em nossos três estudos anteriores estivemos considerando a grande declaração inicial do apóstolo, na qual ele expressa sua grande tristeza por seus companheiros judeus. Agora aqui, nestes dois versículos, ele passa a dar-nos em detalhe as razões pelas quais sente esta contínua dor em seu coração e a grande tristeza por seus "parentes segundo a carne". Vimos que foi Deus quem estabeleceu os limites de todas as nações e determinou que entrássemos neste mundo em famílias, pelo que salientamos que não há nenhum erro em ter e experimentar sentimentos como os que o apóstolo expressa na passagem em foco. Mas não devemos parar aí, porque está bastante claro e definido que a preocupação do apóstolo com os seus parentes não era nacional nem natural, porém era de fato e particularmente religiosa. E o que o entristece tanto é, como ele o expõe, a percepção que ele tinha da relação única, singular, deles com Deus.

Afinal de contas, o apóstolo era agora, primária e essencialmente, um cristão e um apóstolo – um homem que tinha um profundo entendimento dos caminhos de Deus com respeito aos homens e do grande propósito, esquema e plano de salvação. E é quando ele contempla as condições dos judeus, à luz disso e particularmente à luz do propósito de salvação de Deus nos termos da dispensação do Velho Testamento – é então

que ele se vê num estado de perpétua tristeza e contínua dor de coração. Assim, devemos examinar agora estes dois versículos, nos quais ele nos mostra a situação única dos judeus, os filhos de Israel, o povo ao qual ele pertencia por natureza. Aqui ele coloca diante de nós os privilégios singulares que eles sempre gozaram por serem o povo que eram.

Estes dois versículos são importantes por duas razões. Uma é que ter algum entendimento deles e do seu significado é absolutamente indispensável para que se possa acompanhar a argumentação do apóstolo, tanto neste capítulo como nos seguintes. Por esse motivo ele diz isso logo no início. Se não entendermos bem este povo e o que lhe diz respeito, obviamente estaremos com dificuldades quando tentarmos acompanhar o minucioso argumento que Paulo elabora no capítulo 11.

Mas esta declaração também é importante de outra maneira, e esta é igualmente muito prática. Estes dois versículos, sugiro a vocês antes de os examinarmos mais, constituem um teste muito bom de nós mesmos, um teste muito bom, que serve para verificar o nosso método de estudo da Bíblia e de leitura da Bíblia. Provavelmente já lemos estes dois versículos muitas vezes, porém, o que foi que eles nos transmitiram? Como é fácil deslizar sobre eles e lê-los sem parar para considerar o que exatamente nos dizem, e o que significam exatamente. Pergunto-me o que aconteceria se eu transformasse este estudo numa espécie de exame e simplesmente dissesse: que significado estes dois versículos tiveram para você, e que efeito exerceram sobre você?

Digo isso porque, embora eu esteja inteiramente de acordo com todos os sistemas de leitura da Bíblia, parece-me que nos devemos lembrar sempre de que a mera leitura da Bíblia, em si mesma, não é suficiente; na verdade, pode ser completamente inútil. Como lemos? Contentamo-nos apenas em dizer: li a minha porção diária, e então partimos para alguma outra coisa? Ou nos detemos e deixamos que as Escrituras nos falem e nos

levem à verdade? Por isso pergunto: que é que estes dois versículos nos disseram no passado? Será que vimos que são versículos que nos fazem parar e explorá-los, ou os consideramos apenas como uma espécie de catálogo de características dos filhos de Israel, sem compreendermos o grande argumento que vem logo depois? "Examine-se o homem a si mesmo." É muito útil fazer isso, desse ponto de vista puramente prático.

Depois, outro aspecto do valor destes dois versículos é que eles nos dão um magistral e extraordinário sumário do Velho Testamento. São eles, pois, de extrema importância nesse sentido. São um sumário, não somente do ensino do Velho Testamento, mas também da história do Velho Testamento. Dou ênfase a isso porque existem atualmente na Igreja algumas pessoas superficiais e tolas que se dizem cristãs mas que julgam ser coisa inteligente atacar o Velho Testamento, particularmente a sua história. Tais pessoas não somente se consideram inteligentes; elas se acham muito espirituais. Não estão interessadas na história, afirmam elas. Estão interessadas no Jesus do Novo Testamento e no que Ele tem para dizer. Assim, não se interessam pela dádiva da lei no Monte Sinai e em coisas desse tipo, têm muitas dúvidas acerca de Abraão, e assim por diante. Ora, bastam estes dois versículos para que vejamos a completa vacuidade dessa posição. Não podemos separar os dois Testamentos dessa maneira.

Mas, ainda mais importante – e este é o último ponto geral – é o seguinte: aqui nos é demonstrado com muita clareza quão essencial é o Velho Testamento para se entender corretamente o Novo. Há, de fato, termos e expressões no Novo Testamento que ficarão completamente sem sentido se não conhecermos algo do Velho Testamento. É por isso que, indubitavelmente, a Igreja Cristã, nos primórdios, quando se aplicou ao trabalho de formar o livro que chamamos de Bíblia, foi levada pelo Espírito Santo a não se desfazer do Velho Testamento, mas sim a incorporá-lo em seus novos documentos. E assim eles

formam um só livro, um só volume, porque os dois são entrelaçados; o Velho Testamento aponta para o Novo, e o Novo Testamento aponta para o Velho.

Tendo, pois, estabelecido isso, passemos a fazer um exame das declarações propriamente ditas, feitas pelo apóstolo. "Que são israelitas": é como ele introduz o assunto. "Eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne, que são israelitas." Agora, a palavra aqui traduzida por "que" é muito interessante, e só por si não é suficiente. O apóstolo empregou aqui uma palavra dupla, um pronome relativo duplo, para assinalar o fator caráter e qualidade das pessoas a respeito das quais escreve. É uma palavra muito forte: "Meus parentes segundo a carne; que são tais que...", seria uma tradução melhor, ou, "justamente os mesmos que, sendo israelitas...". Ou ainda se poderia traduzir assim: "que são do caráter e da qualidade próprios dos israelitas". Esta é, talvez, a melhor tradução. E depois vêm os diversos componentes da lista que ele coloca diante de nós.

Portanto, vocês vêem que esta questão é de interesse e de muita importância. Paulo se esforça para nos mostrar esta tragédia quase inconcebível – que Cristo "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11). João se admira muito em seu prólogo, e aqui o apóstolo expressa o mesmo sentimento de maneira muito mais completa, para demonstrar o seu total assombro diante do referido fato. Assim é que a diminuta palavra traduzida por "que" já nos abre, ela própria, uma espécie de visão panorâmica – eles são de tal caráter e de tal qualidade que são...

E a palavra subseqüente é "israelitas". Pois bem, por que o apóstolo faz uso desta palavra específica? Por que não diz, "que são judeus", ou, "que são hebreus"? Porque estas duas são verdadeiras a respeito deles. Mas ele diz, "que são israelitas", e isso, naturalmente, tem significação muito real. Permitam-me colocar a coisa nestes termos: vejam estes três vocábulos –

"judeu", "hebreu", "israelita". Geralmente se vê que um ou outro deles é empregado em lugares particulares com objetivo muito definido e específico. Mas não devemos exagerar nisso. Há amigos que o fazem, e disso resultam movimentos. São os que dizem que nós, que estamos neste reino,* somos israelitas. Não somos judeus, mas israelitas britânicos, e dizem isso porque forçam demais a distinção entre estes diversos vocábulos. Não devemos fazer isso, porém, por outro lado, devemos reconhecer que há uma diferença.

Comecemos, pois, examinando o mais comum deles, o termo "judeu". Pois bem, esta palavra é geralmente empregada a fim de traçar o contraste e a distinção entre o judeu e o gentio. O judeu é, em geral, o oposto e a antítese do gentio. Há um exemplo disso no versículo vinte e quatro deste mesmo capítulo que estamos estudando: "Os quais somos nós", diz ele, "a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". Depois vemos isso de novo no versículo 12 do próximo capítulo, onde lemos: "Porquanto não há diferença entre judeu e grego: porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam". E também já o encontramos no capítulo 3, versículo 29: "É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios?" É exatamente a mesma distinção.

Passemos agora a examinar o segundo termo, "hebreu". Sou "hebreu de hebreus", diz o apóstolo (Filipenses 3:5). Pois bem, este é empregado com o fim de deixar claro que esse povo falava hebreu.** Havia judeus no tempo do nosso Senhor e durante o século primeiro, os judeus da Dispersão, que não falavam mais hebreu. Fazia tempo que eles haviam saído da terra da Palestina, misturaram-se com outras raças e nações e

---

* Certamente uma referência ao Reino Unido, que compreende a Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte. Nota do tradutor.

** Idioma hebreu – idioma hebraico, este mais usado. Nota do tradutor.

não eram mais pessoas de língua hebraica. Tinham adotado o idioma grego, ou outros, e não podiam continuar sendo chamados hebreus, embora ainda fossem judeus. Ainda tinham o Velho Testamento, mas usavam a Septuaginta, a tradução grega, em lugar do Velho Testamento hebraico. Vocês poderão notar que no Novo Testamento às vezes eles são mencionados como "helenistas",* o que simplesmente indica que eram judeus de língua grega. Vê-se isto em Atos, capítulo 6, versículo primeiro: "Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério quotidiano". O ponto é que ambos os grupos eram judeus, mas a distinção é entre os judeus que falavam grego e os que falavam hebreu, e foi entre eles que se levantou a discussão. Assim, quando vocês derem com o termo "hebreu", lembrem-se de que em geral ele expressa a idéia de que se trata de gente que falava o idioma hebreu.

Então, por que Paulo diz aqui, "que são israelitas", e não "que são judeus" nem "que são hebreus"? Este é, evidentemente, o ponto significativo, e, para entendê-lo, é preciso retornar a Gênesis, capítulo 32, àquele incidente ocorrido na vida de Jacó, quando, sozinho junto a Peniel numa noite fatídica, um Homem aproximou-se dele e lutou com ele até o romper da manhã. "E disse: deixa-me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: não te deixarei ir, se me não abençoares. E disse-lhe: qual é o teu nome? E ele disse: Jacó. Então disse: não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste" (Gênesis 32:26-28). Desde esse ponto ele é conhecido como "Israel", e "israelitas" são os descendentes de Jacó.

Qual será, então, o significado disso? Seu significado, como

---

* Cf. ARA, quanto ao termo "helenistas", e a NVI, quanto ao sentido das palavras (Atos 6:1). Nota do tradutor.

o assinala a citada passagem, está na dádiva do nome a Jacó. Ele é alguém que prevaleceu em sua luta com Deus e com os homens; por isso veio a ser um príncipe e objeto de especial atenção da parte de Deus. Seus descendentes se tornaram o povo escolhido desta maneira particular, e a eles foi dado este nome para mostrar que são o povo da aliança de Deus. Deus agora está numa nova e singular relação com eles; eles se tornaram uma espécie de teocracia, um povo governado direta e imediatamente por Deus.

Ora, isso não diz respeito a nenhuma outra nação. Encontra-se este termo constantemente no Velho e no Novo Testamentos. Lemos que, como cristãos, nos tornamos "a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido" (ou, VA, "um povo peculiar") – um povo de propriedade pessoal e peculiar de Deus. É isso que significa, e essa é a essência do termo "israelita". É por meio deste povo que Deus vai agora realizar a Sua grande obra neste mundo e vai efetuar o Seu grande propósito de salvação. Assim, vejam vocês, o apóstolo usa o termo "israelita" de maneira realmente deliberada. E esta palavra, em si, resume de fato os termos que se seguem, independentemente da referência ao nosso Senhor. Entretanto, todas estas outras coisas que dizem respeito a tais pessoas – a adoção, a glória, as alianças, a dádiva da lei, o culto a Deus e as promessas – são, todas elas, um resultado do fato de que elas se tornaram "israelitas".

Notem agora que na passagem em foco o apóstolo usa o termo indicando o povo em geral. Isso é feito comumente na Bíblia. Há nela declarações sobre toda a nação. Logo adiante o veremos dizer: "Nem todos os que são de Israel são israelitas". Mas aqui ele emprega o termo referindo-se a eles todos – a todo o povo. Depois ele o restringe, quando se dispõe a falar sobre os salvos em particular; estes são o "verdadeiro Israel". No entanto aqui ele o emprega no sentido mais amplo e geral possível, de molde a abranger todos os descendentes físicos e hereditários de Jacó, que devem ser os primeiros a serem

chamados Israel – israelitas! Aí está, pois, uma real significação presente na escolha desta palavra; é um avanço sobre a palavra "judeu". Os israelitas ainda são judeus; sim, mas aquele termo salienta a relação única deles com Deus como Seu povo: "Eu serei o seu Deus; eles serão o meu povo". Isso é dito sobre eles, e sobre ninguém mais. Como diz Amós: "De todas as famílias da terra a vós somente conheci" (Amós 3:2). E tudo isso está na palavra "israelita".

Permitam-me fazer uma pergunta nesta altura. Você sempre pára quando lê este versículo e pergunta a si próprio: "Por que israelita e não judeu? Há algum significado nisso?" Noutras palavras, quando nos aproximarmos das Escrituras, lembremo-nos de que elas são a Palavra de Deus. Precisamos do Espírito Santo, precisamos ser iluminados, precisamos examinar tudo porque há tesouro oculto em toda parte nelas, se nos dermos ao trabalho de o procurar. Certifiquemo-nos de que a entendemos. Agarremo-nos a elas, façamos perguntas, vejamos o que exatamente elas estão dizendo, e por que estão dizendo: "israelita", não: "judeu".

O próximo termo é "adoção". "Que são israelitas, dos quais é a adoção." Talvez vocês achem que não há dificuldade acerca dessa palavra porque já a encontramos no capítulo anterior, onde, nos versículos 14 e 15, lemos: "Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai". Encontramo-lo também no versículo 23: "E não só ela (a criação), mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". Daí, será que "adoção" aqui significa a mesma coisa que em Romanos, capítulo 8, versículos 15 e 23?

Naturalmente, a resposta é, com toda a certeza, não! Por quê? Por esta razão: no versículo 15 do capítulo 8 o apóstolo fala em particular sobre os que são verdadeiros filhos de

Deus, espiritualmente. Eles são guiados pelo Espírito. Ele inclui os que dentre os judeus se tornaram cristãos, e também os gentios que se tornaram cristãos. Ele fala sobre o cristão verdadeiro, sobre alguém que nasceu de novo, e declara que temos o Espírito de adoção porque Deus nos adotou inserindo-nos em Sua família. No versículo 23 é óbvio que ele emprega o termo num sentido diferente; refere-se a algo que ainda há de vir. Estamos "esperando" a adoção.

Mas aqui, no capítulo 9, versículo 4, diz-nos o texto que estes israelitas tinham a adoção, que esta era deles, lhes pertencia. Dessa forma aqui vemos que não devemos meramente examinar palavras. Esse é outro tipo de estudo bíblico que pode ser uma verdadeira armadilha, não é? Você se torna um estudioso de palavras e manuseia o seu dicionário, o que é útil, porque é essencial saber o sentido das palavras. Todavia você deve prestar atenção no contexto também. Permita que o contexto lhe fale também, como igualmente lhe fala o sentido particular. Se não, você pode facilmente ficar num desvio e se tornar um herege sem o perceber. Vê-se claramente, pois, que o termo não é empregado aqui do mesmo modo em que o é no capítulo 8. E, na verdade, o conjunto do argumento subseqüente também deixa isso muitíssimo claro. Noutras palavras, o apóstolo usa aqui este termo do mesmo modo como usou o termo "israelita", num sentido muito amplo e geral. Ele está dizendo que isso é algo que dizia respeito a toda a nação de Israel, a todos esses descendentes de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Permitam-me ilustrar para vocês exatamente o que ele quer dizer. Em Êxodo 4:22, na instrução dada a Moisés, lemos: "Então dirás a Faraó: assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito". Pois bem, essa declaração refere-se à nação toda. Vamos então a Deuteronômio 14:1: "Filhos sois do Senhor, vosso Deus"; por isso, "não vos dareis golpes, nem poreis calva entre vossos olhos por causa de algum morto" – porque sois filhos de Deus. Depois, em Jeremias, capítulo 31,

versículo 9, também há uma declaração que nos ajudará a ilustrar este assunto: "Virão com choro, e com súplicas os levarei; guiá-los-ei aos ribeiros de águas, por caminho direito em que não tropeçarão; porque sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito".

Vocês vêem, a idéia é a mesma em todos esses exemplos. Deixem que lhes ofereça mais um, extraído do livro de Oséias, capítulo 11, versículo primeiro: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho". Foi todo o povo de Israel que saiu do Egito, e vocês se lembram de que a sua maioria morreu no deserto. Mas isso não importa neste contexto; a referência a esse povo como "filho" abrange a nação inteira, e é nesse sentido que o apóstolo emprega o termo aqui em Romanos, capítulo 9.

Comparemos isso com Mateus, capítulo 8, versículos 11 e 12: "Eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; e os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores: ali haverá pranto e ranger de dentes". É evidente que aqui o uso do termo também é geral. Embora descritos como "filhos", são expulsos. Os verdadeiros filhos espirituais nunca serão expulsos, como Romanos, capítulo 8, já nos provou, mas neste uso geral dos termos "adoção", "filho" e "filhos", há desta maneira a possibilidade de expulsão ou exclusão.

Na passagem em estudo o apóstolo nos está preparando para o que irá dizer. Seu argumento será que, embora eles sejam todos israelitas, num sentido, e embora estejam todos na adoção, não obstante "nem todos os que são de Israel são israelitas". Nem todos os que parecem adotados foram realmente adotados, nem todos os que receberam a designação geral de filhos são realmente filhos. Deus colocou essa nação, Israel, na posição de Seu filho – "Israel é meu filho", e esse é um dos demais privilégios, diz o apóstolo, um privilégio próprio dos seus "parentes segundo a carne" que estão negando e rejeitando

o Senhor Jesus Cristo. Deus não somente lhes deu esse nome, estabelecendo-os como Seu povo especial, mas também os tratou como filhos no transcorrer de toda a história que lemos no Velho Testamento. Esse é, então, o sentido da frase, "dos quais é a adoção de filhos".

Passemos agora à próxima expressão, "e a glória". Bem, há aqueles que diriam que significa apenas o privilégio e a dignidade da posição deles. Às vezes fazemos uso dessa expressão quando dizemos que há glória em certas posições. Há de fato alguns que costumam ligá-la à palavra acima estudada, "adoção". Eles dizem: "a glória da adoção", ou "a adoção gloriosa". Entretanto essa interpretação deve ser rejeitada sobre muitos fundamentos, um dos quais é que o apóstolo aqui nos está oferecendo uma série de declarações acerca dos israelitas e, obviamente, esta é uma declaração específica, separada. Dessa forma, com base puramente na gramática e na sintaxe, dizemos que não é apenas um qualificativo da adoção ou do que for, nem tampouco se trata de uma declaração geral.

Mas existem razões mais fortes para dizer isso. Temos aí uma das coisas mais extraordinárias acerca desse povo, e detecto uma espécie de gradação no texto, entendendo que o apóstolo vai passando de uma coisa a outra. Eram israelitas, tinham sido postos na posição de filho. Não é tão-somente um povo que Deus governa, não simplesmente uma teocracia, porém muito mais. Ele restringe o escopo e passa da idéia de estado para a de família, como vocês podem ver. De "israelita" vai-se para "adoção". E então se chega a esta expressão subseqüente: "a glória". Que é que isso significa exatamente? Bem, para mim esta é uma das verdades mais estupendas. Significa que Deus mostrou a esse povo algo de Si próprio, algo da Sua natureza gloriosa. "A glória"! A glória do próprio Deus!

Há muitos registros dessa verdade no Velho Testamento. Vejam, por exemplo, o que aconteceu com Moisés quando estava na encosta da montanha com as ovelhas. Vocês se

lembram de que de repente ele viu uma sarça ardente – uma sarça em chamas e se queimando que, todavia, não se consumia. Ora, esse fato é uma manifestação da glória de Deus. Naturalmente lhe foi concedida por um propósito especial. Deu-se ali a vocação de Moisés, e era necessário que aconte cesse algo muito especial. Por essa razão Deus lhe deu um vislumbre da Sua glória eterna.

Existem mais exemplos disso. Lemos em Êxodo 14:19,20 a narrativa da maneira pela qual os filhos de Israel foram conduzidos através do Mar Vermelho, e nos é dito: "E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles. E ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel: e a nuvem era escuridade para aqueles, e para estes esclarecia a noite, de maneira que em toda a noite não chegou um ao outro". A coluna de nuvem e de fogo! É uma manifestação da glória.

Ou vejamo-lo também em Êxodo 16:10: "E aconteceu que, quando falou Arão a toda a congregação dos filhos de Israel, e eles se viraram para o deserto, eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem". Nenhuma outra nação teve isso, jamais. Mas Deus deu estes vislumbres, estas manifestações de Si e do Seu Ser eterno, a esse povo. Vejam, porém, exclama Paulo, que tragédia! Esse é o povo que está rejeitando o Filho de Deus, apesar de ter recebido vislumbres da glória; povo ao qual pertencem "a adoção de filhos, e a glória". O apóstolo não está falando da glória da posição deles, e sim do fato de que eles receberam vislumbres da glória propriamente dita.

Também em Êxodo 29:43 – estou dando estes exemplos em detalhe porque é muito importante que captemos todo o assunto – Deus diz: "E ali virei aos filhos de Israel, para que por minha glória sejam santificados" (ou, VA: "E ali virei ter com os filhos de Israel, e o tabernáculo será santificado por minha glória"). E depois há esta grande narrativa sobre Moisés em conversação com Deus após o incidente do bezerro de

ouro, quando Moisés sobe às culminâncias da sua ousadia e diz: "Rogo-te que me mostres a tua glória" (Êxodo 33:18). E a resposta de Deus foi: "Eis aqui um lugar junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, te porei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas; mas a minha face não se verá". Outra vez um vislumbre da glória de Deus! Coisa estupenda e maravilhosa!

Outra ilustração disso acha-se em Êxodo 40:34: "Então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo". Mas, naturalmente, devemos lembrar-nos de que na parte mais recôndita do santuário, no tabernáculo que os filhos de Israel tinham no deserto, e também mais tarde no templo de Jerusalém, no Santo dos Santos, havia um propiciatório (VA: "um assento da misericórdia"), e a glória do Senhor aparecia ali. Visava significar a presença de Deus no meio do Seu povo, para que ele soubesse que Deus estava sempre com ele. "Serei Deus para vós, e me serás povo." E nesse lugar santíssimo, por meio do seu sumo sacerdote, que só entrava ali uma vez por ano, levando oferta de sangue, o povo podia encontrar-se com Deus e falar com Ele.

Vemos o relato dessa manifestação, quanto ao templo, em 1 Reis 8:10,11: "E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor. E não podiam ter-se em pé os sacerdotes para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor". Mais tarde os filhos de Israel se refeririam à glória do Senhor no Santo dos Santos como a Shekinah, termo que significa "a presença de Deus", o fato de que Deus habitava entre o Seu povo. Aquela nuvem luminosa que conduzira os filhos de Israel através do Mar Vermelho e durante a sua peregrinação, esse mesmo sinal que pousava no propiciatório, é uma manifestação, uma certa concepção da glória do Deus eterno. E essa é a coisa mais maravilhosa que pode suceder a uma

nação ou a um povo ou a um indivíduo.

Pois bem, entrei nesses detalhes com relação a estes termos grandiosos porque eles são de suprema importância. O ensino do Novo Testamento é que nós, que somos gentios por natureza, fomos inseridos na participação disso tudo. Fala-nos disso Efésios, capítulo 2: vocês, diz o apóstolo aos efésios, outrora estavam fora da comunidade de Israel, não participavam destas coisas. "Portanto, lembrai-vos", diz ele, "de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens; que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas", continua ele, "agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto". Notem então: "Assim que já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus" (Efésios 2:11-13,19). É o que acontece conosco quando nos tornamos cristãos; adentramos a esfera destes grandes e gloriosos privilégios que no passado tinham sido dados a esse povo de Deus. E sucedeu que os seus descendentes não reconheceram nada disso, e negaram Cristo; foi isso que quebrantou o coração do apóstolo.

Sim, mas devemos lembrar-nos do outro lado – que agora nos tornamos parte integrante do Israel de Deus, do povo de Deus. Eis como Pedro o expressa: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes" – Sua glória; se quiserem, Suas excelências – daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2:9). O que era verdade a respeito deles passou a ser verdade a nosso respeito. Por isso estas coisas são tão importantes para nós. E, além disso, "israelitas"! Passamos a fazer parte disso. Estamos na comunidade, tornamo-nos filhos de Deus. "Adoção"! "E a glória"! Passamos a conhecer a Deus. Não estamos mais "sem Deus no mundo". Chegamos a conhecê-lO e, se tirarmos bom proveito do que nos é oferecido,

conheceremos algo desta "glória" – manifestações de Deus à alma! Em nossos hinos pedimos a Deus, "Manifesta-Te a mim", e há manifestações prometidas. O nosso Senhor, vocês recordam, em João, capítulo 14, afirma que Ele dará aos Seus discípulos "outro Consolador", e a respeito de quem O ama Ele diz: "...me manifestarei a ele". Diz Ele mais: "Meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada" (João 14:16,21,23).

"A glória"! Não a glória da nossa posição somente, porém um conhecimento da glória, algum vislumbre, algum entendimento, alguma experiência, alguma percepção dela. Muito bem, diz o apóstolo, a glória tinha sido manifestada a esse povo e, contudo, a despeito de todos estes grandes e altos privilégios que lhe pertenciam, ei-los aí rejeitando o seu Salvador, o seu Messias, e, em sua cegueira, dando as costas a uma tão grande e gloriosa salvação.

5

"Que são os israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém." – Romanos 9:4,5

Em nossa consideração destes dois importantes versículos, passemos agora à palavra "concertos", "alianças".

Esse é um dos termos que eu tinha em mente quando disse num estudo anterior que, se não estivermos familiarizados com o seu significado e não entendermos algo deles, haverá certamente seções completas do Velho e do Novo Testamentos que não nos comunicarão coisa alguma, porque a palavra "concerto" ou "aliança" é empregada tanto no Velho Testamento como no Novo. Em Efésios, capítulo 2, Paulo diz, nos versículos 11 e 12: "Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens; que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos *concertos da promessa*, não tendo esperança, e sem Deus no mundo". Pois bem, *concertos* ou *alianças da promessa* é precisamente a expressão que estamos considerando. O apóstolo defende lá a mesma tese que defende aqui, porque ele deseja que os efésios compreendam a grandeza do privilégio de serem cristãos.

Que é isso, então? Bem, o que Paulo coloca em primeiro lugar é que, quando aqueles de nós que nascemos gentios nos tornamos cristãos, começamos a compartilhar as bênçãos das "alianças" que Deus fez com o Seu antigo povo. Assim, não

poderemos entender muito do Novo Testamento, se não entendermos essa expressão. Há uma grande impetração de bênção em Hebreus, capítulo 13, que diz: "Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda boa obra, para fazerdes a sua vontade...". Que terá querido dizer o escritor com "concerto" ali? Vocês verão esse termo empregado também em Hebreus, capítulo 9, e ainda em Gálatas, capítulo 3, versículos 15 e 17, e cito esses versículos para mostrar-lhes a importância de penetrar minuciosamente o sentido destes termos. Não é meramente que estamos interessados em Romanos, capítulo 9, versículos 4 e 5. Se vocês estudarem completamente alguma parte das Escrituras, qualquer que seja, isso os ajudará no estudo de qualquer outra parte; mas aqui está uma destas palavras chaves que é realmente essencial para um verdadeiro entendimento da doutrina bíblica da salvação.

Portanto, a questão é: que é que significa exatamente a expressão? Permitam-me primeiro responder a isso negativamente na forma de uma citação do Professor William Barclay, de Glasgow, que é um escritor popular, e cujo conceito às vezes com espanto encontro até entre pessoas que se dizem evangélicas.* Eis como, em seu comentário da Epístola aos Romanos, o Prof. William Barclay define concerto, ou aliança, neste versículo. Diz ele: "Aliança é uma relação na qual entram duas pessoas. É uma barganha para proveito mútuo, um compromisso de companheirismo mútuo" – e isso é tudo o que ele nos diz sobre o assunto aqui. E, portanto, claro está, é óbvio que ele dá a entender que essa definição é válida com

---

* Lembro o que tenho dito noutros volumes: insisto em usar o termo "evangélico" no sentido de cristão comprometido realmente com Cristo e Sua Palavra divinamente inspirada. Nem sempre os que se dizem "evangélicos" merecem o título. Nota do tradutor.

relação às alianças sobre as quais estamos lendo aqui; eram uma barganha ou um compromisso que constituia uma relação assumida entre Deus e os filhos de Israel. Naturalmente ele não está sozinho nesse tipo de idéia. Mas isso é exatamente o oposto do verdadeiro sentido de aliança! Esta não é um contrato entre duas pessoas que se encontram e fazem uma barganha, uma expondo o seu lado, a outra expondo o seu, e finalmente chegam a um acordo, cada parte estipulando as suas condições. Não é algo em que se deve pensar em termos de um acordo bilateral.

Certamente, o que o Prof. William Barclay diz a respeito de alianças feitas entre os homens é perfeitamente aceitável. Todavia aqui estamos tratando de alianças entre Deus e o homem, e ele não traça nenhuma distinção, não assinala nenhuma diferença. Quando se fala em "aliança" no sentido em que o termo é utilizado na Bíblia, dizer que isso é o mesmo que duas pessoas chegarem a um acordo, não somente é uma concepção inadequada, porém também é uma concepção completamente falsa e inteiramente errônea.

Então, que é uma aliança? Bem, na Bíblia uma aliança é um ato da soberana graça de Deus no qual Ele Se compromete a fazer algo. Não há um só exemplo ou ilustração na Bíblia que mostre Deus encontrando-Se com o povo e, como resultado de uma espécie de discussão de barganha, Deus e o povo concordando em fazer certas coisas para benefício mútuo. Na Bíblia aliança é sempre algo que se acha inteira, única e exclusivamente no lado de Deus. Deus, movido não por coisa alguma que haja em nós, mas inteiramente por Sua graça e por Seu amor eterno, vem ao povo e diz: "Vou fazer isto e aquilo, e Me comprometo a fazê-lo". No famoso caso da aliança com Abraão, Ele a confirmou com juramento, como nos lembra Hebreus 6:13-20: "Querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho, aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento, para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus

minta, tenhamos a firme consolação, nós os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta".

Essa é a idéia bíblica de aliança. Devemos livrar-nos da idéia de barganha; é completamente falsa. A aliança é, toda ela, um ato soberano de Deus; provém totalmente dEle, e em nenhum sentido depende de nós. Não impomos termos ou condições. É certo e correto dizer que uma parte da aliança de Deus é que Ele nos impõe certas obrigações. Entretanto, isso é uma coisa muito diferente. Deus vem e declara aos filhos de Israel: "Vou escolher vocês e vou fazer-lhes isto e aquilo. Portanto, porque vou fazer isso, eis o que espero de vocês". Isso não é barganha, não é permuta; é Deus impondo os termos! E essa é toda a noção bíblica de aliança.

Quando aqui Paulo afirma que a aliança pertencia a estes israelitas, a estes seus parentes segundo a carne, está dizendo que Deus escolheu Israel e comprometeu-Se com ele neste sentido – que Israel seria a nação que Ele iria usar como um canal para por meio dele levar a Sua grande salvação a toda a raça humana. Isso constitui a essência da aliança que Deus fez com os filhos de Israel. Notem também que Paulo põe a frase no plural – "as alianças" – e faz isso porque a aliança feita por Deus com esta nação foi repetida várias vezes, como veremos.

Ora, devemos entender bem isso. Não significa que Deus a fez e depois, por um motivo ou por outro, a pôs de lado ou a revogou, e então fez outra. Certas Bíblias trazem notas que tendem a ensinar isso, mas estão completamente erradas. Não devemos pensar que cada aliança ou cada renovação da aliança era algo novo, algo que não existia antes. Há só uma real aliança, porém Deus a repete, e em cada repetição dá ênfase a um aspecto particular. Tudo está na aliança original. Assim, ela é a única grande aliança, reiterada, repetida e salientada para clareza e, particularmente, para evocar do povo uma certa resposta.

Sendo, pois, essa a nossa definição, examinemos algumas

das principais declarações desta aliança presentes no Velho Testamento. O apóstolo considera isto como algo da maior importância e significação. Faz parte da tragédia geral dos judeus, porque foi com eles que Deus tinha feito esta grande aliança. Não iremos agora ao capítulo três de Gênesis, como poderíamos fazer se estivéssemos estudando as alianças de maneira mais geral. Em vez disso, vamos tratar da parte específica que o apóstolo tem em mente aqui. A primeira citação é de Gênesis, capítulo 6, versículo 18; trata-se de Noé e da aliança feita com ele antes do Dilúvio, quando o mundo inteiro ia ser destruído. Disse Deus: "Contigo estabelecerei o meu pacto; e entrarás na arca tu e os teus filhos, e a tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo".

Examinemos agora a aliança feita depois do Dilúvio: "E falou Deus a Noé, e a seus filhos com ele, dizendo: e eu, eis que estabeleço o meu concerto convosco e com a vossa semente depois de vós, e com toda alma vivente que convosco está, de aves, de reses, e de todo animal da terra convosco..." (Gênesis 9:8-11). A seguir, nos versículos 12-15: "E disse Deus: este é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós, e entre toda alma vivente, que está convosco, por gerações eternas. O meu arco tenho posto na nuvem, este será por sinal do concerto entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens. Então me lembrarei do meu concerto, que está entre mim e vós, e ainda toda alma vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio, para destruir toda a carne...". Depois, no versículo 16, Deus diz: "E estará o arco nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar do concerto eterno entre Deus e toda alma vivente de toda a carne, que está sobre a terra". Essa é uma ilustração muito importante desta idéia de aliança.

No entanto, é o concerto feito com Abraão que é a aliança significativa e a que é tão constantemente repetida. Naturalmente, foi uma aliança mais ou menos geral no caso de Noé. Seu filho Sem, em particular, foi o escolhido para que por

meio dele a aliança fosse levada adiante. Mas chegamos realmente ao que se pode qualificar como a verdadeira história de Israel na questão da aliança feita com Abraão, e neste caso a minha primeira citação é de Gênesis 15:18: "Naquele mesmo dia fez o Senhor um concerto com Abrão, dizendo: à tua semente tenho dado esta terra, desde o rio Egito até ao grande rio Eufrates; e os queneus, e os quenezeus, e os cadmoneus, e os heteus, e os pereseus, e os refains, e os amorreus, e os cananeus, e os girgaseus, e os jebuseus".

Pois bem, essa é a primeira parte da aliança feita com Abraão, e ela se refere, como vocês podem notar, à terra. Mas em Gênesis, capítulo 17, acrescenta-se uma declaração, mais importante, que começa no versículo primeiro: "Sendo pois Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão, e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-poderoso, anda em minha presença e sê perfeito; e porei o meu concerto entre mim e ti, e te multiplicarei grandissimamente. Então caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo: quanto a mim, eis o meu concerto contigo é, e será o pai de uma multidão de nações; e não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto; e te farei frutificar grandissimamente, e de ti farei nações, e reis sairão de ti; e estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus, e à tua semente depois de ti. E te darei a ti, e à tua semente depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus...".

Vocês podem observar aí as características da aliança: "Sendo pois Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão, e disse-lhe...". Toda a noção de barganha e de negociação é inteiramente errônea; a ação é toda da parte de Deus. Abraão se dobra; não consegue entender o que se passa, mas Deus simplesmente lhe fala. É algo totalmente vindo da graça; é um ato soberano de Deus. E a outra indicação da aliança

com Abraão está em Gênesis 22:15-18: "Então o anjo do Senhor bradou a Abraão pela segunda vez desde os céus, e disse: por mim mesmo, jurei, diz o Senhor: Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único" – isso foi após o incidente da oferta de Isaque no Monte Moriá – "que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos. E em tua semente serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz". Pois bem, isso é absolutamente crucial, e já vimos que o apóstolo faz uso disso em Romanos, capítulo 4, versículos 16, 17.*

Depois essa aliança com Abraão foi repetida a Isaque e a Jacó, e a sua essência consiste em que dos lombos de Abraão, da semente de Abraão, é que surgiria um Salvador. Eis aí a grande promessa de salvação. Abraão deve tornar-se uma nação, reis virão dele e, por meio da nação procedente dele, todas as nações da terra serão abençoadas. Isso é crucial, e tem todas as características da aliança que descrevi para vocês. Foi confirmada para Isaque e para Jacó, e vocês a podem ver exposta em Êxodo 2:24,25. Lá estavam os filhos de Israel sob escravidão no cativeiro do Egito, "E ouviu Deus o seu gemido, e lembrou-se Deus do seu concerto com Abraão, com Isaque, e com Jacó. E atentou Deus para os filhos de Israel, e conheceu-os Deus".**

Nosso próximo passo é em direção à aliança dada a Moisés, aliança renovada e desenvolvida, a chamada aliança mosaica, embora sendo a mesma aliança fundamental, como veremos.

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulos 3:20-4:25: Expiação e Justificação*, PES, São Paulo, 2000.

** Vemos aí um dos exemplos do uso bíblico do verbo "conhecer" no sentido de conhecimento íntimo, de expressão de afeto, de amor. Ver Romanos 8:29. Nota do tradutor.

Já a lemos em Êxodo 2:24,25, mas agora devemos ir a Êxodo 3:16,17. Vê-se claramente por que ela foi renovada nesta altura. Os filhos de Israel estavam agora prestes a começar um novo capítulo da sua história; eles iam ser tirados do Egito e sua escravidão, e seriam levados para a terra prometida, a terra de Canaã, terra que mana leite e mel. E Deus, para tranqüilizá-los, para lembrar-lhes o Seu propósito ao tira-los de lá, repetiu a Sua aliança. Ele salientou alguns aspectos particulares; assim, em Êxodo 3:16,17 lemos: "Vai, e ajunta os anciãos de Israel, e dize-lhes: o Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, me apareceu, dizendo: certamente vos tenho visitado, e visto o que vos é feito no Egito. Portanto eu vos disse: far-vos-ei subir da aflição do Egito à terra do cananeu... a uma terra que mana leite e mel". Foi por causa da Sua aliança que Ele fez isso, e então lhes disse o que ia fazer com eles. Ele abriu os seus olhos para este novo capítulo e, ao mesmo tempo, lembrou-lhes, é claro, a obrigação deles à luz disso.

Mas, finalmente, consideremos Êxodo 6:2-7: "Falou mais Deus a Moisés, e disse: Eu sou o Senhor. E eu apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor,* não lhes fui perfeitamente conhecido. E também estabeleci o meu concerto com eles, para dar-lhes a terra de Canaã, a terra de suas peregrinações, na qual foram peregrinos. E também tenho ouvido o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios escravizam, e me lembrei do meu

---

* Versão Autorizada inglesa: "Jeová". Hebraico: *Iehovah;* quatro consoantes (no hebraico antigo não existiam sinais gráficos para os sons vocálicos, os quais foram criados pelos chamados "massoretas"). As quatro consoantes eram chamadas "tetragrama impronunciável" ou "tetragrama do inefável". Os primeiros tradutores alemães não perceberam que a essas quatro letras os copistas judeus acrescentavam os sinais vocálicos próprios da palavra *Adonai,* que quer dizer "Senhor". Daí transliteraram mal: as consoantes de uma palavra desconhecida, geralmente associada ao verbo ser, e as >>>

concerto. Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com juízos grandes. E eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios.

Ainda é a mesma aliança, como vocês podem ver. Deus continua dizendo: "Esta é a aliança que eu fiz com vossos pais" – é a mesma aliança, mas agora a estou renovando e vos estou levando a esta nova fase, e vós precisais compreender isso. E assim Ele lhes deu os Dez Mandamentos e disse: compreendei agora que vós sois o meu povo, e que Eu sou santo. Portanto, sede santos. E essa frase é constantemente repetida em todas as Escrituras. Mas é a mesma aliança fundamental já feita com Abraão.

É justamente aqui, porém, que algumas pessoas e algumas das referidas notas sobre a Bíblia tendem a desviar-se um pouco; parecem entender que se trata de algo absolutamente novo, que, por assim dizer, Deus está pondo de lado a Sua aliança com Abraão e está fazendo uma nova aliança, isto é, uma aliança de obras, uma aliança de lei. Essa foi, naturalmente, a incompreensão geral dos filhos de Israel, motivo pelo qual rejeitaram Cristo. É, pois, uma tragédia o fato de que algumas pessoas ainda estejam cometendo o mesmo engano e repetindo o antigo erro.

Devemos entender muito bem isso. Leiamos o argumento

<<<vogais doutra palavra. Resultou disso uma palavra híbrida, realmente inexistente. Mas isso só veio a ser conhecido modernamente, muito depois do trabalho dos notáveis tradutores da Versão Autorizada inglesa – tão notáveis que receberam forte e eloqüente elogio de George Bernard Shaw – escritor irlandês inteligente, arguto, e por vezes satírico. Algumas versões modernas, como ARA e NVI, vertem o tetragrama impronunciável pelo sentido de *Adonai*, colocando todas as letras em maiúsculas: SENHOR. Alguns tradutores adotam Iavé ou Yavé. Nota do tradutor.

do apóstolo em Gálatas 3:16: "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: e às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: e à tua posteridade, que é Cristo. Mas digo isto: que tendo sido anteriormente o testamento confirmado por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois" – dada, vocês se lembram, por intermédio de Moisés – "não o invalida, de forma a abolir a promessa. Porque, se a herança provém da lei, já não provém da promessa; mas Deus pela promessa a deu gratuitamente a Abraão. Logo, para que é a lei? Foi ordenada por causa das transgressões, até que viesse a posteridade a quem a promessa tinha sido feita; e foi posta pelos anjos nas mãos de um medianeiro".

Pois bem, a tese geral dessa passagem é simplesmente esta: Paulo está argumentando no sentido de que a aliança fundamental é a que Deus tinha feito com Abraão, e que a aliança repetida por meio de Moisés não a ab-rogava; expunha este aspecto da lei porque o povo tinha necessidade disso. Os filhos de Israel a haviam esquecido, e iam para a nova terra, pelo que foi introduzida a ênfase à lei, não para que tivessem uma nova aliança, baseada na lei, e se salvassem pela lei, porém para que se lembrassem de quem eles eram em termos da promessa original feita por meio de Abraão. Portanto, como diz Paulo, este acréscimo da lei não ab-rogou a promessa; simplesmente os fez parar, por assim dizer, para pensar e para entendê-la melhor que antes. A mesma aliança repetida, mas com uma nova ênfase, para fazer frente a novas condições e circunstâncias.

E isso nos leva à última grande aliança do Velho Testamento, a qual sem dúvida nenhuma também estava na mente do apóstolo neste ponto. Refiro-me à aliança feita com Davi, e vocês a encontrarão em 2 Samuel 7:8-17, onde é colocada diante de nós, repetida e salientada diferentemente também para Davi. Nela Deus dá instruções ao profeta Natã sobre o que deveria dizer a Davi: "Agora, pois, assim dirás ao meu servo, a Davi: Eu te tomei da malhada, de detrás das ovelhas, para que

fosses o chefe sobre o meu povo, sobre Israel. E fui contigo, por onde quer que foste, e destruí a teus inimigos diante de ti; e fiz para ti um grande nome, como o nome dos grandes que há na terra. E prepararei lugar para o meu povo, para Israel, e o plantarei, para que habite no seu lugar, e não mais seja movido e nunca mais os filhos da perversidade o aflijam como dantes, e desde o dia em que mandei que houvesse juízes sobre o meu povo Israel; a ti porém te dei descanso de todos os teus inimigos; também o Senhor te faz saber que o Senhor te fará casa". É a mesma grande aliança, lembrem-se, mas agora algo especial vai acontecer por meio da casa de Davi – a única casa desta grande família de Abraão: "Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti a tua semente, que sair das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade se não apartará dele; como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre. Conforme a todas estas palavras, e conforme a toda esta visão, assim falou Natã a Davi".

Com efeito, essa passagem é igualmente muito significativa. Ela nos dia algo que ainda não tinha sido dito claramente – que, desta semente de Abraão, agora por meio da semente de Davi em particular, há de vir o Messias, Aquele que será um rei e governará sobre todos. Ele será este grande governante. Como vocês vêem, a aliança é a mesma, mas com a ênfase dada a este aspecto.

Aí está o segredo da compreensão da questão relacionada com as alianças, e espero que, como examinamos tudo isso minuciosamente, vocês possam ver a importância de penetrar fundo nestes assuntos. Notem como a história do Velho Testamento está envolvida. O cristão que não conhece o Velho

Testamento – perdoem-me a expressão – é simplesmente um tolo. Vocês têm necessidade do Velho Testamento; vocês não poderão entender o Novo Testamento sem ele. Acabamos de ler algo de um dos livros históricos do Velho Testamento, e precisamos saber estas coisas, porque, como havemos de entender o que vamos ler no início do Evangelho Segundo Lucas, se não temos algum conhecimento do que diz 2 Samuel, capítulo 7?

Vamos, então, a Lucas 1:30. "Aí está o grandioso anjo Gabriel dirigindo-se a Maria: "Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus; e eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de JESUS*. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim". Vejam vocês, é uma repetição da aliança feita com Davi; a promessa está garantida; eis Aquele que há de levá-la adiante, e não haverá fim para o Seu reino.

Mas também nesse capítulo primeiro de Lucas lemos a declaração feita por Zacarias. Lembrem-se de que ele foi castigado com mudez por alguns meses, por causa da sua incredulidade; porém agora, tendo nascido seu filho, João Batista, sua língua foi solta, e o velho Zacarias põe-se a falar. Eis o que ele diz: "Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo. E nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi seu servo. Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos aborrecem; para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se do seu santo concerto, e do juramento que jurou a Abraão nosso pai, de conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos, o serviríamos sem temor, em santidade e

---

* Na Versão Autorizada inglesa constam maiúsculas. Nota do tradutor.

justiça perante ele, todos os dias da nossa vida. E tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque hás de ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos; para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados; pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus...".

Aí está, pois, essa gloriosa declaração que as pessoas lêem e recitam, especialmente por ocasião do Natal. Mas me pergunto se se dão conta do que dizem; será que realmente captam a glória e a vibrante emoção disso tudo? Temos tomado tempo com isso porque eu quero que vocês apreciem e desfruem estas coisas. Fazemos uso destas frases gloriosas, mas, conhecemos o seu significado? Vocês não conseguem ver o que é isso? Este homem se regozija; ele diz efetivamente: "O que Deus vem prometendo através dos séculos chegou; a aliança que Ele fez, Sua santa aliança, aqui está sendo agora levada à sua fruição suprema. Aí está Aquele que de há muito vem sendo prometido, na verdade prometido já no jardim do Éden, em Gênesis 3:15 – a semente da mulher que esmagaria a cabeça da serpente – e agora Ele chegou!" E assim, quando vocês passam a considerar a importância da aliança davídica – ou a renovação da aliança com Davi – enxergam a sua significação.

Agora, há aqueles que pensam que a principal característica da espiritualidade é dizer: "Eu, naturalmente, sou uma pessoa que só leio os quatro Evangelhos, gosto de seguir o que o Senhor Jesus diz. Não gosto muito das Epístolas, e, claro, pouco sei do Velho Testamento". Mas dizem isso em sua tolice e em sua ignorância. Que é que eles fazem quando lêem expressões como a que fala sobre "a semente de Davi"? Que é que eles acham que fez aquele pobre cego gritar e clamar, dizendo: "Filho de Davi, tem misericórdia de mim!"? Por que o chamou desse modo? Por que é que o Evangelho Segundo Mateus começa como começa, dizendo: "Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão"? Por que destacar Davi e Abraão? Lembrem-se também dos anjos; que dizem eles? "Na cidade de Davi vos nasceu hoje o Salvador, que é

Cristo, o Senhor". Reitero: vocês não poderão entender os Evangelhos, se não estiverem familiarizados com o sentido dessas expressões.

Ah, a importância de conhecer algo sobre as alianças! Vocês vêem, caríssimo povo cristão, o apóstolo aqui se refere às alianças feitas no passado aos antepassados dos judeus seus contemporâneos, mas agora fomos colocados dentro delas! Houve tempo em que, como gentios, estávamos fora. É isso que acontece quando nos tornamos cristãos; somos postos dentro, e o Deus que efetuou as Suas antigas alianças continua sendo o mesmo Deus, e Ele Se comprometeu; Seu caráter está por trás disso, Sua soberania está por trás. Vimos tudo isso no fim do capítulo 8: Nada "nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". É isso!

Então, finalmente, tratemos em poucas palavras do próximo ponto que Paulo menciona – "a dádiva da lei". Que será que significa? Pois bem, aqui devemos ser bastante cautelosos. Alguns acham que significa a posse da lei; que os judeus eram as pessoas a quem a lei tinha sido dada; a lei não foi dada às nações gentílicas. Isso está perfeitamente correto, naturalmente. Mas o apóstolo se empenha, chega a esforçar-se, para dizer que a eles fora feita a "dádiva da lei",* e essa tradução está certa. Essa expressão traduz uma palavra que, em todo o Novo Testamento, só se encontra aqui; era uma palavra antiga, e o apóstolo a escolheu deliberadamente. Se quisesse dizer que a eles pertencia a lei, teria dito isso, porém ele escolheu essa palavra porque obviamente quis salientar a "dádiva" da lei, não sua posse; o fato é que eles não eram os guardiães da lei.

Como já vimos, a lei propriamente dita veio sob a aliança nos termos em que ela foi repetida e novamente salientada por meio de Moisés, mas o que Paulo está interessado em ressaltar

---

* NVI: "Deles é... a concessão da Lei". Grego: *nomothesía*. Nota do tradutor.

aqui é a maneira pela qual a lei lhes foi dada. Por que será? Bem, porque essa foi uma das ocasiões em que, digamos, Deus Se aproximou desse povo com voz audível. Noutras palavras, o que o apóstolo está tentando dizer a eles é que eles não se haviam dado conta dos seus privilégios. Eles tinham sido elevados a essa posição; Deus lhes tinha falado com voz que eles puderam ouvir de fato. A referida experiência é descrita no capítulo dezenove de Êxodo, mas em Deuteronômio 4:32-36 encontra-se um sumário daquela descrição. Aqui é Moisés falando: "Pergunta agora aos tempos passados, que te precederam desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais coisa tão grande como esta, ou se se ouviu coisa como esta? Ou se algum povo ouviu a voz de Deus falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo? Ou se um Deus intentou ir tomar para si um povo do meio de outro povo com provas, com sinais, com milagres, com peleja, com mão forte, com braço estendido e com grandes espantos, conforme tudo quanto o Senhor vosso Deus vos fez no Egito aos vossos olhos? A ti te foi mostrado para que soubesses que o Senhor é Deus: nenhum outro há senão ele. Desde os céus te fez ouvir a sua voz, para te ensinar e sobre a terra te mostrou o seu grande fogo, e ouviste as suas palavras do meio do fogo".

Pois bem, isso é mais que suficiente para justificar a nossa explicação dessa expressão. É a maneira pela qual Deus deu a lei que o apóstolo está rememorando. Ah, o recebimento da lei é algo maravilhoso! Ela é parte integrante da aliança, mas lembremos como Ele a deu! Ouçam com atenção este tremendo desafio: "Algum povo ouviu a voz de Deus falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo?"; isso nunca tinha acontecido antes. Este é, dentre todos os povos que já existiram, o único a quem Deus falou com voz audível, e o fez quando lhe deu a lei; por isso, não se surpreendam ao encontrarem uma referência feita a isso em Hebreus 12:18-21.

Assim, pois, temos aí uma parte do argumento do apóstolo,

e em todas essas declarações ele está simplesmente interessado em fazer tão-somente isto – mostrar que aquele povo é absolutamente único em todos os aspectos. Mas o que nelas é comum em todos os aspectos é que Deus Se fez conhecido a eles e Se comprometeu com eles de um modo como nunca havia feito com nenhuma outra nação. Só podemos ficar extasiados diante do que Deus fez àquele povo antigo. E lembremo-nos de que foi esse mesmo povo que, apesar disso tudo, rejeitou e crucificou o seu próprio Messias. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam."

"Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe, não caia."

6

"Que são os israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém." – Romanos 9:4,5

Nos capítulos anteriores temos considerado algumas expressões que Paulo emprega para nos mostrar os privilégios dados aos judeus, e, daí, a tragédia do fato de que, dentre todos os povos, eles rejeitaram o Senhor Jesus Cristo. Passemos a considerar agora a primeira das expressões subseqüentes, que é, "o culto" (VA: "o serviço de Deus").

Pois bem, essa é a frase que Paulo emprega para indicar como eles cultuavam a Deus. Nós mesmos empregamos a expressão do mesmo modo quando falamos em "serviço religioso", um serviço que prestamos a Deus, por assim dizer. Indubitavelmente, o melhor comentário sobre esta declaração particular acha-se em Hebreus 9:1-5: "Ora, também o primeiro (concerto) tinha ordenanças de culto divino, e um santuário terrestre. Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candieiro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama santuário. Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos, que tinha o incensário de ouro, e a arca do concerto, coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto; e sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente". Nessa passagem o escritor nos dá um

sumário daquilo que ele chamou "ordenanças de culto divino". O que ele quer dizer é que um dos privilégios peculiares e especiais deste povo foi que Deus mesmo lhe tinha ensinado a cultuá-lO, a aproximar-se dEle e a comparecer à Sua presença.

Na verdade, isso não tinha acontecido com nenhuma outra nação. Todas as outras nações do mundo, como o apóstolo Paulo lembrou aos atenienses – aos estóicos e aos epicureus – estavam buscando o Senhor, "se porventura, tateando, o pudessem achar" (Atos 17:27). Mas não sabiam como fazê-lo. Eles sentiam que além e acima de todos os seus deuses, Hermes, Zeus e os demais, havia ainda algum outro poder que lhes parecia maior que todos eles. Contudo não O conheciam; Ele era um "Deus desconhecido". Edificaram-lhe um templo, mas não sabiam como aproximar-se dEle; nunca tinham recebido instrução a respeito. Por isso o apóstolo diz: "Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio". "Honrais, não o conhecendo"! Tentavam adorá-lO, mas o faziam na ignorância.

Mas o caso de Israel era inteiramente diversa. Os israelitas não foram deixados na ignorância. Deus mesmo lhes tinha ensinado a prestar-Lhe culto. É isso que o apóstolo está ressaltando aqui, e há um grande relato disso no Velho Testamento. Somos informados de que Deus chamou Moisés ao monte e lhe deu as mais detalhadas instruções sobre como Ele devia ser servido e adorado. A edificação de um tabernáculo, as medidas, as especificações dos diferentes departamentos, como deveriam ser guarnecidos e mobiliados, a cor, o tipo de madeira – Ele deu instruções para todas essas coisas. Isso é tremendamente importante. É por isso que nunca devemos negligenciar um livro como Levítico, que é simplesmente uma declaração elaborada das instruções dadas por Deus a Moisés sobre tudo o que se relaciona com a maneira de adorá-lO; que devia haver um grande sumo sacerdote e vários sacerdotes subordinados a ele, e que os levitas deveriam realizar algumas outras tarefas; que o edifício deveria ser desmontado

e carregado – tudo quanto era necessário está ali. Nada foi deixado ao acaso, nada foi deixado aos cuidados da invenção ou da imaginação deles.

Hebreus 8:1-5 resume tudo isso para nós: "Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem. Porque todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; pelo que era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer" – ele se refere, naturalmente, ao nosso Senhor. "Ora, se ele estivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria, havendo ainda sacerdotes que oferecem dons segundo a lei, os quais servem de exemplar e sombra das coisas celestiais" – este é, pois, o ponto – "como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito (por Deus): olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou". De modo que tudo o que foi feito na edificação do tabernáculo, e mais tarde do templo, não saiu da mente e da imaginação de Moisés; tudo lhe foi dito em detalhe. E aqui, em Romanos, o apóstolo nos lembra que tudo isso era verdade a respeito dos filhos de Israel.

Ora, isso também é muito significativo. Para todos nós não há nada que seja mais importante do que sabermos aproximar-nos de Deus, comparecer à Sua presença e Lhe fazer nossas petições e nossas orações. Não existe coisa mais elevada que essa; é algo deveras maravilhoso, e Deus tinha dado justamente essa instrução àquele povo. Portanto, não é surpreendente que nessa lista de privilégios registrada aqui por Paulo ele inclua "o culto", "o serviço divino". Tudo o que era representado pelo que acontecia no tabernáculo está resumido nestas poucas palavras.

Todavia o ponto que Paulo continua defendendo e ressaltando e do qual devemos apossar-nos é que Deus teve tratos diretos com esse povo e que Ele lhe forneceu o necessário

conhecimento e informação para habilitá-lo a conhecer a Sua mente e a Sua vontade, e a entender os Seus caminhos e o Seu grande plano e propósito de salvação. E se vê isso claramente no "serviço" do tabernáculo, no método de culto e de comunicação com Deus.

Não devemos demorar-nos aqui, porém isso era tão importante que, quando os filhos de Israel, com sua suposta esperteza, tentavam desviar-se, recebiam terrível lição. Quatro homens, Coré, Datã, On e Abirão, príncipes muito importantes de Israel, reuniram-se um dia e conferenciaram. Eles disseram: "Por que essa questão de ir à presença de Deus fica restrita a Moisés e Arão? Quem são eles? Nós somos tão bons como eles! Isso está errado". Disseram mais: "Nós temos tanto direito de fazer essas coisas como eles". Eles concordaram nisso, persuadiram o povo de que estavam certos, e então seguiu-se a chamada rebelião de Coré.

Mas, que aconteceu? Receberam terrível castigo; a terra abriu-se, e eles foram tragados por ela e desapareceram. Foi terrível! Sim, mas o que eles tinham feito foi uma coisa terrível, e por isso Deus os puniu dessa maneira. E por certo vocês se lembram do método que Ele adotou a fim de calcar isso na mente deles. Isso está registrado em Hebreus 9:4, onde o autor lembra a seus leitores o conteúdo da arca da aliança, que incluía "a vara de Arão, que tinha florescido"; isso serviria de lembrança daquele incidente. Deus fixou esse ponto uma vez por todas na mente deles pelo milagre que realizou quando fez florescer a vara de Arão, para mostrar que ele, e só ele, era o sumo sacerdote, e que ele, e só ele, tinha direito de ir à presença de Deus como representante do povo.

O ponto em questão é: foi Deus que decidiu e revelou como Ele deve ser adorado, não o homem, e eles deviam ter observado o método de Deus, em vez de partirem para as suas próprias invenções. E isso é tão importante hoje como foi então. Há só um caminho para o santo dos santos; é "pelo sangue de Jesus". Não há outro. Fomos introduzidos em Israel, e Deus

nos ensinou a única maneira pela qual Ele pode ser servido. "O serviço de Deus" é algo que continua sendo determinado pelo próprio Deus, e mudá-lo ou tentar acrescentar-lhe algo ou modificá-lo ou ignorá-lo ou negligenciá-lo será um perigo terrível para quem o fizer. A rebelião de Coré e o castigo imposto, e a vara de Arão que floresceu, devem ser uma permanente lembrança disso para nós. Aí está, pois, o sentido de "serviço de Deus".

Passemos então ao próximo item, que é "e as promessas". Que é que Paulo quer dizer com isso, e qual é a diferença entre as promessas e as alianças? É, certamente, a diferença que existe entre o anúncio geral de alguma coisa e os pormenores do anúncio. Como já vimos, nas alianças o grande plano e o propósito da salvação foram revelados – como, por meio de Abraão e sua semente, todas as nações da terra seriam abençoadas; é desse modo que Deus realizará a Sua grande obra de salvação. Essa é a essência da aliança.

E as promessas, que são? Bem, elas têm relação com as bênçãos particulares que resultarão deste grande plano e esquema de salvação. Podemos resumi-las mais ou menos assim: as promessas se relacionam com as bênçãos e com as glórias da era do Messias; aqui temos as bênçãos detalhadas que serão dadas a todos quantos pertencem ao Messias e ao Seu reino.

Ora, devemos lembrar que o reino do Messias já teve início em Seu povo, a Igreja. O reino de Deus já veio nesse sentido ao coração de todos os crentes; já está na Igreja, embora ainda tenha que vir de forma visível, externa. Mas o reino de Deus já veio, de modo que algumas das referidas promessas já foram cumpridas, ao passo que há outras a serem cumpridas.

Esse é, então, o sentido do termo "promessas", e, naturalmente, no Velho Testamento vocês as encontram relatadas em grande profusão. Por isso os cristãos devem ler todo o Velho Testamento e conhecê-lo todo. Não basta ler apenas certas partes e determinados trechos; devemos ler a Bíblia completa ao

menos uma vez por ano, porque vocês verão essas promessas, profecias e antecipações daquilo que hoje nos diz respeito, e do que ainda há de vir. Mesmo no Velho Testamento, caso em que são profecias concernentes à glória da era do Messias; vejam Gênesis 49:10, por exemplo. Aí está Jacó, já velho, em seu leito de morte, e ele chama a sua família e lhe dá a sua bênção. A respeito de Judá ele diz: "O cetro não se apartará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos". "Siló"! Ei-lo! O Messias. E há uma promessa concernente a algo das características da Sua era.

Há muitas outras; não podemos considerá-las todas, mas permitam-me que lhes ofereça uma das mais notáveis, a narrativa de como uma dessas promessas nos veio por meio de um profeta de aluguel chamado Balaão. Vocês a encontrarão em Números 24:17. Balaão não queria dar a mensagem certa, mas teve que fazê-lo – não conseguiu refrear-se. E o que ele disse foi: "Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto: uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel, que ferirá os termos dos moabitas, e destruirá todos os filhos de Sete". Aí está; Balaão, profeta de aluguel, profetizando algo concernente à glória da era do Messias.

Naturalmente o livro de Salmos contém muito disso. Há Salmos que profetizam e prenunciam especificamente a vinda do Messias: o Salmo 72, por exemplo, e o Salmo 45 – um Salmo maravilhoso sobre algo das glórias da era do Messias, e sobre a Sua esposa, a Igreja. Vocês podem ver isso também em Cantares de Salomão e, então, naturalmente o verão quando chegarem aos livros proféticos, os maiores e os menores; todos eles contêm isso. Eles nos falam de diferentes maneiras das bênçãos que hão de vir sob o reinado do Messias: "os coxos saltarão como cervos", "os olhos dos cegos serão abertos e os ouvidos, dos surdos se abrirão". Está tudo ali em Isaías, capítulo 35, no fim de Isaías 53, e nos capítulos 55, 60, 61 e 62 – todas essas passagens constituem tão-somente promessas das glórias da era do

Messias. E o apóstolo Paulo resume tudo isso em 2 Coríntios 1:20, quando diz: "Porque todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o Amém, para glória de Deus por nós".

Pois bem, aqui o apóstolo se refere igualmente a tudo isso; foi aos judeus, diz ele, que essas promessas foram feitas. Eles estavam passando por tempos difíceis, a vida era dura para eles, mas vocês vêem que Deus não os abandonou a si mesmos. Deus não somente fez a aliança, não somente lhes deu as instruções sobre como Ele devia ser cultuado, sobre como eles deveriam viver, etc. Também lhes fez estas grandes promessas. Por piores que fossem as coisas, eles podiam pôr os olhos no futuro e aguardar a vinda do Messias. Foram as promessas que sustentaram esse povo através dos séculos; mas somente esse povo as tinha. Em Efésios 2:11,12 o apóstolo lembra aos gentios que se haviam tornado cristãos que antes eles não tinham isso: "Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens; que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa" – aqui Paulo fundiu concertos e promessas. E o resultado foi – "não tendo esperança, e sem Deus no mundo". O paganismo não tem esperança; e o paganismo está sem esperança hoje como estava nos dias do Velho Testamento. O incrédulo, o que não é cristão, está inteiramente sem esperança. Não possui promessa nenhuma. Ele dá ouvidos às promessas dos homens porque não tem as promessas de Deus, e constantemente se decepciona. Mas os filhos de Deus têm as promessas.

E os filhos de Israel tinham estas promessas maravilhosas – a idade de ouro, a era que havia de vir. Que privilégio! Que povo especial eles eram! Pequeno em número, pequeno em território pátrio, cercado de grandes nações, mas tinha as promessas, e o que quer que lhe acontecesse, elas o sustentavam. Ele via dinastias subirem e caírem, e não se surpreendia; sabia

que finalmente as promessas de Deus seriam cumpridas para ele. A esse povo Deus as dera e as confirmara com Seu juramento. "As promessas"!

E a última coisa que Paulo nos diz é que eles também tinham "os pais" – "o culto, e as promessas; dos quais são os pais...". Ora, talvez vocês pensem, por que Paulo coloca isso particularmente neste ponto? Será isso um anticlímax, ou ele o estará desenvolvendo rumo a um clímax? Quem são estes "pais"? Bem, não há dúvida de que ele está se referindo primariamente a Abraão, Isaque e Jacó, e eu imagino que ele inclui também José, Moisés e Davi. Eles era particularmente os pais a quem os filhos de Israel constantemente se referiam. E não é de admirar, porque, afinal de contas, Abraão foi o fundador dessa raça toda. Foi com Abraão que Deus pôs em movimento este processo, e este foi continuado em Isaque e em Jacó, na dádiva da aliança. José também foi absolutamente vital em toda a narrativa, e, como já vimos, também o foram Moisés e Davi.

E então, por que Paulo destaca o fato de que "os pais" pertenciam aos judeus? Não apenas porque foram grandes homens. Diga-se de passagem que o foram, e sempre se deve honrar os grandes homens, como vemos nas Escrituras. Mas, naturalmente, não é só isso – e é aqui que vocês podem ver a diferença entre o espiritual e o natural. Penso que a razão pela qual Paulo mencionou estes homens é que eles tiveram experiências singulares de Deus; por isso ele se interessa por eles.

Deus tinha tratado estas pessoas de maneira muito íntima; não tinha feito isso com ninguém. Nem mesmo fizera isso com todos os pertencentes à nação de Israel; estes homens constituem exceções. Abraão foi amigo de Deus. Deus Se aproximava dele e falava intimamente com ele, e com Isaque e com Jacó. Leiam de novo, em Gênesis, capítulo 28, a narrativa sobre Jacó na noite do dia em que saiu de casa, fugindo do seu irmão Esaú, como pôs a cabeça sobre aquele travesseiro de

pedra e depois viu o ir e vir na escada que ia até o céu. Era Deus Se aproximando dele e falando com ele, e é isso que torna estes "pais" tão excepcionais.

E isso está em harmonia com tudo o que Paulo estivera dizendo em todas as outras divisões. Ele havia salientado o tempo todo que Deus tinha tratado de maneira excepcional esse povo. Esse é o tema que percorre a Bíblia toda, e pode ser visto claramente na narrativa sobre estes homens. Vejamos de novo Jacó, em Peniel, em Gênesis, capítulo 32, e na luta que teve naquela noite, no novo nome que lhe foi dado, e assim por diante. Tudo faz parte da mesma coisa. Ocorre o mesmo na história de José; é particularmente verdadeiro no caso de Moisés, e naturalmente é óbvio no caso de um homem como Davi. "Os pais"! Os homens proeminentes na história da nação.

Isso é um privilégio, diz o apóstolo, um privilégio que os judeus deviam ter compreendido. Foi por meio destes pais que Deus falou mais acentuadamente sobre o que Ele ia fazer quando enviasse o Messias. Por isso Paulo os destaca. Isso é um fato com relação às outras frases que ele emprega, mas aqui o que ocorre é com pessoas; Deus tinha feito esta declaração a estes homens em particular. Mesmo um homem como Isaque entra, porque a aliança foi repetida a ele, e Isaque conhecia a Deus desta maneira íntima porque estava dentro desta linha – Abraão, Isaque, Jacó. Por isso vocês vêem a repetição desta frase: "Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó". Que é que Ele quer dizer com isso? Não é simplesmente que ele era o Deus destes três. Ele diz: Eu sou o Deus que tratou direta e intimamente com estes homens. Essa é a ênfase. E assim continuou sendo com os outros, é claro.

E, portanto, estes homens são destacados como aqueles aos quais Deus tinha concedido de maneira particular e clara a revelação do Seu grande e glorioso propósito concernente à vinda do Messias, justamente aquilo que os judeus estavam por demais cegos para ver quando aconteceu. Vocês vêem como

Paulo elabora o seu argumento. Estes três eram homens que tiveram experiências extraordinárias com Deus. Também eram homens de grande fé, homens sensíveis para a verdade e para a vontade de Deus; e todos os seus descendentes deveriam ter sido iguais a eles. Mas não são mais. Estão cegos, voltaram para Deus ouvidos moucos, como se lê mais adiante (Romanos 10:21): "Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente". Nisso Israel tinha se tornado. Abraão não era assim, nem Isaque nem Jacó nem José nem Moisés nem Davi. "Vocês esqueceram os seus pais", Paulo diz aos judeus, "esses homens de verdade, cujos nomes vocês honram; vocês não os entendem."

E assim o apóstolo foi indo de degrau em degrau, subindo cada vez mais alto, e nas palavras que se seguem ele chega ao clímax. "Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém." Aí está o pico culminante. De todos os privilégios desfrutados pelos judeus este foi o maior e o mais maravilhoso: que o Messias, o Salvador do mundo, tenha vindo deles, tenha sido judeu. Estes homens são o seu povo, e é deles que Ele veio, "a raiz de Jessé", a "semente de Abraão", o "filho de Davi". Nada é superior a isto: o Salvador do mundo procede desta nação. Aí está o mais alto de todos os privilégios, e, contudo, foi justamente isso que eles não perceberam!

É verdade, naturalmente, que todas as coisas mencionadas pelo apóstolo são de fato verdadeiras porque levam a isto. Esse é o fim e o propósito de todas estas coisas – Israelitas! A adoção! As alianças! A concessão da lei! O serviço de Deus! As promessas! Os pais! Por que tudo isso diz respeito a eles? Simplesmente para que eles fossem a nação da qual o Messias viria. Por isso foi que Abraão foi chamado de Ur dos caldeus. Por isso foi que Deus produziu uma nação por meio dele, a fim de que dessa nação viesse este bendito Redentor, este Messias. A semente da mulher, prometida em Gênesis 3:15, haveria de ser também a semente de Abraão; Ele é também o

filho de Davi. "Este é todo o propósito", diz praticamente o apóstolo; "isto está exposto com toda a clareza nas Escrituras, mas esse povo não consegue enxergar."

Consideremos, por exemplo, o argumento de Gálatas 3:16: "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: e às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: e à tua posteridade, que é Cristo". Vocês vêem que aquelas pessoas ficaram tão cegas que não conseguiam notar a diferença existente entre posteridade e posteridades. Não conseguiam ver esta tremenda ênfase ao singular: "À tua posteridade". Uma só! Elas não captaram essa verdade. Mas ei-la, diz o apóstolo, ela está perfeitamente clara nas Escrituras, e agora aconteceu deveras e de fato. Foi de vocês, dos judeus como nação, que Cristo veio segundo a carne.

Pois bem, é isso que o apóstolo diz aqui, na primeira parte desta grande declaração, e seria bom se pudéssemos deixar o assunto aí e simplesmente ler as palavras, "e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém". Mas, infelizmente, não podemos. Como é trágico que esta declaração magnífica, que deveria ser suficiente em si e por si, veio a ser matéria de controvérsia, e a tal ponto que temos que tratar dela. Que controvérsia? Diz respeito à última parte do versículo – "o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém". A questão toda se resume no seguinte: a quem se refere? Ao Senhor Jesus Cristo, ou é apenas uma doxologia dirigida a Deus? Pois bem, em geral há acordo sobre a primeira parte: "dos quais é Cristo segundo a carne". É daí em diante que entra a divergência.

O famoso comentário escrito por Sanday e Headlam diz concretamente que provavelmente esta declaração tem sido mais discutida que qualquer outro versículo de todo o Novo Testamento. Por que há de ser assim? A controvérsia surgiu desta maneira: para começar, a dificuldade de alguns é com a expressão "sobre todos"; por isso vamos examiná-la primeiro. Que é que a palavra "todos" significa aqui? Literalmente

significa tudo. Não devemos limitar o seu sentido a todas as pessoas, nem a um certo número de pessoas; significa sobre o céu e a terra, o mar, o inferno, tudo – sobre todas as coisas do universo inteiro e de todo o cosmos. Depois a questão é: a quem se refere? Quem "é sobre todos, Deus bendito eternamente"? Há aqueles que dizem que é o Senhor Jesus Cristo, enquanto outros sustentam que é Deus o Pai.

Pois bem, é importante examinar isso porque vivemos numa época em que se vendem muitas traduções diferentes da Bíblia, e as pessoas, em sua inocência, as compram, muitas vezes sem perceber o que estão fazendo. Assim, essa é uma das razões pelas quais eu chamo a atenção de vocês para isso e para que tratemos disso exaustivamente, para vermos o que essas traduções têm para dizer a respeito. Vivemos também numa época na qual há uma tendência marcante e notoriamente demoníaca para desacreditar a glória do Filho de Deus, privá-lO da Sua deidade singular, e reduzi-lO ao nível e à medida da humanidade. Essa tendência começou no fim do século dezenove e avançou pelo século vinte afora.

Além do que foi dito, estamos vivendo dias em que toda espécie e todos os tipos de "religiões" se propagam, vendedores pérfidos vindo à nossa porta para venderem os seus livros, parecendo crentes na Bíblia e aparentemente conhecendo as Escrituras. E há muita gente ingênua, particularmente donas de casa, que se tornam presas e vítimas inocentes delas, e as ajudam a propagar as suas doutrinas nefandas comprando os livros, enchendo os cofres deles e habilitando-os a promover mais que nunca a sua propaganda, simplesmente porque não percebem a importância de conhecer a verdade concernente a estas questões.

Portanto, é à luz disso tudo que é absolutamente essencial que tenhamos claro entendimento do sentido exato desta declaração que estamos considerando juntos. Pois bem, a Versão Autorizada (inglesa) diz: "...e de quem veio Cristo segundo a carne, que é sobre todos, Deus bendito para sempre. Amém".

Isso está bem claro, não está? Ela fala o tempo todo sobre o Senhor Jesus Cristo. Que dizer da Versão Revista (inglesa)? É igual, e assim também a tradução de Weymouth. E as outras? Bem, vejamos a Nova Bíblia Inglesa. Ela não descreve Cristo como "Deus bendito para sempre". Não, aqui está essa tradução: "Deles, por descendência natural, procedeu o Messias. Que Deus, supremo acima de todos, seja bendito para sempre!" Vocês enxergam o que isso significa? Esse é o Pai – não o Filho. Aí está a diferença, e vocês podem ver por que estou chamando a sua atenção para isso. "A Nova Bíblia Inglesa" – as pessoas dizem – "magnífica, maravilhosa, todo o mundo pode entendê-la! Aí está o livro que se deve comprar, aí está a Bíblia que se deve ler, nenhuma das dificuldades que se têm na Versão Autorizada; aí a temos numa linguagem que podemos entender." Exatamente! Essa é a isca, mas aí está o anzol – ocultando, ou melhor, privando o Filho de Deus deste título e desta glória.

Mas, como foi que tudo isso entrou? Bem, as pessoas que realmente começaram isso foram os tradutores da Versão Revista ("RV"); foram eles os primeiros a introduzir isso nesta questão de traduções. Originariamente começou, é claro, com o movimento da alta crítica na teologia da Alemanha desde 1840, aproximadamente, porém apareceu em traduções, aberta e popularmente, primeiro com a publicação da Versão Revista. Isso porque, embora a Versão Revista traduza no texto a frase corretamente, também inclui notas de rodapé – "traduções alternativas" – e foi ali que toda essa questão começou. Ela oferece três traduções alternativas:

1. "e de quem Cristo veio segundo a carne. Ele, que é Deus sobre todos, seja bendito para sempre."
2. "e de quem Cristo veio segundo a carne. Ele, que é sobre todos, é Deus bendito para sempre."
3. "de quem Cristo veio concernente à carne, o qual é sobre todos. Deus seja bendito para sempre."

Noutras palavras, nesta terceira tradução os tradutores

concedem que Cristo é sobre todos, mas depois colocam ponto final, seguido da frase "Deus seja bendito para sempre". Assim, em cada uma das três possibilidades, vocês podem notar, essa condição de "bendito" é atribuída, como doxologia, a Deus o Pai e é abstraída de Deus o Filho.

E então, que dizer da Versão Revista Padrão ("RSV") da América, que desde o fim da segunda guerra mundial tem sido muito popular e tem sido vendida tão amplamente? Eis como a Versão Revista Padrão traduz a referida frase: "e da raça deles, segundo a carne, é o Cristo. Deus, que é sobre todos, seja bendito para sempre". É de novo a mesma coisa, e também assim é na tradução de Moffat, que diz: "e deles (quanto se refere à descendência natural) é o Cristo. (Bendito para todo o sempre seja o Deus que é sobre todos").

Há ainda outra tradução, e lamento ter que apresentá-la, mas sou constrangido a fazê-lo. É dever do mestre, como a Bíblia nos mostra claramente, não se contentar em dar informação e instrução positiva; o mestre prudente deve advertir as pessoas contra erros, e contra perigos e heresias. As Escrituras são claras sobre isso, e o pastor que não protege o seu rebanho e não procura os interesses do seu rebanho nem procura adverti-lo dos perigos, é um mercenário, e não merece o nome de pastor. O apóstolo Paulo, em sua despedida dos presbíteros da igreja de Éfeso, prepara-os e adverte-os; diz ele: há homens que se levantarão entre vocês, e há falsos mestres que virão e roubarão o rebanho; eles vão ensinar heresias perigosas e condenáveis – ele emprega linguagem similar.

É, pois, meu dever chamar a atenção para isso. No último estudo referi-me ao Dr. William Barclay, professor na Universidade de Glasgow, e novamente o menciono porque muitos evangélicos o consideram confiável. Pois bem, permitam-me ser justo com o Dr. Barclay. Ele é um especialista em lingüística, e é muito bom quanto ao sentido das palavras. Mas você pode ser muito bom quanto ao sentido das palavras, e ainda assim descaracterizar a verdade. Há diferença entre

um perito em lingüística e um bom teólogo. Há muitos que são muito bons sobre a mecânica das Escrituras e que não entendem o seu ensino, e o professor Barclay é adepto declarado da "alta crítica" das Escrituras. Ele não crê na doutrina da expiação como os evangélicos crêem: ele é universalista e diz que todos serão salvos. E em seu comentário sobre a Epístola aos Romanos ele traduz esta passagem nestes termos: "e deles, em Seu lado humano, veio o ungido de Deus. Bendito para sempre seja o Deus que é sobre todos. Amém". Ele deixa a questão aí; contudo o seu significado é claro e evidente.

Permitam-me mostrar-lhes outra tradução, a do professor C. H. Dodd, ex-professor de Novo Testamento em Oxford, e depois em Cambridge, e também autor de um comentário sobre a Epístola aos Romanos, com alto índice de venda popular. Como ele a traduz? "Deles é o Deus que é acima de todos bendito para sempre". Essa tradução liqüida com o nosso Senhor, vocês vêem! Ele forma da frase uma nova sentença, mantendo também essa mesma idéia. Mas ele prossegue, em seu comentário, e tenta dar-nos uma explicação do motivo pelo qual o apóstolo introduziu de repente esta doxologia, esta atribuição de louvor a Deus e desta proclamação dEle como bendito. Diz o professor Dodd: "Movido pela idéia do imensurável favor de Deus para com o Seu povo, Paulo irrompe numa ação de louvor votado a Ele". Portanto, Dodd não somente traduz dessa forma o texto, mas também procura justificar a sua nova tradução.

Por que será que toda essa gente se opõe à tradução da Versão Autorizada? Eis a resposta – de novo citando o Dr. Dodd – "uma tão direta aplicação do termo "Deus" a Cristo seria única nos escritos de Paulo; mesmo atribuindo a Cristo funções e dignidades coerentes com nada menos do que a deidade, ainda assim ele evita chamá-lO categoricamente "Deus". Essa é a razão dada pelo professor Dodd, e por isso ele diz que devemos mudar essa tradução (da VA).

Esse é, pois, o problema que se nos defronta. Por que é

importante? Por que demorar nisso? Por que precisamos dar resposta a todas essas traduções alternativas? Por que defender a Versão Autorizada, e como fazer isso? Responderemos a essas perguntas em nosso próximo estudo.

Deus tenha misericórdia de todos nós, e, principalmente nestes tempos, queira Deus dar a Seu povo o espírito de discriminação. Estamos vivendo dias de frouxidão e de debilidade em que as pessoas geralmente dizem: "Que importância têm estas coisas? Todos nós juntos somos cristãos, trabalhemos juntos. Introduzamos entre nós até Roma, sim. Que importa, contanto que todos nós sejamos contra o comunismo?"! Vivemos nesse tipo de clima de opinião e nessa atmosfera, e me parece que, por causa disso, algumas das verdades mais preciosas estão sendo negociadas, e muitas vezes por pura ignorância da parte do povo de Deus, por não conhecer e não perceber a sutileza.

Por conseguinte, continuemos protestando e sustentando a verdade, enquanto Deus nos der fôlego e energia. Digam os homens e as mulheres o que disserem, não podemos calar-nos enquanto, de diversas maneiras, como essa, eles tentam tirar do nosso bendito Senhor algumas das Suas prerrogativas eternas.

7

"Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém." – Romanos 9:4,5

Estivemos considerando o argumento apresentado pelas novas traduções que transformam a última parte do versículo 5 numa doxologia dirigida a Deus, em vez de uma descrição do Senhor Jesus Cristo. Já vimos que devemos enfrentar isso porque são muitos os que pertencem ao povo de Deus que estão sendo mal dirigidos e mal conduzidos por diversas falsas religiões e seitas, e não podemos permitir-nos deixar tais pessoas vacilando com relação a este assunto. Como, então, devemos tratar desse argumento?

A minha primeira resposta é que é muito interessante observar que as pessoas que se negam a atribuir essas palavras ao Senhor Jesus Cristo e que as atribuem unicamente a Deus como uma doxologia, não tentam basear a sua posição em fundamentos gramaticais. Ora, grande parte da mudança nas traduções modernas, diferenciando-as da Versão Autorizada, é feita em termos da gramática – dizem os tradutores que unicamente por causa da gramática somos compelidos a fazer isto e aquilo, e, portanto, a mudar o grande ensino do Novo Testamento. Mas aqui eles não dizem isso por esta razão muito boa: que simplesmente não podem dizê-lo. Por isso se vêem forçados a apoiar-se nesta declaração mais geral, que isso é uma coisa que o apóstolo Paulo não faz em seus escritos. Assim eles se utilizam de um argumento geral, e não de um

argumento particular em termos da gramática – e na verdade veremos que a gramática está muito contra eles, e do lado da Versão Autorizada.

Em segundo lugar, essa mudança na tradução tampouco se baseia na questão dos diversos manuscritos do Novo Testamento. Os comentários freqüentemente se referem a esses manuscritos e os comparam, pelo que é importante saber alguma coisa sobre eles. Isso é crítica textual, e há uma grande diferença entre a crítica textual e a chamada alta crítica. A crítica textual requer que esses diversos manuscritos antigos sejam examinados e comparados. Para fins de tradução, é importante conseguirmos um manuscrito tão acurado quanto acessível, e, fora de toda questão, uma obra sobreexcelente tem sido feita nesse campo durante os cento e cinqüenta anos recém-passados.

Por outro lado, a alta crítica é a abordagem da Bíblia que afirma ser ela um livro como outro qualquer. É um conceito que nega a sua inspiração única e que, certamente, nega a sua infalibilidade. Diz essa escola que se deve abordar a Bíblia em seu cenário histórico e do ponto de vista gramatical, e dessa maneira vocês se verão compelidos a chegar a conclusões diferentes das dos homens que traduziram a Versão Autorizada, e diferentes do ensino da Igreja através dos longos séculos da sua história.

Pois bem, eu me refiro a tudo isso para indicar que aqui, no versículo 5, as variantes propostas nas traduções não se baseiam na questão dos manuscritos. Sempre devemos dar séria atenção à evidência dos manuscritos, mas aqui não há esse tipo de evidência, porque o que decide a tradução aqui é, em última análise, a questão de pontuação – se se deve colocar ponto final ou vírgula depois de "carne". Portanto, não tem nada a ver com os manuscritos, porque a pontuação das Escrituras não existia antes do século terceiro. Dos manuscritos mais antigos nenhum tem pontuação, de modo que ninguém pode dizer: "Isso deve ser traduzido assim e assim porque é

como foi feito nos manuscritos mais antigos". Daí, no momento em que você tem a referida pontuação, já está na esfera da opinião particular de alguma pessoa.

Então, é importante ver que o argumento em prol destas traduções modernas absolutamente não é questão de "erudição". Quão exageradamente somos intimidados pela "erudição"! Mas a crítica literária não entra aqui, nem tampouco, e especialmente, a crítica textual, porque nessa linha não há nenhuma evidência. Por consiguinte, não se pode justificar esta ou aquela tradução nesses termos.

Agora, para que ninguém pense que estou meramente dando a minha opinião aqui, permitam-me citar algumas grandes autoridades. Eis o que diz o comentário escrito por Sanday e Headlam – e nenhum deles era cristão evangélico – "Talvez seja conveniente assinalar desde logo que a questão é de interpretação, não de crítica". Pois bem, essa é uma afirmação de duas grandes autoridades em matéria de crítica, de modo que ficamos na posição feliz de não nos intimidarmos nem assustar-nos com as palavras "erudição" e "crítica". Elas não se aplicam aqui. Assim, aqueles que querem discutir a tradução da Versão Autorizada têm que se apoiar apenas na afirmação geral de que não é costume do apóstolo descrever o nosso Senhor como Deus.

Podemos, pois, passar aos argumentos particulares. Por que contestar esta tradução da Versão Autorizada? Bem, examinando isso de maneira geral e superficial, uma razão é que seria inteiramente antinatural introduzir uma súbita doxologia dirigida a Deus neste ponto, porque não há aí nada que leve a ela e nada que a requeira. O apóstolo está expressando o seu sentimento de tristeza etc., e se refere aqui ao Senhor Jesus Cristo. De modo que não há nada que indique alguma razão para repentino pronunciamento de uma doxologia dirigida a Deus.

"Mas", alguém poderá perguntar, "ele não faz precisamente isso no capítulo primeiro, versículo 25, onde lemos, "mudaram

a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém."?" Mas isso não é um paralelo, porque em Romanos 1:25 o apóstolo se refere a Deus o Pai – o Criador. E, tendo se referido ao Criador, ele diz, "que é bendito eternamente". Ele não muda de uma pessoa para outra, de maneira que isso não faz nenhuma diferença quanto ao nosso argumento. Essa é, pois, a primeira razão, especialmente acoplada ao fato de que o apóstolo, aqui, por causa do próprio assunto de que ele está tratando, obviamente não está em condições e com disposição para de repente ser levado a irromper numa doxologia dirigida a Deus o Pai.

Depois, em segundo lugar – e aqui vamos lidar com a gramática – examinemos a expressão "dos quais": "...dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos...". Ou, se vocês preferirem a outra maneira de traduzir a frase, "de quem Cristo veio segundo a carne, que é sobre todos, Deus bendito para sempre". Com efeito, "quem" ou "o qual" significa "aquele que". E, certamente, por todas as regras de gramática que indicam que um pronome relativo sempre deve referir-se ao antecedente mais próximo, este "quem" claramente se refere ao Senhor Jesus Cristo; Ele é o antecedente mais próximo. O apóstolo está escrevendo e falando sobre Ele, e quando diz "quem", vocês naturalmente o tomam como indicando a mesma pessoa; portanto, indicando Aquele que, segundo a carne, veio dessas pessoas (os judeus). Esse é Aquele a quem o apóstolo se refere e acerca de quem ele vai dizer mais algumas coisas.

Isso se faz comumente nas Escrituras. Permitam-me oferecer-lhes uma ilustração pertinente para mostrar o valor do argumento. Vocês a acharão em João 1:18: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está (ou que subsiste) no seio do Pai, este o fez conhecer". Aquele que está no seio do Pai é Aquele a respeito de quem Paulo vem falando, de modo que o termo "quem" se refere ao antecedente mais

próximo, e o antecedente mais próximo é o Filho. E aqui, em Romanos, é exatamente a mesma coisa: "...de quem Cristo veio segundo a carne, quem (ou "o qual") é sobre todos". Essa é a maneira gramaticalmente razoável de considerar isto, e para que seja rejeitada é preciso haver alguma razão muito poderosa.

A seguir acrescentamos a isso um terceiro argumento, e este é muito importante. Na primeira parte da sua declaração o apóstolo diz-nos algo sobre o Senhor Jesus Cristo: "de quem, concernente à carne, Cristo veio". Assim, é de esperar que, se ele deu ênfase a "segundo a carne", ou, "concernente à carne", então tem em mente um contraste – qual é o outro lado de Cristo? Cristo tem duas naturezas numa só pessoa; por isso Paulo continua e completa – "concernente à carne" Ele veio dos filhos de Israel, mas por outro lado Ele é Deus sobre todos, Deus bendito para sempre. Pois bem, isso não somente é um paralelo natural aqui estabelecido para completar uma declaração equilibrada; é certamente uma repetição exata do que vemos o apóstolo dizer sobre Cristo logo no início da Epístola, no capítulo primeiro. Vejam-se os primeiros quatro versículos: "Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras, acerca de seu Filho". Depois ele fala de Cristo nestes termos – "que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos – Jesus Cristo nosso Senhor"; (VA: "...segundo o espírito de santidade..."). Como vocês vêem, ele começa daí. Ele está ansioso para que saibamos que nesta Pessoa bendita há estas duas naturezas. Ele é verdadeiro homem, porém é também verdadeiro Deus. Há algo que nEle é uma realidade "segundo a carne"; também há nEle algo que é uma realidade "segundo o Espírito" (ou, "segundo o espírito", VA). E aqui, em Romanos, capítulo 9, vocês têm uma repetição de exatamente o mesmo paralelo, dos dois lados

da mesma afirmação; a antítese – "carne", "espírito"; natural, humano, divino, eterno, espiritual. Parece-me que isso já em si deveria ser completamente suficiente, sem necessidade de buscar mais nada. Quando Paulo coloca a sua ênfase sobre "concernente à carne", vocês logo dizem: "Agora, então, também deve existir algo "concernente ao espírito". Vocês esperam isso, e isso está aqui.

Depois, o quarto argumento é também interessante. Notem a posição relativa das palavras "Deus" e "bendito". "Cristo veio, o qual é sobre todos, Deus bendito para sempre. Amém." Que significação tem a posição relativa destas duas palavras? Bem, nas doxologias a ordem das palavras é exatamente o oposto da que encontramos aqui! Uma doxologia típica é assim – "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". O termo "bendito" vem primeiro, "Deus" vem em seguida. Charles Hodge penetrou fundo nesta questão, e outros fizeram a mesma coisa. Charles Hodge diz que não há exceção dessa ordem, quer no grego quer nas Escrituras hebraicas. Todavia aqui está, "Deus bendito" – há só uma duvidosa exceção dessa regra, e essa está no Salmo 68, versículo 19 – e mesmo ali as autoridades tendem a concordar que não é uma doxologia, e sim uma simples afirmação.

Este é um ponto muito importante e muito interessante: houve um homem chamado Socino, que viveu no período do século dezesseis. Socino era unitarista; noutras palavras, ele não cria na Trindade ou na deidade do Senhor Jesus Cristo. Foi ele, de fato, o homem que popularizou o unitarismo, tanto assim que os que sustentam as suas idéias às vezes são chamados socinianos. Pois bem, a posição trinitária é que cremos em "Deus em três Pessoas, a bendita Trindade"; Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo, coiguais, coeternos! Mas Socino era unitarista; então por que estou tão interessado nele? Porque este argumento sobre as posições relativas de "bendito" e de "Deus" – "Deus bendito" em vez de "Bendito seja Deus" – esse argumento convenceu até Socino de que, nesta declaração,

o apóstolo Paulo estava se referindo claramente ao Senhor Jesus Cristo.

Ora, esse é um argumento muito poderoso. Se até Socino teve que admitir isso, quanto mais os seus seguidores deveriam admiti-lo! No entanto não admitem, não são tão coerentes como Socino, e talvez não tão honestos. Mas me parece que o argumento de que não se trata de doxologia, e sim duma declaração concernente ao Senhor Jesus Cristo, também é em si quase suficiente para nos persuadir.

Até aqui estamos tratando deste ponto puramente em termos da gramática e da sintaxe; mas, que dizer do outro argumento, segundo o qual o apóstolo nunca se refere ao Senhor Jesus Cristo como Deus, e que esse ensino só surgiu mais tarde? Também se diz que não é costume descrever o nosso Senhor como "sobre todos", porque Ele era subserviente ao Pai e Se submeteu à vontade do Pai; e que o teor geral do ensino do Novo Testamento é que o Filho é subordinado ao Pai, e que o Espírito é subordinado ao Filho e ao Pai. Que dizer desse argumento?

Bem, muita coisa se pode dizer também sobre esse ponto de vista. Em primeiro lugar, o apóstolo Paulo muito freqüentemente descreve o Senhor Jesus Cristo como o Cabeça* de toda a criação. Vejam, por exemplo, 1 Coríntios 11:3: "Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo". Ali Paulo nos lembra que, simplesmente para fins da nossa salvação, a santa

---

* Convém lembrar aqui o fato de que, embora nem sempre as versões da Bíblia o deixem claro, em português expressamos melhor as verdades da *chefia* de Cristo sobre todas as coisas, a Igreja inclusive, empregando a expressão "o Cabeça" (*e.g.*, Col. 2:10) e *a união vital, orgânica* de Cristo com a Igreja, Seu corpo, empregando a expressão, "a Cabeça" (*e.g.*, Ef. 4:15). O português, neste caso, ajuda a distinguir os dois aspectos do senhorio de Jesus Cristo. Na produção da Nova Versão Internacional (NVI) tivemos o cuidado de expressar da forma indicada a referida distinção. Nota do tradutor.

e bendita Trindade dividiu a obra entre Si. Muitas vezes descrevemos isso como "Trindade econômica". Entretanto em 1 Coríntios, capítulo 11, o Senhor Jesus Cristo é descrito como "a cabeça de todo varão". Esse é o ponto importante nessa passagem.

Vemos depois exatamente a mesma coisa em 1 Coríntios 15:28: "Quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos". De novo as duas idéias entram, mas o ponto visado é que Paulo está ensinando que todas as coisas são postas em sujeição a Ele. Vocês poderão ter a mesma coisa em Filipenses 2:5-11, principalmente nos versículos 10 e 11: "Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor (Jeová), para glória de Deus Pai".

Exatamente a mesma verdade acha-se em Colossenses 1:15-17: "O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele". Aí está uma declaração perfeitamente clara, direta e explícita do fato de que Ele é "sobre todos", e isso é característico do ensino do Novo Testamento.

Não somente isso; há um segundo argumento nesta divisão. Vejam a expressão que é empregada com relação a Ele, expressão que O descreve como "imagem de Deus". Pois bem, essa expressão é utilizada para descrever uma identidade, e é escolhida especificamente para assinalar essa noção. Usamos essa linguagem em nossa conversação comum, não usamos? Quando dizemos, "Ele é a imagem viva do seu pai", queremos dizer que é exatamente igual a ele. Ora, essa é a espécie de linguagem empregada aqui, nas Escrituras. Permitam-me

oferecer-lhes algumas ilustrações disso. Em 2 Coríntios 4:4, por exemplo, lemos: "Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus". Também vimos isso em Colossenses 1:15: "O qual é imagem do Deus invisível".

Vejam de novo a tremenda declaração de Filipenses 2:6: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus". Quer dizer que nesta igualdade com Deus, igualdade real e verdadeira quanto a Cristo, Ele não considerou isso como um prêmio a ser conquistado e mantido em Sua posse a todo custo. Não, em vez disso Ele "aniquilou-se a si mesmo". Contudo a declaração é que Ele era igual a Deus. Não significa outra coisa, e este argumento é muito forte. Notem os termos: "em forma de Deus" e "igual a Deus".

Observem também a declaração registrada em Colossenses 2:9: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade". Não se pode acrescentar nada a isso. Hebreus 1:3 diz a mesma coisa: "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa". Aí também se tem a mesma idéia associada, que o Filho é "herdeiro de tudo, por quem (Deus) fez também o mundo", e que Ele sustenta "todas as coisas pela palavra do seu poder". Eis aí, pois, termos que deveriam satisfazer-nos, levando-nos a concluir que existem expressões empregadas com respeito a Cristo que indicam claramente que Ele é Deus, que Ele é igual a Deus, tendo a mesma forma, a mesma aparência de Deus. Essas declarações só têm um único sentido.

E então chegamos àquele outro argumento que afirma que realmente, na prática, o apóstolo Paulo não se refere a Cristo direta e explicitamente como Deus. Dizem que isso só acontece nos escritos dos Pais, que surgiram mais tarde, no século segundo. A resposta a esse argumento é que se vêem no Novo Testamento expressões usadas umas pelas outras com relação ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Na verdade, há pessoas

que gostariam de fazer-nos acreditar que só um termo é empregado com referência ao Pai, que "Deus" sempre significa o Pai, que o termo "Senhor" sempre significa o Senhor Jesus Cristo. Mas isso é um erro.

Vejam, por exemplo, o que Paulo escreve em 1 Coríntios 3:5,6: "Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o Senhor deu a cada um? Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento". Pois bem, o termo "Senhor", aí, refere-se a Deus o Pai, e não ao Senhor Jesus Cristo. Há também um famoso exemplo em 2 Coríntios 3:16 e 17, onde lemos: "Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará. Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade". Não pode haver dúvida de que aí esse termo é empregado com referência ao Espírito. Paulo não está dizendo que o Senhor Jesus Cristo é o Espírito Santo. Não sejamos rígidos nisso. Os termos são empregados uns pelos outros.

Há ainda outro importante exemplo em Atos 4:29; aqui estão os membros da Igreja Primitiva reunidos, depois que Pedro e João haviam sido postos em liberdade. Eles voltam e fazem um relato aos seus companheiros, e começam a orar a Deus, e oram assim – começando no versículo 24: "Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há" – estão orando a Deus o Pai. Depois continuam e citam o Salmo 2: "Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram à uma, contra o Senhor e contra o seu Ungido" – a expressão "o Senhor" se refere a Deus o Pai – "Porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer. Agora, pois, ó Senhor", - não estão orando ao Senhor Jesus Cristo, continuam orando ao Pai – "agora, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra". Cito todo esse trecho para mostrar a

vocês que os termos são empregados uns pelos outros.

Permitam agora que lhes ofereça uma ilustração, tomada de Atos 5:3 e 4: "Disse então Pedro: Ananias, por que encheu satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus". O Espírito Santo é Deus. Vocês vêem, os termos são empregados com relação aos Três, uns pelos outros, exatamente, seguramente, como esperaríamos, pois os Três são coiguais e coeternos. Portanto, embora normalmente os termos sejam diferentes, são intercambiáveis, e, por isso, é injustificável tentar introduzir qualquer tipo de rigidez nesta questão.

Agora, é perfeitamente certo que no começo e muito naturalmente os judeus estiveram um tanto hesitantes sobre isso. Mesmo os cristãos judeus hesitavam em referir-se ao Senhor Jesus Cristo como Deus. Eles tinham sido criados sob o seu monoteísmo estrito, quase tinham medo de mencionar o nome "Jeová", e eis aqui Alguém Se levantando diante deles como homem na carne, e é muito compreensível que eles hesitassem quanto a chamá-lO "Deus". Mas temos provas de que, mesmo logo no princípio, eles já começaram a fazer isso, e é meu desejo oferecer-lhes algumas ilustrações disso também. Lembremo-nos de que, naturalmente, como já vimos, por volta do início do século segundo, eles se referiam comumente a Ele como Deus.

Mas agora permitam que lhes forneça evidências que se encontram mesmo nos Evangelhos. Vejam, por exemplo, o que temos em Mateus 1:23: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco". Aí está certamente claro o bastante. O Filho é "Emanuel", e isso significa, "Deus conosco". No prólogo do Evangelho Segundo João a mesma coisa está inteiramente clara: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com

Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (João 1:1-3). Aí esta, certamente tão claro como qualquer coisa poderia estar. Depois, em João 20:27,28, lemos a confissão de Tomé. O Senhor lhe disse: "Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu, e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu!" Ora, tudo isso aconteceu antes de Paulo começar a escrever, e aí vemos judeus que não hesitam em referir-se a Ele como Deus!

Mas ainda em Atos 20:28 lemos: "Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Essa é uma referência ao Senhor Jesus Cristo. Foi Ele que resgatou a Igreja com o Seu próprio sangue. E então, em Tito 1:3, Paulo diz: "Mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador" – "Deus, nosso Salvador"! – e ele prossegue e diz no capítulo 2, versículos 13 e 14: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; o qual se deu a si mesmo por nós". Portanto, o apóstolo de fato se refere a Ele como Deus, e vocês têm a mesma coisa, por implicação, noutros lugares também, como em Filipenses 2: 5 a 8, e em 2 Tessalonicenses 1:12.

E a nossa última resposta é que há doxologias dirigidas ao Senhor Jesus Cristo! Em 2 Timóteo 4:18 lemos: "E o Senhor me livrará de toda má obra, e guardar-me-á para o seu reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém". Esse é o Senhor Jesus Cristo. Ou 2 Pedro, capítulo 3, versículo 18: "Antes crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém". Essa também é uma doxologia atribuída a Ele. E no Apocalipse 5:13 vemos: "E ouvi a toda criatura que está no céu, e na terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: ao que está assentado

sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e poder, e glória, para todo o sempre". Exatamente o mesmo que se atribui ao Pai se atribui ao Filho. E Apocalipse 15:13 nos diz: "E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos"; a doxologia é atribuída a Ele.

São essas, então, as importantes respostas aos argumentos apresentados contra a tradução que temos na Versão Autorizada. Assim, permitam-me encerrar este estudo citando *in totum* os comentários feitos sobre este versículo por Sanday e Headlam, que, como já vimos, não têm bem em que se pegar, particularmente Sanday. Por mais que empreguemos a imaginação, nenhum dos dois era crente evangélico, mas ambos eram grandes eruditos, e esta é a sua conclusão. Temos aqui dois professores pertencentes à Universidade de Oxford, universidade famosa por seu zeloso cuidado, por seu equilíbrio, por seu temor de comprometer-se, e que se regozija na "mente equilibrada". Notem, pois, como eles são cuidadosos! "Em tudo isso não se vê nenhum argumento que achássemos inteiramente conclusivo, porém o resultado das nossas investigações sobre a gramática frasal e sobre a tendência do argumento é inclinar-nos a crer que as palavras naturalmente se refeririam a Cristo, a menos que Deus seja de tal forma um nome próprio que constituiria um contraste em si mesmo: vimos que não é assim. Mesmo que Paulo não tenha empregado noutra passagem a palavra com referência a Cristo, contudo, ela foi empregada mais tarde nesse sentido, num período não distante. A fraseologia do apóstolo Paulo nunca é fixa, e ele não tinha nenhum motivo dogmático contra usá-la desse modo. Nestas circunstâncias, com alguma ligeira – mas apenas ligeira – hesitação" – observem a restrição da restrição da restrição! – "adotamos a primeira alternativa e traduzimos: "De quem é o Cristo, no que concerne à carne, Quem é sobre todos Deus

bendito para sempre. Amém"!

Há ainda o testemunho da história com relação a isso. Quase unanimemente, através dos séculos, até fins do século dezenove, quando a alta crítica começou a fazer a sua obra devastadora, praticamente todo o mundo entendia estas palavras como se acham na Versão Autorizada. Aqui vão alguns dos nomes: Irineu, Tertuliano, Orígenes, Cipriano, Atanásio, Crisóstomo, Basílio, Agostinho, Jerônimo, Ambrósio, Hilário, Lutero, Erasmo, Calvino, Beza, Philippi, Tholuck, Delitzsch, Alford, Wordsworth; para não mencionar Charles Hodge e Robert Haldane.

Agora, não seria interessante que com base tão frágil estes tradutores modernos* não hesitam em ir contra o que tem sido crido através dos sucessivos séculos? Que é que os leva a proceder assim? É tão-somente um interesse teológico. Há neles algo que os faz precipitar-se em qualquer oportunidade que tenham de desacreditar a certeza do fato de que Jesus de Nazaré era o Filho eterno de Deus. Não há outro motivo. Não podem fazer isso baseados na gramática, ou na erudição, ou na crítica textual. Só lhes resta esse motivo, e, portanto, não devemos ter nenhuma hesitação em adotar a tradução da Versão Autorizada desta passagem, e em compreender que o que o apóstolo está dizendo aqui é que o supremo privilégio que foi dado à nação de Israel foi que dela, segundo a carne, veio Aquele que é Deus sobre todos, bendito para sempre, o Messias, o Senhor.

---

* Note-se que a recente versão em português, a Nova Versão Internacional (NVI), traduz assim Romanos 9:5: "Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de todos, bendito para sempre! Amém". Nota do tradutor.

8

"Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: em Isaque será chamada a tua descendência." – Romanos 9:6,7

Começamos aqui uma nova subdivisão de Romanos, capítulo 9. Vocês se recordam de que em nossa análise geral dele já indicamos que os cinco primeiros versículos constituem uma subdivisão definida, e que aqui começa outra, que vai até o fim do versículo 13. É nesta altura que o apóstolo passa a ocupar-se do real argumento; nos versículos 1 a 5 ele simplesmente introduzira o assunto. Portanto, ao chegarmos a este versículo 6, devemos lembrar-nos do que é esse argumento, em geral; e isso se aplica, não somente a estes versículos e a este capítulo, mas também aos capítulos 10 e 11.

Aqui Paulo trata de uma objeção que realmente estava sendo feita contra ele e contra o seu ensino, um argumento que também foi apresentado contra a pregação do evangelho em geral. Era particularmente uma objeção ao que Paulo havia dito pouco antes, no fim do capítulo 8, especialmente do versículo 28 até o fim. Ali, vocês se lembram, naquela passagem gloriosa, ele tratara da perseverança final dos santos e da segurança eterna do cristão, e se baseara final e definitivamente nesta realidade única e grandiosa: o propósito de Deus. O versículo 28 diz: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (ou, VA: "segundo o seu propósito").

O argumento do apóstolo era que nada poderia fazer Deus desistir do Seu propósito, e nada poderia frustrá-lo. "Estou certo", escreveu ele naquele clímax tremendo, "de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38,39). Mas imediatamente surge a objeção, a dificuldade. Isso está certo, mas que dizer da situação dos judeus? Não seriam eles um imediato exemplo do real fracasso do propósito de Deus? Porquanto aí estão pessoas que foram colocadas por Deus nessa posição única, e com as quais, como ele já nos fizera lembrar, foram feitas estas alianças; que tinham "a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; das quais são os pais, e das quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente". Todavia nesta hora, segundo esta pregação cristã, tais pessoas estão fora, estão perdidas, são incrédulas. Logo, isso não provaria que o propósito de Deus pode mudar, ou então que alguma coisa o pode frustrar?

Pois bem, é desse ponto que o apóstolo passa a tratar. À superfície parece que Deus abandonou o Seu povo e todas as promessas que lhe tinha feito. O apóstolo introduzira toda essa questão nos primeiros cinco versículos, e vimos como ele expõe o caso com grande simpatia e com grande tristeza, e quão ansioso estava por mostrar tudo quanto ele sabia sobre as promessas feitas aos judeus e sobre a sua posição privilegiada.

Assim, pois, qual seria a resposta a tudo isso, qual a explicação? Poderia Paulo continuar mantendo a sua doutrina segundo a qual o propósito de Deus nunca muda e que nada poderá impedi-lo ou frustrá-lo? Poderia continuar dizendo isso à luz da situação dos judeus? É muito interessante notar que nestes versículos o apóstolo não descreve imediatamente em detalhe a real situação e a "rejeição" dos judeus. Ele mantém

isso em reserva até quase concluir o argumento, no fim do capítulo 11. Este é um ponto extraordinário, e dele todos nós devemos aprender uma grande lição. Observemos de novo a delicadeza, a natureza e o caráter sensível do grande apóstolo e a sua ternura. E a lição que todos nós devemos aprender é que, quando manejamos um assunto difícil como este, sempre devemos fazê-lo de maneira calculada para conquistar as pessoas e persuadi-las. Em seu ministério o nosso Senhor demonstrou exatamente o mesmo cuidado. Ele não começou denunciando os fariseus, apesar de saber tudo a respeito deles; isso também foi deixado em reserva até perto do fim. Vocês verão a grande denúncia contra os fariseus no capítulo 23 do Evangelho Segundo Mateus, não no capítulo primeiro ou no capítulo 3. Noutras palavras, tratem da situação com ternura, com carinho, com amor e com o desejo de conquistar as pessoas.

Não obstante, o apóstolo expõe a questão franca e claramente; o grande peso que trazia e sua contínua tristeza realmente nos dizem tudo. E isso é mais que suficiente; ele não precisa expor a verdade final acerca dos judeus. Ele tem grande tristeza e contínua dor em seu coração por causa deles e por causa das condições em que se encontravam. Contudo o ponto com o qual ele está preocupado aqui não é a situação e a condição deles, mas, antes, sobre como poderá ele justificar a sua pregação sobre o propósito de Deus. Este capítulo nove, permitam que os faça lembrar, é uma teodicéia, uma defesa de Deus e uma justificação dos Seus procedimentos para com os homens. E assim, como é que Paulo faz isso?

É no versículo seis que temos a chave para o entendimento desta divisão particular; na verdade é a chave para se entender a divisão completa, até o fim do capítulo 11. É um versículo sumamente importante. "Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas." Aí está o texto, se quiserem. Depois, nos versículos 7 a 13, ele o expõe e o elabora. Esse é seu método. Já vimos isso tantas

vezes, e é o método ideal. Firme o seu princípio, faça a sua grande declaração, depois demonstre-a, ilustre-a, e então junte tudo e o retome para a conclusão.

Além disso, os versículos 7 a 13 são uma exposição principalmente da última frase do versículo 6, na qual Paulo afirma que nem todos os que são de Israel são israelitas. Ele nos dá ali o verdadeiro sentido do termo "Israel", e o seu argumento, para dizê-lo resumidamente, é que a palavra de Deus fez, faz e fará o que tem em vista fazer. Ela não falhou em seu propósito. Portanto, a questão é: que é que a Sua palavra pretende fazer? Qual é o seu propósito? E a resposta é que ela se destina unicamente aos "eleitos" em Israel, e não a todos os que estão em Israel. É isso que ele se dispõe a provar e que constitui a réplica à alegação apresentada contra ele. Sigamo-lo, então, enquanto ele elabora o seu argumento.

Seu primeiro ato é fazer uma declaração, e esta é simplesmente uma asserção categórica: "Não que a palavra de Deus haja faltado". Pois bem, falemos com clareza sobre a tradução dessa frase. Observemos de passagem que aqui ele está repetindo mais ou menos o que já dissera no capítulo 3, versículo 3. Tendo provado nos dois primeiros capítulos, principalmente no capítulo 2, que os judeus estavam em tão péssima situação como a em que estavam os gentios, ele então levanta a questão: "Qual é logo a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em toda maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas". E então: "Pois quê? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus?"

E é mais ou menos isso que ele vai fazer de novo aqui. No capítulo 3 ele apenas tinha lançado a coisa, por assim dizer, deixando para desenvolve-la quando chegasse a este capítulo 9: mas o ponto essencial é o mesmo. E eis o que ele diz: tendo descrito as condições dos judeus, os seus privilégios, nos versículos 4 e 5, e a terrível dor e a constante tristeza que sente porque eles não são crentes e de fato estão perdidos, ele explica:

"Não que a palavra de Deus haja faltado". Ou vocês poderão traduzir isso deste modo: "A situação não é como se a palavra de Deus tivesse falhado". Mas talvez a tradução mais literal seja: "Mas a coisa" – quer dizer, o estado do caso – "não é o que parece".

Assim, pois, diz ele, o fato de que eu estou preocupado com eles não significa que a palavra de Deus falhou. Que é que ele quer dizer aqui com a expressão "a palavra de Deus"? É importante entender bem isso. Em toda parte, no Novo Testamento, vocês verão que, com uma só exceção fora esta, "a palavra de Deus" equivale ao evangelho. Vejam, por exemplo, 2 Coríntios 2:17: "Porque nós", diz ele, "não somos como muitos, falsificadores da palavra de Deus, antes falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus".

Encontramos exatamente a mesma coisa em 2 Coríntios 4:2: "Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus" – quer dizer, o evangelho – "e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade". E veremos o mesmo uso dessa expressão em 2 Timóteo 2:9; Tito 2:5; Hebreus 13:7; Apocalipse 1:9; 6:9 – e em toda parte no livro de Atos.

A única exceção, além da que temos diante de nós, é Marcos 7:13, onde Cristo também fala sobre os judeus, e diz: "Invalidando assim a palavra de Deus pela vossa tradição, que vós ordenastes. E muitas coisas fazeis semelhantes a estas". Pois bem, nessa passagem o contexto deixa claro que no citado versículo "a palavra de Deus" refere-se às Escrituras do Velho Testamento, e não significa o evangelho.

E aqui, evidentemente, "a palavra de Deus" neste ponto significa o expresso propósito de Deus; seja promessa ou ameaça ou decreto ou o que for; é a palavra de Deus – algo que Deus declarou e Se propôs fazer. Inclui as alianças, as promessas e todas estas outras coisas que estivemos examinando juntos. De

modo que, quando ele diz aqui, "Não que a palavra de Deus haja faltado", não está dizendo que o evangelho falhou. O assunto sobre o qual ele está argumentando aqui é este grande propósito de Deus do qual ele havia começado a tratar no versículo vinte e oito do capítulo oito.

Ademais, quando ele diz "haja faltado" (VA: "não teve nenhum efeito"), usa uma palavra notável. Significa: "ela não caiu no chão, ou não foi ineficiente ou ineficaz". E o que também é interessante é o tempo verbal utilizado por ele: "não teve nenhum efeito". Ele emprega o perfeito, que significa: "Não é como sucedesse que a palavra de Deus falhou no passado ou está falhando agora". O tempo particular que o apóstolo deliberadamente utiliza tem duplo sentido – inclui o passado e o presente.

Essa é, pois, a grande e fundamental declaração e proposição do apóstolo. Mas entendamos bem isso, e aqui de novo temos um ponto muito valioso para observar quando, por nossa vez, envolvidos nisto por detratores modernos ou por aqueles que nos procuram para fazer perguntas, nos vemos movidos a defender a verdade de Deus. Paulo não está dizendo que a palavra de Deus não pode falhar, e sim que ela não falhou. Por que me dou ao trabalho de destacar isso? Faço-o por esta razão: se alguém nos questionasse com relação ao que estamos dizendo e dissesse: "Você diz que este propósito de Deus é absolutamente seguro; você cita Toplady, dizendo que nada "Pode anular o Seu propósito, nem minh'alma separar do Seu amor"; como pode provar isso?" – qual seria a nossa resposta? Bem, a tendência de muitos de nós seria recorrer logo à soberania de Deus e dizer: "Porque Deus não pode falhar". Entretanto não é isso que de fato Paulo está dizendo. Ele crê nisso, claro, mas não o diz aqui. Ele vai provar o ponto doutra maneira, de um modo muito mais poderoso, especialmente em vista do fato de que ele está tratando e discutindo com judeus. Assim pois, a lição, eu sugeriria, é que devemos sempre procurar responder às pessoas que levantam a questão. Se você estiver tratando

com um judeu, como primariamente Paulo está fazendo aqui, tente dar a resposta numa forma ou com um argumento que seja particularmente eficiente para os judeus. Ele pregava assim e fazia tudo assim – "Fiz-me como judeu para os judeus... para os que estão sem lei, como se estivera sem lei... Fiz-me tudo para todos, para por todos meios chegar a salvar alguns" (1 Coríntios 9:20-22). Por isso ele não recorre simplesmente ao argumento geral da soberania de Deus; ele os enfrenta fundado na própria base deles, e tira essa base de sob os seus pés. Ele crê na absoluta soberania de Deus, e esta constitui uma reposta final; porém, em acréscimo a isso, ele age dessa maneira. O estado e a condição dos judeus, ele irá mostrar-lhes, não implicam nenhuma mudança, e, menos ainda, nenhum fracasso, no que se refere ao propósito eterno de Deus.

E então, como é que ele vai fazer isso? Bem, de imediato ele coloca tudo num diminuto estojo: "Não é que a palavra de Deus não teve nenhum efeito. Pois nem todos os de Israel são Israel" (VA). Aí está, então, a proposição fundamental. Agora, um modo mais literal de traduzir essa passagem talvez seja algo semelhante ao seguinte: "Nem todos aqueles que são de Israel, de origem, são Israel, o verdadeiro Israel", ou, "Nem todos aqueles que provêm de Israel são Israel". Assim se vê que a tradução da Versão Autorizada aqui é muito boa e realmente comunica o sentido.

Temos aí, pois, uma declaração crucial e fundamental. Paulo havia dito isso antes, no fim do capítulo 2, nos versículos 28 e 29, onde lemos: "Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra: cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus". É exatamente o mesmo ponto. Aprendamos deste homem a conduzir um argumento. Não havia necessidade de dizer mais nada sobre isso naquela conjuntura; ele estava tratando do grande tema da justificação. Por isso ele o asseverou como uma verdade, porém não

desenvolveu o ponto. Aqui, onde trata da questão geral dos judeus, ele vai desenvolvê-lo.

De igual modo ele o tinha dado a entender no capítulo 4, versículos 11 a 13, onde ele trata da questão geral de Abraão, uma situação que ele considerou do ponto de vista da justificação. "E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada; e fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé de nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão. Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé". De novo é essencialmente o mesmo ponto, mas é agora que ele realmente vai dar-lhe um tratamento completo e exaustivo.

Pergunto: por que é que eu digo que esta declaração é tão vital e de importância tão grande? Bem, não hesito em asseverar que, se quisermos entender adequadamente a história do Velho Testamento, então em muitos aspectos esta é uma das declarações mais cruciais que se encontram em todas as Escrituras. É muito fácil perder-se naquela história e não entendê-la exatamente. Vemos Deus escolhendo um, e outro não, e nas listas genealógicas vemos uma linhagem sendo desenvolvida enquanto outras, que são mencionadas, são deixadas de lado, e não se ouve mais falar delas. Pois bem, tudo isso pode causar confusão, e aqui temos a chave para entendê-lo.

Esta é também a chave para entendermos a enigmática história dos filhos de Israel; sua constante desobediência, seus constantes queixumes e murmurações dirigidos a Deus; temos aqui a explicação da razão pela qual eles se acharam no cativeiro da Babilônia. Tudo aconteceu devido ao fato de que eles continuaram presumindo que, visto que eram os filhos de Israel, nada poderia dar errado com eles e Deus sempre os

abençoaria. Assim foi que, quando Ele não o fez, ficaram sem entender, e comentaram que Deus estava recuando e deixando de cumprir as Suas promessas. Tudo isso porque eles não se deram conta de que "nem todos os de Israel são Israel".

Mas a declaração em foco é também um princípio vital para o entendimento dos quatro Evangelhos do Novo Testamento. Acaso vocês já notaram quanto tempo e espaço é dedicado nos Evangelhos aos vários argumentos e discussões em que o nosso Senhor teve que Se envolver com os judeus – fariseus, escribas, saduceus e doutores da lei? Muitos se queixam freqüentemente contra isso. "Por que não temos o ensino puro e simples?" dizem eles. "Por que não podemos ter a mensagem direta? Por que temos que ter tudo isso acerca dos judeus e suas questões e sua oposição? Que significa tudo isso?" As pessoas não entendem, e isso porque não entendem este princípio. A chave para o entendimento de toda a atitude dos judeus, especialmente dos seus líderes religiosos, para com o nosso Senhor, acha-se nesta frase: "Nem todos os de Israel são Israel".

O primeiro homem a considerar esta questão foi, naturalmente, João Batista. Ele foi o precursor, o primeiro pregador; e vejam como ele se expressa a respeito. Ei-lo aqui, no deserto, pregando um batismo de arrependimento para remissão dos pecados, e verdadeiras multidões acorrem de toda parte para ouvi-lo, e agora vejamos o que ele diz. Ele encara uma congregação formada por fariseus, escribas e todos os tipos de pessoas, e lhes diz: "Produzi pois frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão" (Lucas 3:8). Como vocês podem ver, João, com o seu discernimento espiritual, conhecia a atitude, a mentalidade e a perspectiva geral dos seus ouvintes. Ele sabia que eles diziam em seu íntimo: "Por que você nos chama para o arrependimento? Somos filhos de Abraão; vá pregar isso aos gentios, se quiser, não a nós". E praticamente a resposta que

João lhes dá é: "Sei que vocês são filhos de Abraão, sei que vocês são israelitas – mas, "nem todos os de Israel são Israel".

Há outra ilustração da mesma verdade em João, capítulo 8, onde o nosso Senhor a diz explicitamente; na verdade Ele teve que fazer isso por causa do que o povo dizia a respeito dEle. Ele estivera pregando, e o versículo 30 nos informa que, "Dizendo ele estas coisas, muitos creram nele. Jesus dizia pois aos judeus que criam nele: se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

Mas, em vez de Lhe agradecerem isso, e de darem graças a Deus, esta foi a resposta deles: "Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: sereis livres?" Ele então lhes responde e entre as coisas que lhes diz está esta declaração, no versículo 37: "Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não entra em vós". E mais adiante lemos: "Responderam, e disseram-lhe: nosso pai é Abraão. Jesus disse-lhes: se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me, a mim, homem que vos tem dito a verdade que de Deus tem ouvido; Abraão não fez isto". "Bem sei que sois descendência de Abraão" – e ao mesmo tempo: "Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão"; tudo isso também é apenas outro modo de dizer: "Nem todos os de Israel são Israel". Isso é, pois, essencial para que se possa entender todas as discussões e incompreensões cuja ocorrência se vê nas páginas dos quatro Evangelhos.

Exatamente da mesma maneira, a declaração em apreço é a chave para o entendimento do que lemos em Atos a respeito do tratamento dado aos apóstolos quando eles saíram para pregar o evangelho – sua preocupação quando finalmente tiveram que deixar de lado os judeus e partir para os gentios. O problema era que os judeus do tempo do nosso Senhor e do tempo dos apóstolos estavam fazendo a mesma pressuposição que tinham feito o tempo todo nos dias do Velho

Testamento. Eles presumiam que o simples fato de que eram judeus e descendentes de Abraão, em si e por si os salvava. Achavam que não precisavam de uma nova salvação; não sentiam necessidade de crer em Jesus de Nazaré como o Filho de Deus, Aquele que teve que morrer por eles; já estavam salvos! Daí a fúria dos fariseus quando Ele os convenceu de pecado e lhes afirmou que os faria livres. Essa é toda a explicação. Eles diziam: "Somos filhos de Israel, e não deves falar conosco desse jeito". Essa continua sendo a dificuldade quanto aos fariseus, sejam eles judeus ou gentios. Essa é a causa do "escândalo da cruz"; essa é a razão pela qual tais homens ficam sempre contrariados. É isso que os leva a dizerem: "Este homem prega para nós como se fôssemos pecadores!" enquanto que, por vários motivos, eles acham que não são pecadores. Por isso devemos dar-nos conta de quão importante é este versículo.

Depois, em quarto lugar, este grande princípio lançado aqui pelo apóstolo é absolutamente essencial a toda a doutrina da salvação. Pois bem, é neste ponto que ela se torna muito urgente e prática para nós, e é por isso que eu a estou desenvolvendo desta maneira. Alguém poderá dizer: "Que é que tudo isso tem a ver comigo?" Tomo a liberdade de tentar mostrar-lhe. Aqui está a chave para duas perguntas: em primeiro lugar, como é que a salvação efetuada pelo Senhor Jesus Cristo se aplica a alguém? Em segundo lugar, a quem essa salvação é aplicada?

Vou subdividir a segunda pergunta fazendo outras quatro. Primeira: existiria algum país cristão? O fato de que você nasceu e foi criado num país dito cristão significa que você é cristão, ao passo que quem nasceu e foi criado nalgum país chamado pagão não é? Acreditamos nisso? Muita gente acredita, e é disso que este princípio trata.

Segunda: os filhos de pais crentes são necessariamente cristãos? Há muitos que acreditam que sim, e que existem promessas nesse sentido; e alguns chegam a sustentar que é

por isso que tais filhos devem ser batizados – porque já são cristãos. Havia pessoas que argumentavam em favor disso no passado, e ainda há.

Terceira: os filhos batizados são necessariamente cristãos porque foram batizados? Os judeus afirmavam que todo aquele que tivesse sido circuncidado era por isso israelita e, por isso, estava salvo. E ainda há pessoas que dizem que todo filho batizado é necessariamente cristão. Essa questão é levantada no texto que estamos estudando; aquelas pessoas tinham sido circuncidadas, mas "nem todos os de Israel são Israel".

E assim, a quarta pergunta é: todos os que foram batizados, crianças ou adultos, e todos os que são membros de igreja, são necessariamente cristãos?

São essas as perguntas, e elas são muito importantes e são relevantes. Li recentemente um artigo escrito por um escritor evangélico no qual ele se referia às numerosas pessoas que, hoje em dia, neste país, nunca se fazem presentes nalgum local de culto, mas que foram batizadas quando crianças, chamando-as de "cristãos decaídos". "Cristãos decaídos!" Eles não têm o menor interesse pelo cristianismo, nunca vão a um local de culto, e dizem que não crêem nisso; porém, já que foram batizados na infância, são descritos desse modo. Portanto, esta é uma tremenda questão, e muito urgente nestes dias. Eu o estou pronunciando em sua forma moderna agora, mas é exatamente o mesmo princípio que o apóstolo lança aqui.

Então, como ele trata disso? Desta maneira: ele mostra que a coisa importante na qual devemos concentrar-nos é o significado do termo "Israel", e então ele diz as coisas subseqüentes. O termo "Israel" tem dois sentidos ou duas conotações, uma geral e uma particular – "todo o Israel", "Israel"; externo, interno; Israel físico e Israel espiritual. Esse é o primeiro ponto do argumento de Paulo. Toda a confusão surgiu, diz ele, e pessoas há que dizem que o propósito de Deus perdeu o rumo ou foi ao chão, simplesmente porque não entenderam o sentido do termo "Israel".

E assim, em segundo lugar, diz o apóstolo Paulo que existem dois tipos de Israel; um é a nação em geral; o outro é composto daqueles que são os descendentes espirituais de Jacó, o primeiro Israel, e os verdadeiros herdeiros das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, como já vimos.

Em terceiro lugar, todos pertencem ao primeiro, ao Israel geral, externo, físico, mas só alguns pertencem ao segundo. Todos os filhos de Israel pertencem à nação física, são todos descendentes físicos de Abraão. Entretanto nem todos estão incluídos neste segundo significado, neste significado especial, interno, espiritual. Este é um ponto sumamente importante. Todos estão no primeiro, mas somente alguns estão no segundo.

Em quarto lugar, o propósito e as promessas de Deus, garante Paulo, só se referem ao segundo grupo, a este Israel interno, a este Israel especial, espiritual – não ao Israel segundo a carne. Esse é o verdadeiro escopo das promessas e do propósito de Deus.

Dessa forma, o apóstolo chega à sua quinta e última dedução, que é a seguinte: as promessas de Deus nunca falharam com relação ao verdadeiro Israel, e nunca falharão. "Não é que a palavra de Deus falhou", ou "não teve nenhum efeito. Pois nem todos os de Israel são Israel." As promessas de Deus jamais foram destinadas a aplicar-se à generalidade que meramente é de Israel. Destinam-se unicamente a este grupo peculiar, e nunca falharão.

Apliquemos isso agora às quatro perguntas que lhes fiz antes.

1. Existiria país cristão?
   A resposta é: não.
2. Os filhos de pais cristãos são necessariamente cristãos?
   A resposta é: não.
3. Os filhos batizados são necessariamente cristãos?
   A esposta é: não.
4. Todos os batizados, crianças ou adultos, e todos os que são

membros de igreja, são necessariamente cristãos?

A resposta é: não.

Por quê? Porque existe esta distinção essencial e vital, que os reformadores protestantes redescobriram nas Escrituras e que voltou a ser salientada contra a igreja católica romana e seu ensino: a distinção entre a Igreja visível e a invisível. Essa é a distinção. Nem todos os de Israel são Israel. Nem todos os que pertencem à Igreja visível, externa, organizada estão necessariamente na Igreja de Deus e são verdadeiros membros do corpo de Cristo.

Compreendamos, pois, que toda a nossa posição como cristãos depende, em muitos sentidos, disto – não somente com relação à situação dos judeus naquele tempo particular, há dois mil anos, e não meramente em sua precisa relevância quanto ao argumento acerca do propósito de Deus. Muitos são os que vão regularmente a um local de culto todos os domingos e ouvem o evangelho, mas nunca creram nele, e isso em geral porque nunca perceberam que têm necessidade dele e não sentem falta dele. Porque não entenderam esta verdade. Há muitos que confiam no nascimento, no batismo em qualquer idade; muitos confiam em ascendência familiar, e no fato de a pessoa ser membro de igreja. Aqui, uma vez por todas, é lançado o princípio que deve desenganar a nossa mente de tal erro: "Nem todos os de Israel são Israel".

E, graças a Deus, o apóstolo nos vai mostrar a diferença que existe entre os dois, e o que realmente significa pertencer ao verdadeiro Israel de Deus, em cuja situação o propósito de Deus está operando e unicamente em cuja situação ele foi designado e destinado a operar. A palavra de Deus não caiu ao chão. Procuremos entender claramente o que ela foi destinada a fazer, e, no momento em que entendermos isso claramente, veremos que ela o fez, o faz e sempre o fará, para a glória de Deus o Pai.

9

"Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é: não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência. Porque a palavra da promessa é esta: por este tempo virei, e Sara terá um filho." – Romanos 9:6-9

Estamos aqui começando a tratar do grande argumento de Paulo em réplica à objeção contra o evangelho, particularmente apresentada pelos judeus. Ele compusera a sua grande proposição, "nem todos os de Israel são Israel", e agora passa imediatamente a mostrar que este é um fato que pode ser demonstrado claramente na história dos próprios filhos de Israel. Pois bem, isso é muito importante. Ele não apenas lança uma proposição, mas também declara que a sua tese pode ser provada pela própria história daqueles que fazem objeção a este ensino do evangelho.

Claro está que esse é um golpe de mestre. Paulo usa o argumento *ad hominem*, que realmente não pode ser refutado. É um argumento muito poderoso, como veremos, para ser usado com relação aos judeus, porque com ele o apóstolo os enfrenta fundamentado na própria base deles, e mostra que as mesmas coisas das quais eles se gabam tanto são as que provam a injustiça da crítica feita por eles contra o evangelho cristão. Eis como ele age: ele faz uso de dois exemplos que provam toda a sua tese e que são de particular valor quando se lida com judeus. O primeiro, nos versículos 7 a 9, trata do caso

de Abraão e seus dois filhos, Ismael e Isaque. E depois, do versículo 10 ao 13, ele se ocupa do caso de Isaque e seus dois filhos, Esaú e Jacó. Consideremos o primeiro caso, nos versículos 7, 8 e 9.

Paulo começa empregando o nome pactual geral, "Israel". Eles eram conhecidos como filhos de *Israel*, porém, naturalmente, a história desse povo antecede a Jacó. A este foi dado o nome de Israel, mas antes disso a aliança tinha sido de fato feita com Abraão, avô de Jacó. A aliança feita com Abraão foi repetida a Isaque e depois a Jacó, entretanto Abraão foi realmente o pai da nação, e é com ele que na verdade começa a história de Israel. Por isso vocês têm essas freqüentes referências a Abraão.

Os profetas fizeram uso deste argumento; como já vimos em nosso estudo anterior, o nosso Senhor mesmo fez uso do mesmo argumento; e também vimos que os próprios judeus estavam sempre prontos a descrever-se como "filhos de Abraão". Os judeus reverenciavam o nome de Abraão, e, assim, qualquer coisa que se possa demonstrar no caso de Abraão será um poderoso argumento que, não somente os encontra em seu próprio terreno, como também os atinge num dos seus pontos de mais terna sensibilidade.

Pois bem, o apóstolo já tinha feito precisamente esta mesma coisa no capítulo 4,* onde ele se ocupa do caso de Abraão. Diz ele: "Que diremos pois ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?" (Romanos 4:1). Tendo comunicado o seu grande argumento acerca da justificação nos capítulos 1, 2 e 3, depois indaga como se aplica isso a Abraão, porque, se os judeus pudessem demonstrar que não se aplica a ele, todo o argumento, no que se refere a eles, seria inútil. Todavia Paulo pode fazer o tiro sair pela culatra e mostrar que, se há um caso no qual se vê a doutrina da justificação com maior clareza, é no

---

* Ver *Romanos, Exposição sobre Capítulos 3:20-4:25, A Expiação e a Justificação*, PES, S. Paulo, 2000.

caso de Abraão. "Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça" (Romanos 4:3). Ele constitui a maior ilustração da justificação somente pela fé. Por isso Paulo usou o argumento de Abraão logo no início da Epístola, e faz a mesma coisa aqui, sabendo plenamente como vai ser forte este argumento.

"A tese que defendo", diz praticamente Paulo, declarando que "Nem todos os de Israel são Israel", demonstra-se extraordinariamente no caso do próprio Abraão." Como todos os judeus sabiam muito bem, Abraão tinha dois filhos; o mais velho chamava-se Ismael, e o segundo, Isaque. "Aqui vai, então", continua o apóstolo, "o exemplo que quero colocar diante de vocês. Quanto à descendência "natural", não havia diferença nenhuma entre os dois filhos. Ismael e Isaque eram igualmente filhos de Abraão, e, contudo, aconteceu que imediatamente foi feita uma divisão: Ismael e seus descendentes formaram um grupo, e Isaque e seus descendentes formaram outro. E o que se vê tão perfeitamente claro", diz Paulo, "é que toda essa questão da promessa e da aliança de Deus segue somente a linhagem de Isaque, não a de Ismael, apesar de Ismael, por natureza, por descendência natural, física, ser filho de Abraão tanto como Isaque." Essa é a declaração que consta no versículo 7: "Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: em Isaque será chamada a tua descendência".

Desenvolvemos o argumento do apóstolo. A primeira coisa que ele assinala é que há dois sentidos da palavra "descendência" (VA: "semente"). Notem que ele repete a palavra: "Nem por serem semente de Abraão são todos filhos; porém: em Isaque será chamada a tua semente". Agora, é óbvio que a palavra "semente" não significa exatamente a mesma coisa nos dois casos, mas é a mesma palavra, não somente na tradução inglesa, e sim também no grego. Há, porém, uma diferença, e nós a explicamos assim: o primeiro uso da palavra "semente" é no sentido natural, significando um descendente segundo a

carne, como o filho de qualquer pai é a semente desse pai.

Contudo, no segundo uso desta palavra neste versículo é claramente algo diferente. Aqui é empregada somente no sentido de alguém por cujo meio a aliança que Deus fez com Abraão será levada adiante. É em Isaque, diz Deus, que a semente de Abraão continua em função desta "promessa", desta "aliança", desta relação especial. Isaque e Ismael são, ambos, semente natural, mas somente Isaque é semente neste outro sentido. Noutras palavras, há uma semente natural e uma semente espiritual. Embora se diga que ambos são a semente de Abraão, há essa diferença essencial. É exatamente o mesmo que dizer: "Nem todos os de Israel são Israel". Todos são "de Israel", porém apenas alguns são o verdadeiro Israel. Este é o primeiro ponto de que Paulo trata – o duplo uso da palavra semente.

No entanto depois, exatamente do mesmo modo, ele assinala que há também dois sentidos da palavra "filhos". "Nem por serem semente de Abraão são todos filhos." Com efeito, Isaque e Ismael eram filhos de Abraão, é evidente, mas Paulo declara que os dois não são *filhos*. Há um uso comum, geral, natural da palavra "filhos", que significa simplesmente que são descendentes do mesmo pai. Mas também há um sentido particular e especial, um sentido espiritual e pactual desta palavra "filhos", e nesse sentido especial, no que se refere à promessa e à aliança, só existem *alguns* filhos.

Há depois uma declaração muito interessante na parte final deste versículo. "Nem por serem semente de Abraão são todos filhos; porém: em Isaque será *chamada* a tua semente." Pois bem, esta palavra "chamada" nos ajuda. Foi esta palavra que Deus disse a Abraão quando ele se viu em dificuldade na questão de ter que mandar Ismael embora. Vocês poderão ver a narrativa disso em Gênesis 21:10-12. Sara tinha visto que Ismael "zombava" e ficou enciumada. "E disse a Abraão: deita fora esta serva" – Agar, mãe de Ismael – "e o seu filho; porque o filho desta serva não herdará com meu filho, com Isaque. E

pareceu esta palavra muito má aos olhos de Abraão, por causa de seu filho (Ismael). Mas Deus disse a Abraão: não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço, e acerca da tua serva; em tudo o que Sara te diz, ouve a sua voz; porque em Isaque será chamada a tua semente." Pois bem, quando Deus fala desse modo, praticamente diz: "A semente, quanto à promessa que fiz a você – o que eu lhe disse que vai acontecer por seu intermédio, que nações e reis procederão de você – tudo isso é em função de Isaque; "Em Isaque será chamada a tua semente".

Ora, qual é o sentido da palavra "chamada"? Bem, eu penso que vocês verão que, em sua maioria, os comentadores acham que devem entendê-la apenas no sentido de "considerado" ou "contado como". Dizem eles que o termo significa levar um nome, ter um título; e o nome passa por herança de pai a filho, ao filho mais velho. Ele é o herdeiro, e esta condição é "contada como", sendo ele então considerado como aquele que é chamado pelo nome ou pelo título em questão. Sanday e Headlam, por exemplo, dão muita atenção a isto e mostram que "chamada", em Romanos 9:7, não significa o mesmo que no versículo 11, onde lemos: "Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)". Eles dizem que, nessa passagem, é óbvio que significa eleição, escolha, etc., porém que aqui, no versículo 7, significa que em Isaque "a tua semente será "contada" ou "considerada". É questão de nome ou título, e significa apenas "designada".

Muito bem, se vocês verificarem bem estes vocábulos, verão que a mesma palavra é utilizada no versículo 7 e no versículo 11, e, como dizem as autoridades, com muito acerto, é uma palavra que pode ser empregada em dois sentidos diferentes. Pode significar "considerada" ou "chamada", e nada mais. Mas sugiro-lhes que podemos examinar outro possível sentido no grego, o sentido de "vocação". Não designação,

porém vocação; algo que inclui designação, mas vai além. E eu quero argumentar a favor deste uso da palavra, porque é mais forte que simplesmente considerar ou designar; e a minha razão para fazer isso é o que já encontrei no capítulo 4. O que me faz achar isso tão importante é que lá o apóstolo trata do mesmo assunto daqui. Ele trata de toda essa questãorelacionada com Abraão, pelo que nos diz nos versículos 16 e 17: "Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós; (como está escrito: por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem".

O sentido da palavra "chama" aqui não é meramente designação ou consideração; realmente significa "chamar à existência". Deus chama para que sejam ou existam coisas que não são como se já fossem. Noutras palavras, Ele é o Criador. Ele fala de coisas não existentes como se existissem. Essa é a Sua maneira de mostrar que Ele vai trazê-las à existência. Noutras palavras, Ele vai chamá-las à existência.

Não devemos enfatizar muito isso, porém, no mínimo, devemos levar em consideração os dois sentidos. Não é meramente o nome a ser levado por Isaque e sua semente; há mais que isso: "Em Isaque a tua semente *será chamada a ser*". Quer dizer, a semente ou descendência será produzida por meio de Isaque, e não por meio de Ismael. Devemos firmar este ponto justo neste estágio porque o que se segue realmente só tem verdadeira significação quando ligamos este particular sentido de vocação à palavra "chamada", aqui, na parte final do versículo 7. Assim, se lhes parecer bem, vocês poderão colocar a coisa nestes termos: "Em Isaque a tua semente será levada a ser ou a existir, será assim considerada e receberá nome".

Permitam que lhes apresente dois argumentos que me dão base para dizer isso. O próximo versículo dá apoio a essa

afirmação. "Isto é", diz Paulo, explicando o que vinha dizendo, "não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência" (ou, "semente"). Pois bem, aí temos "considerados" ou "contados como". Entretanto, aí o apóstolo emprega uma palavra diferente. Não é a utilizada nos versículos 7 e 11, que tem a idéia extra de "chamar a ser", "chamar à existência". Essa idéia não consta no versículo 8, como veremos. Aí o termo empregado é corretamente traduzido por "contados como". Esse é, pois, um argumento.

Mas depois, em acréscimo, o versículo 9, parece-me, também dá suporte à presente tese: "Porque a palavra da promessa é esta: por este tempo virei, e Sara terá um filho", e quando expusermos isso, creio que vocês verão a força desse versículo. Estamos argumentando, pois, no sentido de que os versículos 8 e 9, quando tomados apropriadamente, dão suporte à tese de que "chamada", na parte final do versículo 7, significa realmente "produzida", "chamada à existência por Deus". Dessa forma, então, o ponto salientado no versículo 7 é que são a escolha e a chamada feitas por Deus que importam; é Deus que determina em qual dos dois – Ismael e Isaque – a semente há de ter continuidade, e o grande propósito há de ser efetuado.

Não há dificuldade alguma sobre tudo isso, há? A própria narrativa torna a coisa muitíssimo simples e clara. Não foi escolha de Abraão, disso temos prova absoluta. Abraão sentiu-se muito infeliz com aquilo, e isso nos é narrado mais de duas vezes,* para que ninguém pense que foi escolha dele. Podemos ver isso em Gênesis, capítulo 17. Quando Deus fez o anúncio de que nasceria um filho de Sara, lemos no versículo 18: "E disse Abraão a Deus: oxalá que viva Ismael diante de teu

---

* Sobre a promessa relacionada com Ismael: Gênesis 16:11,12; 17:20; 21:13. Nota do tradutor.

rosto!" Por alguma razão, Ismael era o favorito de Abraão. Mas, "disse Deus: na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque, e com ele estabelecerei o meu concerto, por concerto perpétuo para a sua semente depois dele. E enquanto a Ismael, também te tenho ouvido" – e informa a Abraão a bênção menor que vai ser dada a ele. Contudo Abraão, se pudesse seguir seu modo de pensar, teria dado um jeito para que esta grande bênção, a promessa e a aliança passassem adiante, não por meio de Isaque, e sim por meio de Ismael.

E, de maneira bastante estranha, a coisa toda se repete em Gênesis, capítulo 21, versículos 9 a 13, como já, vimos. Por ocasião do banimento de Ismael e Agar, Abraão sentiu-se muito infeliz por causa do seu Filho, e Deus lhe disse: "Não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço... Mas também do filho desta serva farei uma nação, porquanto é tua semente". É sua semente natural, pelo que vou fazer dele uma grande nação, porém não lhe darei esta bênção peculiar, especial, que se liga à aliança e a tudo o que dela vem. Essa bênção deverá ser dada por meio de Isaque. Somente ele é a semente no sentido especial.

O que é que Romanos 9:7 estabelece então? Estabelece o seguinte: que, no momento em que Deus fez a Sua aliança com Abraão, houve uma particularização, houve uma seleção, e nem toda semente de Abraão é sua semente ou são seus filhos, neste sentido especial de serem os que deveriam levar adiante e executar o propósito de Deus e nos quais a Palavra de Deus se estabeleceria e se manteria firme. Num deles iria cumprir-se um propósito; e o outro, no que se refere a esse propósito, foi posto de lado. E a seleção foi feita pelo próprio Deus. É Deus quem está falando.

Prossigamos, porém. Versículo 8: "Isso é" – noutras palavras, Paulo vai explicar o que acabara de dizer. "Isso é", deve ser entendido como "Isto é", que quer dizer "Isto significa". Diz ele: "Esta declaração, "Em Isaque será chamada a tua

semente", significa isto...". Ele vai expor o ponto explicitamente para que ninguém fique em dificuldade a respeito; vai desfraldar o assunto diante de nós. Vai esclarecer o que havia posto num sumário no versículo 7; vai explicar o sentido da palavra "semente" e da palavra "filhos", e vai juntá-las. Ele irá mostrar-nos que as duas palavras significam realmente a mesma coisa.

E faz isso colocando o assunto agora em termos de "filhos". "Isto é: não são os filhos da carne que são os filhos de Deus." Ou, invertendo a ordem, o que torna a sentença mais natural para nós – os filhos de Deus não são meramente os filhos da carne: "mas os filhos da promessa são contados como semente". Agora vocês podem ver o que ele está estabelecendo aqui. Há filhos da carne, há filhos de Deus, e o que ele está dizendo é que nem todos os filhos da carne são filhos de Deus e filhos da promessa.

É isso, diz Paulo, que eu quis dizer com a declaração que fiz no versículo 7. Quando digo que são todos "filhos", o que realmente importa é – qual deles é o filho de Deus? A descendência natural faz de nós filhos de Abraão – sim; mas não faz de nós filhos de Deus. "Os filhos da promessa (é que) são contados como descendência", "como a semente". Eles são os filhos de Deus. Filhos de Deus, a verdadeira semente, a semente espiritual, são sinônimos.

Ademais, como já vimos anteriormente, a expressão "contados como" é uma boa tradução aqui, no versículo 8. Não tem o mesmo sentido da palavra "chamada" do versículo 7; não contém o mesmo sentido extra de "chamar a ser", "chamar à existência". Este é um ponto interessante. A palavra empregada pelo apóstolo no sentido de "contados" é uma palavra que expressa valor numérico, um cálculo numérico. Portanto, significa finalmente "considerados" – você conta, por assim dizer, a partir de um número, e põe de lado um certo número extraído do seu cálculo. Por isso a palavra é corretamente traduzida por "contados", "considerados",

"vistos como", "reconhecidos como" filhos.

Assim, o que Paulo estabelece no versículo 8 é que o propósito, a coisa importante, é ser filho de Deus. Aqui ele introduz o termo. Antes ele havia expresso isso em termos gerais, e tivera que dizer "semente" e "semente", e "filhos" e "filhos", e não ficamos muito certos sobre o que ele estava falando; mas aqui toda a dúvida se vai. O que eu quero dizer com "filhos" neste sentido real, diz ele, é "filhos de Deus", e é isso que eu quero dizer também com "semente". Ele junta os dois termos numa só expressão – "filhos de Deus"; é isso que importa.

Que é, então, que determina isso? Que é que faz de mim um filho de Deus? Bem, diz Paulo, negativamente, não é ser "da carne"; é, antes, ser "da promessa". Agora, a palavra "de" é importante. Significa "em virtude de" ou "resultante de". Não são os filhos resultantes da carne e das atividades da carne que são os filhos de Deus. Não, são os resultantes da atividade da "promessa".

Vejamos, então, o que ele está dizendo. Notem isso quanto a Isaque e Ismael. Ismael e Isaque resultam ambos da carne, mas somente Isaque resulta da promessa e por ela é trazido à existência. Ambos tiveram o mesmo pai natural, Abraão. Ah, mas o que importa é o nascimento segundo a promessa! Isso, e somente isso, faz de nós filhos de Deus. Significa que a promessa que Deus deu e fez a Abraão concernente à sua semente e à bênção que viria por meio da semente, não vem como resultado da descendência natural, e não se aplica a toda a progênie e a todos os descendentes naturais de Abraão.

É isso que Paulo está se dispondo a provar, porque os judeus argumentavam em prol do contrário. Eles sustentavam que todos eles eram descendentes de Abraão e que, portanto, tudo se aplicava a eles; eles já estavam salvos. Mas aqui o apóstolo estabelece que não estavam. A promessa feita por Deus quanto à salvação, quanto à aliança, quanto ao Seu grande propósito – a promessa feita a Abraão e à sua semente, e toda

a grande bênção que haveria de vir dessa forma – não é matéria de descendência natural. Não segue essa linha. Não se aplica a todos os filhos de Abraão; caso contrário, Ismael estaria incluído, porém não está – "Em Isaque será chamada a tua descendência".

Temos, pois, o direito de fazer esta declaração sumamente importante: a promessa produz os seus próprios filhos! Isso é asseverado claramente no versículo 8. Os filhos da promessa – não os produzidos por descendência natural, e sim os filhos resultantes da promessa – são os que são contados como a semente; eles são os filhos de Deus. Pois bem, para mim é neste ponto que tudo isso se torna realmente excitante. Vocês já notaram isso, eu pergunto, quando leram Romanos, capítulo 9? O versículo 9 prova o que Paulo diz. "Porque" – ele vinha desenvolvendo o seu argumento; agora aqui está a proposição: os filhos produzidos pela promessa é que são a semente, e somente eles. "Porque a palavra da promessa é esta: foi essa a declaração feita quando foi feita a promessa. Qual declaração? "Por este tempo virei, e Sara terá um filho".

Muito bem, temos aí uma questão crucial. O apóstolo, nessa declaração, não faz uma citação exata do Velho Testamento; ele toma Gênesis 18:10 e Gênesis 18:14 e, por assim dizer, funde os dois versículos e faz uma declaração resultante. Isso é uma coisa que ele faz freqüentemente. Ele toma o texto como foi traduzido na Septuaginta, e daí tem todo o direito de registrá-lo como o faz aqui.

Mas, se nos cabe auferir o pleno significado disso, realmente devemos considerar as declarações feitas em detalhe no livro de Gênesis acerca das promessas feitas por Deus a Abraão. Primeiro, Gênesis 17:21 diz: "O meu concerto, porém, estabelecerei com Isaque, o qual Sara te dará" – notem isto – "neste tempo determinado, no ano seguinte". Aqui, em Romanos 9:9, temos: "Por este tempo virei, e Sara terá um filho". Depois, em Gênesis 18:10, lemos: "E disse: certamente tornarei a ti por este tempo; e eis que Sara, tua mulher, terá

um filho". O versículo 14: "Ao tempo determinado tornarei a ti por este tempo da vida, e Sara terá um filho".

Então, que é que significa esta frase, "por este tempo da vida"? Para mim isso é muito interessante, porque muita gente entende que esta declaração aqui, em Romanos 9:9, significa, "por este tempo, no próximo ano, Sara terá um filho", e que o sentido é esse e nada mais. Entretanto quero mostrar a vocês que significa mais que isso, e o faço citando 2 Reis 4:16 e 17, onde encontramos a maravilhosa história da grande mulher de Suném. Eliseu, vocês recordam, costumava passar pela casa dela, e ela reconheceu nele "um santo homem de Deus". Construiu então um pequeno quarto junto ao muro onde ele poderia descansar e meditar. Eliseu gostou tanto que disse à mulher que pedisse o benefício que quisesse. Ela respondeu simplesmente: "Eu habito no meio do meu povo", não queria nenhum presente. Mas o profeta quis fazer algo, e, como a mulher não tinha filhos, concluiu que um filho era de fato o que ela desejava. A seguir, lemos: "E ele disse (à mulher): a este tempo determinado, segundo o tempo da vida" – a mesma expressão" – abraçarás um filho... E concebeu a mulher, e deu à luz um filho, no tal tempo determinado, segundo o tempo da vida que Eliseu lhe dissera". É a mesma expressão.

Que será, então, que significa? Parece-me que só podemos chegar a uma conclusão. Significa "segundo o período de gestação". Não é simplesmente uma referência geral a "por este tempo no próximo ano". Não. Deus está dizendo: "No próximo ano, segundo o tempo da vida" – depois que tiver passado o período de gestação, nove meses – "Sara terá um filho". A frase inclui mais esse sentido. Naturalmente isso não tem nenhuma importância doutrinária, porém entendo que ajuda a argumentação geral.

Pois bem, dou atenção a isso porque, evidentemente, estamos diante de um milagre. Que é milagre? Um milagre nunca contradiz ou quebra as leis de Deus. Muitos não acreditam em milagres porque dizem que os milagres

infringem as leis que Deus implantou na natureza. Mas um milagre nunca faz isso, e tudo o que cerca o fato do nascimento de Isaque é uma maravilhosa ilustração dessa verdade. "O tempo da vida", o período normal de gestação, continua em operação. Todavia não teria acontecido coisa alguma se Deus não tivesse agido. É isso que faz desse fato um milagre. Um milagre não quebranta as leis da natureza, nem as desconsidera, nem as põe de lado; age acima delas e infunde poder nelas. Faz uso delas, mas faz uso delas com todo o poder de Deus, e, portanto, abrevia tudo e torna possível o impossível.

Essa é, pois, a declaração colocada diante de nós. Agora devemos examinar as deduções, e aqui temos algo verdadeiramente maravilhoso. A primeira dedução é que a promessa relacionada com Isaque foi feita, não somente antes dele nascer, porém até mesmo antes dele ser concebido no ventre. Esse é um ponto sumamente importante.

Em segundo lugar, o filho Isaque nasceu por causa da promessa. A promessa não foi feita porque a criança havia nascido, mas a criança nasceu porque a promessa fora feita. Essa é a clara declaração feita. Devemos descartar a idéia de que os dois meninos estão ali, diante de nós, e que Deus, agora vendo os dois, seleciona um e rejeita o outro. Isso está completamente errado.

Em terceiro lugar, Isaque é algo mais que filho de Abraão. Ele *é* filho de Abraão; Abraão produziu (perdoem o termo) Isaque, mas também, num sentido, não fez isso, porque realmente foi produzido pela promessa, como já vimos no versículo 8. Os filhos da promessa, os filhos resultantes da promessa e por ela trazidos à existência, são contados como a semente. Lembrem-se da expressão: "Por este tempo virei". É Deus falando. E quando vocês tomam isso à luz de Gênesis 21:1 e 2, vêem o que significa! "E o Senhor visitou a Sara" – notem a expressão – "como tinha dito; e fez o Senhor a Sara como tinha falado. E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha

dito." "Por este tempo virei" – sim, Paulo está fazendo um sumário aqui; é uma espécie de resumo de Gênesis, capítulo 21.

Noutras palavras, foi Deus quem produziu Isaque, a fim de que a Sua promessa fosse cumprida. E, naturalmente, sabemos muito bem disso porque nos são dados os fatos. Abraão tinha noventa e nove anos de idade, Sara tinha mais de noventa. O feito seria impossível para eles, por geração natural. Aí está a maravilha disso tudo. Num sentido, Abraão e Sara produziram Isaque. Noutro sentido, não, porque não poderiam. Contudo Deus os capacitou. Foi Deus que visitou Sara e que lhe fez algo. É um milagre. O processo comum foi utilizado, sim, mas esse não conseguiria nada. Foi Deus que fez algo ali.

Assim, a nossa próxima dedução é que Deus elegeu Isaque como a semente e o produziu porque o elegera. Isso estaria claro para vocês? Deus tinha escolhido Isaque para ser aquele por meio de quem esta aliança e esta promessa fossem levadas adiante e se cumprissem. Porque Deus havia tomado essa decisão, agiu e realizou o Seu milagre, e, portanto, Isaque nasceu de Sara, sendo Abraão seu pai. O que vem primeiro é a eleição de Isaque. A produção é algo que se segue. Deus não o elegeu, noutras palavras, depois que ele chegou. Esse é o ensino.

Prossigamos mais um pouco, porém. Podemos dizer então que Isaque na verdade nasceu do Espírito. Ah, eu sei que num sentido ele nasceu da carne, contudo o importante sobre Isaque é que ele nasceu do Espírito. Vocês acham que estou indo longe demais? Bem, deixem que o apóstolo me dê apoio, não somente em Romanos como também em Gálatas. Em Gálatas 4:22 lemos: "Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne; mas, o que era da livre, por promessa". O oposto a nascer da carne é nascer da promessa. "O que se entende por alegoria", diz ele; "porque estes são os

dois concertos: um, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar. Ora esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós. Porque está escrito: alegra-te, estéril, que não dás à luz; esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque os filhos da solitária são mais do que os da que tem marido". E então observem isto: "Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque. Mas, como então aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também agora". Temos aí, pois, uma declaração específica que afirma que Isaque nasceu segundo o Espírito, e não somente segundo a carne. Ele nasceu segundo a carne, porém o que fez dele o que ele é, o que fez dele a semente, é que ele nasceu do Espírito também. Esse é o ponto importante ao qual devemos apegar-nos.

Dessa forma, a minha dedução final é: nada importa nesta conexão, exceto o nascimento espiritual, e esse nascimento espiritual é sempre "de Deus". Nunca é "da carne". O caso de Isaque prova isso. Abraão e Sara, como já vimos, não poderiam produzir Isaque; foi Deus que o produziu. Ele nasceu "do Espírito". E este nascimento espiritual é sempre de Deus, e, como no caso de Isaque, diz Paulo em Gálatas, capítulo 4, é sempre algo determinado de antemão, antes mesmo de nascermos. Não depende de coisa alguma que haja em nós, de modo nenhum, todavia é inteiramente uma determinação de Deus e uma produção de Deus. Não é, pois de admirar, que Paulo já tenha dito em Gálatas 1:15: "Mas quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei a carne nem o sangue...".

Essa é, então, a nossa exposição do primeiro caso colocado pelo apóstolo diante de nós, e vocês vêem o que ele estabeleceu. A descendência natural não é o que importa. O que importa é

que nascemos da promessa, nascemos do Espírito. O propósito de Deus não se aplica a todo o mundo, não se aplica a toda a semente ou descendência de Abraão. O propósito de Deus aplica-se unicamente aos que "nasceram de cima", "nasceram de novo", "nasceram de Deus", e unicamente neles se efetua. O natural não deve entrar, de maneira nenhuma. O caso de Ismael e Isaque prova e estabelece isso uma vez por todas. Deus trouxe Isaque à existência por Sua própria ação, a fim de que o Seu propósito fosse levado a efeito nele e por meio dele. E como o apóstolo argumenta em Gálatas, capítulos 1 e 4, essa é a única explicação de todo cristão, de todo e qualquer lugar, em todo e qualquer tempo.

Assim, tornamos a ver a importância de tomar cada palavra das Escrituras. "Por esse tempo virei." "Os filhos da promessa"! Produzidos pela promessa, nascidos da promessa, não da carne. Esses, e somente esses, são a semente.

10

"E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque nosso pai; porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: o maior servirá o menor. Como está escrito: amei Jacó, e aborreci Esaú." – Romanos 9:10-13

O grande objetivo de Paulo aqui, permitam que lhes lembre, é demonstrar que o propósito de Deus, firmado em Sua Palavra, quanto ao Seu povo, não tinha sido derribado nem havia falhado em sua operação – "Não que a palavra de Deus tenha faltado". Havia alguns que achavam que a situação dos judeus parecia contradizer isso e que Paulo, em Romanos, capítulo 8, tinha ido longe demais em sua ênfase à perseverança final dos santos e à certeza absoluta do cumprimento do propósito de Deus. Por isso Paulo empreende a sua argumentação aqui, nestes versículos, e a sua proposição é que "nem todos os que são de Israel são israelitas"; e ele prova isso pondo diante deles fatos concretos. Em nosso estudo anterior consideramos o primeiro fato, de Ismael e Isaque, e vimos que todos aqueles a quem as promessas se aplicam, em todas as épocas e em todas as gerações, são necessária e conseqüentemente, tão evidentemente como Isaque foi, filhos nascidos do Espírito. E assim, todo crente, todo cristão, só é explicado, em última instância, em termos da ação de Deus, da atividade de Deus e da interferência de Deus no processo natural pelo qual todos eles se tornam seres humanos. Portanto, não é o natural que importa; é a intervenção sobrenatural de Deus no natural.

O apóstolo agora continua o seu argumento com estas palavras: "E não somente esta...". Diz ele que o seu argumento não se restringe a esse caso; ele tem mais alguma coisa para dizer, e aqui ele introduz o caso dos dois filhos de Isaque e de Rebeca, Esaú e Jacó. Este exemplo aumenta a prova que ele já havia dado.

Nesta altura precisamos perguntar por que ele acrescenta outra prova; por que não se contenta com o caso de Ismael e Isaque, que parece provar conclusivamente que "nem todos os que são de Israel são israelitas"? Por que acrescentar então este caso? Naturalmente, a resposta é que o apóstolo Paulo era um controversista magistral, e também um mestre incomparável. Faz parte do dever de qualquer mestre procurar pressentir as dificuldades e os problemas que vão surgir na mente dos seus ouvintes. É um pobre mestre aquele que simplesmente faz uma declaração positiva e deixa por isso. O teste do bom mestre é o número de negativas que ele usa; e, além disso, o número de possíveis objeções das quais ele trata antes das pessoas pensarem nelas. E o apóstolo está numa categoria inteiramente *sui generis*, porque ele é supremo em ambos os aspectos. Nessas questões ele nunca corre riscos. Ele expõe a sua causa, depois coloca as dificuldades, as oposições, as objeções, trata delas e as destrói. Já o vimos fazer isso extensamente nas primeiras partes desta Epístola, e o vimos particularmente no fim do capítulo 8.

E agora ele torna a fazer a mesma coisa. Quais são as dificuldades ou objeções que ele antecipa? Bem, alguém poderia vir à frente e dizer: "Tudo isso está certo, sabemos sobre Isaque e Ismael, mas isso não prova nada, porque, embora tenham tido o mesmo pai, não tinham a mesma mãe, e, afinal de contas, a mãe de Ismael, Agar, não era israelita. Ela era gentia e, além disso, era uma serva e uma escrava. Assim é que era óbvio que Ismael, sendo filho dessa escrava gentia, e não pertencendo à verdadeira linhagem de "Israel" – mãe e pai – era óbvio que ele devia ser posto de lado e não devia ser

escolhido, e que Isaque devia ser escolhido porque nascera de Sara, que era da mesma linhagem e pertencia a este povo especial de Deus. Isso está perfeitamente claro", diriam os opositores, "entretanto o nosso argumento é que todos os que descendem de Isaque entram na verdadeira linhagem e com toda a certeza serão parte integrante do povo de Deus". Era o caso dos judeus, que eram descendentes de Isaque, bem como de Abraão; eles se gabavam dos seus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

Por isso o apóstolo, aqui, nestes versículos, trata dessa objeção de maneira completa, final e conclusiva. E é muito interessante notar que ele faz isso adotando precisamente o mesmo método que adotara no argumento anterior, nos versículos 7, 8 e 9. Como vocês devem lembrar-se, ele faz três coisas ali: ele expõe um fato, cita uma declaração explícita de Deus e deduz a doutrina. Ele se ocupa dessa declaração do fato ao tratar do caso dos dois filhos de Abraão. Também cita, "Em Isaque será chamada a tua descendência", e ainda, "Por este tempo virei, e Sara terá um filho". E então ele tem a sua própria explicação doutrinária: "Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência". Essa é a doutrina. E é interessante notar que ele coloca isso no meio.

Pois bem, ele faz exatamente a mesma coisa aqui. "E não somente esta", diz ele, "mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque nosso pai..." Aí está o fato. Depois ele dá a declaração explícita de Deus, nos versículos 12 e 13: "Foi-lhe dito a ela: o maior servirá o menor. Como está escrito: amei Jacó, e aborreci Esaú" – duas citações de declarações feitas por Deus. E então, entre esses versículos, no versículo 11, o apóstolo apresenta a sua doutrina, que ele deduz dos fatos e da Palavra de Deus, conforme os tem colocado diante de nós.

Sigamo-lo, então, enquanto ele defende esses três pontos aqui. Primeiro e acima de tudo, os fatos – ele lembra a eles que Rebeca tinha dois filhos. Pois bem, no primeiro caso

havia duas mães, Sara e Agar. Mas agora há somente uma, Rebeca. Notem, porém, os detalhes interessantes dados acerca de Rebeca em Gênesis, capítulo 25. Diz-nos o versículo 21: "E Isaque orou instantemente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu".

Vocês vêem o paralelo com o caso de Sara, que também era estéril e se aborrecia com o fato. Contudo Deus interveio, e ela teve um filho chamado Isaque. Aqui é exatamente a mesma coisa. A concepção foi resultado do fato de que ao Senhor foram feitas orações "instantemente" e de que Ele agiu respondendo às orações que Lhe foram dirigidas. Dessa forma, também podemos dizer do nascimento destes dois filhos, Esaú e Jacó, o que pudemos dizer sobre o nascimento de Isaque – que resultou da intervenção de Deus.

Essa é, então, a exposição sobre como Rebeca teve um filho. Depois, naturalmente, para assinalar a sua tese, Paulo diz: "Também Rebeca, quando concebeu de um...". No caso que estamos considerando, havia uma só mãe, e também um só pai. Ele se preocupa em dizer isso apenas tendo em vista o seu argumento. Ele poderia ter dito: "Rebeca concebeu de nosso pai Isaque", mas ele quer ressaltar este "um" por causa da objeção levantada pelas pessoas de que, no primeiro caso, havia duas mães. Tudo bem, diz ele, neste caso havia um só pai para os dois meninos, e também a mesma mãe. Em ambos os casos a ênfase recai em "um".

Outro ponto interessante, de passagem é que Paulo se inclui no argumento. Seu desejo é conquistar estes judeus, se puder, e por isso diz, "de Isaque nosso pai". Ele próprio era judeu, e assim se inclui com os judeus, e ali os lembra de que eles sempre se orgulhavam do fato de que, não somente eram filhos de Abraão, como também de Isaque e de Jacó. Os três pais sempre eram mencionados juntos, como já vimos, e essa era a orgulhosa alegação dos judeus. Por isso o apóstolo está ansioso por expor o caso tão agradavelmente quanto puder e

de maneira tão atraente quanto lhe for possível, a fim de que o seu argumento seja ainda mais eficiente.

Mas há ainda outro ponto maravilhoso aqui, um ponto que torna o caso mais interessante ainda. É que aconteceu que os filhos eram gêmeos, estando no ventre da mãe no mesmo período. No primeiro caso, Ismael nasceu vários anos antes de Isaque, porém aqui, para salientar o fato da unidade natural, a verdade é que os dois estiveram realmente no mesmo ventre, e de que nasceram desse ventre, de Rebeca, na mesma hora; se bem que, inevitavelmente, um deles, Esaú, nasceu um pouco antes do outro. Não obstante, apesar do fato de que Esaú foi o primeiro dos dois a aparecer no mundo, Jacó é aquele por cujo meio a semente deveria ser perpetuada.

Agora, certamente, o apóstolo tem aqui um poderoso e notável argumento, porque Esaú foi o pai do povo chamado edomita.* Os que estão familiarizados com o Velho Testamento sabem das dificuldades que os edomitas causavam constantemente aos judeus, e também sabem qual era a atitude dos judeus para com os edomitas. Desprezavam-nos e odiavam-nos. O apóstolo sabia disso, e o que efetivamente diz aos judeus é o seguinte: "Vocês vêem, os edomitas, inimigos antigos, tradicionais e odiados, nasceram exatamente do mesmo pai e da mesma mãe dos quais nasceu Jacó, pai de vocês".

Portanto, dessa forma ele expõe diante deles os fatos, e a conclusão subentendida, é claro, é inteiramente inevitável; não há a mínima possibilidade de que se trate de descendência natural. Há Israel e Israel: "Nem todos os de Israel são Israel" (VA); nem todos os filhos de Isaque são de Isaque. O caso de Esaú e Jacó prova isso cabal e conclusivamente. Os edomitas e os judeus se manifestavam como opostos, embora, em última análise e originariamente, procedentes precisamente do mesmo

---

* Almeida, Edição Revista e Corrigida registra em 2 Samuel 8:14 *edomeus*, mas em 2 Reis 8:20, *edomitas*, como em ARA e noutras versões. Nota do tradutor.

pai e da mesma mãe, e tivessem estado naquele ventre materno exatamente ao mesmo tempo.

Mas a seguir devemos examinar as declarações específicas de Deus, que Paulo cita. Agora, não me perguntem por que foi que aqui, no versículo 11, ele colocou a sua doutrina entre parênteses! Fez isso, e o fazia freqüentes vezes. Pode ser um defeito de estilo, porém é o que ele fez. Contudo, para deixar a coisa mais clara na mente de vocês, vejamos o texto doutro modo; examinemos primeiro a citação que ele faz das declarações específicas de Deus. Primeiro ele nos lembra o que Deus dissera a Rebeca. Rebeca, vocês se lembram, não entendeu o que estava acontecendo com ela, e então Deus lhe disse: "Duas nações há no teu ventre. E dois povos se dividirão das tuas entranhas, e..." – agora vem a coisa mais notável, e esta é a citação feita por Paulo – "o mais velho servirá ao mais novo" (Gênesis 25:23). E não percam de vista este fato: Deus disse isso a Rebeca antes de nascerem os meninos.

Mas então o apóstolo faz mais uma citação: "Como está escrito: amei Jacó, e aborreci Esaú". Isso foi acrescentado para explicar a primeira citação, e na segunda ele cita o profeta Malaquias: "Peso da palavra do Senhor contra Israel, pelo ministério de Malaquias. Eu vos amei, diz o Senhor; mas vós dizeis: em que nos amaste? Não foi Esaú irmão de Jacó? – disse o Senhor; todavia amei a Jacó. E aborreci a Esaú: e fiz dos seus montes uma assolação, e dei a sua herança aos dragões do deserto. Ainda que Edom diga: empobrecidos somos, porém tornaremos a edificar os lugares desertos, assim diz o Senhor dos Exércitos: eles edificarão, e eu destruirei; e lhes chamarão Termo de impiedade, e povo contra quem o Senhor está irado para sempre. E os vossos olhos o verão, e direis: o Senhor seja engrandecido desde os termos de Israel" (Malaquias 1:1-5). Essa é uma citação especialmente poderosa e pertinente feita pelo apóstolo.

Examinemos os termos: "Amei Jacó, e aborreci Esaú" (VA: ...odiei Esaú). Parece perfeitamente claro que essas palavras

não devem ser entendidas em seu sentido absoluto, mas muitas vezes as pessoas tropeçam no termo "odiei". Essa é certamente uma expressão que deve ser interpretada à luz do que lemos, por exemplo, numa afirmação feita pelo nosso Senhor, registrada em Lucas 14:26. Essa passagem nos diz que o nosso Senhor "voltando-se, disse-lhes" – à grande multidão que O seguia – "Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo". É a mesma palavra, e, obviamente, não se pretende que seja entendida em seu sentido literal e absoluto de aborrecer ou odiar.

O que nosso Senhor está indicando é uma atitude relativa. Ele quer dizer que, se você colocar alguém antes dEle, você não pode ser Seu discípulo. Por assim dizer, você deve considerar os seus entes mais chegados e mais queridos sob uma luz menor, e até como um empecilho e um obstáculo, se se insinuarem entre você e Cristo. Você odeia o que eles estão fazendo, somente nesse aspecto você odeia o que eles são; não os odeia como pessoas. Charles Hodge expressa isso perfeitamente. Diz ele: "Odiar significa amar menos, e considerar e tratar com menos favor".* É nesse sentido que esta palavra deve ser interpretada aqui, em Romanos, capítulo 9.

Essa é, então, a explicação do motivo pelo qual Esaú serviria a Jacó, apesar de ter nascido antes desse. Isso por causa da atitude de Deus para com ele. O favor de Deus estava sobre Jacó, não sobre Esaú. Essa é a posição relativa ocupada por eles diante de Deus. Não me detenho muito para indicar, porque devo fazê-lo mais adiante, que isso não é apenas uma referência à história subseqüente dos descendentes de Esaú e dos de Jacó, bem como ao fato de que Deus abençoou os judeus e não os edomitas. Inclui isso, mas tudo começou quando

---

* O verbo aborrecer (Almeida) vem do latim *abhorrescere*, que inclui entre os seus sentidos estes: apartar-se com horror de alguma coisa ou de alguém, ser estranho ou contrário a, diferir, evitar. NVI: "rejeitei". Nota do tradutor.

Esaú e Jacó estavam realmente no ventre de Rebeca. Foi por causa do que Deus tinha determinado ali que Esaú e Jacó estavam em suas posições relativas e que houve esta extraordinária diferença entre os edomitas e os israelitas em toda a sua história subseqüente.

Pois bem, esse é o propósito geral do que Malaquias diz, como também é o argumento geral que ele coloca diante dos filhos de Israel. Diz Paulo a eles: "Por que vocês estão se portando desse jeito? Vocês são o povo que Deus amou, são os descendentes de Jacó, e Deus lhes dedicou o Seu afeto. Por que O tratam como O tratam?"

Assim, temos considerado as duas citações, e chegamos a esta conclusão: é mais uma vez a mesma. A distinção entre Esaú e Jacó, edomitas e israelitas, é uma distinção traçada pelo próprio Deus. Ele nos diz o que fez; fez Sua declaração a Rebeca, fez Sua declaração por intermédio de Malaquias, e deixou bastante claro que fez isso para levar a efeito o Seu grande propósito. Aí está, então, o segundo argumento utilizado por Paulo, as declarações específicas feitas por Deus, não somente com relação ao que Ele fez, mas também quanto à razão por que o fez.

Isso nos leva, a seguir, ao terceiro argumento, que é a doutrina ou a significação teológica dos fatos, e às declarações de Deus com respeito a eles. Esta é a frase que o apóstolo coloca entre parênteses no versículo 11. É uma declaração extraordinária e é o que se chama anacoluto. Noutras palavras, o apóstolo começa a fazer uma declaração completa, mas deixa de completá-la. Ele se interrompe e diz outra coisa, e é com base nisso que muitas vezes ele é criticado como um mau estilista.

Muito bem, não é necessário que eu defenda o apóstolo, mas a defesa é que ele realmente nos diz o que deseja dizer-nos, embora não o tenha colocado na forma de uma declaração equilibrada, como pretendia originariamente. Deixem-me explicar isso. Tendo ele começado dizendo, "Porque, não tendo

eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme..." – vocês esperariam mais alguma declaração para fins de equilíbrio. Entretanto ele não nos dá isso; ele diz: "não por causa das obras, mas por aquele que chama"). Claro está que se vocês estiverem primariamente interessados em estilo e em eloqüência, em declarações equilibradas e forma, então poderão dizer que o apóstolo é um pouco defeituoso nesse aspecto. Mas o apóstolo não estava preocupado com isso; ele estava preocupado com a verdade e com a declaração da verdade. E, naturalmente, a declaração da verdade é em si suficiente e completa.

Portanto, vamos examiná-la como ele nô-la dá aqui, entre parênteses.* Primeiro podemos dizer que o apóstolo não tem necessidade absoluta de nos dar esta doutrina. Se ele simplesmente provar que "nem todos os de Israel são Israel", terá feito tudo, sem faltar nada. Os detalhes são apenas ilustrações que visam provar e mostrar o desdobramento do propósito; este é o ponto de grande importância. No entanto, nós precisamos ter doutrina. Paulo nunca fica só nos fatos. Ele está sempre interessado em nosso entendimento da verdade, do princípio, e agora vai colocar essa verdade diante de nós, e eis o que ele diz: o que Deus fez no caso de Esaú e Jacó não foi por acaso nem por capricho. Ele o fez, diz-nos Paulo, porque o que fez fazia parte do Seu grande plano e propósito, que é sempre efetuado por meio do princípio de eleição ou escolha.

É isso, pois, que ele está fazendo realmente aqui. "Não tendo eles (os filhos) ainda nascido", diz ele,"nem tendo feito bem ou mal, para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme..." Depois ele o diz de novo em forma negativa – "não por causa das obras, mas por aquele que chama". A proposição fundamental é que Deus leva a efeito o Seu grande propósito por meio deste processo de eleição. Ele não diz nada

---

* Na Versão Autorizada (inglesa) todo o versículo 11 está entre parênteses. Nota do tradutor.

novo aqui. Está só repetindo o que já nos tinha dito no capítulo 8, versículos 28, 29 e 30. O que importa, diz ele naqueles versículos, é o propósito de Deus. Todas as coisas vão cooperar juntas para o bem daqueles que estão no propósito de Deus. Todavia, como sabemos disso, como pode ser garantido? Bem, diz ele, vocês podem estar certos de que essas pessoas estão no propósito de Deus porque Deus as conheceu de antemão, Deus as predestinou; e porque as predestinou Ele as chamou; e porque as chamou Ele as justificou; e porque as justificou Ele as glorificou. Já consideramos isso em detalhe, e assim não temos necessidade de demorar-nos nisso agora.* Mas essa é a declaração, e Paulo diz aqui a mesma coisa num menor espaço.

Permitam-me expô-la, então. Notem primeiro a maneira pela qual ele se expressa – "não tendo eles ainda nascido". O elemento tempo é um fator vital do argumento. Alguma coisa aconteceu com eles antes de nascerem – "nem tendo feito bem ou mal". Isso torna a declaração ainda mais forte. E o que Paulo diz é que Deus escolheu Jacó, e não Esaú, e disse a Rebeca que o mais velho serviria ao mais novo, antes de qualquer deles ter nascido, e antes de qualquer deles ter tido ocasião de praticar o bem ou o mal. Essa é a declaração.

Mas agora a questão é – "Por que Deus fez isso? Por que fixou Seu afeto em Jacó e não em Esaú dessa forma? E Paulo nos dá a resposta: "para que...". Fez isso para que o Seu propósito e o Seu objetivo fossem levados adiante. Como? Bem, vocês podem examinar isso desta maneira: o propósito de Deus é algo que é executado por meio deste processo de eleição; "o propósito de Deus, segundo a eleição". Pois bem, o termo "segundo" significa "por meio de" ou "através de". O propósito de Deus é levado a efeito pelo uso deste princípio de eleição ou de escolha ou de seleção. É o que Paulo está dizendo.

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos*, PES, S. Paulo, 2002.

Agora, a palavra "eleição" é interessante. Dizem-nos as autoridades que é uma palavra que na literatura judaica só tinha sido empregada num livro, Os Salmos de Salomão. A palavra significa um processo de escolha, um processo de seleção, e saliento este ponto sobre a palavra porque aqui está perfeitamente claro que estamos tratando de algo que foi muito especialmente revelado por Deus, mediante o Espírito, ao apóstolo Paulo. É algo que lhe foi dado de maneira peculiar, e por isso ele emprega esta palavra para expor o seu ensino.

Qual será, então, o objetivo? Paulo afirma que Deus efetua o Seu propósito por meio desse método porque essa é a única maneira pela qual este processo e este propósito podem tornar-se certos e seguros: "para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme". Pois bem, "ficasse firme" é uma boa tradução, e digo isso porque muitos usam a tradução conhecida como Novo Testamento Ampliado,* que, falando em termos gerais, não hesito em dizer que é excelente. Mas este é um dos poucos casos em que ela é realmente pobre e enganosa. Ela traduz esta frase como "a fim de promover a execução do propósito de Deus". Todavia, não é isso que a frase significa, de modo algum! Significa "a fim de que o propósito de Deus *ficasse firme*"!

Grimm e Thayer, em seu léxico, falam claramente sobre isso; eles dizem que a palavra significa "continuar", "continuar a ser" ou "continuar a estar". Significa, afinal, resistir, permanecer firme – e, naturalmente, quer dizer que é exatamente o oposto daquilo que Paulo tinha colocado na boca dos seus oponentes, no início do versículo 6. Eis o começo dessa declaração: "Não que a palavra de Deus tenha faltado" (ou, "Não como se a Palavra de Deus tenha caído por terra"). Então, que será que torna certo que a palavra de Deus não vai cair por terra, mas vai resistir e estar firme e segura? Ah, diz Paulo,

---

* *Amplified New Testament.* Nota do tradutor.

é que o propósito de Deus é sempre levado a cabo pelo processo de eleição. Esse é o argumento.

Essa é, pois, uma declaração muito importante de Paulo, e, para certificar-se de que nenhum de nós ainda está confuso sobre esse ponto, ele passa adiante e não completa o que, é óbvio, originariamente pretendera dizer. Contudo, de novo, como bom mestre, ele diz: "Olhem aqui, deixem-me pôr isto bem claro e certo para vocês – "não por causa das obras, mas por aquele que chama". Ele emprega aí uma declaração negativa e uma positiva. Não é pelas obras do homem, de modo que isso exclui uma vez por todas a idéia de que o propósito de Deus mediante a eleição é algo que se realiza simplesmente por meio da previsão divina de que certas pessoas vão praticar boas obras.

Agora, há pessoas, como já vimos em nossos estudos sobre Romanos 8,* que tentam dar por vencido o termo "pré-conhecimento" dizendo isso. Elas sustentam que quando Paulo diz, "os que dantes conheceu também os predestinou", significa que Deus, tendo todo o conhecimento, pôde ver antes do tempo o que certas pessoas iam fazer – que algumas iriam praticar boas obras e crer, e outras não. Não é isso, diz Paulo; este processo de seleção nada tem a ver com as obras; estas são mantidas fora, completamente. E, em todo caso, não poderia ser assim, diz ele, porque estes dois, Esaú e Jacó, não podiam fazer coisa alguma; ainda não tinham nascido, e não tinham praticado nem boas obras nem más.

E depois, para dar mais ênfase ao seu argumento, o apóstolo o diz positivamente – não por causa das obras, mas total e inteiramente "por aquele que chama". Noutras palavras, este propósito de Deus é efetuado mediante eleição, inteiramente como resultado da ação e da atividade do próprio Deus. É

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos*, PES, S. Paulo, 2002.

completamente independente de qualquer coisa que haja em nós, nosso nascimento, nossa nacionalidade, nossas boas obras ou o que quer que seja. E os exemplos que nos são oferecidos, claro, provam isso exaustivamente. Foi Deus que produziu Isaque; foi Deus que produziu tanto Jacó como Esaú. Mas, tendo produzido os dois, Ele já tinha selecionado um, mesmo antes do nascimento de um ou outro deles, e assim o propósito de Deus teve continuidade no caso de Jacó. E isso, "não por causa das obras, mas por aquele que chama". É por Aquele que chama as coisas que não são como se fossem; não é nada do homem, absolutamente. É livre escolha de Deus, e é uma escolha absoluta e soberana. A única maneira pela qual o propósito de Deus poderia ser levado a cabo, infalível e seguramente, e que ficasse firme, era que Deus agisse desse modo e escolhesse e produzisse o Seu próprio povo. É isso que Paulo está dizendo.

E, naturalmente, ele já tinha dito isso antes.* Ele o dissera no capítulo 4, versículo 16. Concluindo nessa parte seu grande argumento sobre a justificação pela fé somente, ele faz esta declaração sumamente vital: "Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que (com a intenção de que) a promessa seja firme a toda a posteridade..." – para que a promessa resista, fique firme, não falhe. Por isso é pela fé, para que seja tudo pela graça. E é tudo pela graça, a fim de que seja segura e a fim de que seja certa, não falhe.

E o seu argumento é o mesmo aqui. Se dependesse de alguma coisa existente em nós, se a nossa salvação, e a nossa glorificação final, dependesse de nós ou de alguma coisa que tenhamos feito ou que venhamos a fazer, certamente falharia. Contudo, diz Paulo, não depende de nós. A fim de que o propósito de Deus, segundo a eleição, permaneça firme, Deus

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre os Capítulos 3:20-4:25 : Expiação e Justificação*, PES, S. Paulo, 2000.

escolheu Jacó e não Esaú antes do nascimento de qualquer deles, e antes de qualquer deles ter feito algum bem ou algum mal. É uma ação de Deus, inteiramente independente, e funciona desse modo porque é o único modo pelo qual podemos estar certos e seguros de que seremos finalmente glorificados. Portanto, o que garante isso para cada um dos membros desta família de Deus é que é Deus que o está levando a efeito, é inteiramente resultado da livre e soberana ação de Deus Todo-poderoso. E é isso que Paulo esteve provando por meio dos dois casos ilustrativos que apresentou.

11

"E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque nosso pai; porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: o maior servirá o menor. Como está escrito: amei Jacó, e aborreci Esaú." – Romanos 9:10-13

Tendo feito cuidadoso exame das declarações concretas que encontramos nestes versículos, agora estamos em condições de tirar algumas conclusões com relação ao caso dos dois filhos de Isaque. Também estamos em condições de tirar conclusões quanto à divisão toda, do argumento que começa no versículo 6 e que consiste em provar que "nem todos os de Israel são Israel". É muito importante tirar estas conclusões, porque devemos entender bem o que o apóstolo está dizendo. Pois, se não entendermos bem isso, não teremos possibilidade de entender a divisão que se segue. Agora, seja qual for o padrão pelo qual se julgue, esta declaração é muito importante. É uma das mais difíceis das Escrituras, portanto não se desanimem nem se culpem se acharem difícil acompanhar a sua exposição. No entanto, por outro lado, não desistam nem digam que, devido ser difícil, vocês não podem perder tempo com ela. Vocês nunca devem dizer isso de nenhuma porção das Escrituras. Povo cristão, quem não aplica a mente e o entendimento que tenham a uma passagem das Escrituras por ser difícil, peca gravemente.

"Mas", você dirá, "esta passagem é muito controvertida, e as pessoas discutem sobre ela, sempre fizeram isso, e eu não

quero me envolver em tal debate." Todavia você não tem direito de fugir do argumento. Seja o que for que Deus nos tenha dado, Ele nos deu, e o que se espera de nós é que apliquemos a nossa mente a isso, seja relativamente simples ou relativamente difícil, como é o presente caso. Não temos direito de ignorar as Escrituras, e, se a ignorarmos, faremos isso correndo risco. Na verdade, será um insulto a Deus, que levantou homens para escreverem estas Escrituras para nossa instrução, para nosso esclarecimento e para que nos estabeleçamos firmes em nossa santíssima fé.

Portanto, devemos considerá-la. Parece-me que esta é uma das grandes causas de dificuldade na Igreja atualmente. Os cristãos ficaram preguiçosos; ficam bicando e escolhendo aqui e ali nas Escrituras. Eles têm suas passagens prediletas e evitam outras e, assim, há grande ignorância concernente a algumas doutrinas fundamentais e essenciais. Não há o que seja mais glorioso que a verdade que estamos considerando, e é em parte por isso que ela é tão difícil. Por conseguinte, devemos aplicar-nos a ela, mas, naturalmente, devemos fazer isso com o espírito certo. Devemos ser humildes e devemos estar dispostos a aprender.

Permitam-me acrescentar algo. O que estamos fazendo é tentar entender o que o apóstolo Paulo disse. Não estou fazendo aqui uma preleção sobre a eleição. Ora, eu sei que alguns querem entrar em discussão sobre a eleição, dos dois lados, porém não estou aqui para fazer isso. Estou aqui para tentar descobrir e explicar o que o apóstolo Paulo de fato escreve. Se no fim você quiser discordar dele, você ficará com a responsabilidade dessa discordância. A minha responsabilidade é deixar claro e simples, quanto eu puder, o que o apóstolo disse, e eu lhes faço um apelo para que o escutem, antes de começarem a falar sobre as opiniões pessoais de vocês.

Não seria esse, geralmente, o problema que ocorre em muitas discussões? Observe, na próxima vez que vir duas pessoas discutindo e argumentando! Se você apenas se sentar

e ouvi-las, notará que não ouvem uma à outra; cada uma delas espera que a outra pare; na verdade está pronta a interrompê-la. E é precisamente isso que muitos fazem com as Escrituras. Não deixam que as Escrituras lhes falem; o que querem é dar sua opinião. Portanto, seja sábio, ouça o apóstolo Paulo, certifique-se de que sabe o que ele está dizendo, e você será capaz de acompanhar a sua grande argumentação à medida que ele a vai desenvolvendo, do versículo 14 em diante.

Agora sim estamos em condições de tirar conclusões e deduções. Permitam-me, então, fazer um sumário do que o apóstolo nos diz nestes importantes versículos.

Primeiro, a promessa e o propósito de Deus só dizem respeito a algumas pessoas. Essa afirmação é tão verdadeira quanto à nação de Israel como quanto a todas as demais pessoas. Esse é tão-somente outro modo de dizer: "Nem todos os de Israel são Israel" – contrariamente à fatal e errônea presunção dos judeus. Em última instância, foi essa a razão pela qual eles crucificaram o próprio Filho de Deus. Não se deram conta disso. A promessa de Deus não é universal, nem mesmo com relação a Israel, aos judeus. É só para certas pessoas.

Segundo, estas pessoas, às quais o propósito e as promessas de Deus se aplicam, são, e vieram a ser o que são, não por causa de alguma coisa delas ou nelas. Elas são o povo de Deus, são esta "semente" da qual Paulo fala, não por causa do nascimento deles, não por causa da sua nacionalidade, não por causa de algumas coisas que elas tenham feito ou façam, nem mesmo por crerem no evangelho. São o que são porque Deus as chama a ser, as chama à existência, por causa do elemento sobrenatural presente em seu nascimento, como já vimos no caso de Isaque, que, como Paulo nos diz em Gálatas 4:28-30, nasceu "segundo o Espírito".

Terceiro, noutras palavras, o propósito de Deus está sendo levado a efeito, sempre foi e sempre será, por meio deste processo de eleição ou seleção, e vemos como Paulo demonstra esta verdade mediante os casos de Ismael e

Isaque como também de Jacó e Esaú.

Quarto, Deus põe em andamento e efetua o Seu propósito por intermédio deste processo de seleção e eleição unicamente por uma razão – porque é o único método que garante que o Seu propósito e o Seu plano serão certa, segura e infalivelmente efetuados e levados a uma fruição final: "para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme". Não depende de nós em coisa alguma, e sim do próprio Deus, do Seu caráter e da Sua ação.

Pois bem, claro está que, ao colocar as coisas nestes termos, o apóstolo está simplesmente dando forma de sumário ao que ele tinha defendido extensamente no capítulo 8, do versículo 28 até o fim. Nisso se resume tudo o que foi afirmado ali – que o propósito de Deus é certo e seguro. Diz ele: "Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica". E assim vai até o fim do capítulo, até à conclusão triunfal: "Em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". É isso! Esse é o propósito de Deus; Ele próprio o está levando a efeito, e nada o poderá frustrar. E Deus, diz o apóstolo aqui, realiza essa obra por meio deste processo de eleição e seleção, a fim de que fique firme, a fim de que jamais falhe.

São essas, pois, as principais conclusões. Contudo há alguns aspectos aos quais devemos dar particular ênfase, por que o apóstolo dá ênfase a eles. O primeiro – e em certo sentido é apenas outra maneira de colocar o mesmo ponto – é que a escolha de Deus é absolutamente livre e soberana. É escolha Sua, e inteiramente independente de nós, de nada do que

somos e de nada do que fazemos. É determinada por uma só coisa, qual seja, a natureza de Deus e a Sua vontade eterna. Paulo diz em Efésios, capítulo primeiro, versículo 5: "segundo o beneplácito de sua vontade", e fica repetindo isso. É segundo a Sua vontade; esta é a única explicação, e não nos é dada nenhuma outra.

Os dois casos que estivemos considerando dão plena e completa ênfase a isso. A escolha de Isaque foi totalmente de Deus. Não foi de Abraão – vimos na narrativa de Gênesis quais eram os conceitos de Abraão a respeito. Ele disse: "Olha, aqui está Ismael. Por que não o usas?". "Não", disse Deus, "não é esse o Meu propósito." Isaque nunca teria nascido, se não fosse a vontade de Deus. E foi exatamente a mesma coisa com Jacó e Esaú, como já vimos em nosso estudo anterior. Isso está inteiramente em Deus, não em nós. Isso deve ser ressaltado, porque vocês não conseguirão acompanhar a argumentação que começa no versículo 14 se não entenderem isso. Não me interessa saber se vocês gostam ou não. Estou tentando expor o argumento de Paulo, e o que Paulo afirma é que se trata de uma escolha livre e soberana de Deus.

Segundo, esta escolha de Deus envolve rejeição bem como escolha. "Aborreci Esaú" bem como "Amei Jacó". Não é tanto a pessoa que Deus odeia, como a condição pecaminosa da pessoa, a atitude pecaminosa da pessoa e tudo aquilo a que essa atitude leva. Deus, como nos é dito no Sermão do Monte, "faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mateus 5:45). A declaração que temos aqui, em Romanos, capítulo 9, foi feita do ponto de vista do conceito que Deus tem do pecado, e do homem em pecado. Por isso há uma rejeição, como também uma seleção. Deus odeia o mal, Deus odeia o pecado – esse é o segundo princípio.

Passemos agora ao terceiro e sumamente importante princípio. Esta escolha e eleição da parte de Deus é algo que devemos ver da maneira correta; noutras palavras, da maneira

pela qual o apóstolo o coloca diante de nós. Parece-me que muitos entram em dificuldade com relação a toda essa doutrina porque a vêem de maneira errada. Segundo o ensino do apóstolo, a eleição e seleção que Deus faz não é uma questão de seleção arbitrária dentre uma imensa massa da humanidade. Contudo, estou seguro de que muitos sempre têm pensado nisso desse modo – que Deus é confrontado por toda a humanidade e que o que o apóstolo está ensinando aqui é que Deus olha para todas essas pessoas e diz: "Vou escolher algumas delas; vou perdoá-las e dar-lhes a salvação; e vou rejeitar as outras". Pois bem, eu afirmo que não é isso que o apóstolo diz; isso é, de fato, entender mal o que ele está dizendo.

Digo isso dessa forma porque eu penso que os casos utilizados pelo apóstolo provam que não é isso que Deus faz. O que Deus faz é produzir um povo para Si. Vimos que foi Deus que produziu Isaque. Foi um nascimento miraculoso. Não se deu o caso de que, tendo nascido Isaque e Ismael, Deus olhou para os dois e disse: "Vou pegar este, e não aquele". Isso está totalmente errado! Deus produziu Isaque porque já tinha decidido que era por meio desse homem, o qual Ele ia trazer à existência, que a semente ia ser levada a efeito. Portanto, devemos livrar-nos dessa idéia de Deus olhar para uma parte da humanidade ou para uma coleção de pessoas, que já chegaram à existência, de maneira completamente arbitrária e injusta, tomando uma e deixando outra, embora ambas fossem igualmente pecadoras e igualmente nada pudessem esperar. Não é isso. Trata-se de um processo muito positivo.

Pois bem, o apóstolo deixou isso perfeitamente claro, tanto no caso de Isaque como no de Jacó. Mais adiante, porém, no capítulo em foco, ele torna a esclarecer isso. Leiam o que ele diz a partir do versículo 22: "Que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia" – notem isto! – "*que para glória já dantes*

preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". Ele os tinha preparado de antemão para esta glória! É isso que Paulo está dizendo. É exatamente a mesma coisa que nos dissera quanto a Isaque e a Jacó. Depois, no versículo 29, ele cita Isaías: "E como antes disse Isaías: se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência, teríamos sido feitos como Sodoma, e seríamos semelhantes a Gomorra". É sempre Deus que traz esta semente à existência e a preserva. Se o Senhor dos Exércitos não fizesse isso, ela não existiria. Esse é outro modo de dizer o que o apóstolo tinha posto diante de nós nos dois casos citados por ele, ambos os quais provam que não se trata de uma seleção feita de um grande número de seres humanos, e sim do fato de que Deus produz um povo para Si. Tudo foi determinado de antemão, e nós, que somos cristãos, somos produzidos para esse fim e como partes desse propósito.

Agora, o jeito certo de examinar esta declaração é tomá-la nos termos daquilo que Paulo já nos dissera no capítulo 5, versículos 12 a 21. Toda a humanidade estava em Adão, e ele era o representante de toda a humanidade. Deus tratava com ele e, por meio dele, tratava com toda a humanidade. Depois Adão caiu, e toda a humanidade caiu com ele. Pois bem, esta é a declaração explícita do versículo 12 do capítulo 5: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram...". Nós consideramos isso minuciosamente em estudos anteriores.* Não me vejo em dificuldade quanto ao capítulo 9 por causa da nossa cuidadosa interpretação daquilo que o precede. Mas, se vocês não captaram bem aquilo, estão sujeitos a ter problema aqui.

Assim é, então, que toda a humanidade está perdida em Adão, e está sob a ira e a condenação de Deus. Podemos avançar

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 5: A Certeza da Fé*, PES, S. Paulo, 2000.

mais; podemos dizer que todos foram rejeitados em Adão – todos, porque todos pecaram no pecado de Adão. Essa é a situação de todos os nascidos depois de Adão, de um determinado ponto de vista. Qual é então o plano de salvação concebido por Deus? É este: não é bem selecionar pessoas da decaída raça de Adão para a salvação. Não é tomar algumas pessoas e reformá-las. Não! Deus está fazendo algo inteiramente novo. Há um novo Homem, um segundo, há um último Adão. Esse é o ensino geral de Romanos, capítulo 5 – e vocês têm o ensino paralelo em 1 Coríntios, capítulo 15. Jesus Cristo é o primeiro de uma nova humanidade e o Chefe e Cabeça de uma nova raça. Vocês compreenderam isso? Aí está a chave de tudo isso. O plano divino de salvação é produzir uma nova raça. Não é uma seleção de pessoas da velha raça. Não é tão-somente questão de alguns da raça de Adão serem perdoados e outros não; é a produção de uma nova humanidade em Cristo.

Noutras palavras, sempre devemos pensar na salvação, no plano divino de salvação, como um processo positivo. É um novo povo, um povo espiritual, produzido por um nascimento espiritual. Podemos ir mais longe. Os componentes deste povo são introduzidos neste mundo, nascem e são preparados para esse fim e objetivo. Já deixamos isso estabelecido no caso de Isaque. Aqui se repete, no versículo 23 deste capítulo: "Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou".

Entretanto, em tudo isso devemos entender bem o lugar ocupado pelo natural, porque esse é um aspecto crucial. Deus não elimina o natural; faz uso dele e interfere nele de maneira sobrenatural. Ambos os casos citados provam isso. Vocês se lembram de que, no caso do nascimento de Isaque, Abraão tinha noventa e nove anos de idade e Sara noventa, o que fazia da geração de um filho uma absoluta impossibilidade. Todavia, eles tiveram um filho! O processo natural entrou, Deus o usou; mas entrou o sobrenatural, também foi operado um milagre.

Portanto, Deus usou o natural supranaturalmente, e a minha tese é que Ele sempre faz isso. Vimos que Ele fez exatamente a mesma coisa com Jacó. Portanto, nós todos nascemos, num sentido natural, como filhos de Adão. Assim como Ismael e Isaque eram filhos naturais* de Abraão, e como Jacó e Esaú eram filhos naturais de Isaque, assim também todos nós somos filhos naturais de Adão. Mas o ensino é que, não obstante, como cristãos, todos nós fomos separados, desde o ventre da nossa mãe, num sentido espiritual.

A ocasião exata em que este fato espiritual torna-se manifesto é irrelevante. Vejam o caso do apóstolo Paulo, que ilustra perfeitamente este ponto para nós. Que é que ele diz a seu próprio respeito? "Mas quando aprouve a Deus, que desde ao ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios..." (Gálatas 1:15,16). Notem o que ele diz – que tinha sido separado desde o ventre de sua mãe como cristão, como servo de Deus, e como apóstolo. Sim, no entanto todos nós sabemos que durante certo tempo ele foi perseguidor e blasfemo; ele insultava Cristo e fazia tudo o que podia contra Ele. Todavia o que Paulo diz é que, embora tudo isso fosse verdade, não obstante também era verdade que ele tinha sido separado desde o ventre de sua mãe. Ele era, por natureza, filho de Adão, porém Deus, ao trazer esse homem ao mundo, operou nele este feito sobrenatural, espiritual. Seu efeito só se revelaria com o tempo, no caminho de Damasco, mas estava lá, diz-nos ele, desde o momento da sua concepção.

Por isso este ponto é muito importante. O que aconteceu no caso de Isaque e de Jacó acontece no caso de todos os cristãos. Deus produz esta nova humanidade, não atropelando o processo natural, mas fazendo uso dele, e agindo sobre ele e

---

* Evidentemente, não no sentido de "filhos de pais solteiros" ou ainda não casados, mas sim de filhos nascidos pelo processo natural de geração, concepção e parto. Nota do tradutor.

através dele com o fim de levar a efeito o Seu propósito. E os outros? – bem, eles são simplesmente deixados. Ismael foi simplesmente deixado como filho natural de Abraão. Esaú foi deixado como filho natural de Isaque. E todos os não redimidos, os não salvos, os não cristãos, são deixados como são e como estão, como filhos e progênie naturais de Adão.

Ora, isso nos parece algo que acontece inteiramente no tempo, mas é tão-somente a manifestação do grande e eterno propósito de Deus. O ato pelo qual somos feitos réus convictos de pecado, o nosso arrependimento, o nosso chamamento pelo evangelho, a vida transformada, etc. – tudo isso é algo que nos acontece no tempo, e dizemos: "Eu fui convertido em tal ou qual data, ou em tal ou qual período particular". Isso está certo; isso nada mais é que a manifestação da realidade maior. Aí está Saulo de Tarso, no caminho de Damasco. Mas isso aconteceu no ventre de sua mãe! Retrocedamos mais uma vez. Certas coisas se tornaram óbvias acerca de Isaque e acerca de Jacó num dado ponto do tempo – sim, porém tudo isso foi determinado antes deles nascerem. Esse é o argumento do apóstolo.

Assim o natural é utilizado por Deus dessa forma, e o que Paulo está tentando fazer que vejamos aqui é que não devemos examinar isso do nosso ângulo natural, em termos do processo do tempo; devemos aprender a examiná-lo da perspectiva da eternidade, segundo o propósito e o plano de Deus, e assim veremos como todo esse plano se desenvolve e se efetua. Vejam a declaração que a respeito encontramos em Efésios 1: 3 a 5: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade;* e nos predestinou para filhos de

---

* Ou, "em amor". Nota do tradutor.

adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade". Temos aí a mesma verdade de novo, em forma de sumário.

E isso é verdade a respeito de todo cristão. Todos nós somos filhos de Abraão, filhos da fé; todos nós nascemos de maneira espiritual, como Isaque. E há mais um exemplo muito interessante disso no Velho Testamento; é o de Jeremias. Sua profecia começa: "Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim: ao qual veio a palavra do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá, no décimo-terceiro ano do seu reinado. E lhe veio também nos dias de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá, até que Jerusalém foi levada em cativeiro no quinto mês. Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: antes que (eu) te formasse no ventre te conheci" – não seria um paralelo exato? – "e antes que saísses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta" (Jeremias 1:1-5). Deus o produziu para o cumprimento desse propósito. Entretanto, só aconteceu concretamente no tempo "nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá, no décimo-terceiro ano do seu reinado".

Não se confundam com esse fator tempo. Vocês vêem, o Filho de Deus começou realmente o Seu ministério público com a idade de trinta anos, mas Ele tinha sido enviado ao mundo para isso. Tinham transcorrido trinta anos quando as pessoas O viam e achavam que Ele era um homem como todos os demais; repentinamente, Ele irrompe em Seu ministério. A mesma coisa aconteceu com Jeremias. Durante todos aqueles anos ninguém sabia que ele seria este extraordinário profeta de Deus, porém Deus o conhecera antes: "Antes que (eu) te formasse no ventre te conheci". Notem, foi Deus que o formou. Naturalmente! É isso que Ele faz com todos os que são Seus. Portanto, permitam que eu saliente isso de novo, Deus de fato nos trouxe ao mundo pelo processo natural para que nos tornássemos parte desta "nova humanidade" em Cristo. Parece que somos exatamente iguais a todos os outros, e, contudo,

segundo este ensino, sempre fomos diferentes. Não sabíamos que éramos diferentes, e ninguém mais sabia disso. Jeremias não sabia que era diferente, como tampouco o sabiam Isaque e Jacó – estas coisas são desconhecidas. Todavia, o fato continua sendo esse. Os cristãos nunca foram exatamente iguais e idênticos aos outros. Sempre houve esta diferença vital e essencial – não ainda manifesta, mas lá estava. Antes da fundação do mundo, e também antes de estarmos no ventre da nossa mãe, sempre houve essa diferença. Segundo a carne, segundo a natureza, somos todos filhos de Adão, e, contudo, não somos só isso. Somos filhos que Deus produziu e trouxe à existência para que este Seu plano e propósito fosse realizado em nós.

Segundo o apóstolo, a salvação deve ser vista positivamente. Deus tem que "produzir" uma nova humanidade. Ele realiza isso por meio do mecanismo ou processo pelo qual a velha humanidade passa de pai a filho, como Ele fez com Isaque e com Jacó; mas o que é vital é a nova humanidade, a nova produção. Por isso não há motivo para queixa; ninguém tem direito de dizer coisa alguma. Toda a humanidade em Adão está condenada, e merece isso, como aconteceu com Ismael e com Esaú; tais pessoas nada querem com Deus, não se interessam por Ele, e são pessoas que odeiam a Deus. Não há razão para queixa. Não é uma seleção arbitrária; é Deus produzindo algo inteiramente novo.

Assim, permitam que eu resuma tudo isso desta maneira: o propósito e as promessas de Deus só se aplicam às pessoas que, por um nascimento espiritual, Deus produziu para Si. É o que Paulo diz, e deixa a sua comprovação nesse ponto, embora pudesse ter continuado e ter dito isto: dos doze filhos de Jacó, Deus selecionou Judá, e não os outros onze. Da casa de Judá Ele selecionou em particular a casa de Davi. Noutras palavras, este processo de seleção acha-se percorrendo as páginas do Velho Testamento. É isso que torna as tábuas genealógicas tão fascinantes! Elas existem para nos mostrar o

processo e o propósito de Deus sendo levados a efeito por meio da eleição. Examinem, por exemplo, o livro de Rute, e vejam como Deus fez isso. É ação de Deus, completamente, e vocês não poderão explicar isso de nenhuma outra maneira. Novamente Deus usa o natural, mas intervém desse modo maravilhoso para produzir pessoas Suas, e assim Ele está produzindo uma nova humanidade.

Agora espero que isso esteja manifesto e claro para vocês. Meditem nisso – e desta maneira submetam à prova a minha exposição. Lembrem-se de que o teste de qualquer exposição de Romanos, capítulo 9, versículos 6 a 13, é que a exposição deve levar à pergunta feita no versículo 14; se não faz isso, é uma exposição errônea. A pergunta é: "Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus?" Portanto, quando vocês checarem a minha exposição, certifiquem-se de que a de vocês, se não concorda com a minha, leva àquela pergunta. Qualquer que seja a interpretação desta declaração, deve levar certas pessoas a dizerem: "Muito bem, se você diz isso, se Paulo diz isso, há injustiça em Deus".

Portanto, pensem nisso naqueles termos. Tornem a examinar os casos, os exemplos, observem o que Paulo diz, notem estas expressões extraordinárias: "A palavra da promessa é esta: por este tempo virei, e Sara terá um filho". Deus disse isso. Vão de volta, repassem o tema em Gênesis, leiam tudo a seu respeito. Façam a mesma coisa com o caso dos dois filhos de Isaque e de Rebeca; vejam esta grande declaração: "para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama". Qualquer exposição deve dar todo o peso a todas estas declarações, e eu sugiro a vocês que só há um modo de interpretar isso; é a interpretação que eu tentei colocar diante de vocês. Deus garante a produção destas pessoas, desta "semente". E assim será que, no fim, haverá uma nova e perfeita humanidade, completa e inteira em Cristo. Ele é a Cabeça, nós o corpo; Ele é o primogênito entre muitos irmãos, uma realidade

inteiramente nova. Ele é o segundo Homem, o último Adão. É assim que Deus salva, esse é o plano divino de redenção. Isso não os ajuda a entender a encarnação como nunca antes? Não é tirar algo da velha massa da humanidade e fazer alguma coisa com isso; é a produção de algo inteiramente novo. Queira Deus dar-nos entendimento, neste glorioso mistério, e queira Ele aplicá-lo a nós de tal maneira que nos fiquemos imersos num sentimento de "encantamento, amor e louvor".

12

"Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma. Pois diz a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece. Porque diz a Escritura a Faraó: para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer. Dir-me-ás então: por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?"

– Romanos 9:14-24

Chegamos agora à divisão que começa no capítulo 9, versículo 14, e vai até o fim do versículo 24. Seria melhor dizer subdivisão, porque esta é uma subdivisão do bloco maior que vai do início do capítulo nove até o fim do capítulo 11.

O apóstolo vinha demonstrando que Deus leva a efeito o Seu grande propósito de salvação por meio da eleição, e aqui, agora, no versículo 14, ele passa a considerar a objeção a esse ensino. Ele a expõe, como de costume, e lhe dá resposta de

várias e diferentes maneiras. Ao examinarmos essa objeção e a sua maneira de tratá-la, a primeira coisa que nos causa impressão é a forma em que o apóstolo coloca a objeção diante de nós; diz ele: "Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma".

Pois bem, devemos melhorar um pouco essa tradução. Na Versão Autorizada (inglesa) a expressão verbal que significa *há* vem impressa em itálicos (como *há*, em Almeida, Edição Revista e Corrigida), o que significa que não consta no original. Os tradutores a acrescentaram para ajudar-nos a entender o texto, mas eles realmente poderiam ter feito melhor aqui. O que o apóstolo realmente disse foi: "Que diremos, pois? Não injustiça em Deus?" Ele tem a palavra "não" antes de "injustiça", e eu penso que isso lança uma significativa luz sobre todo o argumento. Que diremos, pois? Não injustiça em Deus? Não há de haver!", ou, "Nem pensar!"* (ou, como Almeida, "de maneira nenhuma", "de modo nenhum"). Esse é o modo certo de traduzir a frase que a Versão Autorizada traduz: "Não o permita Deus".** Tivemos um exemplo disso no capítulo três. Num sentido, quer dizer "Não o permita Deus", mas as palavras de fato empregadas pelo apóstolo são "Não há de haver" – a coisa é inimaginável.

Assim sendo, por que seria interessante observar a maneira pela qual o apóstolo apresenta esta dificuldade, esta objeção, que surge na mente de certas pessoas? É porque a própria forma dada por ele à objeção nos ajuda a decidir se a nossa exposição até aqui é errônea, porque é claro que a objeção da qual o

---

* Tentando ajudar o leitor curioso quanto ao original grego, digo, simplificando, que a negativa grega utilizada pelo apóstolo normalmente não tem força absoluta, mas em geral a tem quando usada com outros modos verbais que não o indicativo. No texto a negativa vem junto com o 2º aoristo. Isso dá fundamento para a tradução proposta pelo Dr. Lloyd-Jones, e justifica a tradução que se lê em Almeida. Nota do tradutor.

** No original inglês: *"God forbid"*. Nota do tradutor.

apóstolo vai tratar é uma objeção que se levanta como resultado direto daquilo que ele vinha dizendo; como indiquei, se a nossa explicação daquilo que ocorreu anteriormente não leva a esta objeção, está necessariamente errada. Seja o que for que o apóstolo tenha dito do versículo 6 ao versículo 13 sobre o propósito de Deus e sobre o modo como Ele o leva a efeito, só pode ser algo que, à superfície, e de alguma forma, leva certas pessoas a pensarem que Deus foi injusto e é parcial. Portanto, antes de passarmos a tratar do argumento, devemos estar bem certos em nossa mente de que está claro para nós o que o apóstolo está de fato dizendo.

Muito bem, expus isso dessa maneira porque, se vocês lerem os comentadores, verão que há muita confusão sobre isso. Afinal de contas, os comentadores são humanos, e alguns deles não gostam do que o apóstolo diz, e por isso o que eles tentam fazer é dizer que ele não o disse. Isso nada mais é que pura confusão. Toda vez que somos confrontados por uma porção das Escrituras que difere das nossas idéias pessoais, sempre há duas coisas que se pode fazer. A primeira, obviamente, é tentar certificar-nos do que a passagem está dizendo, e só então passar a considerar a nossa reação pessoal ao que está sendo dito. Se confundirmos as duas, se introduzirmos o segundo passo para tentar resolver o primeiro, então, obviamente, vamos desviar-nos da verdade. Se, por não gostarmos de uma conclusão, retrocedermos e tentarmos manipular aquilo que tinha levado a essa conclusão, com o fim de fazê-lo levar a outra, então simplesmente seremos culpados de fazer estudo desonesto das Escrituras, e de fazer exposição desonesta.

Agora, não estou acusando os comentadores de não concordarem com deliberada desonestidade com o que eu disse, mas sugiro que eles são inconscientemente desonestos. Se alguma vez tentarmos manipular as Escrituras para adequá-las ao que cremos, seremos culpados de desonestidade. Jamais devemos manipular as Escrituras; devemos deixar que elas

falem por si. Assim, então, devemos primeiro estar totalmente seguros do que exatamente diz o apóstolo, e é nisso que a pergunta do versículo 14 é de grande valor para nós. O que o apóstolo tem dito levanta na mente de certas pessoas a questão de Deus ser arbitrário e injusto, portanto ele o coloca diante de nós.

Por conseguinte, isso nos ajuda a checar a exposição que oferecemos e a conclusão a que chegamos. Além disso, esta pergunta feita por Paulo, ao que me parece, automaticamente exclui certas explicações que alguns têm apresentado, explicações hoje populares na chamada escola "liberal" de teologia, entre os intérpretes liberais, pessoas que realmente não acreditam na inspiração divina das Escrituras, pessoas que confiam mais em sua filosofia do que no ensino da Bíblia e que colocam a filosofia antes da revelação. Algumas dessas pessoas são escritores populares e, por isso, tendem a fazer o povo pensar que o que eles dizem é certo e verdadeiro.

Eis, por exemplo, uma das suas explicações. Há aqueles que dizem que o apóstolo, em toda esta divisão, do versículo 6 em diante, está realmente tratando do problema não só da salvação individual, mas das nações – que o único interesse dele está na situação dos judeus como nação. E procuram argumentar no sentido de que o capítulo inteiro está apenas contrastando os judeus com todas as outras nações. Paulo, dizem eles, está interessado em Isaque como cabeça de uma nação e em Ismael como cabeça de outra; está interessado em Jacó em seu papel de cabeça de uma nação e em Esaú como cabeça dos edomitas, e assim por diante. Eles descartam o aspecto individual, e, naturalmente, assim procedem porque não gostam da idéia e do ensino da eleição pessoal para a salvação.

Nossa réplica a isso é que, obviamente, Jacó e Esaú eram, primeiramente e acima de tudo, indivíduos, antes de se tornarem cabeças de nações, e que Jacó é o salvo, ao passo que Esaú é descrito como "profano" (Hebreus 12:16) – não a nação

dele proveniente, porém ele próprio, pessoalmente. Mas, ainda mais importante, todo o objetivo do apóstolo neste capítulo e nos capítulos subseqüentes é dar-nos uma prova final da certeza absoluta da salvação individual. Todo mundo concorda que até o fim do capítulo 8 ele estivera tratando com indivíduos, e o meu argumento é que ele continua fazendo isso e que está dando suporte ao argumento elaborado em prol dessa certeza absoluta, e o faz tratando desta objeção; faz isso para mostrar que toda vez que Deus põe o Seu afeto e o Seu coração num indivíduo, a salvação final desse indivíduo está segura e absolutamente garantida – e essa é uma das maneiras de Paulo provar isso. Como por certo vocês recordam, temos mostrado ao longo de todo o nosso percurso que essa é a real maneira de abordar estes capítulos 9, 10 e 11.

Mas, além disso, está perfeitamente claro que o tempo todo ele vem tratando com indivíduos. Vejam o versículo 15: "Pois diz a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia...". Como já vimos, Moisés estava tentando pleitear a favor de toda a nação, e a réplica de Deus é: "Não, eu tenho misericórdia de quem eu quero ter misericórdia; de alguns indivíduos, não porém de outros". Temos aí uma divisão feita dentro da nação de Israel, pelo que se vê claramente que ele está tratando com indivíduos.

Vemos também exatamente a mesma declaração no versículo 18; a expressão "de quem" corresponde à famosa expressão "todo aquele", de João 3:16. É individual! Todavia há uma prova final disso no versículo 24, onde Paulo diz: "Os quais somos nós, a quem chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". Ele não está tratando com nações ali; está falando de indivíduos que foram chamados, alguns dentre os judeus, alguns dentre os gentios, para a salvação com vistas à entrada no reino de Deus.

Depois, outra explicação apresentada por alguns é que o apóstolo aqui não está considerando a salvação pessoal ou eterna, mas simplesmente o que eles chamam "eleição para

posição e privilégio". Dizem eles que, realmente, o apóstolo só estava pensando em Jacó no sentido de alguém que foi chamado para estar nesta posição privilegiada, como cabeça desta nação particular, desta teocracia, com a qual Deus iria tratar.

Não precisamos tomar mais tempo com isso. Tudo o que dissemos como objeção à primeira explicação aplica-se igualmente bem aqui. E conforme progredirmos na argumentação, especialmente quando chegarmos ao capítulo 10, veremos que o tempo todo o apóstolo está tratando com indivíduos, está tratando de aspectos individuais. Vejam o capítulo 10:13: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" – o apóstolo trata aí de toda a questão sobre como um indivíduo se torna crente. Não há nada aí sobre posição ou privilégio ou sobre a teocracia de Israel ou sobre qualquer coisa do gênero! Ele está preocupado com indivíduos de qualquer nação no sentido de que se tornem cristãos autênticos.

A seguir, uma terceira tentativa de fuga da dificuldade desta doutrina consiste em dizer que tudo o que o apóstolo está realmente fazendo nesta divisão é justificar a maneira que Deus escolheu de salvar pessoas – a saber, a justificação pela fé, contrariamente à justificação pelas obras. O famoso personagem Armínio, o verdadeiro pai de todos os arminianos, ao tratar desta passagem afirma que aqui Deus está revelando o Seu plano, e que este plano era estender a Sua misericórdia àqueles que Lhe respondessem positivamente quando Ele "chamasse" e nEle cressem, e não àqueles que procurassem a salvação pelas obras. A passagem que se segue – o versículo 14 e os subseqüentes – mostra que Deus decidiu dar a Sua misericórdia a Seu próprio modo e segundo o Seu próprio plano. Isto é, dá-la não a quem corre – ao que luta por ela por meio das suas obras – mas a quem a busca do modo por Ele determinado, ou seja, pela fé. Mas as pessoas se opõem a isso, diz Armínio; elas querem obter a sua salvação pelas obras, e assim aqui Paulo vindica o uso que Deus faz deste método, a

justificação pela fé, para aqueles aos quais Ele vai mostrar a Sua misericórdia.

A resposta a isso é muito simples. O apóstolo absolutamente não está tratando da justificação pela fé. Ele está tratando com as pessoas que já foram justificadas pela fé, o que é um problema muito mais denso e muito mais profundo. Toda a sua ênfase aqui recai nisto: por que é que um homem tem fé e outro não? Ele já tinha tratado demoradamente da justificação somente pela fé, de maneira especial nos primeiros quatro capítulos. Ele tinha levado adiante essa pressuposição até o fim do capítulo 8; depois disso não há necessidade de demonstrar mais nada a seu respeito. Não, ele não está tratando do modo pelo qual Deus mostra a Sua misericórdia, como Armínio gostaria de fazer-nos acreditar; antes, ele está tratando com as *pessoas às quais* Ele mostrou misericórdia. Aqui ele não está interessado em métodos; está interessando em pessoas, e nisso consistiu a ênfase de todo o argumento sobre Isaque e Ismael, e sobre Jacó e Esaú.

O que Armínio faz, realmente, é transformar a nossa fé em obras. Ele está dizendo que realmente o que nos salva são as boas obras, ao passo que o objetivo do apóstolo se resume em dizer que não somos salvos por nada que façamos. Somos salvos inteiramente pelo fato de que Deus, que escolheu Isaque em lugar de Ismael e Jacó em lugar de Esaú, escolheu-nos! Noutras palavras, a questão que temos diante de nós é a seguinte: que é que nos leva à fé? Por que tal ou qual pessoa tem fé? É uma questão muitíssimo mais densa e mais profunda que a sugerida pela explicação de Armínio. Contudo, são estes os meios pelos quais os homens tentam contornar esta dificuldade. Se a salvação fosse por nossa fé, nenhuma questão seria levantada pondo em dúvida a justiça de Deus; a salvação seria uma recompensa à nossa fé, e a objeção da qual Paulo trata no versículo 14 nunca teria sido levantada. Isso não leva à conclusão da questão que agora vamos examinar juntos.

E isso nos leva à quarta e última interpretação errônea, também comumente feita, desta divisão particular. Há aqueles que gostariam de fazer-nos acreditar que tudo o que Paulo está realmente dizendo aqui é que Deus escolheu Isaque e não Ismael, e Jacó e não Esaú, porque, em Seu pré-conhecimento, Ele viu que tipo de pessoas eles iam ser. Ele viu que Ismael ia ser o tipo de homem que se tornou, e que Isaque ia ser um homem bom e piedoso. Deus viu tudo isso em Sua onisciência eterna e em Seu pré-conhecimento eterno, e, visto que o soube, decidiu escolhê-los – Isaque e Jacó, e não Ismael e Esaú. Dizem eles que tudo é nada mais nada menos que pré-conhecimento de Deus.

Ora, isso dá o crédito a eles! É uma recompensa por sua bondade, e se a salvação é apenas a recompensa que recebemos por nossa fé e por nossa crença ou por alguma outra coisa que haja em nós, então não há nenhuma questão de injustiça em Deus; é uma coisa justa, é o que esperaríamos que Deus fizesse, e não haveria nenhuma dificuldade e nenhum problema. Significaria que somos salvos porque Deus prevê que vamos crer, ao passo que outros vão rejeitar, e assim somos salvos porque cremos e os outros são rejeitados porque não crêem. Ninguém faz objeção a isso; na verdade, é disso que todo o mundo gosta! Não haveria nenhuma necessidade de elaboração deste grande argumento, se essa fosse a verdadeira explicação do que Paulo diz dos versículos 6 a 13. Mas vocês vêem que há uma objeção, e, portanto, devemos rejeitar as quatro explicações oferecidas.

Não, o que o apóstolo diz dos versículos 6 a 13 é que Deus, por Sua eterna e soberana vontade em levar a efeito o Seu grande e eterno propósito, escolhe alguns para a salvação e rejeita outros. Essa é a conclusão a que chegamos. Essa é a única conclusão que leva a esta dificuldade particular, a esta acusação que as pessoas sentem em seu coração contra Deus. Elas dizem: "Se é assim, Deus é injusto. Se é certo que Deus escolheu Jacó e rejeitou Esaú quando os dois ainda estavam

no ventre da sua mãe e ainda não tinham feito nem bem nem mal nem coisa alguma, se você diz que é totalmente "daquele que chama" e nada tem a ver com o homem, então não é justo". Essa é a decorrência, não é? Vocês podem entender a objeção e a dificuldade que surgem. Certamente essa é, pois, a exposição e interpretação do que o apóstolo de fato diz nestes versículos. E o fato de que o é vai ficar mais evidente e mais claro à medida que o seguirmos na argumentação que ele irá desdobrar diante de nós.

Podemos expressar o ponto desta maneira: se é isso que o apóstolo diz de fato, que acham vocês disso? Pois bem, essa é a segunda pergunta. Lembrei-lhes que há duas perguntas: (1) Que é exatamente que o apóstolo diz? (2) Qual a reação de vocês a isso, que é que pensam sobre isso? O apóstolo lança esta grande proposição – que o propósito divino de salvação está garantido e será finalmente bem-sucedido porque é algo que depende inteiramente da vontade e do propósito de Deus, e em nenhum sentido da resposta humana. Essa é a declaração dele; como responder a ela?

Agora vamos abordar o que, naturalmente, é um dos problemas mais difíceis de toda a esfera da teologia, qual seja, "o conhecimento de Deus". É uma questão que tem sido debatida através dos séculos – talvez nalguns aspectos a mais difícil de todas, porque nos leva imediatamente a considerar a mente do Deus eterno e sempiterno – e, portanto, devemos fazer uma pausa por um momento para alguns comentários essenciais neste ponto. Um deles é que novamente devemos dar graças a Deus pelo modo como Deus tratou com Seu servo Paulo e o usou; devemos dar graças a Deus pelo modo como o apóstolo nunca evita uma dificuldade, nunca a contorna. Há mestres que, quando topam com um problema, ou não falam nada ou fazem uma brincadeira a respeito e passam ao largo dele. O apóstolo nunca faz isso; ele sempre levanta a dificuldade, examina-a e lhe dá a sua resposta. Essa é uma das coisas mais maravilhosas concernentes às Escrituras.

Por isso, firmo como uma proposição que, devido uma coisa ser difícil de entender, não devemos passá-la por alto. Não devemos ler só as porções das Escrituras que pensamos que entendemos e que achamos fáceis; devemos tomar as Escrituras todas e considerá-las totalmente, caso contrário estaremos insultando a Deus. Foi Ele que nô-las deu. E o cristão que não examina uma coisa ou deixa de lidar com ela simplesmente porque é difícil, é culpada de grave pecado. É como a criança que joga fora um maravilhoso presente dado por seu pai, e que não aprecia devidamente o que está sendo feito pelo bem dela. Sejamos cuidadosos, pois, para não suceder que, por uma espécie de impaciência superficial e porque não gostamos da doutrina, digamos: "Não posso me incomodar com isso; o que me interessa é a salvação positiva". Estou apenas prevenindo vocês, para que sejam muito cuidadosos como falar sobre a Palavra de Deus.

E assim, essa consideração nos leva ao segundo ponto, que é o espírito com que fazemos isso. Certamente não há nenhum outro assunto concernente ao qual precisamos ser mais cautelosos quanto ao nosso espírito do que este. Desafortunadamente, a história prova exaustivamente esse ponto. Não abordemos este assunto com espírito sectário ou polêmico. Quantas vezes ele tem sido usado meramente para fins de debate, e as pessoas ficam ansiosas para provar a sua posição, de um lado ou do outro. Essa não é a maneira de abordar a verdade de Deus em tempo algum.

Menos ainda devemos abordá-la com mau humor. Conheci mais cristãos que perderam o equilíbrio emocional sobre este assunto do que sobre qualquer outra coisa. O cristão nunca deve perder o seu bom humor, e, com toda a certeza, nunca o deve perder ao tratar da verdade de Deus. E se nós não conseguimos discutir esta grande questão sem acalorar-nos, então, o que devemos considerar primeiro é o nosso ser e o nosso temperamento. Não estamos aptos para encarar a verdade! Se não podemos considerar a verdade com equilíbrio

e mantendo o autocontrole, na verdade estamos em péssimas condições. Portanto, nada de impaciência!

Menos ainda, que não haja amargor. Não seria extraordinário que seja preciso dizer estas coisas? E, contudo, elas são essenciais. Conheci pessoas que, não somente perderam seu equilíbrio emocional, mas também revelaram um espírito de amargor quando discutiam esta questão. Conheci pessoas que saíam das reuniões e das igrejas dominados pelo amargor por questões semelhantes a esta. Todavia, por que há de haver amargor? Vejam vocês, devemos aperceber-nos de que estamos numa área na qual o diabo está sempre pronto para entrar em ação.

Menos ainda devemos abordar um assunto como este com espírito de superioridade. O Dr. William Barclay, por exemplo, aborda-o desta maneira: "Inevitavelmente, a nossa mente fica aturdida diante deste argumento; este nos apresenta uma descrição de um Deus que, de modo visivelmente arbitrário, escolhe um e rejeita outro. Para nós" – isto é, para nós, pessoas do século vinte* – "não é um argumento válido, porque faz Deus responsável por uma ação que não nos parece eticamente justificável. Mas permanece o fato de que, por estranho e inaceitável que nos pareça, para o judeu tocava no ponto nevrálgico". Como vocês vêem, o Dr. Barclay nos diz que o que temos aqui é um judeu discutindo com judeus. Claro que para nós isso não é argumento, porque nos parece que ele faz Deus responsável por uma ação que não é "eticamente justificável". "Para nós", vejam vocês! Somos pessoas do século vinte, temos a nossa elevada moralidade, não podemos aceitar esse tipo de argumento. Naturalmente, era certo Paulo usá-lo com referência aos judeus há dois mil anos, quando as concepções éticas deles não eram as nossas.

---

* O autor pregou este sermão no princípio da década de 1960. Nota do tradutor.

E isso, digo eu, é ser (ou bancar) superior. O Dr. Barclay diz que o que o apóstolo ensina aqui está errado. Agora, deixem que lhes diga o seguinte, a favor do Dr. William Barclay; ele está certo quanto ao que o apóstolo está dizendo. Ele concorda que nos versículos 6 a 13 o apóstolo está dizendo o que eu tenho colocado diante de vocês, porém quando chega a esta divisão, ele só tem uma coisa para dizer: "Concordo", diz ele, "que é isso que Paulo diz", mas continua, "penso que Paulo estava errado". É por isso que eu digo: não aborde as Escrituras com ar de superioridade, porque, afinal, isso simplesmente significa que você se imagina superior ao apóstolo Paulo, que você sabe mais que ele da ética, da justiça e da mente de Deus! Deus nos livre dessa moderna confiança na erudição que leva os homens a não hesitarem em criticar os escritos de um apóstolo divinamente inspirado!

Qual deverá ser, então, o nosso espírito? Bem, exatamente o oposto desse espírito de superioridade. Um espírito humilde; abordemos esta passagem com reverência. Entretanto, acima de tudo, reconheçamos, antes de começarmos, que não estamos em condições de entender tudo. Lembremos de que, nas palavras das Escrituras, Deus está no céu, nós na terra, e de que não somente somos pequenos e finitos, mas, além disso, somos pecadores. Não esperemos entender plenamente a mente de Deus. Haveria coisa mais ridícula do que uma criatura como o homem arrogar-se o direito de entender plenamente tudo o que Deus faz e tudo o que Deus Se propõe fazer?

Não, ao abordarmos uma passagem como esta, a palavra das Escrituras que sempre me vem é: "Tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa" (Êxodo 3:5). Na verdade, o próprio apóstolo coloca isso diante de nós no fim do capítulo 11, quando ele chega à conclusão desta extraordinária questão: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que, quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu

conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém".

Noutras palavras, estou simplesmente dizendo o seguinte: não se disponha a dizer: "Mas eu não entendo isto, não posso ver isso". Acalme-se, esfrie-se, procure compreender que há muitas coisas que você não consegue ver. Você tem um cérebro pequenino e um paupérrimo espírito em seu ser; não fique surpreso se não puder ver ou entender algo. No entanto, ao invés de rejeitá-lo por não poder entendê-lo, acerte o seu espírito, retorne à Palavra, procure considerá-la de novo, ore a Deus pedindo-Lhe que lhe dê entendimento e iluminação. Quando você se aproxima das Escrituras, nada é mais importante do que o seu espírito; é muito mais importante que a sua inteligência e que o seu preparo. Aí estão os comentadores atuais, vocês vêem, homens que tiveram um preparo maravilhoso e que são capazes, sim, mas, porque o seu espírito é errôneo, toda a sua explicação é errônea. Portanto, sejamos cuidadosos!

E o último ponto é este: notem que o método do apóstolo no trato de toda esta questão é em termos das Escrituras. Tendo formulado esta objeção, que é bastante real para muitos, ele continua: "Pois diz a Moisés...". Ele cita a Escritura: "Porque diz a Escritura a Faraó...". Este é um ponto que precisamos salientar. O apóstolo não faz o que tantos de nós temos feito muitas vezes – e eu me culpo disso, quanto ao meu passado. Eu discutia sobre esta questão particular antes de ser cristão, e fazia isso falando levianamente com os outros, e eles eram igualmente levianos e igualmente ignorantes. Não fora a misericórdia de Deus, todos nós estaríamos no inferno, como merecemos plenamente estar por exibirmos as nossas opiniões sobre Deus, sobre o que Ele faz e sobre o que achamos que Ele deveria fazer.

O método do apóstolo não é engajar-se numa discussão filosófica geral; ele trata do assunto em termos das Escrituras;

e notem vocês o modo como ele faz isso. No versículo 17 ele deixa claro que para ele as Escrituras são a Palavra de Deus, pois afirma: "A Escritura diz a Faraó". O que de fato aconteceu foi que Deus disse a Moisés o que ele devia dizer a Faraó – "E dize isto a ele". Deus falou com Faraó por meio de Moisés. O apóstolo coloca isso aqui, dizendo: "A Escritura diz a Faraó", com o que ele quer dizer que as Escrituras são a Palavra de Deus. Não temos aqui meramente escritos de homens. Os homens foram instrumentos usados por Deus, mas as Escrituras são a Palavra de Deus! É por isso que devemos ser cuidadosos para não tomarmos uma questão como esta e transformá-la num problema filosófico e expressar as nossas opiniões. Não devemos fazer isso. Estamos lidando com a Palavra de Deus, e os escritos do apóstolo Paulo são a Palavra de Deus.

Pois bem, contamos com a autoridade do apóstolo Pedro para dizer isso. Lembram-se de como ele expressa este ponto em sua Segunda Epístola, no fim do capítulo três? Ele está tratando da questão do fim do mundo, e diz: "...como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada; falando disto, como em todas as suas Epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição" (2 Pedro 3:15,16). Pode-se perfeitamente conceber que Pedro estava pensando nesta passagem que estamos examinando – "pontos difíceis de entender".

Portanto, devemos ser muito cautelosos, para que não se dê o caso de nos vermos discutindo com Deus. O que o apóstolo escreve aqui não é a opinião de um homem. Ele está escrevendo sob inspiração divina; ele está escrevendo a Palavra de Deus. E seu ensino, como o de Pedro, bem como a do nosso Senhor, é que o Velho Testamento, em sua totalidade, é a Palavra de Deus, e, portanto, devemos humilhar-nos diante dela e ouvi-la com muita atenção. Praticamente, o que Paulo diz é: "Não

vou discutir com vocês em termos do que eu penso; o que digo é o que Deus disse, é a Palavra de Deus sobre esta questão". E então a cita para eles. Por conseguinte, devemos abordá-la dessa maneira. Freqüentemente ouvi pessoas que afirmam que crêem nas Escrituras "de capa a capa", para citar suas palavras, inconscientemente negarem as Escrituras. Por exemplo, no que se refere ao que o apóstolo ensina sobre as mulheres, ouvi essas pessoas dizer: "Ah, isso é apenas opinião do apóstolo Paulo". E isso significa, vocês vêem, que tais pessoas acham que o apóstolo Paulo não foi divinamente inspirado. Quando não concordarem com ele, se vocês começarem a dizer que o que ele diz é mera opinião de alguém que é escritor, vocês estarão negando a doutrina das Escrituras. Cuidado com o que fazemos!

O apóstolo submetia-se completa e absolutamente às Escrituras. Ele não tinha outra autoridade que não as Escrituras e o que lhe foi revelado como apóstolo escolhido. E o que se aplica ao Velho Testamento aplica-se ao Novo, e aos escritos deste apóstolo neste ponto particular. Não estamos discutindo com um homem, nem estamos retrocedendo a alguém que viveu há uns dois mil anos e que não tinha as vantagens que temos hoje – os nossos recentes desenvolvimentos do conhecimento e da ciência, e dos nossos conhecimentos gramaticais. No momento em que começarmos a falar daquele jeito, estaremos negando que as Escrituras do Novo Testamento são a palavra de Deus, inspirada e infalível. Devemos, pois, submeter-nos, e submeter o nosso juízo, aos ensinos das Escrituras, de todas as Escrituras. Não devemos crer nas Escrituras somente quando se der o caso de concordarmos com elas, devemos crer nelas quando não concordamos; devemos crer nelas quando não a entendemos; e se em algum ponto parecer que elas nos dizem algo que implica a existência de injustiça em Deus, devemos dizer logo: "Isso é impossível, há algo de errado em mim. Voltemos a isso, examinemos esse ponto cuidadosamente. Com espírito de

humildade, e rogando ao Espírito Santo que me ilumine, vou voltar ao ponto e ver se posso chegar a ter algum entendimento a respeito". É assim que se deve fazer. Façam isso escrupulosamente.

Meu último ponto, para animar-nos com relação a esta particular atitude, abordagem e espírito, é o seguinte: a história tem seu lugar, seu valor e sua importância em tudo o que diz respeito à interpretação, e se você sentir no íntimo algo que o leve a dizer, "De jeito nenhum posso crer numa coisa dessas. Isso significa que Deus é injusto, que Deus é parcial, não posso entender que Deus escolha um homem antes dele nascer, para mim isso é...", então, em acréscimo a tudo o que eu disse, espero que o que vou dizer tenha algum peso para você – que os maiores mestres da Igreja Cristã, em todos os séculos, creram nesta doutrina e a ensinaram exatamente como o apóstolo a expõe aqui diante de nós. Cuidado! Que ninguém se veja insurgindo-se contra o extraordinário Agostinho de Hipona; cuide-se para não se ver discutindo com o homem que, acima de todos os demais, é reverenciado pelos católicos romanos, Tomás de Aquino, porque ele interpretou o ensino de Paulo exatamente da mesma maneira que Agostinho. E assim fizeram todos os grandes escolásticos, e também Martinho Lutero, João Calvino, João Knox, todos os importantes puritanos, Jonathan Edwards, Charles Haddon Spurgeon, Charles Hodge, Robert Haldane, e muitos outros.

Pois bem, eu digo isso porque atualmente há pessoas que são tão ignorantes que parecem considerar este ensino como uma nova doutrina que de repente surgiu na Igreja, e ficam tão agitadas a respeito, e escrevem artigos, livros e panfletos sobre ela, como se fosse uma coisa inteiramente nova. Vocês sabiam que esta doutrina consta nos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra?* Vocês sabiam que até 1860 todas as

---

* Em 1974, quando professor no Seminário Presbiteriano de Campinas >>

denominações da Inglaterra, fora os metodistas, criam nela? Até aquele ano João Wesley* e os metodistas constituíam a bem pequena exceção na história da Igreja, mas agora vivemos dias em que os que não crêem nesta verdade são a regra, e não mais a exceção. Que lástima!

Mas, no transcurso dos séculos, os grandes expositores e doutores da Igreja entendiam estas palavras do apóstolo nos termos em que elas frontalmente se apresentam, interpretavam-nas em conformidade com os seus termos e faziam todo o possível para dar esclarecimento e entendimento a todos nós que, por natureza, achamos a princípio que este ensino é uma coisa que não podemos aceitar, no qual não podemos crer. Portanto, procure ouvir tais homens. Não só tenha cuidado com o seu espírito, não só cuide para que não seja achado argumentando contra as Escrituras ou contra Deus, mas deixe que este fato entre como um argumento corroborativo e adicional. Não se coloque na situação dos pensadores superficiais que, por não o poderem entender e explicar, rejeitam o evidente ensino da Palavra de Deus.

Esta é uma questão solene, pelo que procuremos examiná-la sempre deste ponto de vista. O que o apóstolo está realmente interessado em fazer é mostrar que eu e vocês, apesar do que ainda somos, apesar da nossa falibilidade, da nossa fragilidade

---

<<(SPS), numa "Semana Teológica" fiz uma palestra sobre "Evangelização e Predestinação", a qual foi publicada em brochura em 1976. Transcrevi, nas páginas 51 e 52, três orações do *Livro de Oração Comum* (*Oração Comum* segundo o uso da Igreja Episcopal Brasileira, 1950, pp. 592, 594 e 595). Transcrevi-as porque essas orações incluem "expressões indicativas da dependência em que o crente se reconhece do Todo-poderoso, e da confiança na direção providencial, coisas que envolvem necessariamente a aceitação do governo soberano de Deus". Nota do tradutor.

* E, contudo, alguns sermões de João Wesley que li são calvinistas, comparados com sermões que tenho ouvido de alguns colegas presbiterianos! Nota do tradutor.

e da nossa inconstância, apesar da nossa falta de diligente zelo, da nossa ignorância e da nossa propensão para pecar – o que Paulo está realmente tentando dizer-nos é que, se de fato nascemos de novo, se somos filhos de Deus, sempre o seremos, e nada, nem ninguém, nem o inferno nem coisa alguma de lugar algum jamais poderão separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor. Ele não está fazendo uma interessante discussão ou um debate acadêmico sobre eleição e predestinação – não é nada disso que ele está fazendo. Ele está procurando dizer-nos que, se estamos dentro do propósito de Deus, estaremos ali para sempre. Ou, para expressá-lo de outra forma, visto que estamos dentro do propósito de Deus, estamos salvos, e desde que estamos salvos, estamos dentro do propósito de Deus e sempre estaremos. Diz o apóstolo que, se isso de algum modo dependesse de nós, fracassaria, porém não fracassará porque é inteiramente algo que Deus faz, e porque Deus é quem o faz, está a salvo, é certo, é final, é seguro.

Tratemos, pois, de compreender o que Paulo está dizendo. A eleição é tão-somente uma parte disto; é a maneira pela qual Deus leva a efeito o Seu propósito. Mas a grande realidade que sempre devemos contemplar é o propósito de Deus, que é levado adiante e efetuado certa, infalível e absolutamente dessa maneira e apesar do que se possa dizer verdadeiramente a respeito de cada um de nós.

13

"Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma. Pois diz a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece. Porque diz a Escritura a Faraó: para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer." – Romanos 9:14-18

Em nosso estudo do grande tema do qual o apóstolo trata nestes versículos, já examinamos, em primeiro lugar, o que exatamente o apóstolo está dizendo nos versículos 6 a 13. Depois, tendo concordado sobre isso, começamos a considerar a nossa reação a isso, e demos ênfase à importância da nossa abordagem de tal assunto com o espírito verdadeiro e certo. Mas agora, antes de continuarmos esse assunto, quero acrescentar apenas uma nota de rodapé ao nosso estudo anterior. Dei uma lista de pessoas e falei sobre o modo como elas tinham interpretado a questão do soberano propósito de Deus na salvação; e indiquei que havia uma grande exceção – João Wesley. Eu já tinha mencionado o caso de Armínio, e Wesley foi mais ou menos seguidor de Armínio. Portanto, alguém poderá muito bem inquirir: "Como você pode, então, conciliar estas coisas, porque Wesley foi um homem indubitavelmente abençoado por Deus e usado por Deus na salvação de pecadores, e, apesar disso, você diz que a atitude dele para com este assunto era totalmente errada?".

Quanto a isso duas réplicas podem ser formuladas. A

primeira – e espero que todos tenhamos claro entendimento sobre isto – é que eu não estou dizendo que o entendimento desta verdade é essencial para a salvação. É um erro total pensar que é. O que estou tentando mostrar é que é essencial ter um correto entendimento do método e da mecânica da salvação, mas não é essencial para a salvação. E, na verdade, penso que os casos de pessoas como Armínio e João Wesley provam isso de maneira cabal. Embora um homem esteja errado em seu entendimento deste aspecto particular da verdade, ainda pode ser cristão; pode ser usado por Deus na propagação das boas novas da salvação.

Noutras palavras, afirmo que isso é em si uma das provas mais fortes desta doutrina, que não é de homem algum. Deus pode usar um homem apesar dele estar intelectualmente confuso. Deus pode usar até alguém que esteja errado nalguns pontos da sua doutrina. Lembrem-se, não é a doutrina que é essencial para a salvação. Deve-se classificar a doutrina desta maneira: há certas coisas nas quais o homem precisa crer antes de poder ser cristão, porém isso não se aplica a todos os aspectos da doutrina. E por isso digo que o fato de que Deus pode usar e abençoar o ministério de homens que neste ponto estão errados é, em última instância, a maior prova desta doutrina; e que não é o entendimento do pregador que importa, mas Deus, a eleição provinda de Deus e a operação do Seu propósito mediante a Palavra e o Espírito agindo nele.

Mantenhamos, pois, isso claro em nossas mentes e continuemos a desenvolvê-lo nós mesmos. Aqui não estamos interessados na doutrina que determina se as pessoas são cristãs ou não, se estão salvas ou não. Mas estamos muito interessados em sua certeza da salvação, o que é uma coisa muito diferente. A pessoa pode ser salva sem ter certeza disso. E é da certeza que estamos tratando aqui.

Pois bem, no capítulo anterior vimos a reação do apóstolo a qualquer sugestão de que "há injustiça da parte de Deus". Ele nos diz que isso é impensável. Todavia Paulo não deixa a

coisa aí; ele quer dar-nos mais algumas bases para esta expressão de completa impossibilidade. Analisemos o seu argumento. Ele vai do versículo 14 ao 24, mas vamos examiná-lo primeiro em geral, antes de partir para os detalhes. Ele faz a pergunta no versículo 14. Nos versículos 15 a 18 ele expõe a causa a fim de responder à objeção levantada sobre o que ele dissera nos versículos 6 a 13. Depois, dos versículos 19 a 24, ele trata de mais uma objeção que agora surge dessa declaração. Noutras palavras, no versículo 19 vocês verão, "Dir-me-ás então: por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade?", e isso se levanta do que ele tinha acabado de dizer. Portanto, nestes versículos ele trata desta objeção adicional e lhe dá resposta final e completa. Aí está uma análise geral da passagem.

Passando então, primeiramente, à declaração da causa nos versículos 15 a 18, ainda podemos subdividir essa parte também. Paulo tem duas causas para estabelecer, porque ele dissera duas coisas nos versículos 6 a 13. A primeira é que Deus escolhe porque tem misericórdia de algumas pessoas; porém, em segundo lugar, Paulo diz também que Deus não escolhe outras pessoas por misericórdia para com elas, antes as odeia. "Amei Jacó, mas odiei Esaú" (VA), e isso antes deles terem nascido.

Por isso, porque tinha feito duas declarações, há duas objeções no versículo 14: "Que diremos, pois, que há injustiça da parte de Deus? – e isso parece ser injusto em dois aspectos. Parece que é injusto da parte de Deus tratar com misericórdia a uns e não a outros, e também parece que é injusto da parte de Deus odiar e condenar alguns, e ainda antes deles nascerem. E assim Paulo se ocupa de ambos os aspectos nos versículos 15 a 18. Nos versículos 15 e 16 ele trata da primeira causa e vindica e estabelece a soberania e a absoluta liberdade de Deus em ter misericórdia daqueles de quem Ele tem misericórdia. Depois, no versículo 17, ele trata da segunda causa, e aqui ele vindica e demonstra a soberania e a liberdade de Deus em rejeitar

algumas pessoas. E no versículo 18 ele chega a uma conclusão geral, que é: "Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer".

Essa é, então, a exposição da causa em geral; examinemos agora os detalhes. Primeiro, nos versículos 15 e 16 Paulo se ocupa da primeira causa. Diz ele: justifico a minha declaração de que Deus tem misericórdia de alguns e não de outros desta maneira: "Pois diz a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece".

Que é que ele quer dizer com isso? Bem, o que ele está dizendo é que ter misericórdia de alguns, e do modo como Deus a tem, não pode ser injusto, porque o próprio Deus é que diz que o faz. O apóstolo cita Êxodo, capítulo 33, e o seu argumento é, efetivamente, o seguinte: "Vocês não podem dizer que isto é injusto porque não sou eu que o estou dizendo. O próprio Deus no-lo disse naquilo que disse a Moisés naquela ocasião, que Ele faz justamente isto e", diz o apóstolo, "por implicação, isso em si já é suficiente. O que Deus diz é sempre final. O que Deus diz é sempre justo e reto, e quando Deus diz deliberada, explícita e especificamente que faz certa coisa e de certa maneira, esse deve ser então o fim de todo o argumento".

Agora, é muito interessante observar as circunstâncias sob as quais Deus fez a declaração a Moisés, em Êxodo, capítulo 33. Não podemos entrar nisso em detalhe, mas é um grande incidente do Velho Testamento, que se seguiu ao que ocorreu quando Moisés esteve no monte com Deus, e desceu e encontrou o povo adorando o bezerro de ouro. O povo tinha ficado impaciente, sentindo a ausência de Moisés, e por isso buscaram Arão, e foi assim que Arão fez aquele bezerro de ouro para o povo, e este o estava adorando. Vocês se lembram do que aconteceu. Consternado, Moisés intercedeu pelo povo. E perto do fim daquele capítulo trinta e três vocês verão que Moisés,

tendo feito muitas súplicas a Deus, continua, no versículo 18, e diz: "Rogo-te que me mostres a tua glória. Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer". E eis o que isso significa: Moisés estava pedindo, não somente uma manifestação da misericórdia de Deus, mas também uma manifestação da glória de Deus a toda a nação. Não só para si, porém para toda a nação. E a resposta que Deus lhe deu foi: não farei isso para a nação toda. "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer". Não de todo o povo, mas apenas de certos membros da comunidade, e não de todos os demais. Foram essas as circunstâncias nas quais Deus fez esta grande declaração a Moisés.

Os termos desta declaração são interessantes e importantes. Ele fala em "misericórdia" e "compaixão", ou, como a temos em Êxodo 33:19, fala em ter "misericórdia" e em "compadecer-se". E são empregados os dois termos porque há uma diferença de sentido entre eles. "Misericórdia" representa o desejo de aliviar sofrimento, ao passo que "compaixão" (ou graça) refere-se aos sentimentos experimentados à vista do sofrimento. Noutras palavras, geralmente a compaixão antecede à misericórdia. Compaixão significa que quando você vê um caso de sofrimento, imediatamente se despertam em seu íntimo certos sentimentos; você sente tristeza e dó. E a misericórdia é você pôr em prática esses sentimentos. A misericórdia é mais prática que a compaixão; é o desejo de aliviar o sofrimento, de fazer algo a respeito dele e de afastá-lo.

Portanto, é coisa de grande significado o fato de que são estes os termos particulares de que estamos tratando. Vocês vêem, a objeção apresentada contra o ensino do apóstolo é que ele parece mostrar "injustiça da parte de Deus". "Vejam, diz praticamente Paulo, "aqui não estamos falando sobre justiça nem sobre retidão, estamos falando sobre compaixão e

misericórdia!" E isso é absolutamente vital para entender-se todo o argumento. Se vocês quiserem introduzir aqui a idéia de justiça e retidão, melhor seria procurarem aperceber-se do que estão dizendo. "Esperem um minuto", diz o apóstolo, "se vocês quiserem discutir comigo em termos de justiça e de retidão, facilmente lhes direi qual é a situação. É a seguinte: se Deus tratasse qualquer de nós com justiça e com retidão, cada um de nós estaria condenado eternamente, porque é isso que merecemos".

Daí a importância de entender os nossos termos. Não devemos pensar nesta passagem em termos de justiça e de retidão, pois, se o fizermos, não haverá esperança para ninguém. O mundo inteiro jaz "culpado diante de Deus". "Não há um justo, nem um sequer"; todos os seres humanos merecem o inferno e o castigo eterno. "Não", diz o apóstolo, "eu estou falando de compaixão e de misericórdia, e, segundo o próprio uso dos termos, toda e qualquer base para queixa contra a ação de Deus já é removida." Portanto, mesmo que o apóstolo não tivesse ido mais adiante, os próprios termos são, em si e por si mesmos, suficientes para responder a esta acusação de injustiça da parte de Deus.

Mas devemos prosseguir, e vocês vêem que estou tentando construir o argumento como o apóstolo o faz. Devemos começar com os seus termos, depois devemos considera a significação desses termos, e é justamente isso que acabamos de fazer.

Depois, em terceiro lugar, o que Deus disse a Moisés é uma proclamação do fato de que Deus não é misericordioso para com todos: "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer". O que Ele está dizendo é que não tem misericórdia de todos; só de alguns. Pois bem, este é um ponto crucial e sumamente importante. É um engano pensar que Deus tem que ser misericordioso para com todos. Devemos diferenciar entre alguns atributos de Deus e outros. Deus é sempre sábio, Deus

é sempre verdadeiro, Deus é sempre santo, Deus é sempre poderoso e Deus é sempre justo em seus procedimentos para com todas as pessoas, entretanto, aqui, Deus mesmo nos diz bastante deliberadamente que Ele nem sempre é misericordioso, que Ele não tem misericórdia de todos, mas somente de alguns. Há uma distinção aí.

Agora, faço questão de dizer isso porque existe uma doutrina que corre mundo com o nome de "universalismo", cujos adeptos crêem que finalmente todos serão salvos. E o argumento utilizado para defender essa crença é que Deus é amor e que Deus é misericórdia. Assim, para dar ênfase à minha tese, permitam-me citar um dos grandes mestres puritanos, Stephen Charnock, que escreveu um livro sobre *The Existence and Attributes of God* (A Existência e os Atributos de Deus). Eis como ele se expressa: "Deus é necessariamente bom (compassivo) quanto à Sua natureza, porém age livremente quanto ao derramamento da Sua bondade sobre este ou aquele objeto por Ele destacado". Charnock afirma que há uma distinção entre Deus como "necessariamente bom" (e Deus em Sua liberdade), mas Deus, no que se refere às manifestações ou ao derramamento dessa bondade, é bom com relação a este objeto particular que acontece que Ele "destaca", ou que Ele escolhe, e, realmente, não a todos.

Charnock então continua: "Ele não é necessariamente comunicativo de Sua bondade como o sol o é da sua luz, que não escolhe seus objetos mas ilumina a todos indiferentemente". Vocês vêem a comparação que ele usa? Diz ele: olhem para o sol. Ele emite sua luz, e ela vai por toda parte. Não há matéria de escolha envolvida; ele não escolhe mostrar alguma luz aqui, e não ali. Mas Deus, diz ele, não é assim. "Se fosse, seria fazer de Deus um Ser com entendimento não maior que o do sol, brilhar não onde Lhe agrada, mas onde é obrigado a brilhar." Esse é o ponto! Deus *Se agrada* em mostrar misericórdia, não é *obrigado* a mostrá-la. O próprio fato de que Ele diz, "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me

compadecerei de quem me compadecer", significa que Ele não é obrigado a isso. Às vezes Ele escolhe, e às vezes não.

Diz Charnock que, se não fosse assim, e Deus tivesse misericórdia de todos, Deus seria tão mecânico como o sol a brilhar nos céus. "Mas Deus", diz ele, "é um Agente caracterizado por entendimento, e tem direito soberano de escolher os Seus súditos. Sua bondade não seria suprema, se não fosse voluntária." Noutras palavras, seria uma espécie de bondade mecânica. "Mas", diz ele, "Deus é absolutamente livre para dispensar a Sua bondade pelos meios e pelas medidas que forem do Seu agrado, segundo as determinações da Sua vontade, guiado pela sabedoria da Sua mente e seguindo as normas ditadas pela santidade da Sua natureza. Ele "não dá contas de nenhum dos seus feitos" (Jó 33:13). Ele terá misericórdia de quem Ele tiver misericórdia, e se compadecerá de quem se compadecer, e será bom para quem Ele for bom."

Assim, o ponto estabelecido é: Deus, por ser Deus, não tem misericórdia de todos. O universalismo ensina que tem, e é muito popular na presente hora. É, fora de toda questão, o ensino de Karl Barth, o conhecido teólogo do continente europeu. Ele ensina a "salvação universal" – que no fim todos serão salvos. Sua particular razão para dizer isso é que tudo está em Cristo, que Cristo é a única pessoa eleita; somos todos condenados em Cristo; somos todos salvos em Cristo. É assim que ele chega àquela posição, porém não precisamos entrar nisso agora.

Mas há outros que ensinam esse mesmo universalismo. Citei o professor William Barclay num estudo anterior; ele ensina isso descaradamente em muitos dos seus livros, e com freqüência nos seus artigos. Ele acredita que no fim toda a humanidade, indiferentemente, terá sido redimida. Isso de alguém perder-se final e irremissivelmente e sofrer os tormentos do inferno eterno, não haverá.

O Dr. C. H. Dodd, que citamos anteriormente, também

tem um comentário sobre esta passagem. Ele pode ver claramente que Paulo está ensinando que Deus escolhe alguns indivíduos e rejeita outros, porém depois diz, entre parênteses: "Veremos que esta seleção de indivíduos é feita com vistas à elevação final da humanidade toda a uma nova ordem".

Ora, isso é típico ensino universalista, e é muito comum. E, naturalmente, só se pode dizer o seguinte a respeito: é uma total contradição, não somente desta passagem, mas também de inúmeras outras, em toda a Bíblia. A Bíblia divide claramente a humanidade em salvos e perdidos, os que vão estar com Deus e os que vão ser eternamente excluídos da Sua presença, os que vão para o céu e os que vão para o inferno. Isso está no Velho Testamento, e está aqui, no Novo. O nosso Senhor ensinou isso. Este ensino está em toda parte. Contudo é inteiramente rejeitado por estas pessoas.

Com que base, então, tais pessoas acreditam em seu universalismo? Baseiam-no inteiramente em seu próprio pensamento. Seu argumento é: se Deus é amor, se Deus é misericórdia, é inconcebível que alguém fique fora disso. Mas isso é raciocinar partindo da filosofia. É raciocinar com base no seu próprio entendimento de Deus, e é negar o que o próprio Deus disse a Moisés. "Não vou ter misericórdia de todos. Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer". O ensino do universalismo não é meramente uma contradição do ensino do apóstolo Paulo e do Filho de Deus; é uma contradição do claro ensino do próprio Deus.

Estamos tratando de questões muito elevadas e muito importantes aqui. Por fim chega-se a isto: em que você baseia a sua posição? Há somente duas bases finais. Ou você crê que o que temos aqui é a Palavra de Deus, por Ele inspirada, e se fia inteiramente no que ela diz, ou baseia a sua posição no que você pensa e no que outras pessoas pensam junto com você. Tem que ser uma coisa ou outra. Assim, em última análise, não é um argumento sobre este ensino particular; é um

argumento quanto a se esta é a Palavra de Deus ou não. O apóstolo Paulo teria sido controlado pelo Espírito Santo quando escreveu? Você pode confiar naquele relato em Êxodo do que Deus disse a Moisés? Se você é universalista, você rejeita os dois casos e coloca a sua idéia sobre o amor de Deus e sobre a misericórdia de Deus antes do claro e explícito ensino da Palavra de Deus, destas Escrituras Sagradas. Deixo isso com você. Quanto a mim, nada sei fora do que tenho neste Livro. Não tenho nenhuma autoridade, não tenho nenhuma opinião, fora daquilo que me é dito aqui. E, ao que me parece, ainda que não tivéssemos nada mais, aqui nós temos uma condenação tão explícita do universalismo como jamais se pode encontrar. Sejamos cautelosos, para não ocorrer que insinuemos algo do nosso próprio pensamento.

Há outras formas que este argumento assume; não só o universalismo. Há os que ensinam uma espécie de "imortalidade condicional". O argumento é o mesmo. Dizem eles: "Não posso crer que o amor de Deus possa deixar definitivamente as pessoas nessa condição pecaminosa e puni-las para sempre". Ora, isso não passa de opinião humana. Tenhamos o cuidado de não nos contradizermos, dizendo que cremos no ensino das Escrituras e depois, de repente, jogá-las fora e apresentar o nosso próprio conceito sobre Deus, e, devido nos acharmos em dificuldades, colocar isso antes do claro ensino das próprias Escrituras.

Segue-se então o quarto ponto, segundo o qual, se recebemos misericórdia ou não, depende unicamente da soberana vontade de Deus: "Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia". Pois bem, aí o apóstolo consubstancia o que já nos tinha dito no versículo 11: "Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)". É Sua vontade que chama; é Sua vontade que tem compaixão e misericórdia; é tão-somente algo

pertencente à vontade de Deus.

Mas devemos ir adiante, ao versículo 16. Paulo tira a sua conclusão disto: "Assim, pois"! "Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece." Vocês vêem, ele não se arrisca; ele nos conhece muito bem. Ele sabe que nos contorceremos para sair de um argumento, que nos contorceremos para escapar de uma afirmação clara. Ele diz: vocês não conseguirão; vou colocar a coisa pelo outro lado, e aqui está, explicitamente.

Agora, que significa este "isto é" aqui? (VA: "isto não é daquele que quer"). Significa participação na misericórdia de Deus, ou participação na salvação. O que decide se uma pessoa está salva ou perdida, se está no reino de Deus ou fora, é, "não daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus, que mostra misericórdia". Agora, naturalmente, a vontade, o querer, está perfeitamente claro aqui. "Não é daquele que quer" significa "não (depende) do desejo do homem". O que decide se alguém está salvo ou não, não é que ele deseja salvar-se ou ser salvo. "Nem daquele que corre", significa que a salvação não depende das obras ou das atividades da pessoa.

Pois bem, isso está bastante claro e explícito; mas deixem que eu o expresse de maneira tão clara e objetiva quanto eu puder. Diz o apóstolo que a nossa salvação não é resultado do nosso desejo dela, nem de qualquer coisa que façamos sobre isso. Ele exclui tanto o desejo como a ação. Expresso de outra forma, ele exclui tudo.

Precisamos entender bem isso. Paulo não está falando aqui da justiça própria. Há alguns que tentam sair desta dificuldade dizendo que o apóstolo está só falando sobre o homem que confia em suas obras. Não, ele vai muito além desse ponto, ele inclui tudo quanto o homem é capaz de fazer – todos os seus desejos, todas as suas vontades, tudo. Nenhuma destas coisas entra. "Mas, certamente", dirá alguém, "a nossa fé entra; seguramente é a minha fé que importa, em última análise. O que decide se um homem está ou não está salvo é: ele crê ou

não crê? O homem que crê está salvo; o homem que não crê não está salvo."

Não, diz Paulo, porque, se você disser isso, estará transformando esse crer, essa fé, em obra; ela entra "correndo", é a atividade do homem, e assim, nesse caso, ele recebe a salvação como recompensa por sua fé, por seu ato de crer. Todavia aqui não se trata de recompensa! Se fosse caso de recompensa, ninguém jamais faria essa acusação de que Deus é injusto e parcial. A acusação surge porque Deus escolheu um e não o outro, e isso quando nenhum deles tinha feito coisa alguma; nenhum deles tinha desejado, tinha almejado, tinha feito coisa alguma. Deus escolheu antes de eles terem nascido.

Pode alguma coisa ser mais explícita? Jamais devemos dizer que a nossa salvação depende de alguma coisa que há em nós, seja o que for. A referência ao querer e ao correr exclui toda e qualquer atividade por parte do homem. "Isto é", como diz o apóstolo, "de Deus, que mostra misericórdia", o que é apenas outra maneira de dizer o que ele tinha dito no fim do versículo 11: é "daquele que chama". Vem inteira, completa, absoluta, totalmente de Deus. É a vontade de Deus; é escolha feita por Deus; é inteiramente de Deus. E isso é o que Paulo afirma.

Muito bem, em geral eu penso que a melhor maneira, talvez, de abordar esta passagem e tentar captá-la e entendê-la, é examiná-la à luz da parábola que se acha em Mateus 20:1-6, a parábola dos trabalhadores na vinha. Essa passagem, procedente dos lábios do nosso Senhor, sempre me parece o melhor comentário da declaração de Paulo. Vejam vocês, muitos têm sempre feito objeção a esta doutrina; sempre tentam pôr em ação as suas obras. Observem então o contexto dessa parábola, em Mateus, capítulo 19, começando no versículo 24. Vem em seguida ao caso do jovem rico, e lemos: "E outra vez vos digo", diz o nosso Senhor, "que é mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. Os seus discípulos, ouvindo isto,

admiraram-se muito, dizendo: quem poderá pois salvar-se? E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível. Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos? E Jesus disse-lhes: em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna. Mas, muitos primeiros serão os derradeiros, e muitos derradeiros serão os primeiros". E então vem a parábola dos trabalhadores na vinha. Certamente foi um erro dividir os capítulos dessa maneira! Essa parábola pertence essencialmente ao fim do capítulo 19.

E qual é a mensagem da parábola? É certamente bastante clara. Temos aí homens que vêm dizer que querem trabalhar, e o senhor concorda que trabalhem na vinha aquele dia, e se compromete a pagar-lhes "um dinheiro" pelo dia de trabalho. Bem mais tarde porém, na undécima hora,* ele saiu e encontrou alguns homens que estavam ociosos na praça, e lhes perguntou: "Por que estais ociosos todo o dia?", e lhes disse: "Ide vós também para a vinha, e recebereis o que for justo". Não negociou com eles; simplesmente lhes disse que, se estivessem dispostos a confiar nele, receberiam o que era justo. Chegou o fim do dia, e o senhor da vinha preferiu pagar primeiro os que tinham chegado na undécima hora; eles tinham trabalhado só uma hora, e ele pagou um dinheiro a cada um deles.

Diz-nos depois o texto: "Vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas do mesmo modo receberam um dinheiro cada um, e, recebendo-o,

---

* Ou seja, a uma hora do fim do dia. Nota do tradutor.

murmuravam contra o pai de família" – "Há injustiça da parte de Deus?" Vocês vêem! – "dizendo: estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco, que suportamos a fadiga e a calma (calor) do dia". Eles disseram: tu és injusto, és incorreto; pagaste a eles a mesma quantia que nos pagaste, e eles só fizeram a duodécima parte do trabalho que fizemos; não é justo.

"Mas ele, respondendo, disse a um deles: amigo, não te faço agravo; não ajustaste tu comigo um dinheiro?" Isso é justiça, é retidão; concordaste comigo que farias esse trabalho, que trabalharias doze horas por um dinheiro. "Toma o que é teu, e retira-te." Não tens base para queixas; estou tratando você sobre fundamentos da mais estrita e absoluta retidão, justiça e imparcialidade; não há nada de injusto no que eu estou fazendo, estou cumprindo o trato. "Eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti. Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu?" De que te queixas? Eu te paguei o que te prometi; é um salário justo, e você disse que ficaria satisfeito. Por que te queixas, que direito tens de queixar-te, por que interferes? Não posso fazer o que quiser com o meu dinheiro? Se é minha escolha dar um dinheiro a este último homem, que não trabalhou por ele como tu, por que não deveria fazer isso? "Ou é mau o teu olho porque eu sou bom? Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos."

E esse é um comentário perfeito sobre justamente esta questão. Muitos perguntam: "Seria certo que um seja perdoado e receba misericórdia, que isto seja dado a um e a outro não? Seria certo, seria reto, seria justo?" Mas esse é o argumento dos fariseus, e todo aquele que faz objeção ao ensino que estamos examinando em Romanos, capítulo 9, está realmente sendo fariseu. Os fariseus se enfureceram com o nosso Senhor por misturar-se com os publicanos e pecadores. Eles diziam: "Esses homens são pecadores, e ali está Ele, sentando-se com eles, comendo com eles e proseando com eles. Ele só devia fazer

isso conosco, porque nós somos boas pessoas; merecemos isso, eles não, eles não têm feito nada, e ali está Ele, misturando-Se com eles. Isso está errado, este homem é um blasfemo, é um pecador". Essa era a objeção que eles faziam ao Seu ensino, à Sua conduta e ao Seu comportamento.

Mas eis aqui é a réplica a essa objeção: se você quiser introduzir a idéia de retidão e justiça, muito bem, você terá o seu salário, terá o que merece, e o salário do pecado é a morte! Como já vimos, se fosse questão de retidão e justiça, todos seriam condenados; ninguém faz jus à misericórdia de Deus. O fato de alguém ter recebido misericórdia deve-se inteiramente ao caráter e à natureza de Deus. O real mistério não é que *não* sejam salvos todos, mas que alguém *seja* salvo – esse é o mistério! Deus não deve nada a ninguém, porém, se por Sua escolha decide fazer alguma coisa com o que é dEle, deverá ser mau o nosso olho porque Ele é bom? Deus tem direito de ter misericórdia de quem Ele quiser; Ele tem direito de compadecer-Se de quem Ele quiser; não há base nenhuma para queixa.

Não existe, pois, nenhuma oposição legal que possamos fazer contra isso, não há acusação que possamos mover contra Deus. Se Ele não fizesse nada, e deixasse que a humanidade inteira fosse para a perdição eterna, ninguém teria a mínima base para queixar-se. Assim, pois, Deus é absolutamente livre para fazer o que Lhe agrada, aquilo de que gosta. E o que Ele disse a Moisés e Paulo repetiu é que Ele, por Sua livre escolha, decide ter misericórdia de uns e não de outros. Por quê? Vocês me perguntam. Não sei. Ele não nos diz. Esse é o mistério. Mas que Ele tem direito de fazer isso, certamente é tão claro como qualquer coisa o poderia ser. Não falem em retidão e justiça. Isto é misericórdia; é compaixão! É um dom de Deus completamente livre, e Ele tem direito de fazer qualquer coisa que queira. O mistério, o que nos deveria deixar extasiados, não é que Ele tenha misericórdia de uns e não de outros, porém que Ele tenha misericórdia de alguém, especialmente que

tenha misericórdia de nós.

Em parte alguma a Bíblia nos diz o que determina isto em Deus; obviamente não há nenhum propósito de que o saibamos; é uma realidade grande demais para nós. Deus está no céu e nós na terra. Ele diz: "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos... assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são... os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Isaías 55:8,9). Não tente entender a mente do Deus eterno. Não conseguirá! Aceite o que Ele diz, o que Ele faz, reconheça o Seu direito de fazê-lo. E se você recebeu misericórdia, e sabe disso, então, se você examinar realmente a situação toda, não sentirá que há alguma incorreção ou injustiça de Deus nisto. Você se encherá deste sentimento de maravilha e de extasiada admiração por Ele poder ter misericórdia de alguém – acima de tudo, de você. E quando você considerar a maneira pela qual Ele operou para ter esta misericórdia e torná-la prática e efetiva, ao ponto de entregar o Seu Filho unigênito à morte na cruz do Calvário, a sua admiração e êstase serão tão grandes que, longe de fazer perguntas sobre injustiça e falta de retidão, você se humilhará diante de Deus, "Perdido em encantamento, amor e louvor"!

14

"Porque diz a Escritura a Faraó: para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer." – Romanos 9:17,18

Temos visto que nos versículos 15 a 18 o apóstolo trata das duas objeções ao seu ensino, que consta nos versículos 6 a 13. Em primeiro lugar ele estabelece a soberania e a liberdade de Deus de ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia. Agora, no versículo 17, passamos a ver como ele trata do segundo caso, esta acusação de injustiça em Deus à luz deste ensino, e ele começa dizendo: "Porque diz a Escritura". Pois bem, este é um ponto interessante, porquanto a palavra "porque" aqui poderia levar-nos a pensar que o versículo 17 decorre diretamente do seu ensino nos versículos 15 e 16. Mas é patente que não é isso; o versículo 17 liga-se aos versículos 13 e 14. O versículo 13, como já vimos, expõe a situação geral desta forma: "Amei Jacó, e aborreci Esaú". Depois vem a objeção: "Que diremos, pois? que há injustiça da parte de Deus?" – por amar Jacó e aborrecer Esaú – "de maneira nenhuma". A seguir, os versículos 15 e 16 mostram que não há injustiça em Deus amar Jacó e em ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia. Depois, tendo tratado disso, Paulo praticamente diz: "Vou lidar com a outra objeção agora; "Que dizer do ódio votado a Esaú?" – e ele introduz isso. De modo que o termo "porque", no início deste versículo 17, liga-nos realmente à declaração dos versículos 13 e 14. É o segundo aspecto desta crítica geral, ou, como nós o expressamos, é a

declaração do segundo caso subsidiário.

Pois bem, aqui realmente estamos examinando um dos mais difíceis problemas que podem confrontar qualquer pessoa que lê a Bíblia, mais difícil até do que o nosso estudo anterior. Não há nada, imagino eu, em toda a gama dos ensinamentos escriturísticos, que cause tanta ofensa ou escândalo ao homem natural e a muitos cristãos mal instruídos como justamente esta declaração: "Porque diz a Escritura a Faraó: para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois," – e vem a conclusão dos dois casos – "compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer". O "endurecimento" é que é a pedra de tropeço, a causa de escândalo.

Assim, ao examinarmos esta declaração, a coisa que devemos fazer primeiro é, de novo, tomar os termos como são empregados pelo grande apóstolo. Tomo como certo que vocês estão estudando isto porque não têm medo de dificuldades e porque não são dos que dizem que, se uma coisa é difícil, não irão estudá-la nem procurar entendê-la. Suponho que vocês estão estudando este assunto porque querem receber luz sobre ele, que não saem disparados como cavalo assustado, e porque, se não gostam de uma coisa, não dizem: "Nem quero ver isso; fico com as partes das Escrituras das quais eu gosto". Está claro que essa atitude seria fatal. Seria desonrar a Deus, deixando de lado o fato de que também seria desonrar as Escrituras.

Vejamos, então, como o apóstolo maneja a questão. A primeira coisa que notamos é que ele declara: "Diz a Escritura a Faraó...". Essa declaração é em si interessante porque, se vocês voltarem a Êxodo, capítulo 9, versículo 16, verão que foi isso que Deus falou por meio de Moisés. Mas aqui o apóstolo se refere a isso como "Escritura", o que, mais uma vez, diz-nos algo que jamais devemos esquecer acerca das Escrituras. Elas são a Palavra de Deus, e os termos que se encontram no Novo Testamento são sempre usados uns pelos outros: "Deus disse"; "o Espírito diz"; "a Escritura diz"; "o Espírito Santo diz".

Noutras palavras, aqui não estamos lidando com as opiniões do apóstolo Paulo. Isso é dito muitas vezes, não é? Vocês ouvem as pessoas dizerem, quando não gostam de alguma coisa: "Ah, mas isso é só o que Paulo diz". O certo é que, se vocês começarem a falar desse jeito, o que realmente estarão fazendo é mostrar o conceito que vocês têm das Escrituras. Este homem é um apóstolo de Jesus Cristo, é divinamente inspirado, e lhe foi dada uma revelação. Portanto, quando as pessoas fazem tais afirmações, estão negando a doutrina de que as Escrituras são a Palavra de Deus, singularmente inspiradas e inerrantes. Sejamos cautelosos em nossa maneira de manejar as Escrituras. Foi Moisés que de fato falou com Faraó, mas aqui Paulo diz: "Diz a Escritura..."; "Deus diz...". Estas expressões são sinônimas, e são intercambiáveis.

Mas o real argumento que o apóstolo desenvolve e que deveria estabelecer a questão para nós é o seguinte: se, como dissemos em nosso estudo anterior, as Escrituras dizem uma coisa, não há mais nada a dizer; simplesmente temos que recebê-las e aceitá-las. Como cristãos, nós nos submetemos a este Livro; fora dele nada sabemos. Não somos filósofos, não somos inquiridores e pesquisadores da verdade. Somos filhos, dizemos que não sabemos nada, precisamos de iluminação, precisamos ser ensinados. Cremos que este ensino é uma revelação de Deus; aqui Deus está falando, e nós nos submetemos ao que Ele diz. Assim é que, quando você estiver conversando com um cristão sobre um assunto difícil de entender, e você afirma: "Dizem as Escrituras", imediatamente isso deve ser o fim de todo argumento e de toda dúvida.

Pois bem, Paulo fez uso desse argumento nestes dois casos subsidiários por ele apresentados. Vimos que ele dissera: "Pois diz a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia". Muito bem, se Deus disse isso a Moisés, é isso; não é questão de opinião; Deus o disse. Aqui temos de novo a mesma coisa. O que quer

que Deus diga é sempre certo, é sempre justo, é sempre verdadeiro. Aqui o apóstolo está praticamente dizendo: "Não estou expressando a minha opinião; foi isso que Deus disse. Vocês dizem que parece injusto Deus dizer: "Aborreci Esaú"; vocês não gostam deste aspecto, da rejeição, bem como do favorecimento. Mas", diz Paulo, "vocês não devem levantar esta questão, pois a Escritura o disse, Deus mesmo falou". E então ele prossegue e cita esta declaração que Deus incumbiu Moisés de dizer a Faraó, aquele grande potentado sob cuja autoridade os filhos de Israel viviam naquela época. Está em Êxodo 9:16, e, porque Deus disse isso, não pode conter nenhum elemento de injustiça; isso põe fim a toda a discussão!

Contudo, é óbvio que o apóstolo deseja que consideremos a declaração, e, assim, examinemos primeiro os termos empregados, porque muitas vezes as pessoas têm dificuldade com eles. Eis a primeira declaração: Deus disse a Faraó mediante Moisés: "Para isto mesmo te levantei...". Pois bem, a expressão "te levantei" é passível de entendimento errôneo, e por isso há quem tenha problema. Uma tradução melhor seria: "Eu te fiz ficar de pé". O sentido comunicado pela expressão original é o de permitir que alguém apareça, ou levar alguém para a frente, para o palco dos eventos. Charles Hodge, creio eu, faz uma boa tradução deste texto: "Com este propósito eu te levantei e te coloquei onde estás, ao invés de te eliminar logo de uma vez".

É, pois, uma expressão difícil, mas aí temos este consenso geral de opinião entre as autoridades quanto ao seu sentido exato. Há o perigo de supor que a expressão significa, "Com este propósito eu te criei". Mas não significa isso. Não há nenhuma insinuação aqui da idéia de criação. Toda a idéia é de o levar ao cenário de ação naquele particular ponto e conjuntura da história. Portanto, devemos descartar qualquer noção de que Faraó foi criado para essa finalidade.

A segunda expressão é a mencionada no fim do versículo

18 – "e endurece a quem quer" – e é esse ato de endurecer que constitui uma pedra de tropeço para muitos. Endurecer significa tornar obstinado, tornar teimoso. Não significa meramente punir; é mais que isso, e aqui também há sempre a tendência de dizer: "Esse homem, Paulo, era um legalista, um jurista, e ele pode pensar em termos como estes, mas esse tipo de coisa está remotamente longe de Deus". Mas a narrativa registrada no livro de Êxodo emprega este termo mais de dez vezes, a fim de que não haja dúvida ou questão a respeito.

Mas é neste ponto que surge a dificuldade. O registro em Êxodo não nos diz somente que Deus endureceu o coração de Faraó; diz-nos também que Faraó endureceu o seu próprio coração. Há um exemplo disso em Êxodo, capítulo 8, em duas declarações separadas: "Vendo, pois, Faraó que havia descanso, agravou o seu coração endurecido, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito" (Êxodo 8:15); e depois, no versículo 32: "Mas endureceu Faraó ainda esta vez seu coração, e não deixou ir o povo". Aí está, pois, o problema com que nos defrontamos.

Como resolver isso? Bem, alguns tentaram resolvê-lo dizendo: "Isso é muito simples, tudo isso realmente significa que Deus permitiu que Faraó se endurecesse". Mas essa explicação não resolve. A palavra empregada é ativa; não se trata de uma idéia permissiva. A declaração é, definitivamente, que Deus tornou Faraó teimoso e obstinado. Não foi só que Ele deixou que Faraó ficasse como ficou, como a palavra empregada aqui, no versículo dezoito, demonstra: "Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer". Aí a ação é posta rotunda e solidamente, por assim dizer, sobre Deus. É Deus que faz isso.

Todavia, inteiramente à parte disso, temos a declaração de Êxodo, capítulo 4, que seguramente deixa isso claro para nós. Antes de Moisés ser enviado a Faraó, Deus lhe disse: "Quando voltares ao Egito, atenta que faças diante de Faraó todas as maravilhas que tenho posto na tua mão; mas eu

endurecerei o seu coração, para que não deixe ir o povo" (Êxodo 4:21). Assim vocês vêem que não foi apenas que Deus permitiu que Faraó reagisse daquela maneira errada quando Moisés falasse com ele. Não, Deus disse de antemão a Moisés que ia fazer isso, de modo que devemos entendê-lo num sentido muito ativo e muito definido. A tentação é sempre para procurarmos escorregar para fora das dificuldades explicando-as evasivamente. Não se consegue fazer isso. Temos que encará-las com honestidade e sinceridade.

Como devemos tratar, então, destes dois aspectos desta declaração? Naturalmente, a resposta é que ambos são verdadeiros. Deus endureceu o coração de Faraó, e também Faraó endureceu o seu próprio coração. Não há nenhum real conflito entre as duas coisas. A tese que o apóstolo está estabelecendo é que Deus ordenou que Faraó estivesse lá, naquele particular ponto e conjuntura, a fim de que, por meio dele, tornasse conhecido o Seu poder e o Seu nome no mundo inteiro. Aí está, pois, a declaração. Mas observem o procedimento que nós adotamos: tomamos as expressões, certificamo-nos do sentido de cada termo em particular, e depois tomamos a declaração como um todo e procuramos ver o que ela diz. E esta é a conclusão a que chegamos: que aqui somos levados a lembrar determinantemente que Deus endureceu o coração de Faraó, além do fato de que o próprio Faraó se endureceu.

Assim, tendo esclarecido o que Paulo está dizendo, passamos agora ao seu significado. Como reagimos a tudo isso? Que fazemos com isso? Permitam-me começar com uma negativa e oferecer-lhes uma ilustração que mostra como devemos encarar isso. É uma citação do Comentário da Epístola aos Romanos *(Commentary on the Epistle to the Romans)*, pelo Dr. C. H. Dodd. É um comentário da série Moffatt, que era muito popular antes da Segunda Guerra Mundial, e ainda é. Eis como o Dr. Dodd aborda o problema: tendo tratado dos versículos 15 e 16, ele agora vai para os versículos 17 e 18, e

aqui está o que lemos: "O próximo passo, porém, que Paulo dá parece falso. Não era necessário, para o seu argumento, mostrar que Deus também cria más disposições naqueles que não são salvos, que Ele não somente tem misericórdia de quem Lhe apraz, mas também torna obstinado a quem Lhe apraz. Quanto ao propósito de Paulo aqui, bastava que a operação positiva do propósito redentor de Deus fosse autodeterminada com vistas aos seus objetos. Esta posição é garantida pelos dados da consciência religiosa, pois o homem verdadeiramente religioso sabe que qualquer bem que haja nele, nele está somente pela graça de Deus, faça ele o que fizer disso em sua filosofia". O Dr. Dodd não vê dificuldade nessa primeira objeção, a consciência religiosa tem que concordar com isso. Seja como for que o homem se intitule teologicamente, quando está de joelhos tem que admitir e confessar que recebeu tudo de Deus, e que é o que é pela graça de Deus.

"Mas, atribuir a Deus as más disposições de alguém", continua ele, "é artificialismo. Pode ser que a lógica nos leve a isso, porém a consciência não o corrobora. A doutrina do pecado, que encontramos nos primeiros capítulos da Epístola (particularmente os capítulos 1 e 7) não comporta esta solução do problema. Contudo, foi um bom *argumentum ad hominem*, pois o oponente judeu seria obrigado a reconhecer a autoridade das Escrituras que disseram que Deus tornou Faraó obstinado (Êxodo 9:12,16), e não poderia reclamar se Paulo fizesse uma aplicação delas na qual ele não tinha pensado." Notem o argumento; ele diz: pois bem, naturalmente, embora a nossa consciência não possa corroborar isto, Paulo foi muito esperto ali. Ele sabia que estava lidando com judeus que criam nas Escrituras e, portanto, quando citasse as Escrituras contra eles, eles não poderiam responder-lhe. É um inteligente ponto para discussão, mas a nossa consciência não o confirma.

Então ele continua: "A mente hebraica era propensa ao determinismo, atribuindo à onipotente vontade de Deus, como a causa primária, todas as conseqüências das causas

secundárias, e essa propensão foi fortalecida no período rabínico por uma decidida luta contra o dualismo, que poderia introduzir no universo um "segundo poder", contra o Deus único. Tal dualismo era conhecido pelos judeus por meio do zoroastrianismo, a religião da Pérsia. Mas uma concepção plenamente ética de Deus torna autocontraditório atribuir o mal à Sua vontade. Paulo compartilhava da propensão para o determinismo, porém, quando ele tinha plenamente em vista a revelação de Deus em Cristo como puro amor, não podia sustentar que o pecado era resultado da Sua ação. "Aqui" – nestes versículos estamos tratando disso – "o seu pensamento declina do seu nível mais alto. E, conquanto o argumento seja primariamente *ad hominem*, leva a uma doutrina pela qual mais tarde ele se faz responsável – a saber, que pelo decreto divino Israel foi cegado para a significação do evangelho (11:8). Essa doutrina é exposta com restrições que em parte extraem o seu veneno. Aqui ele enfatiza o que devemos descrever como um determinismo antiético para o seu extremo lógico, para forçar o seu opositor a confessar a soberana vontade de Deus, absoluta e arbitrária".

Fiz essa extensa citação para mostrar como não devemos reagir a esta declaração que o apóstolo cita do livro de Êxodo, e também para mostrar como não devemos interpretá-la. E tudo o que precisamos dizer sobre isso é o seguinte: aí está um homem que não hesita em colocar-se como autoridade maior que Paulo no que se refere à ética e ao amor de Deus, um homem que não hesita em sentar-se em juízo contra o apóstolo Paulo e dizer que Paulo está completamente errado em dizer o que diz e que ele caiu do seu próprio padrão. O comentador é maior homem, maior mente, maior espírito e maior santo que o apóstolo, e vê tudo como juiz. Diz ele: pois bem, noutras ocasiões, naturalmente o apóstolo tem esta maravilhosa concepção do amor de Deus, mas, para ajustar as contas sobre um ponto de discussão com os judeus e vencê-los, ele baixou seu nível aqui.

No entanto, quando você adota essa atitude, não conta com autoridade alguma em que basear-se, exceto o que você mesmo pensa. Se você pensa que pode sentar-se em juízo sobre os apóstolos, você é a autoridade; é a sua consciência religiosa; é o que você pensa e o que você sente. E você acaba ficando na situação daqueles que não se sujeitam às Escrituras; eles próprios são a autoridade, e você tem que acreditar no que eles dizem. Se eles não entenderem uma coisa ou não gostarem dela, dizem que está errada. Mas, no momento em que você toma essa atitude para com as Escrituras, pergunto: em que você crê e em que não crê? E, naturalmente, o Dr. Dodd está muito errado em sua declaração quando diz que Paulo aqui atribui algum erro ético a Deus, ou que Ele coloca neste ou naquele homem a idéia de um erro ético ou de um mal moral. Como veremos, Paulo não diz absolutamente nada disso.

Já examinamos em detalhe essa citação também porque vocês verão que a maior parte dos comentadores modernos adota esse conceito. O Dr. Dodd é apenas um exemplo típico e representativo da maneira pela qual os homens chegam à Palavra de Deus confiando em si mesmos e em seu entendimento, e não hesitando em arrogar-se superioridade até sobre os apóstolos divinamente inspirados. Mas o nosso conceito é que a nossa fé é edificada totalmente sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, e que não saberíamos coisa alguma, não fora o ensino deles. É sempre errado sentar-se em juízo quanto ao ensino das Escrituras. Fazer isso é simplesmente exaltar o homem moderno e colocá-lo acima da própria Palavra de Deus, destas Escrituras que o apóstolo iguala à mente e ao coração de Deus.

Não, o jeito certo de abordar uma passagem como esta é o seguinte: sempre que vocês tiverem uma passagem difícil das Escrituras, devem compará-la com outras partes das Escrituras. Esta não é uma declaração isolada; há muitas outras nas Escrituras que dizem quase exatamente o que vemos aqui. Se voltarmos a Gênesis 45:7 e 8, veremos algo que segue as

mesmas linhas. Ali está José, levado para o Egito, um grande homem sob Faraó, uma espécie de Administrador da Produção Alimentar, e ali estão seus irmãos, que desceram ao Egito em busca de alimento por causa da fome geral – vocês se lembram da bela história. Finalmente José se dá a conhecer aos seus irmãos, e quando eles vêem que este grande homem, em cujas mãos estão inteiramente, não é outro que o seu irmão José, que eles tinham vendido e a quem haviam tratado de maneira tão vergonhosa, enchem-se de terror. Entretanto, eis o que José lhes diz: "Pelo que Deus me enviou diante da vossa face, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito".

Que declaração maravilhosa! Estes irmãos de José, daquela maneira vergonhosa, primeiro haviam decidido matá-lo, porém um deles rogou por ele, de modo que quando alguns viajantes vinham vindo, resolveram vendê-lo a eles. Foi uma ação miseravelmente maldosa. Mas José diz: "Deus me enviou diante da vossa face... não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus". A má ação dos irmãos é atribuída a Deus. E o mesmo ponto é sustentado de novo por José em Gênesis, capítulo 50, versículo 20. Estes irmãos, depois da morte do seu pai ficaram aterrorizados outra vez. Achavam que depois que o ancião tivesse partido, José provavelmente se voltaria contra eles, mas ele diz: "Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar em vida a um povo grande". Aí está uma perfeita declaração, parece-me, de toda esta doutrina.

Considerem também o Salmo 105. Ali vemos o salmista fazendo uma revisão da história dos filhos de Israel, e no versículo 23 ele diz: "Então Israel entrou no Egito, e Jacó peregrinou na terra de Cão. E ele multiplicou sobremodo o seu povo, e o fez mais poderoso do que os seus inimigos". E

depois, no versículo 25: "Mudou o coração deles para que aborrecessem o seu povo, para que tratassem astutamente aos seus servos". Foi Deus que mudou o coração dos egípcios para que odiassem o Seu povo, os filhos de Israel.

Há então outras passagens no Novo Testamento; aqui vão algumas das mais importantes e cruciais. Em João, capítulo 12, versículos 37 a 41 lemos: "E, ainda que tinha feito tantos sinais diante deles, não criam nele; para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso não podiam crer, pelo que Isaías disse outra vez: cegou-lhes os olhos, e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure. Isaías disse isto quando viu a sua glória e falou dele". O versículo 39 é especialmente importante ali.

Mas depois, em Atos 2:22,23, há uma extraordinária declaração no sermão pregado por Pedro no dia de Pentecoste: "Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis;" – notem isto – "a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência* de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos". Pedro se refere à crucifixão e mostra que eles tinham feito algo, sim, mas era Deus que estava por trás de tudo aquilo e que fez com que acontecesse. "O determinado conselho e pré-conhecimento de Deus" levou a esta ação que foi praticada, primeiro pelos judeus, que o prenderam e depois O entregaram àqueles homens ímpios, àqueles romanos pagãos, para executarem o ato.

Vocês encontrarão o mesmo pensamento na oração feita pela Igreja e registrada em Atos, capítulo 4. Pedro e João tinham

---

* Pré-conhecimento. Nota do tradutor.

sido julgados e postos em liberdade com a condição de que parassem de pregar e de ensinar no nome deste Jesus. E "foram para os seus, e contaram tudo o que lhes disseram os principais dos sacerdotes e os anciãos. E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus", e começaram a orar; e lemos nos versículos 27 e 28: "Porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer". Aí também eles se referem à morte do nosso Senhor na cruz, e o que nos é dito é que Herodes, Pilatos e todos os demais estavam simplesmente fazendo o que a mão de Deus e o Seu conselho determinaram antes de ser feito. A morte de Cristo foi executada por homens, sim, mas ainda mais importante é isto: foi Deus que fez com que isso acontecesse. Foi Sua ação. Ele de fato usou homens para fazê-lo, para executar a parte física da ação, porém tudo isso aconteceu "pelo determinado conselho e pré-conhecimento de Deus".

A morte na cruz é o meio pelo qual Deus nos dá a salvação. Jamais pensem na cruz unicamente em termos da ação dos homens. Se o fizerem, a entenderam mal. Era Deus que "estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). Foi Deus que "fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Isaías 53:6). Foi Deus que "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Eis a verdade pregada no dia de Pentecoste, e depois, sempre. É ação de Deus, embora os homens entrem dessa maneira extraordinária.

Assim vocês verão que em Romanos 11:8, como nos fez lembrar o Dr. Dodd, há mais uma declaração da mesma verdade. Aí estamos tratando desta cegueira de Israel: "Como está escrito: Deus lhes deu espírito de profundo sono: olhos para não verem, e ouvidos para não ouvirem, até ao dia de hoje". Pois bem, o Dr. Dodd não dá atenção ao fato de que o

apóstolo está citando outra vez a Escritura nessa passagem. Ele atribui essa declaração a um lapso da parte de Paulo. Mas não é idéia de Paulo; foi Deus que disse isso; foi a Escritura que o disse.

Depois vocês tornam a encontrar o mesmo ponto em 2 Tessalonicenses 2:11,12. Agora vamos olhar para o futuro: "E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; para que sejam julgados* todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniqüidade". Vocês têm a mesma doutrina ensinada em 1 Pedro 2:8. Nessa passagem ele descreve o nosso Senhor como "uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que tamabém foram destinados". E a minha última citação é da Epístola de Judas, versículo 4: "Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo,** homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo".

Temos aí, pois, essas declarações paralelas que constam nas Escrituras. Vocês enxergam a maneira de abordar o problema? Aí está uma declaração; aí estão declarações paralelas. É óbvio que não se trata de algum lapso ou de alguma falha temporária da parte do grande apóstolo, este inteligente controversista, que nesse caso se rebaixa só para ser vitorioso num ponto em discussão. Não, é um claro ensino das Escrituras, e de modo algum está restrito ao apóstolo Paulo.

Então, havendo visto isso, qual é o ensino? É o seguinte: não significa que Deus cria o pecado, nem que Deus cria uma disposição má no coração, como, por exemplo, o Dr. Dodd

---

* Julgamento de condenação. VA e NVI: "condenados". Nota do tradutor.

** Juízo de condenação. VA: "desde tempos antigos foram ordenados para esta condenação"; ARA: "desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação"; NVI, "certos homens, cuja condenação já estava sentenciada há muito tempo". Nota do tradutor.

sugere. Deus não faz, ou melhor, não pode fazer isso. Temos uma declaração feita pelo apóstolo Tiago que nos deveria convencer da veracidade disso uma vez por todas; está no capítulo primeiro, versículo 13, onde ele diz: "Ninguém, sendo tentado, diga: de Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta". Deus não é o autor do mal, Deus não pode ser tentado pelo mal, e Ele nunca tenta ninguém.

Assim, pois, o ensino é este: Deus não cria o mal nem o coloca aqui ou ali, mas Ele agrava o que está aqui ou ali com vistas ao Seu grande propósito. Deus nunca fez de Faraó um incrédulo, mas, porque ele era incrédulo, Deus agravou ou endureceu a sua incredulidade a fim de levar a efeito o Seu grande propósito de mostrar o Seu poder e a Sua glória. Ele não produziu a má disposição em Faraó. Não nos é dito isso. Tudo o que nos é dito é que Faraó, sendo quem era, Deus o usou para o Seu propósito. E não somente isso; Deus providenciou para que ele estivesse naquele determinado ponto e conjuntura a fim de realizar o Seu propósito por meio dele.

Como é que Deus endurece o coração dessa forma? Dizem-nos as Escrituras que Ele endureceu o coração de Faraó, e, como já vimos, que Faraó endureceu também o seu próprio coração. Faraó era oposto a Deus e a tudo o que Deus estava fazendo, e Deus fez piorar isso. Pois bem, esse é o ensino e essa é a explicação das diversas passagens das Escrituras que consideramos.

Mas, como Deus faz isso? Bem, na Epístola aos Romanos, capítulo primeiro, versículos 24, 26 e 28, já temos a informação de uma das maneiras pelas quais Ele o faz. Versículo 24: "Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si". Versículo 26: "Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza". Versículo 28: "E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os

entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm".

Que é que esses versículos significam? Bem, um dos meios de endurecimento de que Deus Se serve é retirar as Suas influências restritivas. O mundo caiu em pecado, mas Deus pôs um limite, uma restrição a ele. O mundo seria um caos completo e um inferno, se Ele não fizesse isso. Mas, no momento em que Ele retém as Suas influências restritivas, ocorre endurecimento. Quando o sol se retira, a terra se enrijece e se cobre de gelo, porém quando sai o sol, derrete-se o gelo e a terra amolece. A retirada do sol produz endurecimento. Assim, este é um dos meios pelos quais Deus produz endurecimento. Ele muda as pessoas, passando elas a ter coração reprovado ou perverso. Ele as deixa entregues a si mesmas e tira tudo o que tende a produzir abrandamento.

Todavia, em segundo lugar, no capítulo 7 de Romanos vemos outro meio pelo qual Deus causa endurecimento, e é salientar a Sua justiça e a Sua retidão na lei: "Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte". Ou também em mais alguns versículos desse mesmo capítulo, os versículos 8, 9 e 10: "Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum: mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: não cobiçarás. E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri; e o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte". E no versículo 13 ele resume tudo isso: "Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno".

Podemos dizer o seguinte: eis aí um pecador; a lei vem e começa a falar com ele, a denunciá-lo e a enfurecê-lo, e ele se torna ainda maior pecador. A lei que lhe diz que não peque

incita-o a pecar muito mais. Não somente isso, ela até inflama as suas paixões e os seus desejos. Ora, como já assinalei,* isso mostra o grande perigo deste ensino moral, e do ensino atual sobre sexo. Dizem: "Vamos ensinar estas pessoas sobre estas coisas, e elas não vão praticá-las". Não? Isso meramente estimula o seu apetite para praticá-las. Ao falar-lhes que não façam uma coisa, você está apresentando essa coisa a elas. Proibindo-a, dizendo-lhes que é uma coisa má, você as está tornando piores do que eram. E então você tem a mesma doutrina ensinada exatamente em Tito 1:15: "Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis: antes o seu entendimento e consciência estão contaminados". Você poderá ver pessoas lendo livros sobre sexo e sobre moralidade ostensivamente para se tornarem moralmente boas, e mais tarde elas lhe dirão que ficaram muito piores depois disso. Isso por causa do mal que está sempre presente. Quando a lei vem, e a retidão e a justiça falam, isso agrava o mal do homem mau.

Contudo, há então um terceiro meio pelo qual Deus efetua este endurecimento do coração dos homens. É pela demonstração da Sua misericórdia. Haveria alguma coisa que enfurecia os escribas e fariseus mais do que ver o nosso bendito Senhor sentado com publicanos e pecadores? Lá estava Ele mostrando o Seu interesse por eles, o Seu amor por eles, e isso tornava os escribas e fariseus dez vezes piores do que eram antes! Foi simplesmente este fator misericórdia, graça e compaixão no ensino e na vida do nosso Senhor que finalmente levou aquelas pessoas a crucificá-lO e matá-lO.

O quarto meio pelo qual Deus endurece o coração é o seguinte: Ele provoca desejos nas pessoas. Mas precisamos ver isso com clareza. Que é que vocês fazem com o caso dos irmãos de José? Eles conspiraram contra o seu irmão e praticaram

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulos 7:1-8:4, A Lei: Suas Funções e seus Limites*, PES, São Paulo, 2001.

aquela ação terrível, e, contudo, José afirma que quem a praticou foi Deus. Pois bem, eu me lembro de que uma vez ouvi um homem pregar, um homem que até poucos anos antes eu considerava um grande e popular evangélico. Ele leu o seu texto, Gênesis 50:20, e a sua primeira observação foi: "Naturalmente José estava completamente errado". Bem, vemos outra vez como as pessoas se sentam em juízo sobre José, como também fazem sobre o próprio apóstolo Paulo. Mas José não estava errado, estava absolutamente certo! Vocês vêem, o que o pregador estava tentando dizer era que, apesar daqueles homens terem feito realmente aquilo – e foi uma coisa terrível – Deus sobrepujou aquele mal e o conduziu no rumo certo. Entretanto não é isso que José diz, e não foi isso que aconteceu. Foi Deus que enviou José ao Egito. Ele sabia da fome que viria. Foi Ele que praticou aquela ação e a praticou por meio dos irmãos de José. Ele chega a provocar um desejo, Ele pode provocar pensamentos. "Mas", alguém perguntará, "isso não é criar o mal?" Não! Eles já eram maus, eram injustos. Deus simplesmente usou o mal já existente para levar a efeito o Seu propósito. Ele não criou o mal, absolutamente, porém o estímulo geral da Sua influência pode operar dessa forma sobre a mente má para que faça algo muito errado. Mas, em última instância, é para efetuar o propósito de Deus.

Então, a quinta e última explicação é que as Escrituras de fato nos ensinam que às vezes Deus usa até satanás. Ele o usou no caso de Jó. Agora, há uma declaração muito interessante em 1 Coríntios 5:5, declaração que deve deixar perplexos muitos cristãos. Paulo fala sobre entregar um homem a satanás para castigar a carne, a fim de que o espírito seja salvo. Que significa isso? Significa o seguinte: "Quando um homem não dá ouvidos ao ensino das Escrituras", diz o apóstolo – "esse homem, dentre vocês, homem que é culpado de incesto, etc. – eu o entreguei a satanás. Que satanás faça o seu trabalho nele, e isso o fará cair em si".

Pois bem, aqui, em Romanos, capítulo 9, estamos lidando

com o anverso disso, por assim dizer: vemos aí que Deus às vezes endurece a pessoa retirando todas as Suas restrições e simplesmente entregando-a a satanás. Creio que estamos vivendo em tal era. Eu penso que essa é a explicação dos tempos que estamos vivendo, que Deus está entregando os maus a uma mente reprovada, a um sentimento perverso. Essa é a explicação de todo o lixo e de toda a zombaria que se vêem em nossos televisores. Deus, por assim dizer, está retirando as Suas restrições, está entregando os maus a satanás, está endurecendo os maus com vistas ao Seu grande e glorioso propósito.

Não enxergamos o propósito, mas sabemos que Deus o tem. Ele fez isso muitas vezes na longa história da raça humana. Ele deixa que este endurecimento ocorra até que tudo fique numa situação absolutamente desesperadora, e então Ele entra com a força do Seu poder. Por que Ele age dessa maneira? talvez perguntemos. E a resposta é que, se Ele agisse de outra maneira, estaríamos prontos a dizer que nós é que o fizemos, que é a nossa evangelização, ou que são as nossas orações que o fizeram. Mas Ele deixa que tudo se endureça tanto que fica óbvio para todos que ninguém pode realizar a obra senão Ele próprio.

No entanto, isso é uma explicação apenas parcial. Aí está a declaração central, que Deus colocou Faraó em evidência naquele ponto e endureceu o seu coração para que o Seu grande poder se manifestasse por meio dele. Vamos continuar a expô-la e a expandi-la ainda mais no próximo estudo, e então veremos a grande e magnífica conclusão a que o apóstolo chega.

15

"Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer. Dir-me-ás então: Porque se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?" – Romanos 9:18-24

Já vimos no capítulo anterior que Paulo está mostrando no versículo 17 que Deus levantou Faraó, ou o fez ficar de pé na história naquele particular ponto e conjuntura, a fim de usá-lo para a Sua própria honra e glória. Explicamos que não significa que Deus tinha criado Faraó para que fizesse isso, mas que Deus, tomando Faraó como ele era, pecador e incrédulo, endureceu o coração dele com vistas ao Seu propósito eterno.

Depois, tendo dito isso, o apóstolo resume tudo no versículo 18; ele resume os seus dois casos – Jacó e Esaú, e Faraó – o primeiro, que mostra que Deus pode ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia, e, o segundo, que mostra que Ele endurece a quem quiser endurecer. Noutras palavras, Paulo está mostrando que Deus é livre para levar à concretização a Sua vontade soberana a Seu modo e sempre que Lhe

agrade e que o decida por Sua escolha.

Mas o ensino apostólico pode ser expresso da seguinte maneira, a qual está realmente implícita no texto, no versículo 17. Ele é e está sobre todos, e, sendo grandioso, todo-poderoso e soberano, pode usar até o mal para manifestar a Sua glória; e o que o apóstolo está realmente dizendo no versículo dezessete é que Deus usou Faraó daquela forma. Como já vimos, não é apenas que Deus permitiu que Faraó endurecesse o seu próprio coração; tampouco Paulo está dizendo que Deus tornou Faraó um pecador. Deus tomou Faraó como ele era, e agravou e acentuou o que ele era; Ele endureceu o coração dele para atender ao Seu propósito.

E esse propósito, diz o apóstolo, era mostrar o Seu poder, e Ele disse a Faraó que ia fazer isso.

Aconteceu desta maneira: imaginemos que a primeira vez que Moisés e Arão apareceram diante de Faraó e lhe pediram que deixasse sair os filhos de Israel do Egito, para voltarem para a sua terra – imaginemos que, na primeira vez que fizeram a solicitação, Faraó cedesse e os deixasse ir. Bem, provavelmente esse fato seria recordado na história como uma coisa que havia acontecido, e nada mais. Mas não foi desse modo que aconteceu. O que aconteceu foi que Faraó negou-se a atender e, porque se negou, Deus operou um milagre para humilhá-lo. Tornou a recusar o pedido, e houve outro milagre. Recusou outra vez, e houve mais um milagre. Vocês poderão ler pessoalmente a narrativa de todas estas coisas no livro de Êxodo, e é importante que o façam.

Portanto, o que o apóstolo está dizendo nesta passagem é que Deus fez isso, e que Ele o fez dessa forma. Ele aumentou esta inflexibilidade, esta resistência e esta maldade em Faraó a fim de que, por esse meio, Ele fizesse esta tremenda e memorável demonstração do Seu poder e do Seu senhorio. Faraó era, naturalmente, um grande ditador (tirano), um poderoso imperador, possuídor de grandes exércitos, um dos conquistadores do mundo daquele tempo. Mas ele foi completamente

humilhado – foi humilhado a tal ponto que, afinal, inteiramente contra a sua vontade, teve que ceder e deixar que os filhos de Israel partissem. Portanto, o que o apóstolo está dizendo é que Deus endureceu o coração de Faraó para que por esse meio e dessa maneira ele o fizesse. "Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder...".

E mostrou. Vocês se lembram de que até certo ponto os magos do Egito puderam reproduzir os milagres operados por Moisés e Arão e sua vara. Mas chegou a hora em que não puderam mais fazer isso. Dessa forma, toda a grandeza humana e toda a autoconfiança humana foram humilhadas até ao pó, incluindo a magnificência e o poder do próprio Faraó: "...e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra". E foi assim, claro. Lendo estes livros históricos vocês verão que quando os filhos de Israel passaram por diversos países e chegaram à terra de Canaã, aqueles povos temeram. Eles diziam: "Chegou e está entre nós este povo que por seu Deus foi libertado da servidão e do cativeiro do Egito; este é o poderoso Deus que acabou com Faraó, seus exércitos e seus carros no Mar Vermelho" – e se enchiam de medo. Assim, por endurecer o coração de Faraó, por aumentar a sua resistência, Deus pôde fazer esta tremenda demonstração do Seu extraordinário poder. Seu poder tornou-se conhecido "em toda a terra". E aqui está a narrativa, nas Escrituras, e o fato veio a ser conhecido daquele tempo em diante no mundo inteiro, onde quer que se saiba desta história.

Então, havendo dito isso, no versículo 19 Paulo levanta uma objeção. Pois bem, em nossa subdivisão desta questão, primeiro vimos que estes versículos, 19 a 24, constituem uma nova divisão, uma subdivisão do argumento maior. Este é um argumento geral, e devemos ter tudo isso em mente. O argumento geral de todo este capítulo e dos capítulos 10 e 11 é o seguinte: posto que o apóstolo tinha afirmado com muita clareza no capítulo 8 que Deus tem um grande propósito, um propósito eterno, e que nada pode frustrá-lo, segue-se que a

segurança que todo cristão deve ter acerca da sua glorificação final é absoluta. Nada – "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". É absoluta! "Mas, espere um minuto", alguém dirá, "e quanto aos judeus? Deus lhes fez promessas, mas, olhe para eles; estão fora do Reino; eles estão rejeitando o evangelho. A palavra de Deus não foi abaixo?" E vimos que, em resposta a isso, a proposição fundamental de Paulo é: "Nem todos os que são de Israel são israelitas" (ou: "Nem todos os de Israel são Israel"). Israel é um povo espiritual dentro do Israel visível; estes são a semente; não os Ismaéis, mas os Isaques; não os Esaús, mas os Jacós. E tudo isso é algo que Deus leva a efeito por meio do Seu grande processo de eleição – "...para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme". E ficará firme; nunca falhará; o propósito de Deus é seguro.

Vimos depois que ele levanta as objeções do versículo 14 e trata delas nos dois casos. Todavia, tendo tratado disso daquela maneira, aqui surge também outra objeção, e é isso que introduz mais uma subdivisão neste argumento geral maior. "Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade?" Noutras palavras, quem pode resistir ou levantar-se contra a vontade de Deus, e continuar agindo contra? A resposta é: ninguém! Sendo assim, então, por que Deus salva uns e pune outros? Está certo isso? É justo? Como em última análise não se pode resistir a Deus, seria justo da parte de Deus punir quem não crê e dar a salvação a quem crê?

Ora, aqui, naturalmente, estamos face a face com o argumento que com muita freqüência é apresentado contra a doutrina da eleição e da predestinação, e é do que Paulo trata agora. Portanto, notemos alguns pontos gerais, ao passarmos a examinar esta questão sumamente importante. O primeiro é que a objeção prova exaustivamente que a nossa explicação

das passagens anteriores é correta, e que nessas passagens anteriores Paulo está ensinando que Deus, e só Deus, determina a salvação de cada pessoa. Um homem é salvo porque Deus o escolheu; Ele terá misericórdia de quem Ele tiver misericórdia, e endurecerá a quem Ele endurecer. Torno a dar ênfase a isso porque, como lembrei a vocês, há pessoas que procuram sair desta dificuldade dizendo que, como Deus é onisciente, Ele sabe que certas pessoas vão crer quando ouvirem o evangelho, e por isso as escolhe. Ele sabe também que outras pessoas não vão crer e, portanto, as endurece.

Mas não pode significar isso, porque ninguém faria objeção a esse modo de entender; todo o mundo diria que isso é bastante justo e certo. No entanto, há pessoas que fazem objeção ao ensino do apóstolo; elas dizem: "Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade?" Assim vocês vêem que esta objeção prova certamente, fora de toda dúvida, que o apóstolo vem ensinando que a salvação é inteiramente resultado da soberana vontade de Deus e da eleição advinda dEle, e que nada tem a ver conosco.

O segundo ponto é que não há nada de novo nesta objeção a esta doutrina. Havia pessoas se opondo a ela no século primeiro, e daí em diante sempre tem havido pessoas que continuam a opor-se a ela. Isso nada tem a ver com a cultura moderna, com o conhecimento moderno, com a ciência moderna – absolutamente nada. Livremo-nos dessa idéia. Não estamos sendo inteligentes nem modernos quando argumentamos contra este ensino; sempre houve pessoas fazendo isso.

Terceiro, não podemos senão refletir na sinceridade e na integridade total do grande apóstolo. Ele levanta o problema e o coloca diante de nós. Antes de você sequer pensar nessa objeção, ele já a colocou em sua boca. Digo isso para que agradeçamos a Deus pelas Escrituras. Não há nada em que o homem possa pensar que já não tenha sido tratado nelas e delas não tenha recebido resposta. O problema das pessoas que

argumentam contra a doutrina cristã é que elas não conhecem a Bíblia. Se conhecessem, falariam menos. Na verdade, tudo sobre o que elas falam já foi respondido; o apóstolo já tratou disso. Veja a sinceridade dele, a sua integridade total! As Escrituras são verdadeiramente maravilhosas. Assim é a Palavra de Deus!

Depois, o quarto ponto geral é que rejeitar esta sua doutrina não é somente rejeitar o ensino do apóstolo Paulo; é rejeitar o que é clara e diretamente ensinado nas Escrituras, o que é uma coisa muito solene e muito grave. Vimos em nosso estudo anterior que as pessoas tendem a dizer: "Ah, mas isso é só opinião de Paulo". Mas vocês não devem dizer isso. Este homem é um apóstolo inspirado. Vocês devem aceitar todo o seu ensino, se é que vocês realmente crêem na inspiração da Palavra de Deus. Se vocês acham, com Pedro, que muitas coisas sobre as quais Paulo escreve são difíceis de entender, nisso eu concordo. Lembrem-se, porém, de que Pedro chama essas coisas de Escrituras (2 Pedro 3:16). Sejamos cautelosos; não é só do apóstolo Paulo que estamos discordando.

Esses são, pois, alguns comentários gerais, e então, agora, qual é o problema que o apóstolo levanta aqui? Um modo comum de expressá-lo é este: como podemos conciliar a soberania de Deus com a responsabilidade do homem? Outros o dizem em termos ásperos e atrevidos, afirmando que este ensino do apóstolo não passa de puro fatalismo; ele não está ensinando nada senão uma doutrina de necessidade. Ele está dizendo que as pessoas são apenas máquinas, por assim dizer, ou que estão presas a um destino rigidamente determinista, segundo o qual o que acontece com elas acontece necessariamente. Eis aí, então, o problema. Vejamos como o grande apóstolo lida com ele.

Pois bem, isto é sumamente importante. Não tenho nenhuma necessidade de salientar que a passagem que estamos examinando é muito importante. É uma declaração clássica – e é uma declaração que os homens têm contestado e debatido

através dos séculos, porém é importante por esta razão: parece-me que muitos conceitos errôneos e preconceitos populares seriam eliminados se tão-somente déssemos atenção ao que esta passagem diz. Ela nos mostra até onde podemos ir nesta questão de entender os caminhos de Deus; ela nos mostra o sinal que diz, "Nenhum passo mais", e precisamos que nos mostrem isso. E, ao mesmo tempo, creio que poderei mostrar-lhes que ela nos ensina a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade do homem, atribuindo peso igual a ambas. Quando chegarmos ao fim do capítulo e passarmos ao capítulo 10, veremos que a ênfase é dada principalmente à responsabilidade do homem. Mas aqui, nesta divisão, a grande ênfase é colocada na soberania de Deus. Paulo dá ênfase às duas verdades.

Qual será, então, a sua real réplica? Aqui também, para esclarecer o nosso pensamento, façamos uma subdivisão dos versículos 20 a 24. É bem simples. A primeira subdivisão está na primeira parte do versículo 20: "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" É uma censura ao inquiridor. Depois, a segunda parte do versículo 20 e todo o versículo 21 são dedicados a uma explicação da asserção feita pelo apóstolo quanto à soberania de Deus e a Sua total liberdade naquilo que Ele faz com a humanidade decaída. A seguir, para nos ajudar, nos versículos 22 a 24 ele nos dá uma explicação do objetivo e do propósito com que Deus faz isso. O versículo 22 mostra o Seu objetivo e propósito na manifestação da Sua ira, e os versículos 23 e 24 mostram-no na manifestação da Sua misericórdia.

Assim, tendo feito isso, podemos passar a uma consideração minuciosa da passagem; e aqui a coisa principal que vemos é a importância absoluta de observar os termos que o apóstolo emprega. Metade das dificuldades que há com esta passagem surge porque as pessoas tomam as expressões ou as palavras em seu valor superficial, sem examiná-las, ou sem procurar descobrir o que elas realmente estão dizendo,

e então escapam pela tangente. Portanto, observemos o que o apóstolo diz e prestemos muita atenção.

Como então ele trata da objeção? Bem, a primeira coisa que ele faz é repreender o inquiridor e refutar a questão levantada. Antes de tratar do argumento, ele diz: "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" Este ponto é muito importante. Que é que ele está censurando aqui? Certamente está censurando o espírito com o qual é levantada a questão. E isso é algo sempre vitalmente importante. Precisamos lembrar-nos de que, quando discutimos um assunto como este, não estamos simplesmente examinando um tema de filosofia acadêmica abstrata ou teórica; não estamos verificando aqui algumas opiniões humanas ou alguma argumentação humana. Você não aborda um assunto como este como abordaria um tema sobre o Mercado Comum, que é puramente questão de opinião humana. Estamos numa esfera diferente.

O que Paulo está virtualmente dizendo é isso. Entretanto, observem o modo como ele o diz; vejamos como ele apresenta este elemento de censura. "Mas, ó" (ou, VA: "Mas, nada disso", ou: "Não diga isso!"– o que significa: "Certamente!" "Certamente não se trata disso!" Ele expressa a sua surpresa, o seu assombro. Notem a seguir a palavra "replicas" a Deus ou contra Deus. "Replicar" é uma palavra muito importante. A palavra que Paulo emprega significa "responder contradizendo" ou "replicar contra". A palavra tem um prefixo que introduz esta idéia de "contra", e as autoridades dizem que a palavra é empregada com o fim de indicar um espírito de contenda.

Esse é, pois, o ponto. O que o apóstolo está censurando aqui é o espírito de contenda. Não está censurando alguém que está numa genuína dificuldade e que realmente deseja luz, auxílio e entendimento. A Bíblia nunca censura isso. O que a preocupa muito é a pergunta e a forma em que a censura é feita. Vocês vêem, este é um opositor que confronta a Deus, por assim dizer, e que O contradiz. É um homem que exibe

um mau espírito, é alguém que imediatamente sugere que Deus é injusto. "Por que se queixa ele ainda?" Vocês vêem isso na pergunta e o ouvem no tom da voz, não é? O inquiridor diz: "Está tudo errado! Como ninguém pode se levantar finalmente contra Deus, que direito tem Ele de punir quem quer que seja? Que direito tem Deus de endurecer algum coração ou de odiar alguém ou de enviá-lo ao inferno? É coisa injusta".

Pois bem, é isso que o apóstolo está censurando. E, como já vimos em todos os estudos passados, nesta questão nada é mais importante que o nosso espírito. É com isso que Paulo começa, e é absolutamente vital. Não temos direito de continuar considerando este assunto, a menos que o nosso espírito esteja certo. Se tomarmos a atitude de contradizer a Deus ou de Lhe imputar falta de retidão ou insinuar que Ele é injusto, já com isso o nosso espírito estará errado, e não poderemos esperar estar certos em qualquer ponto da nossa maneira de entender o ensino.

Depois devemos notar como o apóstolo administra a censura. É deveras dramático e tocante. "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" Vocês vêem o tremendo e terrível contraste: homem – Deus! Espere um momento, diz o apóstolo. Antes de eu começar a considerar o que você acabou de dizer, e o ponto de vista que você adotou, deixe que por um instante eu o faça lembrar-se de quem você é. "Quem és tu?" – homem! E você está se pondo contra, replicando contra e contradizendo, não a mim, nem a algum outro homem, e sim a Deus!

E é sempre essa a causa da nossa dificuldade com a verdade bíblica, não é? Começamos a falar sem antes parar para considerar quem somos e que direito temos de falar. Empunhamos os nossos cacetes, tomamos a nossa posição e falamos sentimentalmente. Deus tenha misericórdia de nós! Não sabemos o que fazemos. O problema do homem, do homem autoconfiante, que se levanta cheio do conhecimento que tem do século em que vivemos, o grande filósofo que

examina Deus e Seus caminhos, o problema de tal homem quando faz violenta objeção a alguns ensinos das Escrituras é que ele não se dá conta da verdade sobre si mesmo. "Quem és tu?" Aperceba-se da sua pequenez, da sua insignificância, da sua natureza finita, da sua mortalidade; aperceba-se da sua pecaminosidade, da sua perversidade, e da pequenez da sua mente e do seu entendimento. Procure inculcar e desenvolver em si próprio o espírito do salmista no Salmo oito, o cristão humilde que eleva os olhos aos céus, obra das mãos de Deus, e depois se olha e diz: "Que é o homem mortal para que te lembres dele?" Esse é o contraste: "Quem és tu?" Por outro lado: "Que é o homem?"

E depois, naturalmente, a segunda coisa que ignoramos é a verdade sobre Deus. "Ó homem, quem és tu, que replicas?" – Sua grandeza, Sua glória, Sua eternidade e Sua majestade. Ora, tudo isso é salientado em toda parte na Bíblia. Permitam-me oferecer-lhes alguns exemplos. Enquanto não estivermos certos sobre isso, não adiante passar a examinar o argumento detalhado, como diz o apóstolo. Enquanto vocês não estiverem com o espírito certo, não poderão discutir isso, e seria um erro discuti-lo com vocês. Comecemos onde o apóstolo começa, pelo que deixem que lhes passe algumas ilustrações. Vejam o que já examinamos sobre a glória de Deus. Tivemos isso na lista das coisas registradas aqui em Romanos 9:4, as coisas que caracterizavam os filhos de Israel: "que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas". Em Êxodo, capítulo 19, vocês se lembram, Deus concedeu uma manifestação de Si mesmo ao povo. Por quê? A fim de colocá-los no lugar certo e na posição certa. É como se Ele dissesse: "Pois bem, eu lhes dei grandes sinais antes de tirá-los do Egito, mas eu os conheço e sei que estão prontos a esquecê-los e a pensar em si mesmos como nação completa em si mesma. Quero que vocês compreendam quem são, e quem Eu sou, Aquele que os chamou e os tirou do Egito e que os está levando para Canaã". Assim Ele lhes concedeu

uma manifestação da Sua glória, o monte em chamas, etc. E o objetivo disso tudo era humilhar todas aquelas pessoas para que andassem serena e obedientemente com o seu Deus.

Contudo essa é apenas uma manifestação. Antes de fazer isso para toda a nação, Deus o tinha feito para Moisés, pessoal e particularmente. Até Moisés tinha que ser posto na linha sobre isso. Em Êxodo 3:1-6 lemos: "E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto, e veio ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia". Agora, notem isto: "E Moisés disse: agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima". O cientista intelectual moderno indo investigar o fenômeno! "E vendo o Senhor que (Moisés) se virava para lá a fim de ver, bradou Deus a ele do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. E ele disse: eis-me aqui. E disse: não te chegues para cá; tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus". Vocês vêem o contraste, a prontidão para investigar! Mas foi proibido: "Tira os teus sapatos...". Para trás! Você não vai investigar isto como um homem; Eu, o Senhor, estou falando com você: "Eu sou o Deus de teu pai...".

Também era preciso fazer a mesma coisa com Josué. Eis aí Josué num momento crítico: "E sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os seus olhos, e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua; e chegou-se Josué a ele, e disse-lhe: és tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? E disse ele: não, mas venho agora como príncipe do exército do Senhor. Então Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou, e disse-lhe: que diz meu Senhor ao seu servo? Então disse o príncipe do exército do Senhor a Josué: descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar

em que estás é santo. E fez Josué assim" (Josué 5:13-15). Ele está na presença do Senhor, e por isso deve humilhar-se e tirar os sapatos. A terra é santa; toda a abordagem tem que ser diferente. Já não se trata de investigação – "És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos?" – trata-se de humildade, reverência e adoração! Aí está, mesmo com tais homens.

Depois, no livro de Jó, a questão é novamente posta diante de nós com muita clareza, e, naturalmente, é algo particularmente apropriado. Pobre Jó! Ele foi tentado por dificuldades terríveis, e não podia entender isso. Ele era um homem bom, era piedoso, e, contudo, sofreu todas estas calamidades, e o grande livro de Jó nos fala das suas queixas, dos seus argumentos, das suas discussões. "Ah, se eu pudesse expor a Ele a minha causa", diz Jó, "Ele não me dá ocasião, Ele está me aterrorizando. Se tão-somente eu pudesse me levantar e apresentar a minha causa!" E repete isso muitas vezes. Mas chegamos agora ao fim da história dele, no capítulo 42:1-6, e Deus tinha falado com ele nos capítulos anteriores. Leia-os você pessoalmente, e veja como Deus fez uma manifestação de Si, do Seu Ser e da Sua glória a Jó. Deus dirige-Se a ele e lhe diz: quero que você compreenda quem é Aquele a quem você esteve fazendo as suas queixas e tentando dirigir os seus argumentos.

"Então respondeu Jó ao Senhor e disse: bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. Quem é aquele, dizes tu, que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia. Escuta-me, pois, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu ensina-me. Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza." Pobre Jó! Como lamenta o que tinha dito no calor do momento e na dor e na agonia da sua tribulação: sua atitude questionando a Deus, começando a achar que Deus não era reto e que Deus não era justo. Ah, como tenho sido

louco! – diz ele. Eu falava sem me dar conta do que dizia; falava estando na ignorância. É isso que o homem diz quando vê que está se dirigindo a Deus! "Ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?"

Mas a Bíblia está repleta deste tipo de ensino. Temos exatamente a mesma coisa em Isaías, capítulo 6 – vejam vocês, ainda nem começamos a tratar do argumento, não é? Vocês esperavam que depois de tanta coisa eu ia chegar a ele? Não, enquanto não estiverem com o espírito certo, não enquanto vocês não estiverem aptos para ouvir o argumento, não enquanto vocês não se descartarem de toda opinião própria e de toda autoconfiança – de tudo quanto se possa considerar *opiniaticismo*. Tudo isso tem que ser banido. Não estaremos prontos para considerar a doutrina enquanto não nos livrarmos disso.

Lá está de novo, no princípio de Isaías, capítulo 6, na visão que lhe foi dada. "No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés e com duas voavam. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumo. Então disse eu: ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros... e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!" Essa é a atitude. Essa é a condição correta. Ou vamos a Eclesiastes, capítulo 5, versículo 2, e eis o que ali se lê: "...Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra". Vê-se isso também, é claro, na Oração do Senhor (Pai Nosso). Antes de você começar a fazer petições, deve começar compreendendo quem Deus é; antes de começar a fazer concessões às suas sentimentais e desordenadas idéias modernas sobre o amor de Deus, você diz: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome". Depois,

e só depois, você tem direito de ir adiante.

Sim, diz o autor da Epístola aos Hebreus, "retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade" (ou, VA: "...aceitavelmente com reverência e santo temor") (Hebreus 12:28,29). O que está sendo censurado é aquilo que o apóstolo Paulo descreve na Epístola aos Colossenses: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão, e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus" (Colossenses 2:18,19). E aqui, em Romanos, capítulo 9, o apóstolo está repreendendo este tipo de homem que se mete em coisas que não viu, "estando debalde inchado na sua carnal compreensão" – "Por que se queixa ele ainda", vendo que ninguém pode resistir a Ele? A "compreensão carnal", a "mente carnal", (VA) apresenta os seus argumentos, e o apóstolo censura isso imediatamente – "Ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?"

Nesta altura devemos examinar algo que ele diz na próxima subdivisão, mas que devo introduzir aqui porque faz parte da censura; ele continua repetindo isso. "Porventura a coisa formada" – é o que você é – "dirá ao que a formou...?" Aí está de novo o contraste: homem – Deus! "A coisa formada" é uma expressão interessante. Daí vem a nossa palavra atual "plástico": "a coisa formada" – plasma!* E é isso que você é, diz o apóstolo, você com a sua objeção. Você é tão-somente a coisa formada, o material plástico, e Deus é Aquele que o manuseia e o forma e o modela. Depois, para ajudar-nos a entender, ele continua e usa outra comparação: "Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer...?" O contraste é entre o homem e Deus, a coisa formada e Aquele

---

* No grego: "...dirá o plasma ao que o plasmou". Nota do tradutor.

que forma – um bocado de massa e o oleiro. É assim que o apóstolo repreende o mau espírito com o qual esta questão é apresentada, este homem que se levanta arrogantemente e diz: "Bem, então, nesse caso, Deus não está certo; isso é injusto. Como é que Ele pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo?"

Mas alguém ainda poderá achar que o argumento do apóstolo é injusto aqui. Você acha justo ele franzir o sobrolho para você ou tentar dar-lhe umas pauladas, acha justo que, em vez de tratar da sua objeção e do seu argumento, ele o ataca pessoalmente, pode-se dizer, e fala sobre o seu espírito? Está certo isso? Todavia não é injusto por esta razão: o apóstolo, naquilo que dissera nos versículos anteriores, não estivera apenas apresentando a sua opinião pessoal. Eis o que ele tinha dito: "A Escritura diz a Faraó"; "Deus diz a Faraó". É Deus que ele havia citado.

Assim, ele encara este esperto oponente e praticamente diz: "Olhe aqui, você não está argumentando contra mim, está argumentando contra Deus. Eu não lhe estive apresentando minhas teorias pessoais. Em cada caso eu lhe fiz citações das Escrituras. Citei para você o que Deus disse: "Amei Jacó, e aborreci Esaú". Não fui *eu* que disse isso a respeito de Deus; é Deus que o diz a respeito de Si próprio; e em todas as minhas outras ilustrações eu lhe dei a palavra das Escrituras, que são a Palavra de Deus. Portanto", diz o apóstolo, "quando você se levanta desse jeito e diz, "Por que se queixa ele ainda?", eu simplesmente quero que você se dê conta de que não é a mim que está criticando; você não está argüindo um ensino humano, ou o ensino de algum grande teólogo; você está criticando o Deus Todo-poderoso".

Aí temos, pois, o claro ensino deste apóstolo; ele cita as Escrituras, a Palavra de Deus, e, em acréscimo a isso, ele é divinamente inspirado. Dessa forma, se você faz objeção a este ensino, está fazendo objeção ao ensino do próprio Deus concernente a Si próprio.

Por conseguinte, tudo o que o apóstolo deseja que compreendamos é que devemos ser muito cuidadosos com o que dizemos. Não devemos começar a falar deste assunto enquanto a nossa atitude não for correta, e enquanto o nosso espírito não for correto. Por isso é preciso que se nos diga logo de início: "Ó homem, quem és tu?" – trate de compreender a verdade a seu próprio respeito. Você é um pedaço de material plástico, nada mais, e está se levantando contra este grande Artífice; você não é nada mais que um simples homem, e Ele é Deus; você está na terra, Ele está no céu. Procure dar-se conta desta verdade a seu respeito antes de dar sequer um passo mais. Lembre-se de que você não é nada senão uma porção de barro, em comparação com Deus, e que Ele é o Oleiro.

Sempre abordamos as Escrituras desse modo? Sempre entramos em discussão sobre esta doutrina ou sobre qualquer doutrina dessa maneira? Então, doravante, sempre que cruzarmos com algo difícil nas Escrituras, antes de começarmos a expressar a nossa opinião, lembremo-nos da palavra do apóstolo: quem é você? Há só um modo de abordar as Escrituras: é dar ouvidos à injunção dada por Deus a Moisés e a Josué: "Tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa".

Assim, quando você discutir este ou qualquer outro item da Bíblia, lembre-se sempre de que está discutindo a Palavra de Deus, a revelação de Deus, e, portanto, o próprio Deus. Você não deve discutir isso como discute qualquer outra coisa. Você tem direito de ter sua opinião em qualquer outro aspecto, em todos os demais assuntos – aqui não. Aqui você tem que tirar os sapatos, tem que fazer-se como uma criança pequena, tem que se humilhar, e, se não fizer isso, necessariamente estará errado em sua opinião. Somente aos humildes Deus revela a verdade. Disse o nosso Senhor: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve" (Mateus 11:25,26).

"Ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" Certifiquemo-nos de que o nosso espírito está certo, e depois passemos a considerar o minucioso argumento na medida em que o apóstolo o coloca diante de nós.

16

"Dir-me-ás então: porque se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?" – Romanos 9:19-24

Em nosso estudo anterior, tratamos da primeira parte da réplica de Paulo à objeção do versículo 19, e essa foi a censura feita por ele ao inquiridor: "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" Expusemos o tremendo sarcasmo ali envolvido, o contraste entre o homem e Deus; e é claro que era isso que o apóstolo estava ansioso por fazer. Desenvolvemos isso juntos, e justificamos o apóstolo por responder daquela maneira. O que ele está realmente dizendo é, não que nunca devemos fazer perguntas, mas que nunca devemos contestar o claro ensino da Palavra de Deus. Podemos expressar as nossas dificuldades, e, se o fizermos com o espírito certo, receberemos ajuda. Todavia o que nunca devemos fazer é argüir a Deus, especialmente com este espírito que insinua que Deus não é reto, que Deus é parcial e injusto. É isso que Paulo condena, e, naturalmente, as Escrituras sempre e em toda parte fazem a mesma coisa.

Agora, depois de termos feito isso, podemos prosseguir e ver o próximo passo da réplica do apóstolo – a saber, a porção que se acha na segunda parte do versículo 20 e todo o versículo 21. Ali o apóstolo assevera o direito soberano que Deus tem de ter misericórdia de quem Ele quiser e de endurecer a quem Lhe aprouver, segundo o beneplácito da Sua vontade. Sigamo-lo à medida que ele o faz e tomemos primeiro a segunda parte do versículo 20. Tendo censurado o inquiridor, ele diz: "Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim?" Notem que, num sentido, aí ele está dando seqüência à censura que já havia feito, e ele faz isso de um modo que mostra o completo absurdo de tentarmos perguntar ou questionar o que Deus fez.

Mas, ao mesmo tempo, ele também define mais claramente ainda o que já havia dado a entender quanto à relação que existe entre Deus e o homem. Pois bem, certamente isso é algo absolutamente vital. Na primeira parte do versículo 20, em vez das palavras "Ó homem", a Nova Bíblia Inglesa ("NEB") emprega a palavra "Senhor" ("Sir"), porém não está certo, porque no original as palavras empregadas pelo apóstolo foram "Ó homem" – para mostrar que, apesar de ser criatura, o homem contrapõe-se ao onipotente Deus. E o apóstolo se preocupa tanto com isso que de fato o repete nesta divisão subseqüente, e isso é de vital importância para toda esta situação da qual estamos tratando. Permitam-me lembrar-lhes mais uma vez que esta declaração não é só do apóstolo Paulo. Ele cita as Escrituras! E, se vocês discordarem desta doutrina, não estarão discordando só do apóstolo Paulo, menos ainda de mim; estarão discordando de Deus! Para colocar o ponto noutros termos, permitam que os faça lembrar-se de que quando chegam a qualquer parte das Escrituras, logo vêem que não é Shakespeare; não é Euclides; não é um manual de filosofia! É a Palavra de Deus, e vocês a abordam de maneira inteiramente diferente; vocês tiram os sapatos dos pés! Vocês percebem que toda a sua cultura e toda a sua habilidade não

os ajudam. Quando vocês chegam aqui devem fazer-se como crianças; vocês precisam da iluminação do Espírito Santo.

Noutras palavras, as pessoas que nos dizem abertamente que se assentam em juízo ou como juízes sobre alguma parte da Bíblia são as que eu jamais esperaria que entendam a doutrina. Elas não têm a mínima possibilidade de entendê-la. São essas pessoas que negam as doutrinas da fé cristã e nem enxergam a necessidade delas. Como as suas autoridades são elas mesmas, com suas próprias idéias, e não a Palavra de Deus, não dá para esperar que entendam, e, assim, o que se espera delas são as blasfêmias que elas soltam confidadamente. Mas, digo e repito, devemos vir aqui com o espírito que o apóstolo nos ensina: "Ó homem, quem és tu...?" Lembre-se quem você é e o que você é, sua condição finita, limitada e pecaminosa, e lembre-se de que você está tratando de algo que Deus mesmo, o Todo-poderoso, revelou.

Por isso ele nos pressiona ainda mais no sentido de que entendamos o seu ensino. Tendo-nos feito lembrar a nossa condição de criaturas como meros homens, ele agora diz: "Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim?" Isso é mais uma vez colocar-nos em nosso lugar. Lembre-se, diz ele, de que você não é nada senão "a coisa formada", o que, como já vimos, significa material plástico.

Ora, é importante observar que Paulo aqui não diz "a coisa criada", mas "a coisa formada". Vocês verão o significado disso mais adiante. Aqui ele descreve o homem como uma coisa que já havia sido criada – material plástico. Ele não está falando em trazer algo do nada à existência: não está dizendo que é uma criação. Não, diz ele, o que temos aí é uma massa de material plástico que vai ser formada e que foi formada. E esse material, diz ele, não se volta para aquele que lhe deu forma e diz: "Por que me fizeste assim?"

E então, claro, o que ele está dizendo é que, como a relação do homem com Deus é a deste pedaço de material plástico com o Artífice que o modela, não há no mundo nada que seja

mais ridículo e mais absurdo que esta massa de substância impotente tentar inquirir e questionar Aquele que lhe deu forma e fazer-lhe a pergunta: "Por que me fizeste assim?" E a sua tese é que é exatamente essa a situação de qualquer pessoa que, topando com esta doutrina que diz: "Amei Jacó, e aborreci Esaú", pergunta a Deus: "Que direito tens de fazer isso? Fundado em que base podes fazer isso com justiça? Em que base condenas alguém à perdição? Em que base escolhes alguém para receber de Ti misericórdia e salvação?" Paulo afirma que é dessa monta o caráter ridículo e monstruoso da atitude para com Deus por ele criticada.

Mas nem aí o apóstolo está meramente apresentando suas idéias pessoais; mais uma vez ele cita as Escrituras. Assim, como vocês vêem, as Escrituras respondem as perguntas o tempo todo, mas ali Paulo coloca o ponto na forma de pergunta apenas para mostrar quão completamente ridícula e absurda a coisa é. "Porventura a coisa formada...?" Paulo ridiculariza a idéia; é totalmente absurda!

No entanto, no versículo 21 Paulo leva esta idéia um pouco mais adiante. Ele a elabora e a expõe mais clara e explicitamente; e, por certo, só tem um objetivo ao fazer isso. Como já vimos, ao chegarem a esta passagem, as pessoas sempre tentam explicá-la a seu modo. Elas procuram livrar-se da idéia de que esta passagem nos ensina que Deus escolhe uns para a salvação e rejeita outros. Isso é impossível, dizem elas, é injusto – e procuram dizer que a passagem não ensina isso; que ela simplesmente quer dizer que Deus, em seu pré-conhecimento, sabia que um homem ia crer e outro não. E nós temos demonstrado que, se fosse assim, não haveria nenhuma objeção. Contudo não é. E as expressões utilizadas aqui pelo apóstolo – "a coisa formada" e "ao que a formou", e aquilo a que ele chega agora, no versículo 21 – tornam completamente fútil qualquer tentativa como essa de escapar da dificuldade.

E então, aqui ele diz tudo ainda mais explicitamente: "Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa

fazer um vaso para honra e outro para desonra?" Agora está suficientemente claro, não está? A relação que ele está descrevendo entre Deus e a humanidade é a que existe entre o oleiro e um pouco de barro. Noutras palavras, isso está tão claro que não há como descartar-nos do que o apóstolo está dizendo – e aí está mais uma vez o nosso contraste. Homem – Deus! A coisa formada – O que a formou! Barro, massa – Oleiro, o grande Artífice!

Outra vez mais é muito importante entender claramente que também aqui o apóstolo não está emitindo a sua opinião, mas está citando as Escrituras. Em Isaías 45: 9 a 11, lemos: "Ai daquele que contende com o seu Criador!" Não permita Deus que este "Ai" venha sobre algum dos que ouvem estas palavras. Meu amigo, não lute contra o seu Criador!

A passagem continua: "o caco entre outros cacos da terra. Então observem isto: perguntará o barro ao que o formou: que fazes? Indagará à tua obra: não tens mãos? Ai daquele que diz ao pai: que é o que geras? E à mulher: que dás tu à luz?" – essa é a questão presente no fim do versículo 20 de Romanos, capítulo 9 – "Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, aquele que o formou: perguntai-me as coisas futuras; demandai-me acerca de meus filhos, e acerca da obra das minhas mãos". É evidente que o apóstolo tem essa passagem em mente.

Também é igualmente certo que ele tem em mente Isaías 64:8. Este é o clamor que sobe do coração de Isaías quando roga por avivamento: "Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai: nós o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós obra das tuas mãos". É a mesma idéia. E depois vocês podem ver isso em Jeremias também, no capítulo 18, versículos 1 a 6: "A palavra do Senhor, que veio a Jeremias, dizendo: levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras. E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas. Como o vaso, que ele fazia de barro, se quebrou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer. Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? Diz o Senhor: eis que como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel". Portanto, aqui o apóstolo não está falando como um filósofo brilhante ou polemista ou argüidor, tentando provar sua doutrina da eleição. Não, ele cita as Escrituras; cita o que o próprio Deus disse sobre o assunto.

Naturalmente, a passagem é uma declaração sobre a qual tem havido muita discussão e contenda através dos séculos. Muitos se desequilibram emocionalmente e se tornam azedos e violentos, e entram num espírito de partido, recusando-se a falar uns com os outros. Que coisa terrível! É terrível fazer uma coisa dessas com qualquer declaração da Palavra de Deus! Preocupo-me muito mais com a nossa atitude para com este estudo do que com qualquer outra coisa. Lembremo-nos de novo de que, se não pudermos discutir uma passagem como esta com espírito calmo, controlado, racional e humilde, não temos direito de examiná-lo, e certamente não a entenderemos jamais. O nosso espírito é absolutamente essencial e vital.

Então, que é que a passagem quer dizer? Examinemos primeiro os termos: "Ou não tem o oleiro poder sobre o barro...?". Pois bem, quando Paulo fala de "poder" aqui, a palavra escolhida por ele significa "autoridade" ou "direito". Deixem que eu lhes prove isso. No versículo 22 lemos: "E que dizer se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder...". Agora, na Versão Autorizada (inglesa) temos a palavra "poder" em ambos os casos,* mas no grego há duas palavras diferentes, e, enquanto no versículo 21 a palavra é a que geralmente equivale a "autoridade", no versículo 22 a palavra empregada significa "dinâmico". Significa literalmente "força" – poder físico, se se quer. Todavia, aqui não.

---

* Como em Almeida, Edição Revista e Corrigida. Já na Edição Revista e Atualizada no Brasil temos "direito" no versículo 21 e "poder" no versículo 22. Assim também a NVI. Nota do tradutor.

Aqui a palavra significa autoridade e direito.

A figura de Paulo é a de um oleiro que está fazendo vários utensílios e implementos para uso doméstico, etc.; alguns são destinados a uso honroso; outros são igualmente necessários, mas não são inteiramente honrosos; Paulo diz que são "para desonra". Há coisas que devem ser utilizadas na vida diária; algumas são postas na mesa e expostas, outras são mantidas fora da vista, porém são muito necessárias. É o mesmo tipo de distinção que se vê em 1 Coríntios, capítulo 12, onde o apóstolo, falando sobre os diversos membros do corpo, diz que alguns são menos honrosos que outros, mas todos eles estão no corpo. Não são todos iguais ao rosto ou aos olhos e às mãos. Há outras funções no corpo; não conversamos sobre elas, e estão fora da vista, entretanto são absolutamente essenciais. "Uns para honra, outros para desonra"; alguns honrosos, outros menos honrosos. Assim, tudo o que Paulo está dizendo é: "Certamente o mestre oleiro tem direito e autoridade para fazer o que quiser e como escolher com aquela massa, com aquela pequena porção de barro, para fazer um vaso para honra e outro para desonra".

Pois bem, é nisto que, naturalmente, chegamos ao xis da questão. Paulo não diz que Deus criou algumas pessoas para honra e outras para desonra. Permitam-me lembrar-lhes que ele não está falando sobre criação e que aqui ele não está dizendo que Deus, o Todo-poderoso, criou algumas pessoas para pecarem e para a condenação. Os próprios termos empregados não somente nos dão o direito de dizer isso, mas também nos compelem a dizê-lo. Como já vimos, eles são perfeitamente claros, como quando Paulo usa a expressão "material plástico", não "a coisa criada".

Mas aqui vamos mais longe. Ele fala em "barro", em "massa" ou porção de barro. Noutras palavras, a figura que o apóstolo está utilizando não é figura de criação; ele está falando de algo que é feito com material que já havia sido criado. Ora, isso é absolutamente vital para toda a argumentação. "Criação", já

vimos, significa "criar do nada", porém aqui estamos partindo de material plástico, de um pouco de barro, e o que o apóstolo esta querendo provar por meio da sua figura é que Deus, em Sua relação com o homem na salvação, está na mesma posição do oleiro para com a porção ou a massa de barro. O oleiro não cria o barro; ele parte do barro, este fica na frente dele, na banca, e ele vai começar a fazer alguma coisa com o barro.

Bem, dou ênfase a isso porque nos ensina que o apóstolo não trata aqui do propósito de Deus na criação original do homem, ou do que Deus faz com a natureza humana como tal. Ele está tratando da relação de Deus com a humanidade decaída. Aqui ele está preocupado somente com a salvação, não com a criação, e ele coloca isso nesta espécie de figura. A humanidade decaída é como uma porção de barro já existente, e o que Paulo está discutindo é o que Deus faz com essa massa. Vejam de novo a frase: "Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?" – e essa frase é uma interpretação de, "Amei Jacó, e aborreci Esaú"; ou do que Deus fez com os filhos de Israel e do que Ele fez com Faraó e seus exércitos, o que já consideramos.

Ora, isso é essencialmente diferente da criação original, porque na criação original não somente foi criação do nada, mas também foi muito mais importante, Deus criou o homem "à sua imagem e semelhança". Isso é o oposto de "desonra". Ele olhou para o homem, como também para toda a criação, e nos é dito que Ele viu que "era muito bom". Deus nunca criou alguma coisa para desonra, mas aqui estamos falando de um oleiro que faz um vaso para desonra. E isso prova que não pode tratar-se da natureza humana como tal, menos ainda do homem como ele foi feito no princípio. É um relato do que Deus faz com a humanidade decaída.

Temos aí, pois, a chave da explicação desta declaração que tem deixado muitas pessoas atordoadas. Tais pessoas apegam-se à idéia de que Deus deliberadamente criou alguns para

irem para o inferno. Isso é uma mentira! As Escriturs em parte alguma ensinam isso. Paulo aqui está tratando do que Deus faz com os homens e mulheres decaídos, e isso diz respeito à totalidade da humanidade. A porção de barro não é "humanidade"; é "humanidade decaída", é a humanidade resultante do pecado original de Adão e Eva. Charles Hodge expressa muito bem o ponto quando diz: "Aqui estamos tratando com Deus como Governador moral, não como Criador".

E, naturalmente, colocando o assunto nos termos em que o faz, o apóstolo está simplesmente declarando com outras palavras o que ele já estivera dizendo em todo o transcurso do tema, desde o versículo 6. Ali apresentamos toda esta questão dos dois filhos de Abraão, Ismael e Isaque, e vocês se lembram de qual foi a nossa interpretação desses fatos. Os dois eram filhos de Abraão, procediam da mesma "massa", por assim dizer, do mesmo tronco – isto é, de Abraão. Mas depois vimos que da mesma massa Deus formou um para desonra, Ismael, e formou o outro para honra, Isaque. Ambos eram herdeiros da humanidade decaída mediante Abraão, ambos estavam na mesma situação, estavam na mesma massa. Humanidade decaída – esse é o fato sempre. É a mesma coisa com Jacó e Esaú, e com eles a coisa fica até mais evidente porque eles eram gêmeos. No entanto um foi formado para salvação – isto é, Jacó, e o outro para condenação. É o mesmo argumento do começo ao fim, e tudo o que ele está dizendo aqui é que Deus tem direito de agir desse modo.

Além disso, este é o único assunto que está sendo considerado aqui. O apóstolo está asseverando que a humanidade toda (todos os nascidos neste mundo desde Adão) já está perdida e sob condenação – todo o mundo. Mas Deus escolhe alguns para a salvação, e outros Ele endurece e consigna à perdição. E, como o oleiro tem direito de fazer um vaso para honra e outro para desonra da porção de barro que tem diante de si, Deus tem igual direito de escolher alguns para honra e de consignar à desonra os demais.

Sobre que base eu digo isso? Eis a resposta: em conseqüência do pecado de Adão, todos merecem a condenação. Temos prova disso no capítulo 5, versículo 12: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram".* Aí está! Todos pecaram em Adão, o pecado de Adão está em todos nós, e todos nós recebemos a condenação. Todos nós nascemos em pecado e merecemos a condenação como resultado do pecado de Adão. E não só isso; também o merecemos como resultado da nossa escolha deliberada, como resultado dos nossos pecados e desobediência deliberados.

Mas eu desejo ir adiante. Ninguém merece misericórdia, ninguém! Não temos nenhum direito de reivindicar o amor de Deus. "Todos nós andamos desgarrados como ovelhas"; todos nós pecamos: "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus"; "Não há um justo, nem um sequer"; "todo o mundo... condenável diante de Deus". E ninguém pode contestar esta verdade! Essa é, pois, a nossa situação. Não somente não merecemos misericórdia; não temos nenhuma possibilidade de reivindicar misericórdia da parte de Deus. A porção de barro é isso.

E tudo o que o apóstolo está dizendo é que, portanto, e certamente, Deus tem direito de fazer o que quiser com o barro. Se Ele condenasse a totalidade à perdição, ninguém poderia vocalizar uma única queixa; mas, se Ele escolhe fazer alguns para honra e alguns para desonra, por que não deveria fazê-lo? Não tem Ele direito de fazer o que quer com a Sua graça, misericórdia e compaixão? Ninguém pode exigir nenhum direito, ninguém pode fazer queixa alguma. Todos nós merecemos o inferno. Se por Sua escolha Deus mostra favor a alguns, por que não deveria fazê-lo?

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 5: A Certeza da Fé*, PES, São Paulo, 2000.

Claro está que argumentar contra isso é tremendamente anormal, porque nós mesmos estamos fazendo essa mesma coisa constantemente. Se alguém tenta tirar de nós o direito de fazermos o que quisermos com o que é nosso, ficamos furiosos. É por isso que muitos não gostam do comunismo. Dizem eles que o comunismo tira de você tudo o que lhe pertence, que você não pode mais fazer o que quiser com o que é seu, e consideram isso sumamente injusto e iníquo. Mas não querem que Deus tenha essa postura. Vocês vêem como são completamente ilógicos. Deus, o Criador todo-poderoso, diz o apóstolo, tem direito como Criador, como Juiz, como Senhor Soberano; Ele tem total liberdade e direito de fazer o que quer e o que Lhe agrada. E é precisamente isso que Ele faz com esta massa da humanidade decaída, pecadora. Desde o começo, conforme este Seu princípio – "o propósito de Deus, segundo a eleição" no versículo 11 – Ele decidiu escolher uns para honra e outros para desonra. Daí Isaque, Jacó e os filhos de Israel. Essa é, pois, a declaração de Paulo.

Agora desejo deixar isto bem claro: ninguém é criado mau. Isso é inconcebível. Deus criou boas todas as coisas. Ninguém jamais foi forçado a pecar. "Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta" (Tiago 1:13). A humanidade, em seu representante e cabeça, Adão, que era perfeito e sem pecado, e que tinha livre-arbítrio completo e completa liberdade de escolha, rebelou-se contra Deus e pecou, e assim todos nós caímos e pecamos com ele, porque todos nós estamos nele por natureza. E aqui o apóstolo está tratando do que Deus faz com a humanidade à luz disso, e ele declara que Deus tem direito absoluto de fazer o que quiser, em Sua soberana vontade e em Seu senhorio absoluto. Com relação a essa massa impotente, que poderia ser, toda ela, consignada à perdição, Ele, não obstante, por causa da Sua graça, da Sua glória e do Seu propósito, escolheu, elegeu e formou dessa massa alguns para glória e honra, e outros para perdição e desonra.

Bem, é isso, e somente isso, que o apóstolo nos diz aqui.

Ele não vai além disso porque não pode; ele não sabe. Vejam vocês, o que todos nós queremos perguntar nesta altura é: por que Deus decidiu fazer isso? Como é que Deus decide fazer um para honra e outro para desonra? Há somente uma resposta: não sei! Ninguém sabe.

Mas devemos acrescentar algo. Você não tem direito de fazer tal pergunta. Isto é um supino mistério. Eu não posso ultrapassar os limites das Escrituras, e tudo o que as Escrituras me dizem é que Deus faz isso, que tem direito de fazê-lo, e que, se eu levantar a questão quanto a se Ele tem direito de fazê-lo, não somente estarei sendo tolo; estarei chamando para cima da minha cabeça os ais de Deus, porque estou tentando contender com o meu Criador. Isso é tudo o que eu sei; não posso ir além disso. Nem inquirir eu devo.

Assim, deixem que eu coloque o ensino nestes termos: se alguém é salvo, é inteiramente devido à misericórdia e a escolha de Deus: "Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer". Dessa forma, sempre que uma pessoa é salva, essa pessoa é cristã por uma única razão. É por causa da eleição e da misericórdia de Deus. Você era parte integrante daquele barro, daquela massa de perdição, e se você agora está fora dela, deve isso inteiramente à misericórdia de Deus. Contudo eu digo mais isto: se há perdidos, a responsabilidade é totalmente deles. Como é isso? Bem, porque isso faz parte da herança de Adão. Eles são responsáveis em Adão, como nós somos responsáveis por coisas que o nosso governo fez, digamos, há cem anos. Não podemos dissociar-nos. Somos responsáveis pelos pecados dos nossos antepassados, pelas ações do nosso país. Somos responsáveis da maneira acima indicada.

Mas, como razão máxima, somos responsáveis porque nós confirmamos o que Adão fez; nós o temos feito também. Adão pecou como nosso representante, porém, por nossa vez, nós todos pecamos. Cada ser humano escolhe deliberadamente pecar. Não fomos forçados a pecar; nós quisemos isso. Fomos contra a consciência; fomos contra a lei. Quando pecamos o

fizemos deliberadamente. Mas, indo ainda mais adiante, todo aquele que não crê no evangelho rejeita-o deliberadamente e, rejeitando-o, rejeita a sua oferta de salvação. Portanto, resumamos assim o ponto: se alguns são salvos, devem isso inteiramente à misericórdia de Deus; se são condenados, a responsabilidade é deles. Obviamente é isso que o apóstolo está ensinando aqui. Isso transparece no ensino concernente a Faraó. Deus endureceu o coração de Faraó, Faraó endureceu o seu próprio coração, e vimos que nisso não há contradição.

Esse é, pois, o ensino das Escrituras neste ponto – que Deus tem completo direito e liberdade de fazer o que quiser com esta massa da humanidade que pecou contra Ele. Ele escolhe salvar alguns – esse é o fato maravilhoso – e escolhe não salvar outros. E, com vistas ao Seu propósito, Ele "endurece" esses outros a fim de manifestar a Sua glória e o Seu poder por meio deles. Isso realmente não entra em conta; não faz nenhuma diferença. O que é vital é que Ele escolhe salvar alguns e enviar os demais à perdição e à condenação que todos nós merecemos plenamente.

Finalmente, deixem que eu exponha o ponto desta maneira. Talvez eu não devesse fazer isso, mas estou procurando ajudar. Este é um grande mistério, o mistério da vontade eterna de Deus. O princípio sobre o qual Ele faz isto, não sabemos. Tudo o que Ele nos diz é: "Amei Jacó, e aborreci Esaú", e isso aconteceu quando os dois ainda não tinham nascido e estavam no ventre da sua mãe. Ora, isso é um mistério, e o homem natural lhe faz objeção e acha que é um erro. Há os que dizem que não crêem nisso, e alguns dizem estultamente que esperam chegar ao céu e que gostariam de ter meia hora com o apóstolo Paulo e corrigi-lo em certas coisas. Isso é uma citação exata! Uma citação do que um homem disse num púlpito cristão de Londres faz alguns anos. As pessoas não entendem este ensino e, por isso, expressam essas opiniões blasfemas.

Mas eu quero mostrar a vocês que elas são totalmente incoerentes, contradizendo-se e contradizendo aquilo em que

elas mesmas acreditam. Elas se opõem a este ensino e dizem: "Onde está o livre-arbítrio? Onde está o homem? Onde está a responsabilidade do homem?" Bem, eu já mostrei a vocês onde está a responsabilidade do homem; ele é responsável por sua condenação; não é responsável por sua salvação.

Entretanto, no que é que tais indivíduos realmente crêem sobre o homem, estes escarnecedores da Bíblia, estes escarnecedores da doutrina cristã? Que respostas elas dão às perguntas: por que o homem age como age? Como vocês explicam o homem? Bem, há somente três respostas finais. Uma se chama contingência – não há propósito em coisa alguma; é tudo acidental, tudo obra do acaso. A segunda é a doutrina da necessidade, que às vezes corre sob o nome de destino. "Ah", dizem eles, "aí está, não há como evitá-lo, você está destinado a isso; assim é e tem que ser necessariamente com você." Essa crença é muito comum no mundo. Determinismo! Que tudo está determinado e que o homem não é livre.

Eu estou citando o que aquele que não é cristão crê, e há muitas subdivisões desta doutrina da necessidade ou determinismo. Vejam os comunistas, por exemplo, os seguidores de Karl Marx. Como eles explicam o homem? Bem, eles dizem que se deve explicar o homem em termos do que eles chamam "materialismo dialético". Dizem eles que se pode explicar toda a história em termos de capital e trabalho, oferta e procura.

Essa é a suposta descoberta de Karl Marx – a suposição de que ele descobriu esta dialética, que você pode explicar a história geral da humanidade e, por conseguinte, a vida dos indivíduos, em termos desse conflito. Eis o senhor, eis o servo. Capital-trabalho, oferta-procura, etc.; e isso determinou completamente o curso da história. Eles acreditam nisso; são deterministas. Não acreditam que o homem é livre; dizem eles que o homem é escravo deste processo que, é claro, eles estão tentando levar adiante, e afirmam que isso está acontecendo inevitavelmente e que, em última instância, o universo inteiro

terá evoluído mediante este processo até chegar-se a um estado perfeito, que estará livre de classes, no qual não haverá nada de capital e trabalho e só existirão senhores. Todos nós seremos senhores. Essa é uma das idéias sobre este determinismo.

Mas há outra, o conceito biológico. Vejam lá, eu espero que vocês captem a força deste argumento. São esses os argumentos, são essas as coisas nas quais acreditam as pessoas que se opõem a este ensino do apóstolo Paulo aqui, porque, dizem elas, o ensino dele significa que o homem não pode fazer coisa alguma a respeito – onde está o livre-arbítrio do homem? Todavia, ao mesmo tempo, é nisso que elas realmente crêem. Algumas dessas pessoas crêem nisso, posto que em termos deste conceito biológico. Tais indivíduos são muito científicos. Eles dizem que o que o homem é é determinado por diversas glândulas do seu corpo. Falam com muita seriedade sobre isso; afirmam que as proporções relativas da glândula tireóide, da glândula pituitária, das glândulas supra-renais, etc., determinam o que somos. Não têm dificuldade nenhuma em explicar Hitler; sua glândula supra-renal, glândula da qual se originam a nossa adrenalina e a nossa energia, era exagerada. E dessa forma eles explicam Shakespeare, Beethoven e todos os demais. O homem não é nada senão o resultado das influências mútuas destas forças biológicas existentes dentro dele.

Há, porém, mais uma idéia, e esta é interessante – a explicação dada por Freud, o pai da psicanálise, cujo ensino tem sido transmitido pelos púlpitos cristãos. Freud ensina – e aqui eu cito as Preleções Reith ("Reith Lectures"), feitas em 1962 pelo professor Carstairs, o homem que critica a Igreja Cristã por colocar "A castidade antes do amor". Ele, como tantos outros, é freudiano, e o que ele disse é de fato uma grande declaração sobre Freud e seu ensino. "A confusão que prevalece no pensamento popular sobre os conceitos do determinismo e da responsabilidade pessoal contribui para este eclipse parcial dos valores morais". Ele tinha acabado de dar informações

estatísticas sobre o apavorante crescimento do número de pessoas encarceradas em nossas prisões; triplicou, em relação ao que era antes da guerra, na verdade triplicou em relação ao número de presos existentes cem anos antes da guerra. Depois ele forneceu dados numéricos sobre a delinqüência juvenil, etc., e tentou explicar isso. E então continuou, "...mostrando que muitas vezes as nossas ações aparentemente deliberadas são de fato determinadas por motivos dos quais não temos consciência. A psicanálise solapou a nossa confiança na realidade do livre-arbítrio".*

E ele tem toda a razão; foi o que aconteceu. Se vocês

---

* Como o próprio autor deixou claro, ele escreveu sobre fatos ocorridos na década de 1960 ou antes. Graças a Deus, nas últimas décadas têm surgido especialistas que condenam a posição de Freud. Já na segunda década do século vinte Adler e Jung romperam com Freud por causa da idéia fixa deste concernente ao papel preponderante do sexo na determinação da personalidade, seus complexos, etc. Viktor Frankl, infelizmente esquecido ou omitido em geral, fez contribuições notáveis, distantes do posicionamento básico de Freud. Modernamente, alguns têm tido a coragem de romper com o quase tabu de contestar Freud. Ainda há poucos dias, folheando casualmente uma revista num consultório odontológico, li alguns comentários fortemente críticos, contrários a Freud. Mesmo os que reconhecem o erro dos seus fundamentos continuam declarando que se deve muito a ele. Mas, merece reconhecimento um homem que causou tantos estragos à humanidade, principalmente ao mundo ocidental, que se deixou levar por essa verdadeira loucura?! Isso faz lembrar o logro feito por Alfred Charles Kinsey (1894-1954), biólogo e sociólogo norte-americano, autor de *O Comportamento Sexual do Homem* (1948) e de *O Comportamento Sexual da Mulher* (1953). Seus "Relatórios" influíram tremendamente na mudança dos costumes, para pior. Quase não se vê referência ao fato de que acabou ficando provado que suas conclusões, pretensamente científicas, basearam-se em dados falsos. Ver *Seleções do Reader's Digest* de outubro de 1997, p. 55, artigo bem fundamentado de Rachel Wildavsky. Até quando a humanidade, em seu afã de encontrar apoio para suas tendências corruptoras, vai continuar se deixando enganar por pilantras e loucos, só porque têm alguns títulos e porque falam o que o coração pecaminoso gosta de ouvir? Nota do tradutor.

seguirem o ensino de Freud e desses psicanalistas, não poderão crer no livre arbítrio, porque Freud diz que o que as pessoas fazem, o que as pessoas pensam, e suas reações e seu comportamento, são determinados, não somente pelas características do seu pai, da sua mãe, do seu avô e da sua avó de ambos os lados, mas também pelo que aconteceu com elas quando ainda estavam no ventre materno, e pelo que aconteceu com elas quando estavam sendo criadas, na infância. O professor Carstairs mencionou algumas dessas coisas em sua preleção: que depende em parte de se as pessoas foram amamentadas ao seio ou por outro meio; depende também da maneira como era feita a sua higiene por sua mãe. A mãe era uma dessas pessoas que se preocupam demais com a limpeza do seu bebê, ou não era? São desse tipo as coisas que vão determinar como as pessoas se comportarão. E depois, naturalmente, há aquelas experiências da primeira infância, quando as crianças ainda são inconscientes, aqueles incipientes impulsos do sexo, etc. – são essas as coisas que determinam o comportamento.

Esse é o ensino da psicanálise. Um homem sugeriu com toda a seriedade que a única esperança quanto ao futuro deste mundo é que as crianças sejam criadas por pais e professores que tenham passado por um processo de psicanálise e que tenham ficado livres dessas coisas que têm posto embaraço à marcha progressista da raça humana, e que estejam liberadas para uma nova maneira de viver. É a única esperança, disse ele, e isso deveria acontecer enquanto ainda crianças, porque "a criança é pai do homem".

É isso. Essa é a alternativa ao ensino do apóstolo Paulo. Não me falem de "livre-arbítrio", não existe tal coisa. Livre-arbítrio não é coisa que existe no homem decaído. A Bíblia ensina isso, Freud ensina isso, e até mesmo todas essas pessoas ensinam isso. Vocês vêem, o que temos aqui é a doutrina bíblica da *certeza*. Esta é a terceira explicação; nada de contingência, nada de necessidade ou inevitabilidade, mas certeza, a certeza

daquilo que é produzido por Deus.

Há um argumento final. Há pessoas que parecem pensar que se você rejeitar esta doutrina de Paulo ficará numa posição feliz. Você dirá: "Não creio que é Deus que elege e que Ele salva a quem Ele quer, e a quem Ele quer endurece. O homem só pode ser livre, deve depender da própria escolha do homem, da decisão do homem". Mas, esperem um pouco, vejamos a coisa assim: deixem que eu lhes mostre onde vocês ficarão se rejeitarem a doutrina de Paulo aqui ensinada. Vejam Atos 28:24. Eis aí o apóstolo Paulo; ele reuniu os judeus em seu alojamento privado em Roma, pregou-lhes o evangelho, e o citado versículo diz: "E alguns criam no que se dizia; mas outros não criam". Não seria esse o problema? Por que alguns crêem e outros não? Aqueles ouvintes eram judeus, todos iguais: mesmos antecedentes, mesmo tudo; mas alguns creram e alguns não. Quantas vezes acontece isso numa família! Dois irmãos, com o mesmo pai e a mesma mãe, o mesmo lar, a mesma criação, alunos da mesma escola, freqüentadores da mesma capela e da mesma Escola Dominical, e conhecedores do mesmo evangelho – tudo igual. Um crê, o outro não. Que é que decide isso? Que é que o determina?

"Ah", dirá alguém, "é muito simples. O livre-arbítrio!" Muito bem, um por sua livre escolha crê, o outro por sua livre escolha não crê – e você acha que liquidou o assunto quando disse isso, mas não o liquidou. Este é o problema que você deixa comigo, e com todos os psicólogos: por que um escolhe crer e o outro escolhe não crer? Quero saber isso – por quê? Por que foi que alguns creram na pregação de Paulo, enquanto outros não creram? Mas o que é que faz alguns quererem crer e outros não?

"Ah, bem", você diz, "um viu as coisas de um modo, o outro as viu de maneira diferente." Sim, porém você ainda não me ajudou. Vejam vocês, temos que fazer tais perguntas. "Bem, eu não sei", responde-me o tal, "um deles era de um jeito, o outro era diferente." Tudo bem! No entanto, diga-me,

por que um deles era de um jeito e o outro era diferente? Aí vamos um pouco mais para trás. "Bem", você diz, "um deve ter nascido assim, e o outro deve ter nascido diferente." Certo! Acaso somos responsáveis pelo que somos ao nascer? Você é responsável pela natureza com a qual nasceu? Você é responsável pelas potencialidades com as quais nasceu? Claro que não. Mas, se você rejeitar o ensino que temos aqui, em Romanos, capítulo 9, é nessa posição que você é deixado – é tudo completamente acidental. Um homem crê – bem, porque acontece que ele nasceu como nasceu; o outro não crê porque acontece que ele nasceu como nasceu; ele não tem controle sobre isso.

Esta é a questão vital: que é que determina a vontade de um homem? E no momento em que você faz essa pergunta, ela se volta para uma destas duas coisas: ou é o propósito de Deus, ou então é puro acidente, é questão de glândulas, de criação, de mil e um fatores que estão inteiramente fora do seu controle. Em nenhum caso você tem livre-arbítrio. Desde que o homem caiu não existe tal coisa. O único homem que teve livre-arbítrio foi Adão, e sabemos o que ele fez com isso. Daí em diante todos nós nascemos em pecado, "formados em iniqüidade". E o que faz de qualquer homem um cristão é o propósito e a vontade e a escolha de Deus.

Assim vocês vêem que, se rejeitarem o ensino do apóstolo aqui registrado, não somente estarão rejeitando o seu ensino, estarão rejeitando o ensino do próprio Deus! E não é de admirar que a alternativa seja um completo caos, contingência total, pura impotência e desamparo, embora tudo isso seja por vezes mascarado em termos de algum destino cego ou de alguma necessidade determinista e mecânica.

Queira Deus dar-nos Seu Espírito, e dar-nos a graça de penetrarmos estas coisas maravilhosas e misteriosas.

17

"Dir-me-ás então: porque se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?" – Romanos 9:19-24

Vimos no capítulo precedente que Paulo ensina que a relação entre Deus e a humanidade decaída é a seguinte: "Não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?" Salientamos também que isso não se refere à criação no princípio. Eis aí esta massa de perdição, este bloco de humanidade decaída, e o apóstolo declara que Deus tem direito de fazer com isso o que quiser. Toda a humanidade merece ser condenada, mas Deus decidiu, por livre escolha, salvar alguns e dessa massa fazer vasos para honra, e do restante fazer vasos para desonra. Por que não deveria fazê-lo? Ele tem direito porque é Deus, porque todo o mundo é culpado diante dEle. E terminamos mostrando por que o homem moderno em particular é deveras o último que deveria ficar fazendo maquinações sobre esta espécie de ensino porque geralmente ele é fatalista ou determinista ou freudiano ou algo parecido. Contudo, em muitos aspectos eu

não precisava ter dado aqueles argumentos, porque esta passagem é mais que suficiente em si e por si.

Portanto, agora prosseguimos com o argumento de Paulo porque nos versículos 22 e 23 ele introduz mais alguma coisa. Nos versículos 20b e 21 ele estivera asseverando o *direito* que Deus tem de fazer isto, mas nos versículos 22 e 23 ele nos dá a *razão* para fazê-o. Ora, não havia necessidade disso. Não temos direito de pedir razões. Não nos cabe reivindicar nada de Deus; nada merecemos senão castigo e o inferno. Se você acha que merece alguma outra coisa, você não conhece nem a Deus nem a si mesmo. A atitude assumida por todos quantos tenham tido algum vislumbre de Deus, como lemos na Bíblia, é a de Isaías. Eles se acham pessoas de lábios impuros e caem no maior desamparo e desespero. Não temos nenhum direito de pedir qualquer razão, porém Deus, em Sua infinita bondade e condescendência, inclina-Se diante da nossa fraqueza e nos dá razões, e aqui o apóstolo faz justamente isso.

Como se vê, ele o expressa de maneira muito estranha. A dificuldade com relação a estes dois versículos é pequena, porque o apóstolo faz algo que vez por outra faz, e quase que eu poderia dizer: graças a Deus que ele o faz! Ele começa uma frase e não a termina. Não há nada de errado nisso, contanto que o propósito esteja claro. Vocês notam que ele começa com uma condição, que na Versão Autorizada diz: "Que se...". Mas não há nenhum "que" no original; Paulo diz: "Se Deus, querendo...". Noutras palavras, ele começa com uma condição, e vocês esperam por uma espécie de conclusão – todavia ele não nos dá a conclusão: "Que se...", "E que direis se...", bem, então, há uma resposta a isso, porém ele não nô-la dá. A resposta é veiculada, por assim dizer, pela própria forma em que ele coloca a pergunta. Portanto, poderíamos entendê-la assim: "Se Deus fez isso, que é que o homem pode responder contra?" É isso que ele está realmente dizendo, e às vezes se pode tornar uma pergunta como essa mais dramática omitindo a resposta. Você começa com uma condição, mas não dá a conclusão. Assim, o

que Paulo está dizendo é: "Que objeção se pode fazer a isso?"

Examinemos cuidadosamente, pois, esta declaração e o que Paulo diz. Tomando os dois versículos juntos, vemos que Paulo afirma que a razão para a ação de Deus pela qual Ele endurece uns e os pune, e tem misericórdia e compaixão de outros e os salva, é que a Sua glória e o Seu Ser sejam dados a conhecer e sejam tornados manifestos. Ambos os aspectos da ação de Deus realizam isso, diz Paulo, e ambos o realizam ao mesmo tempo. Aí está a declaração geral, entretanto depois ele a divide em duas. No versículo 22 temos a manifestação da ira de Deus, e no versículo 23 temos a manifestação da misericórdia de Deus.

Essa é também uma declaração muito importante. Ele começa o versículo 22 dizendo: "E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira...". Ora, a palavra "querendo" não é boa tradução; realmente significa "desejando", e é até mais forte que isso; a frase poderia ser traduzida por "Que direis se Deus se inclinasse a...". E ainda mais forte, porque significa "um desejo forte e profundo". Um comentador alemão do século dezenove expressou muito bem este ponto: "Apesar de que a Sua vontade O dispõe a não deixar sem manifestação a Sua ira e o Seu poder". É uma boa maneira de dizê-lo. É uma paráfrase, mas põe às claras o sentido: "Apesar de que a Sua santa vontade O *dispõe*". E O dispõe muito fortemente. Deus, com toda esta disposição da Sua natureza para fazê-lo, não obstante... Tenhamos isso em mente.

Pois bem, o apóstolo está asseverando, então, que tudo em Deus, por ser Ele Deus, por Sua natureza santa, por Seu caráter justo e reto, odeia o pecado. O pecado e Deus são perpétuos opostos, e com toda a intensidade do Seu Ser Deus aborrece o pecado e deseja puni-lo. Isso é necessariamente verdade a respeito de Deus. E o apóstolo declara que, por isso mesmo, ao punir o pecado, Deus manifesta estes aspectos do Seu glorioso Ser e do Seu caráter. É punindo o pecado e levando à destruição os pecadores, que Deus fez e faz conhecido o poder da Sua ira.

Certo é que vemos isso constantemente quando lemos a Bíblia; acha-se no Velho e no Novo Testamentos. O apóstolo já nos tinha dado um exemplo muito notável disso no caso de Faraó, que ele citou no versículo dezessete, e aqui ele está dizendo essa mesma coisa mais uma vez. Diz ele que a razão para Deus fazer isso é para que faça e dê esta clara demonstração, não só da Sua ira contra o pecado e a Sua total aversão por ele, mas também do poder da Sua ira, da Sua força e da Sua grandeza. Naturalmente, isso é tão-somente uma ilustração dessa verdade, e diz o apóstolo que em toda manifestação da Sua ira contra o pecado, Deus dá a conhecer a Sua atitude para com o pecado, o Seu poder para puni-lo, e com isso faz esta manifestação mais completa da glória e da majestade da Sua Pessoa.

Bem, o que às vezes tendemos a esquecer é que este aspecto do caráter e do Ser de Deus jamais seria conhecido se Ele não punisse o pecado – "Se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder..." – e assim isso é muito importante. Vocês vêem, o apóstolo está encarando todo este problema do ponto de vista do Ser e dos atributos de Deus. A metade do nosso problema surge quando consideramos esta classe de doutrina começando e terminando em nós mesmos. Consideremos Deus!

A verdade é que, devido Deus ser Deus e devido Ele ser o que é – digo isso com reverência – há certas coisas que Ele tem que fazer, e uma delas é que Ele tem que punir o pecado. Deus não seria Deus se não fizesse isso. E, portanto, o que o apóstolo diz é que, punindo o pecado, Deus nos dá a conhecer isso acerca da Sua natureza. Como Paulo nos fizera lembrar no versículo 18 de Romanos, capítulo 1, a ira de Deus contra o pecado é algo que já havia sido revelada. "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça".

O problema supremo das pessoas que não crêem na doutrina da ira de Deus é que elas não crêem na revelação

bíblica de Deus. Elas têm um deus que elas mesmas criaram. Em geral, os que rejeitam a doutrina da ira de Deus, também rejeitam a doutrina bíblica da redenção e da salvação. Elas são bastante coerentes. Se você não acreditar na ira de Deus, não haverá nenhuma real necessidade do sacrifício no Calvário. Assim, é importante que vejamos todas estas coisas à luz da grande doutrina do próprio Deus.

Além disso, notem então que ele coloca o ponto nestes termos: "Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição". A ira de Deus, diz ele, é mostrada aos "vasos da ira", e essa é uma expressão empregada comumente nas Escrituras. Significa instrumento ou utensílio, digamos, por meio do qual Deus mostra a Sua ira. Às vezes é empregada a expressão "filhos da ira". Diz o apóstolo Paulo aos Efésios: "Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também (Efésios 2:3). É o mesmo tipo de idéia.

Contudo a palavra realmente interessante e significativa é a palavra "preparados". De novo, a tradução correta aqui, ou ao menos a tradução completa, é "os vasos da ira tendo sido preparados", ou, "os vasos da ira maduros para a destruição". Ou ainda mais livremente se poderia verter para "os vasos da ira estando prontos para a destruição". O significado da palavra é que o apóstolo não diz que foi Deus que os preparou para isso; tudo o que ele diz é que eles "foram" preparados para a destruição. Ele não nos diz quem os preparou dessa forma.

Por que isso é tão importante? Por esta razão: no versículo vinte e três, quando chegamos aos "vasos de misericórdia", o que lemos é: "que para glória já dantes preparou". Noutras palavras, Deus não preparou os vasos da ira para destruição, mas preparou os vasos de misericórdia para glória, o que, naturalmente, ajusta-se absolutamente ao que vimos em nossa exposição anterior. Deus jamais criou um pecador. Ele não

criou esta "massa" de humanidade decaída. Deus criou o homem perfeito, à Sua imagem e semelhança, como criou perfeito o mundo inteiro. É o homem que se prepara para destruição, não Deus.

É muito interessante como ele expõe isso aqui: "os vasos da ira preparados, tendo sido preparados para". Que foi que fez isso? Bem, o que os preparou para isso foi o seu próprio pecado, primeiramente na queda do homem, o seu próprio pecado e a sua própria desobediência. Depois há também o processo de endurecimento, que já temos considerado no caso de Faraó – a incapacidade humana de reagir à luz e à graça do amor de Deus, com isso o homem tornando-se ainda mais pecaminoso – e isso o prepara mais ainda para a destruição, mais do que já estava preparado. No entanto, a coisa séria e importante é que fica claro que não é Deus que os prepara para a destruição.

E notem que eles são preparados para nada menos que a destruição, que, em 2 Tessalonicenses 1:9, Paulo chama "eterna destruição (cortando-os) da presença do Senhor" (VA). Significa perdição; significa eterna punição (cortando-os) da presença de Deus, da Sua glória e da fruição do Seu Ser para sempre. "Destruição"! E assim Paulo afirma que Deus mostrou e manifestou este aspecto do Seu caráter em conexão com estes vasos da ira que se prepararam para nada senão essa destruição.

Mas então ele passa a dizer outra coisa interessante aqui – que, apesar de que Deus estaria plenamente justificado em consignar à destruição toda a massa falida da humanidade, e estaria justificado em fazê-lo imediatamente, o fato é que Ele não o fez. Que é que Ele fez? Ele "suportou", diz Paulo, "com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição". Pois bem, isto significa, creio eu, que Paulo traz de novo em mente o caso de Faraó que ele já havia considerado no versículo 17. Deus sabia de antemão exatamente o que Faraó ia fazer e anunciou a Moisés que ia endurecer o coração dele. Contudo Deus não destruiu imediatamente Faraó; não, Ele endureceu

o seu coração; endureceu a sua rebelião, a sua arrogância, a sua desobediência: Ele o suportou por algum tempo; enviou a ele Moisés e Arão para pleitearem com ele, e assim por diante, e foi só depois de certo período que Ele finalmente o destruiu, a ele e a seus exércitos no Mar Vermelho.

Bem, diz o apóstolo que este é um princípio da maneira de Deus tratar com toda a humanidade decaída, e isto levanta uma questão que muitas vezes todos nós consideramos. A questão pode ser posta nestes termos: por que Deus tolera o mundo, afinal? Por que não destruiu a humanidade toda no momento em que Adão pecou? Por que Deus tolera tanto mal e tanto destemor do Seu nome no mundo atual? Freqüentemente os cristãos se sentem como que fazendo essas perguntas. Vocês verão muitas vezes o salmista perguntar isso; ele não consegue entender Deus. Por que é que Ele tolera isto? Por que não Se levanta e não destrói os Seus inimigos?

Pois agora, penso eu, essa é justamente a questão que o apóstolo está colocando diante de nós aqui, e é muito bom que a consideremos, não somente porque os cristãos a levantam freqüentemente, mas também porque, como 2 Pedro, capítulo 3, nos lembra, escarnecedores e incrédulos gostam muito de levantá-la também. Eles vêm à frente e dizem: "Ah, vocês são os tais que pregam que há um grande Deus que é sobre todos, e que Ele é um Juiz que julgará o mundo com justiça. Vocês dizem que outrora Ele o julgou pelo Dilúvio e que vai julgá-lo novamente, porém "Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação" (2 Pedro 3:4). Dizem eles: "Vocês, pregadores cristãos, estão sempre dizendo que este Jesus de vocês ressuscitou dos mortos, subiu ao céu e está assentado à direita de Deus, e que Ele está só esperando que os Seus inimigos sejam postos por escabelo dos Seus pés. Vocês dizem que Ele voltará e julgará o mundo com justiça e destruirá os Seus inimigos, o diabo e o inferno inclusive, e estabelecerá o Seu reino glorioso; mas", dizem eles, "quando é

que isso vai acontecer? Há anos vocês vêm dizendo isso, e nada acontece". Já diziam isso no século primeiro, e há muitas pessoas cuja fé é abalada por esse tipo de questão.

Pois é a essa questão que Pedro responde naquela passagem da Segunda Epístola, e eu sempre achei que ela é um comentário muito interessante deste versículo de Romanos, capítulo 9, que estamos examinando juntos. Pedro diz: "Amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia". Isso é importante – porém, notem, "O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco (ou para conosco), não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pedro 3:8,9). Portanto, mantenham em mente isso e a declaração de Romanos 2:4, que diz: "Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?"

Já consideramos isso do princípio ao fim, e é importante termos em mente as conclusões a que chegamos naquele ponto.* A questão é: por que Deus tolera os maus por tanto tempo? Se Ele é santo como vocês dizem – por que Ele não os destrói imediatamente?

Eis as respostas: primeiro, é por causa da Sua longanimidade, da Sua compaixão. Esta é uma doutrina que deixa perplexas algumas pessoas, pelo que verifiquemos a sua comprovação. Retrocedamos ao livro de Ezequiel, capítulo 18. O versículo 23 diz: "Desejaria eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio? Diz o Senhor Jeová: não desejo antes que se converta dos seus caminhos e viva?" Depois, no versículo 32: "Porque não tomo prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jeová: convertei-vos, pois, e vivei". E depois, no capítulo 33:11, vemos: "Dize-lhes: vivo eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulos 2:1-2:30: O Justo Juízo de Deus*, PES, São Paulo, 1999.

prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva: convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que razão morrereis, ó casa de Israel?"

Agora, tomem essas declarações com a de Romanos 2:4, a que temos diante de nós e a de 2 Pedro 3:9. Que é que elas significam? Significam que Deus tem compaixão, que é longânimo, que não tem prazer na morte dos ímpios. Isso está perfeitamente explícito e claro.

"Mas", alguém perguntará, "como conciliar isso com o ensino que temos aqui, em Romanos, capítulo 9?" A resposta só pode ser esta: esses outros versículos se concentram no que Deus *deseja*, ou naquilo em que Ele tem prazer, mas aqui, em Romanos, capítulo 9, estamos tratando do que Deus quis no sentido de *decretar*. Deus, como Deus, não pode ter prazer algum na morte de um pecador; Ele não pode ter prazer num pecador, de forma alguma. Toda a noção de pecado Lhe é desagradável. Deus não tem prazer nisso nem o deseja. Logo, não é desejo de Deus que alguém pereça; na verdade, é desejo de Deus que todos cheguem ao arrependimento.

Mas não é da vontade de Deus que todos cheguem ao arrependimento. Uma vez que é Seu desejo que todos cheguem ao arrependimento, Ele ordenou que o evangelho fosse pregado a todos e que se ordenasse a todos os homens, em toda parte, que se arrependessem e cressem no evangelho. A livre oferta da salvação deve ser feita a todo o mundo. Isso é expressão do "desejo" de Deus. Mas aqui, em Romanos, capítulo 9, o que se nos diz é o seguinte: por que, afinal, há alguém que crê? O desejo de Deus de que os homens sejam salvos não salva ninguém. A vontade e a determinação de Deus é que salvam, e o que nos é dito sobre isso é que Deus quis e determinou salvar apenas alguns.

Isto é sumamente importante. Deus, em Sua longanimidade e paciência, como nos é dito, mostra que Ele não tem prazer no que os incrédulos são, e não tem nenhum prazer em

destruí-los. Ele os deixa continuarem, por assim dizer, para que ouçam o evangelho. Esse é o desejo e o prazer de Deus, todavia isso não os salva. Sua longanimidade e Sua paciência para com Faraó não o mudaram. A paciência e a longanimidade do nosso Senhor para com Judas não o mudaram. A longanimidade de Deus para com este mundo no qual vivemos, com toda a raça humana, não o está levando à fé no Senhor Jesus Cristo. Mas, que demonstração da longanimidade e da paciência de Deus! Nós nunca saberíamos nada sobre eles, se Ele não restringisse a Sua ira.

Vejam vocês, o versículo está realmente dizendo que Deus, cujo Ser, em toda a sua integralidade, clama a Ele por punição do pecado, restringiu esse clamor, por assim dizer, para poder mostrar esta longanimidade, esta paciência para com o homem pecador. Portanto, essa é a Sua primeira razão para suportar "com muita paciência" o mal existente neste mundo, e Ele vem fazendo isso com a humanidade inteira até à presente hora.

Mas há ainda outras razões, e a segunda é esta: suportando assim, com paciência, estes vasos da ira, ao mesmo tempo Deus os torna totalmente inescusáveis. Este, para mim, é um argumento muito importante. Eles ficam sem desculpa, é claro, por causa da oferta da Sua graça. Vocês alguma vez pensaram nesta questão? Por que é que o período do Velho Testamento, ou da antiga dispensação, foi tão longo? Sejam quais forem os seus cálculos, quer aceitem os do arcebispo Ussher quer não, parece que a duração foi de ao menos quatro mil anos. Por que se passaram tantos anos depois da Queda e antes do nascimento do nosso Senhor e Salvador? Por que esse longo intervalo? Qual será a sua resposta a essa questão? Por que vocês acham que Deus suportou tudo o que lemos no Velho Testamento, e que em parte podemos ler também na história secular das nações do mundo?

Em meu parecer, só há uma resposta: desde o princípio, a humanidade sempre foi autoconfiante; essa é uma das

primeiras conseqüências da Queda. O orgulho do homem! – orgulho do intelecto, orgulho do entendimento, orgulho do seu poder, orgulho do que pode realizar! O homem sempre teve, como hoje, a idéia de que pode salvar-se a si mesmo. Há desses tipos modernos que dizem que, se alguém ler o Novo Testamento, gostar do ensino de Jesus e decidir segui-lO, isso fará dele um cristão, e tudo estará bem. Mas isso não passa de autoconfiança do homem, e esse foi sempre o seu problema. O homem sempre disse que poderia salvar-se, se tão-somente lhe dissessem o que fazer.

E Deus lhe disse o que fazer. Deu a Lei aos filhos de Israel; lá está ela, com perfeição; outros a copiaram. Não somente isso; Ele deu aos gregos plena oportunidade para produzirem os seus grandes filósofos, elaborarem os seus grandes ensinamentos e desenharem plantas e projetos das suas utopias pelas quais iriam endireitar o mundo. E Deus lhes deu plena oportunidade para isso. Se Ele detivesse isso no princípio, eles diriam: "Ah, mas Tu não nos deste chance, só nos deste um ano. Se nos tivesses dado dez anos, nós o teríamos feito". E se Ele lhes tivesse dado dez anos eles teriam dito: "Ah, se nos tivesses dado cem". Entretanto, que significam cem anos? Então teriam que ser mil... Bem, Deus lhes deu ao menos quatro mil anos! Vejam vocês, não lhes resta nenhuma escusa. Deus deu plena oportunidade ao mundo antigo. Como Paulo o expressa em 1 Coríntios, capítulo 1, foi quando "na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus (que) pela sua sabedoria aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (versículo 21). A Grécia, Roma e todas as demais civilizações se exauriram e terminaram em fracasso, e então Deus enviou Seu Filho.

E agora é exatamente essa mesma a explicação da nova dispensação, na qual vivemos. Por que todo este longo intervalo? Há só mais uma resposta: Deus vai deixar a humanidade condenada sem ter absolutamente nada que falar no fim. Eles dirão: "Se tão-somente tivéssemos ouvido a respeito...". Mas

vocês ouviram, dirá Ele; o evangelho foi pregado durante uns dois mil anos. O mundo não tem desculpa. Tais pessoas vão para o inferno porque rejeitaram o plano de salvação que lhes foi oferecido. "para que toda boca esteja fechada" ou "seja fechada"; ninguém será capaz de dizer uma palavra. A "longanimidade" de Deus em dar a todos os homens e mulheres a oportunidade de ouvirem a mensagem torna-os final, completa e totalmente inescusáveis.

Não discutam com os incrédulos a eleição e a predestinação; discutam com eles isto: por que não crêem no evangelho? Esse é o problema deles. Por que continuam no pecado? Por que eles não sabem se os seus pecados foram perdoados? Por que não nasceram de novo? Por quê? Eis a resposta: fazê-los encarar de frente isso torna-os inescusáveis.

E, em terceiro lugar, a razão pela qual Deus está suportando com muita paciência estes vasos da ira que já estão maduros para a destruição é que quando chegar o tempo do castigo deles, o fato será ainda mais extraordinário. Já vimos isso no caso de Faraó, no versículo 17: "Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra". Já interpretamos isso – lembram-se? – desta maneira: se Deus tivesse destruído Faraó e os seus exércitos em sua primeira recusa, não teríamos aqueles grandes milagres, e foi por meio deles que Deus mostrou o Seu poder – este invencível poder que todo o mundo comentou depois e comenta até hoje. Foi só quando finalmente Faraó, os seus carros e os seus exércitos foram tragados e consumidos pelas águas do Mar Vermelho que a grandeza do poder e da glória de Deus foi realmente demonstrada; como Ele libertou aquele punhado de pessoas indefesas, por assim dizer, e destruiu as forças armadas do poderoso ditador e todos os seus exércitos. Quando Deus age, fica inequivocamente clara a razão pela qual Ele permite que os escarnecedores digam: "Onde está a promessa da sua vinda?"

E esse é o tipo de coisa que eles estão dizendo na presente

hora. Dizem eles: "Deus não existe. Se existisse, não suportaria nada disto; se Ele pudesse detê-lo, Ele o faria; se pudesse puni--lo, Ele o faria. Não", dizem eles", "não há Deus!" E Deus deixa que eles digam tudo isso, mas então, quando parece que eles provaram exaustivamente a sua tese, e quando o mundo inteiro vai perdendo o temor de Deus e vai se tornando irreligioso, quando o mundo ficar como era quando o nosso Senhor veio à terra, empapado em iniqüidade e torpeza, então Deus Se levantará, e a vinda será ainda mais maravilhosa e gloriosa. Quando, como diz o apóstolo Paulo em 2 Tessalonicenses 2:8, Ele Se revelar com todo o "esplendor da sua vinda", o evento será mais maravilhoso e mais glorioso justamente porque foi protelado. E quando Ele vier, a destruição será correspondentemente mais terrível que nunca, quando os reis e outros, como nos é dito no Apocalipse, capítulo 6, clamarão aos montes e aos rochedos: "Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro".

Mas, finalmente, permitam-me citar uma passagem de 2 Tessalonicenses, transcrevendo-a toda, para que mantenhamos esta idéia em nossas mentes. Diz Paulo: "...nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus por causa da vossa paciência e fé, e em todas as vossas perseguições e aflições que suportais; prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis; se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com anjos do seu poder; como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem..." (2 Tessalonicenses 1:4-10).

18

"Dir-me-ás então: porque se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?" – Romanos 9:19-24

Vimos em nosso estudo anterior que no versículo 22 o apóstolo nos dá a razão de Deus para punir os ímpios, e particularmente Sua razão para punir os ímpios do modo como o faz. Vimos que, ao fazer isso, Deus parece pôr restrição a tudo o que há nEle que O concita a puni-los; com todo o Seu Ser desejando e clamando que Ele manifeste a Sua ira contra os filhos da desobediência, Deus, por assim dizer, faz toda essa força impulsiva recuar; Ele os suporta "com muita paciência". Vimos um exemplo particular disso no caso de Faraó, mas também se vê claramente em Suas maneiras de tratar com os filhos de Israel no transcurso de toda esta longa história, e em Seus procedimentos para com as personalidades individuais que são colocadas diante de nós nas páginas do Velho Testamento.

Isso é um grande mistério, porém é ensinado muitas vezes e em muitas passagens das Escrituras. Há, por exemplo, a

declaração registrada em Gênesis, capítulo 15, versículo 16 – "...a medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia". Mas o nosso Senhor mesmo fez uma extraordinária declaração sobre isso; está registrada em Mateus 23:34-36, onde se dirige aos fariseus: "Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade;" – e então – "para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração". É como se dissesse – e naturalmente o ensino é este – que Deus não visitou com o castigo final os filhos de Israel no momento exato em que eles cometeram o seu pecado ou o seu crime; houve apenas uma espécie de punição temporária, uma espécie de primeira prestação do castigo; que Deus como que estava juntando em depósito tudo, retendo tudo. Contudo agora Ele diz: "Finalmente tudo será derramado sobre vós".

Bem, isso é uma profecia, claro, do que ia acontecer com os filhos de Israel em 70 a. D. E Deus a cumpriu! A capital deles foi destruída e eles foram expulsos e espalhados entre as nações. Por fim se revelara a ira de Deus, o período de paciência tinha chegado ao fim. Assim, como vocês podem ver, nas palavras do nosso Senhor dirigidas às autoridades, o ensino acha-se tão claro e explícito como nesta declaração de Romanos, capítulo 9, e até ainda mais claramente.

E assim foi que nós vimos anteriormente que Deus, por Sua livre escolha, decidiu agir dessa forma para que certas coisas fossem reveladas. Uma delas é Sua compaixão – que Ele não tem "prazer" em punir os ímpios; a segunda é para que Ele os tornasse completamente inescusáveis, por causa das oportunidades que lhes deu. E, em terceiro lugar, para tornar ainda mais notável a punição, quando esta chegasse. Os judeus tinham rido dos seus profetas, eles os haviam ridicularizado, e

tinham continuado a pecar. Os profetas lhes estiveram falando durante ao menos oito séculos, porém eles não lhes deram atenção. Sobrevieram calamidades; e ainda isso não fez nenhuma diferença. Mas afinal chegou a hora, e a destruição de Jerusalém e tudo quanto a acompanhou no ano 70 a. D. é um dos fenômenos mais extraordinários e mais espantosos já testemunhados pela raça humana.

São essas, pois, as três razões pelas quais Deus protela a Sua ação e mostra esta paciência, mas há mais uma, que vemos no versículo 23. Entretanto, há muita discussão entre as autoridades quanto à relação exata entre os versículos 22 e 23. São duas declarações distintas mas paralelas, ou são duas partes de uma só declaração? Estaria o apóstolo dizendo que de um lado Deus faz algo na manifestação da Sua ira, e que faz outra coisa na manifestação da Sua misericórdia? Ou será o versículo 23 mais uma explicação do versículo 22 – que Deus "suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para destruição" a fim de que "desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou"?

Bem, essa é uma questão que não há como decidir, e, em certo sentido, realmente não tem muita importância, porque o sentido é praticamente o mesmo em ambos os casos. Naturalmente, as duas coisas são verdadeiras, e, portanto, podemos tomá-las das duas maneiras. Penso que uma das razões para a paciência manifestada para com os vasos da ira é que com isso se prolongue o período da graça durante o qual os que hão de ser salvos sejam salvos. Há uma sugestão dessa idéia também em 2 Pedro 3:18, como já vimos na exposição anterior, e sugiro-lhes que o apóstolo Paulo está em parte dizendo isso aqui. O mesmo período contém as duas coisas e os dois elementos.

Mas também é bom e correto tomá-las como declarações distintas. Nesse caso, o apóstolo está fazendo duas perguntas: primeira, que dizer se Deus reteve por um tempo a

manifestação da Sua ira e a manifestação do Seu poder? – e está claro que esta pergunta são duas numa só. Que dizer se Deus manifesta a Sua ira e o Seu poder a tais pessoas dessa maneira, exercendo paciência antes de agir? Depois vem a próxima pergunta, no versículo 23: que dizer se Deus dá a conhecer "as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou?" Portanto, a última pergunta é: qual é a sua objeção a isso, onde há injustiça envolvida nisso? E, naturalmente, ao colocar isso na forma de uma pergunta como essa, Paulo realmente já está dando a resposta.

A resposta, que é comum às duas perguntas, é esta: qualquer coisa que Deus faça é revelação de um ou de outro aspecto do Seu Ser e do Seu caráter. Ao punir os ímpios, Deus manifesta a Sua ira e o Seu poder, e, ao mesmo tempo, manifesta a Sua compaixão, pelo meio empregado para a sua manifestação; mas, ao mostrar misericórdia para com os que são salvos Ele mostra "as riquezas da sua glória".

Ora, aqui, ao que me parece, está o grande argumento do apóstolo no sentido de que Deus manifesta o Seu caráter tanto na ira como na misericórdia. Notem a frase que Paulo está sempre repetindo – que Deus *mostra* isto. Versículo 22: "E que direis se Deus, querendo *mostrar* a sua ira?" E no versículo 23: "Para que também *desse a conhecer* as riquezas da sua glória". O tempo todo Deus o está dando a conhecer a nós, está deixando isso claro. Na verdade já tivemos toda esta idéia no versículo 17, e o ponto do qual ele está tratando aqui é a objeção ao que ele tinha ensinado naquele versículo. "Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra." Esse é o objeto determinante – que Deus está declarando, está manifestando, certos aspectos do Seu eterno e glorioso Ser. E o que o apóstolo pergunta é: por que Ele não deveria fazê-lo? Onde está a injustiça de Deus em mostrar o Seu poder e a Sua ira sobre aqueles que a merecem plenamente – "preparados para perdição"? Que há de errado em Deus

mostrar misericórdia para com certas pessoas, se for da Sua escolha, quando ninguém merece isso? Essa é a resposta de Paulo. Mas agora devemos examinar em detalhe o versículo 23 – a manifestação das "riquezas da glória de Deus nos vasos de misericórdia" – porque essa é na verdade uma declaração maravilhosa e gloriosa. E, naturalmente, a frase que deve cativar-nos de vez é "as riquezas da sua glória"! Noutras palavras, o tema do versículo 23 é que o principal propósito de Deus na salvação é mostrar e tornar conhecidas as riquezas da Sua glória.

Ora, a verdade suprema acerca de Deus, o Seu atributo máximo, se podemos falar assim, é a glória. Falamos do poder de Deus, da Sua onipotência, Sua onisciência e Sua onipresença, e de todos os demais atributos, mas o certo é que, em última análise, o que faz de Deus Deus é a Sua glória. Você não pode descrevê-la; não pode defini-la! Tudo o que a Bíblia mesma faz é dar-nos algum tipo de descrição de homens e mulheres que tiveram um vislumbre da glória de Deus; eles caem por terra e se sentem totalmente indignos. Glória! Que é? Bem, tudo o que eu sei é que é luz perfeita, perfeito amor; impossibilita toda e qualquer descrição. Assim é que tudo o que Deus faz é, de um modo ou de outro, a manifestação da Sua glória. E, contudo, precisamos notar esta coisa muito interessante: o apóstolo não fala do poder e da ira de Deus em termos da glória. Ele só mantém isso em relação ao que Deus faz na manifestação da Sua misericórdia. Dou ênfase a isto porque, embora a glória de Deus seja manifestada em Seu poder e em Sua ira, ainda assim o apóstolo deseja ansiosamente que nos demos conta de que, se realmente queremos saber algo sobre a glória de Deus, devemos contemplá-lO quando Ele manifesta e mostra a Sua misericórdia para com aqueles sobre os quais Ele mostrar misericórdia!

Isso é uma coisa que sempre deixou extasiados os santos e que os tem incentivado através dos séculos a expressarem a sua admiração e o seu deslumbramento. Ouçam, por exemplo,

Samuel Davies, a expressar isso em seu conhecido hino:

Ó Deus de encantos mil! Os Teus caminhos
Sublimes e altos são, e inigualáveis;
Mas as supinas glórias da Tua graça
São mais sublimes, são incomparáveis.

Ou também assim é exposta esta verdade:

Pela grandeza da tua natureza,
Maior que a de seráficas visões;
Pelas obras criadas com poder,
Tecidas com carinho e habilidade;
Por Tua providência, que governa
Todo este Teu império vasto e imenso,
Que a um anjo asas dá e guia o pardal,
Bendito seja o Teu reino gentil!

Mas Tua rica e gratuita redenção,
Sempre é um mistério em meio à luz fulgente.
Pobres idéias e suas expressões,
As que ousam entoar tão extasiante canto!

Vê-se ainda a mesma idéia no hino de Isaac Watts:

Agora ao Senhor um nobre canto!
Despertem minha alma e minha língua!
Dêem hosana ao Nome eterno e santo,
E Seu infinito amor proclamem.

Na face de Cristo olhem o brilho,
A esplendente imagem da Sua graça:
Deus Pai, na Pessoa de Seu Filho,
Superou Suas mais gloriosas obras.

A ampla terra e as águas em torrentes,
O Deus poderoso e sábio aclamam;
E de longe as Tuas glórias candentes
Rebrilham no céu em cada estrela.

Não seria magnífica poesia, além de ser verdade?

Mas a glória em Cristo está a mostrar
O labor mais nobre de Tuas mãos;
A radiosa luz do Seu olhar
Bem mais que o fulgor do céu resplende.

E é justamente isso que o apóstolo está dizendo aqui. O que, noutras palavras, significa que a salvação de uma só alma é a coisa mais maravilhosa que Deus já fez. Nessa obra Ele eclipsou e sobrepujou tudo. Todos os Seus caminhos são sublimes, divinais, inigualáveis; a criação, a providência, a manifestação do Seu poder sobre Faraó e seus exércitos, a manifestação da Sua ira – todas estas coisas são manifestações da glória de Deus. Mas não são nada, postas ao lado do que Deus fez na redenção do homem. Mesmo a criação vem a ser nada, quando posta ao lado disto; a providência não é nada, a punição não é nada; tudo fica eclipsado aqui. Esta, a Bíblia nos ensina, é deveras a real maravilha do próprio céu.

Pois bem, isso é expresso maravilhosamente em Efésios, capítulo 2, onde o apóstolo declara que Deus nos deu vida, ressuscitou-nos com Cristo e nos fez assentar nos lugares celestiais, "para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus" (versículo 7). É dessa forma que Ele nos vai mostrar isso "nos séculos vindouros". Em todos os séculos e em todas as gerações sucessivas Deus vai mostrar "as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus". Vejam vocês – "as riquezas da sua glória"! E todas as gerações futuras verão isto e se encherão de admiração.

Contudo não somente isso, diz o apóstolo; Deus vai além disso. Não serão somente as gerações todas que se encherão de admiração diante da glória de Deus na redenção dos homens; esta obra causa deslumbramento até mesmo aos principados e potestades nos lugares celestiais. Lemos em Efésios 3:10: "Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus". Aí "os principados e potestades nos céus" é uma referência, claro, aos anjos e arcanjos bons. Deus os criou, e eles têm passado toda a sua vida na presença dEle. Eles O louvam e O contemplam constantemente. Eles têm passado todo o tempo na glória do céu. Mas, segundo o apóstolo, até a eles Deus vai mostrar algo da Sua "multiforme sabedoria", algo que nunca viram antes, e vai mostrar isso na Igreja e por meio da Igreja, nestas pessoas e por meio destas pessoas que aqui são chamadas "vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou". Em nós! Os membros do corpo de Cristo! Aqueles a quem são dadas a salvação e a redenção.

É isso, pois, que o apóstolo nos está dizendo aqui, em Romanos 9:23. Ele fala das "riquezas da sua glória", e com isso ele quer dizer que não há limite ou fim para ela, que ela não pode ser mensurada. "Pobres idéias e suas expressões, as que ousam entoar tão extasiante canto!", diz muito bem Robert Robinson. Não há como expressá-lo. O apóstolo não consegue. Ele se vê na necessidade de falar sobre as "abundantes riquezas da sua graça" ou sobre "as incompreensíveis riquezas de Cristo". É-lhe necessário falar sobre "a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento" (Efésios 2:7; 3:8,18,19). "As riquezas da sua glória"!

Pois bem, é isto, diz o apóstolo, que Deus tem manifestado ao mostrar misericórdia para com aqueles que Ele salva, e eis aí algumas miseráveis criaturas refutando esta verdade e dizendo: "Isso não é justo; não está certo que alguns sejam salvos e outros não". Oh, quão cegos eles são para as riquezas

da Sua glória! Se tão-somente tivessem um vislumbre desta glória ficariam tão cheios de admiração que não conseguiriam dizer mais nada.

Sigamos, então, o apóstolo, enquanto ele nos vai guiando nisto. É em redimir aqueles que são os vasos de misericórdia que Deus realmente mostra a verdade suprema acerca de Si mesmo. Vejam, por exemplo, como ele expressa este ponto em 1 Coríntios, capítulo 1. Os coríntios se julgavam muito inteligentes, e estavam querendo receber mais filosofia. Ai, ai, ai! exclama o apóstolo. Será que vocês não enxergam? "Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?" E então prossegue: "Os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos". "Sempre a cruz"! dizem eles, "não há nada nela, só fracasso, só absurdo – um carpinteiro morrer numa cruz! Vocês dizem que isso é salvação? Loucura total!" – "Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:20, 22-24). É ali que Ele mostra o Seu poder e a Sua sabedoria. Todavia, acima de tudo mais, na salvação e na redenção Ele mostra o Seu amor e a Sua graça. "As riquezas da sua glória"!

Como é que ele mostra isso? Como Paulo pode dizer que Deus mostra e faz conhecidas as riquezas da Sua glória em Seus tratos com estes vasos de misericórdia? Responder a essa questão não é difícil. A primeira resposta é que Deus mostra as riquezas da Sua glória em salvar-nos – no mero fato de que Ele tem algo a ver conosco, pois todos nós somos "por natureza filhos da ira, como os outros também" (Efésios 2:3). Todos nós somos parte integrante dessa massa de barro, da humanidade decaída. Quando Adão pecou, todos nós pecamos – "por isso que todos pecaram" (Romanos 5:12). A morte sobreveio a todos por causa do pecado cometido em Adão. Aí estamos nós, todos merecedores da ira, todos pecadores e merecedores do inferno,

todos e cada um de nós. Naturalmente, se não crermos nisso, nada saberemos sobre a graça ou sobre as riquezas da glória de Deus. Não podemos esperar começar a entendê-las, menos ainda avaliá-las, a não ser que saibamos algo da profundidade do pecado!

Noutras palavras, a medida das riquezas da glória de Deus é a Sua graça! Que é graça? Graça é favor mostrado para com aqueles que são total e completamente faltos de merecimento. Graça é bondade mostrada para com pessoas que nada merecem senão punição. Não merecem nada de bom e, todavia, apesar disso, é-lhes mostrado grande favor. Esse é o sentido da palavra "graça". E as riquezas da glória de Deus são demonstradas em Sua graça para conosco.

Bem, naturalmente, o apóstolo já nos tinha dito isso nesta mesma Epístola, no capítulo 5. "Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Romanos 5:6-10). Aí está: "Deus prova o seu amor para conosco"! Deus nos torna conhecido o Seu amor, Deus manifesta Sua graça para conosco, no fato de que, enquanto ainda éramos pecadores, enquanto ainda éramos inimigos, Cristo morreu por nós.

Temos aí, então, um princípio da nossa tentativa de medir as riquezas da glória de Deus. Prossigamos, porém, e demos os passos seguindo a sua ordem lógica. As riquezas da Sua glória são demonstradas também nisto: lá está Deus no céu, e aqui está a criação, e o homem como o senhor da criação. O homem pecou e perdeu todo e qualquer direito diante de Deus; ele tinha sido previamente advertido e, se tivesse sido

destruído imediatamente para sempre e sempre, não haveria base nenhuma para queixa. Mas Deus viu estes vasos de misericórdia com misericórdia e graça. Esse é o primeiro passo, e a primeira manifestação das riquezas da Sua glória.

Então, porém, havendo feito isso, Ele agora prepara um plano. Ele concebe um grande propósito pelo qual salvar, dessa massa de humanidade decaída, um povo para Si mesmo; e aqui de novo estamos contemplando a glória de Deus. Por causa da nossa mente obtusa e da nossa lerdeza, não conseguimos apreender estas coisas. E, todavia, é justamente disso que as Escrituras nos falam em toda parte, dizendo que, apesar de Deus não nos dever nenhuma obrigação, embora tenha vivido, existido, em Si e de Si, as três Pessoas da Trindade santa e bendita, desde eternidade, sem o homem, sem a criação, e embora pudesse continuar assim para todo o sempre, se fosse essa a Sua escolha – todavia, a onipotente e santa Trindade de Pessoas preocupou-Se com esta massa de humanidade, e em Sua glória eterna tiveram conselho e conceberam um plano pelo qual alguns seriam salvos. E o que nos é dito é que Deus não delegou esta questão a anjos ou arcanjos. Este plano é do próprio Deus, o eterno e sempiterno Deus. Infinito em todos os Seus atributos, acima e além da medida do nosso entendimento, Ele condescende até mesmo em considerar esta questão!

Mas Ele fez mais que isso; Ele desdobrou o Seu grande propósito – e sobre isso já lemos no capítulo anterior de Romanos, no versículo 28: "...aqueles que são chamados por seu decreto", ou "segundo o seu propósito". Deus o assumiu pessoalmente e desenvolveu o Seu plano. As três Pessoas da Trindade santa e bendita se envolveram, e tudo isso foi feito, como nos é dito, "antes da fundação do mundo". Este é "o mistério que esteve oculto (em Deus) desde todos os séculos", e vemos as três Pessoas repartindo entre Si esta obra e este plano. O plano era do Pai, porém teve que ser executado, e o Filho se ofereceu voluntariamente para ser o agente executivo. Mas,

depois de realizada a obra, teria necessidade de ser aplicada, e o Espírito Santo ofereceu-se voluntariamente para aplicá-la.

Assim, essa é a divisão da obra de salvação entre as três Pessoas da Trindade, pelo que às vezes se Lhe chama "Trindade econômica". Seu significado – e este é o ponto estupendo – é que a segunda Pessoa da Trindade Se humilha e se faz subordinada ao Pai. As três Pessoas da Trindade são co-iguais e co-eternas. "No princípio era o Verbo, e o verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1). "Eu e o Pai somos um." As três Pessoas da Trindade são iguais, mas, pela salvação, minha e sua (é disso que o apóstolo está falando), o Filho se subordina ao Pai. Diz Ele: "Eis-me aqui: envia-me". Assim Ele veio na forma de servo, e foi dependente do Seu Pai.

Mas depois, por Seu turno, o Espírito Santo subordina-se ao Filho e ao Pai. O Espírito "não falará de si mesmo" – o que significa, não que Ele não dirá coisa alguma sobre Si mesmo, e sim que Ele não dará origem a coisas – "Ele me glorificará", e "e vos fará lembrar de tudo quanto tenho dito". O Espírito, co-igual ao Filho e ao Pai, subordina-se para a realização dessa tarefa.

Ora, o que o apóstolo está tentando dizer-nos aqui é que, na salvação dos redimidos, Deus está "dando a conhecer as riquezas da sua glória", e aí há algo disso. As três Pessoas da Trindade deram-se ao trabalho de fazer este plano, de ter este propósito, para o que dividiram dessa forma o trabalho entre elas, e o Filho e o Espírito Santo se subordinaram ao Pai. Para quê? A fim de que mesmo que uma única alma pudesse ser salva! Trata-se das "riquezas da sua glória", e não saberíamos nada sobre isso se esses vasos de misericórdia não fossem salvos. É quando sabemos da salvação que começamos a saber algo disso.

Pode-se elaborar isso com toda espécie de detalhes. É interessante ver como o apóstolo se expressa em Efésios, capítulo 3, sobre si próprio e sobre a entrada dos gentios. Diz ele que esta é mais uma manifestação do plano – "Como me

foi este mistério manifestado pela revelação como acima em pouco vos escrevi; pelo que, quando ledes, podeis perceber, a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho" (Efésios 3:3-6). De forma que, em toda parte e aspecto do plano Deus está dando a conhecer algo mais das riquezas da Sua glória.

Depois, o próximo passo ao qual penso que chegamos logicamente é a preparação do Velho Testamento para tudo isso. A Bíblia é a história da redenção. É a isso que ela realmente chega. E a história toda, tudo o que se tem sobre outras nações, entra em cena simplesmente porque lança alguma luz sobre a história da redenção. Alguns tolos gostariam de fazer-nos acreditar que o Velho Testamento é a história da busca de Deus por parte do homem. Não é! É sempre a história de Deus em busca do homem perdido. Quando Deus, por assim dizer, desceu do céu ao jardim do Éden, depois de Adão e Eva terem caído, esse foi o começo dessa história, e todo o resto simplesmente tem referência a esse fato. Isso é tudo!

Vejam vocês, a Bíblia não é primariamente um livro sobre este mundo e esta vida; é um livro sobre o povo de Deus, sobre estes vasos de misericórdia, e sobre o que Deus está fazendo acerca deles, do Seu objetivo e do Seu propósito. Ocorre, pois, que a história deste mundo é apenas incidental. Este mundo vai ser destruído, mas haverá um novo mundo para estas pessoas. Portanto, há referências a este mundo simplesmente porque ele entra na história da redenção e na história do povo que Deus está preparando para Si, e tudo isso é manifestação e um dar conhecimento das riquezas da glória de Deus. Assim, o tema está presente no Velho Testamento.

E o que vocês vêem ali, em essência, é isto: Deus faz esse anúncio no jardim do Éden acerca do Seu propósito, e o que

se vê no Velho Testamento é simplesmente o desdobramento daquele grande propósito – a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente. Esse é o propósito; e vai acontecer. Vê-se, em seguida, que isso é como uma linha a percorrer toda a narrativa do Velho Testamento; às vezes se perde, mas logo volta. Está sempre ali, e vai direto até o fim. Vê-se, por exemplo, em Abel, não em Caim; vê-se em Sete, filho de Adão e de Eva; depois sucede todo tipo de coisas, mas a linha se vê em Noé, e depois num dos filhos de Noé – Sem – e a linha vai sendo desenrolada e seguida. E quando vocês contemplarem isto, ficarão encantados com a glória de Deus e com a maravilha dos Seus caminhos e de Seu modo de manter em andamento o Seu propósito.

A seguir, chega-se a Abraão, claro; e então, como já vimos, a Isaque, não a Ismael, e depois a Jacó, não a Esaú – e assim vai. Chegamos a Judá – e então a linha parece perder-se às vezes, mas está ali o tempo todo. E onde se vê a especial glória disto é, naturalmente, neste aspecto: apesar da loucura, do pecado e da recalcitrância justamente destas pessoas escolhidas por Deus, apesar da sua idolatria e da sua apostasia, apesar de tudo quanto verdadeiramente lhes diz respeito, Deus mantém o Seu propósito em andamento. E, fazendo isso, Ele nos mostra a glória e a maravilha dos Seus caminhos.

Talvez se veja isso mais claramente no caso de certos indivíduos particulares. Vejamos dois deles. Notem um homem como Jacó; quem de nós pensaria que Jacó era o homem que deveria ser escolhido? Vocês teriam escolhido Esaú, não teriam? Ele parece que é um homem melhor, mais bondoso e mais generoso; o outro, cheio de tramas e manhas, sempre agindo às escondidas, e tudo mais. Mas Jacó é o homem de Deus, e Deus faz algo dele. Vejam vocês, não é a afabilidade que importa aos olhos de Deus; não é o mero tipo animal e bucólico de impassibilidade e docilidade que importa. É o caráter, é o entendimento, é o conhecimento do propósito de Deus e a colocação disso em primeiro lugar. Assim, Deus mostra a Sua

glória em tomar um homem como Jacó e em fazer dele o homem por meio de quem a promessa há de ter continuidade.

E se vê a mesma coisa quando se lê a história da vida de um homem como Davi. Davi caiu em gravíssimo e terrível pecado, mas é o homem segundo o coração de Deus. E em tudo isso, e noutros indivíduos exatamente da mesma maneira, Deus, nessa preparação do Velho Testamento, mostra-nos algo das riquezas da Sua glória.

Agora não posso refrear-me e deixar de fazer algumas perguntas, antes de passarmos para o próximo estudo. Alguém faria objeção a isto? Acaso alguém continua achando que isso é injusto? Seria errado Deus mostrar as riquezas da Sua glória dessa maneira? Ainda os inquietam questões minúsculas como, "Não consigo ver isso, não posso entender..." – vocês continuam dizendo coisas desse tipo? Bem, se vocês ainda pensam assim, não somente falhei completamente em minha exposição, mas eu fico perguntando se vocês afinal sabem alguma coisa sobre a graça de Deus no Senhor Jesus Cristo.

"As riquezas da sua glória"!

19

"Dir-me-ás então: porque se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?" – Romanos 9:19-24

Chegamos agora ao fim deste grande argumento. O apóstolo está replicando à insinuação exposta antes por ele, no versículo dezenove. Pessoas havia que perguntavam: por que é que Deus vê culpa em alguém, se isso é questão de Sua escolha – ou seja, se a salvação é inteira, só e exclusivamente ação dEle? O apóstolo passou a responder a essa pergunta, e nós o temos seguido passo a passo. Agora vamos tratar da última parte do argumento, a parte que ele expõe nos versículos 22 a 24, e o que ele diz no versículo 23 é, como já vimos, que tudo o que Deus faz é manifestação dEle próprio. Voltando ao capítulo primeiro, o apóstolo nos havia dito nos versículos 19 e seguinte que Deus, na criação, tinha dado a conhecer algo sobre Si mesmo. "Porquanto", diz ele (Paulo), "o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem,

e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis". Noutras palavras, a criação revela-nos e nos manifesta o poder eterno de Deus e a própria Deidade (a realidade divina do Seu Ser). Vocês contemplam a criação e, se tiverem olhos para ver, verão Deus, o Criador, e toda a sabedoria e todo o poder que Ele desfralda dessa maneira. Assim, pois, tudo o que Deus faz é manifestação de um ou de outro aspecto do Seu caráter e do Seu Ser. E o que o apóstolo diz aqui é que na manifestação da Sua ira Deus dá a conhecer algo sobre Si mesmo. E, exatamente da mesma maneira, na manifestação da Sua misericórdia Ele dá a conhecer outro aspecto do Seu grande e glorioso Ser – as riquezas da Sua glória.

Isso é uma coisa maravilhosa. Não sei como vocês se sentem com relação a tudo o que tenho refletido e meditado. Não lhes vem uma ponta de surpresa de uma declaração como essa, de tal frase em tal contexto? Quão tolos somos quando lemos as Escrituras! São muitos os que dizem: "Ah, eu não leio o capítulo nove de Romanos; essa passagem é difícil, não há nada ali senão predestinação e soberania de Deus, etc. – doutrina dura e seca"! Muitas pessoas consideram este capítulo como uma espécie de deserto. E, contudo, como vocês vêem, de repente topamos aqui com uma das pepitas mais brilhantes da Bíblia: "as riquezas da glória (de Deus)"! Vocês já ouviram alguém, quando se fala sobre Romanos, capítulo 9, referir-se a esta frase? Não seria meio estranho, não haveria algo de errado conosco, que podemos referir-nos sempre a Romanos, capítulo 9, sem dizer: "Ah, este é o capítulo em que lemos sobre "as riquezas da sua glória"? Fico a me perguntar quantos de nós, se formos bem sinceros, teríamos que admitir que nunca nem soubemos que essa frase se acha ali, e que achávamos que não existia nada ali, senão esta argumentação e exposição sobre a soberania de Deus. Mas aí está! Refiro-me a isso de passagem, porém nunca devemos ler as Escrituras casualmente; sempre devemos estar preparados para algo

inesperado e surpreendente, algo glorioso, algo maravilhoso. No meio de um grande argumento, subitamente se encontra uma gema de valor incalculável!

E agora estamos tentando contemplar diferentes aspectos destas "riquezas". Vejam vocês, somos como pessoas que, estando numa espécie de deserto, cavando nosso caminho o tempo todo, seguindo uma trilha, de repente nos vemos diante de um grandioso palácio de portas de ouro, e o adentramos e vamos de câmara em câmara, de sala em sala, contemplando esta maravilha, "as insondáveis riquezas de Cristo", "as abundantes riquezas da graça de Deus". É o que estamos fazendo.

Bem, já passamos por algumas das salas; já vimos que as riquezas da glória de Deus são mostradas no fato de que Ele tem alguma relação conosco, de que Ele Se ocupa de nós. Segundo, observamos a glória do próprio plano, e depois examinamos o seu desenrolar na dispensação do Velho Testamento. É tudo maravilhoso! A sabedoria e o poder e o amor de Deus! O caráter irresistível da graça de Deus!

Mas agora chegamos àquilo que, em muitos aspectos, é a câmara central de todo este palácio repleto de riquezas, das riquezas da glória e da graça de Deus – o Senhor Jesus Cristo! Vejam de novo aquelas palavras de Isaac Watts que citamos na exposição anterior, porque eu acho que ele colocou esta verdade com grande perfeição. Permitam que lhes dê uma das estrofes mais uma vez:

Mas a glória em Cristo está a mostrar
O labor mais nobre de Tuas mãos;
A radiosa luz do Seu olhar
Bem mais que o fulgor do céu resplende.

É isso! "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo"

(2 Coríntios 4:6). As riquezas da Sua glória vêem-se superiormente concentradas na face de Jesus Cristo.

Claro está que isso é algo que ninguém consegue descrever. Só podemos olhar de relance e ter um vislumbre dela. Mesmo no Velho Testamento pode-se ver algo desta glória de Deus na face de Cristo. Cada vez que aparece o Anjo da Aliança, é Ele, este especial servo do Senhor. Ele é o Senhor Jesus Cristo descendo dessa forma particular como teofania, como preparação para a Sua eventual vinda a ocorrer em Belém. Pode-se ver, então, algo desta glória no Velho Testamento.

Mas, naturalmente, é quando chegamos ao Novo Testamento que se começa realmente a vê-la. É o que Paulo diz em toda parte. Ele nunca se cansa de dizer isso. Ele nunca cruza com isto sem se deter para algum tipo de apóstrofe; ele não consegue conter-se. Eis uma delas: "E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito,* visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória" (1 Timóteo 3:16). As riquezas da Sua glória!

Vemo-la também em João 1:14: "...e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". Ou ainda nos dois primeiros versículos da Primeira Epístola de João: "O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada)". E depois há aqueles maravilhosos quadros descritivos no livro de Apocalipse.

É disso, pois, que estamos falando. As riquezas da glória de Deus se vêem supremamente na pessoa do Seu Filho. Pensem na encarnação, como Deus enviou do céu o Seu Filho

---

* VA e NVI: "no Espírito". Nota do tradutor.

para ser "nascido de mulher, nascido sob a lei". Por que veio, afinal? Veio por nós! Para salvar-nos! Para que fosse mostrada misericórdia para conosco! E é só sobre isso que o apóstolo está falando. Deus, diz ele, está dando a conhecer as riquezas da Sua glória em nós e por meio de nós, "os vasos de misericórdia. Portanto, aí está, na encarnação – a vinda e tudo o que a integra, o nascimento virginal, como o Filho eterno de Deus, o Verbo ou a Palavra eterna realmente "se fez carne, e habitou entre nós", nasceu como um bebê indefeso naquela estrebaria e foi colocado numa manjedoura – estas são as riquezas da glória de Deus.

Contemplem Seu amor, a pobreza que Ele experimentou, o sofrimento que suportou, as tentações a que Se sujeitou. Ele "em tudo foi tentado, mas sem pecado". Por quê? Bem, a resposta dada é esta: para que Ele fosse um Sumo Sacerdote fiel e compassivo – por nós! Ele passou por tudo isso, Seu Pai O fez passar por todas essas coisas, por amor de nós. Vêem-se as riquezas da glória de Deus nisso tudo.

Depois, supremamente, vê-se a glória de Deus na morte de Seu Filho na cruz do Calvário.

Quando contemplo a estupenda cruz,
Na qual morreu o Príncipe da glória,
Meu maior ganho, perda considero,
E desprezo derramo em meu orgulho.

Vede, de Sua cabeça, e mãos, e pés,
Tristeza e amor escorrem e se encontram;
Jamais se uniram tal tristeza e amor,
Nem espinhos teceram tal coroa!
– Isaac Watts

Observem a cruz – que é? Bem, é a mais maravilhosa de todas as maravilhosas riquezas da glória de Deus. É ali que se vê o amor de Deus! – foi ali que Ele fez do Seu unigênito e amado

Filho "pecado por nós", e ali O feriu. Por nós! Os vasos de misericórdia! Para não compartilharmos o destino dos vasos da ira! Ele provou a morte por nós! Ele "fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte" (Hebreus 2:9). As riquezas da Sua glória!

Prossigamos. Vemo-lo morto e vemos os homens levarem e sepultarem Seu corpo; Aquele por meio de quem e por quem foram feitas todas as coisas, e sem o qual nada do que foi feito se fez – enterrado num sepulcro! E depois, a extraordinária ressurreição! Eis aí a glória de Deus – o Senhor de todas as coisas, sendo que o diabo, o inferno e a morte, tudo, tudo está sob o Seu poder. E ressuscitou! Por quê? Bem, já tivemos a resposta no fim do capítulo quatro desta grande Epístola: "O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação". E foi Deus que fez isso tudo! Em tudo isso Deus está desfraldando as riquezas da Sua glória.

E depois a ascensão! Oh, o apóstolo nos está lembrando o que já dissera no fim do capítulo 8. "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós." E aí está Ele, esperando até que ponha os Seus inimigos por escabelo dos Seus pés. Mas isso não é o fim. E Ele voltará, e nos receberá para Si mesmo, e aí se conclui tudo o processo. A glória de Deus se vê supremamente na face de Jesus Cristo.

Mas o ponto ao qual o apóstolo está dando ênfase, e ao qual, portanto, eu também devo dar ênfase, é que o objetivo e propósito disso tudo era que "desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia...os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". E se não nos comovemos até às profundezas do nosso ser à contemplação disso, fico a me perguntar se somos cristãos! As riquezas da Sua glória são vistas em nós e por meio de nós! Tudo isso aconteceu por nós!

Entretanto devemos continuar. Agora devemos dirigir a atenção a estas riquezas como vistas na obra e na pessoa do Espírito Santo nesta conexão. E aqui, naturalmente, há aquele grande e crucial evento da Sua vinda no dia de Pentecoste, e a dispensação que daí por diante se seguiu. De novo, algo da glória de Deus mediante o Espírito Santo vê-se no Velho Testamento – como Ele veio a certos homens e lhes deu certas habilidades, arquitetônicas e outras; como Ele deu aos profetas a capacidade de profetizar. Ele lhes revelou a verdade e os habilitou a fixá-la e a redigi-la. Isso é também algo das riquezas da glória de Deus porque tudo isso foi feito a nosso favor; é tudo parte deste processo. Nunca teríamos nada disso se Deus não tivesse decidido mostrar Sua misericórdia sobre estes vasos de misericórdia. Portanto, mesmo nos preparativos nós vemos algo da glória de Deus na pessoa e na obra do Espírito Santo.

Vê-se isso até antes, em Sua obra na criação, etc., porém, novamente, só quando se chega ao Novo Testamento é que se começa a ver isso tudo direta e claramente. No Evangelho Segundo João, capítulos 14 a 16, tudo isso é revelado de maneira especial. Diz o nosso Senhor que vai enviar este outro "Consolador" e nos diz o que Ele vai fazer, como Ele é e o que fará, e tudo isso faz parte deste grande propósito, deste plano, deste esquema de Deus quanto à nossa salvação, visto, então, na pessoa e na obra do Espírito Santo.

Mas, além disso, observemos as riquezas da glória de Deus como devem ser vistas em nós. Somos vasos de misericórdia e, como já vimos, o argumento do apóstolo, quando escreve aos efésios, é que é em nós, por meio de nós e no que Ele faz *conosco* que Deus mostra este aspecto da Sua glória, até mesmo aos principados e potestades nos lugares celestiais. E os "séculos vindouros" igualmente a verão em "sua benignidade para conosco em Cristo Jesus". Assim, pois, devemos concentrar-nos nisto, e o apóstolo nos ajuda a fazê-lo. Notem de que modo ele o expressa: "Para que também desse a conhecer as riquezas

da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós...".

Pois bem, a frase "já dantes preparou" – que significa preparou de antemão – é uma frase maravilhosa. Certamente vocês se lembram de que, ao tratarmos da expressão "preparados para perdição", no versículo 22, eu indiquei que deveríamos salientar a diferença entre essa frase e esta do versículo 23. Com relação aos "vasos da ira", tudo o que nos foi dito é que estão "preparados para perdição". Não nos é dito que Deus os preparou, porém que eles estão preparados, não só foram preparados pela queda de Adão, mas eles igualmente se prepararam, e aqui estão maduros para a ira de Deus e para destruição ou perdição. "Preparados" – porém, não por Deus! No entanto quando a declaração chega a nós, "os vasos de misericórdia", o que nos é dito é: "que (Ele, Deus mesmo) para glória já dantes preparou".

Agora, naturalmente, mais uma vez o que temos aqui não é nada senão uma espécie de recapitulação, o apóstolo retomando o que já nos havia dito em grande detalhe no capítulo 8, principalmente nos versículos 28 a 30. Que é que ele quer dizer com a declaração de que Deus nos preparou de antemão para glória? Bem, em parte significa isto: "Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" ou "segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu...". O que o apóstolo está dizendo é que eu e vocês, que somos cristãos, fomos preparados de antemão pelo próprio Deus para essa glória suprema e final.

Como foi que Ele fez isso? Em que consiste essa preparação? A primeira coisa é este "conhecer de antemão", este pré-conhecimento, o fato dEle nos conhecer antes de havermos nascido, antes dEle ter criado o mundo.* Este é sempre o

---

* Ver *Romanos: Exposição de Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos*, PES, São Paulo, 2002.

primeiro passo, que Deus põe Seu coração, Seu afeto sobre estes vasos de misericórdia que hão de ser resgatados e salvos, e Ele fez isso na eternidade pretérita. E há muitas passagens das Escrituras para provar essa verdade.

Depois, naturalmente, tendo nos conhecido assim, dessa maneira especial, Ele nos "predestina". Isso inclui escolher e decidir o que fazer conosco. Pois bem, esta é para mim a coisa mais maravilhosa das Escrituras todas, a coisa que nos comove até às profundezas do nosso ser – que o todo-poderoso e eterno Deus, que poderia muito bem ter nos consignado a todos para a destruição eterna, pensou em cada um de nós, individualmente, em nós que somos cristãos, antes da fundação do mundo, e decidiu o que iria fazer conosco. Vocês conseguem assimilar esta idéia, que o Deus eterno os conheceu dessa maneira?

E depois Ele levou avante este grande propósito, esta predestinação. Mas devo salientar de novo aquilo que tivemos motivo para salientar na primeira parte deste capítulo, porque me parece que é uma parte sumamente maravilhosa de todo o processo de preparação. Quando consideramos o versículo 6, vimos que houve uma intervenção de Deus nos nascimentos de Isaque e de Jacó, e o meu argumento agora é que Ele faz precisamente o mesmo com cada um de nós cristãos. Somos "separados desde o ventre da nossa mãe", como o próprio apóstolo Paulo foi, como Jeremias foi. Tudo isso é algo que Deus planejou antes de existir tempo, e Ele o trouxe à existência.

Não fiquemos confusos a este respeito. A nossa transformação em cristãos, num sentido experimental, acontece no tempo, porém o ensino geral de toda esta Epístola, particularmente deste capítulo, é que Deus é quem a efetua. Assim, pois, faz parte da preparação. Fomos preparados mesmo antes de havermos nascido. Este é um grande mistério. Sim, mas estamos falando das riquezas da glória de Deus! Quem pode explicar Sua mente? Quem pode entender Suas ações? Um

dos nossos escritores de hinos disse:

Bem longe a terra ouviu a Tua fama,
E o Teu nome os bebês já balbuciam;
Mas da Tua mente as glórias atrás deixam
Os nossos pensamentos de alto vôo.
– Isaac Watts

Inteira, completa e absolutamente além de nós e da nossa mais alta compreensão e imaginação! Mas é isso que as Escrituras nos ensinam, que Deus nos tem estado preparando; Ele está preparando um povo, esta nova humanidade em Cristo, e estes são passos deste grande processo. Chegou o tempo em que eu e vocês deveríamos nascer, e Deus providenciou para que nascêssemos, e dessa maneira particular.

Contudo, então chegamos ao tempo da nossa real e concreta vocação. Temos sido preparados desde toda a eternidade, mas em particular somos chamados no tempo. Você nasceu, parece igual a todo o mundo, e vive uma vida de pecado, e você pode argumentar contra o evangelho, pode rejeitá-lo, pode expressar seus pensamentos blasfemos. Todavia o propósito de Deus é efetuado. Chega a hora em que você é convencido de pecado pelo Espírito Santo; não sabe por que aconteceu isso, e não entende como se deu. Você se dá conta de que aquilo que o nosso Senhor disse a Nicodemos é verdade: "O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (João 3:8); ocorre num dado ponto do tempo, porém Deus o sabia antes da fundação do mundo.

Você é convencido de pecado, e isso pode acontecer de muitas maneiras. Pode acontecer numa reunião; pode acontecer quando você está sozinho; pode acontecer quando você está lendo a Bíblia – pode acontecer de inumeráveis maneiras. Mas quem faz isso é Deus! Ele tinha planejado fazê-lo. Ele introduziu você neste mundo a fim de que acontecesse isso. Esse é

o ensino deste capítulo. E assim você é levado ao arrependimento; você é convertido e transformado; e você se dá conta de que é um "novo homem em Cristo Jesus", de que tem dentro de si uma nova natureza, e fica maravilhado consigo mesmo. Naturalmente! Pois não foi você que realizou isso.

Meu amigo, se você não se maravilha consigo mesmo, você não é cristão! Todos os cristãos são milagres, e devem maravilhar-se consigo mesmos. Eles têm esta nova vida em seu ser, esta vida de Deus, são "participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4). De que é que eu estou falando? Das riquezas da glória de Deus! É isso que Deus faz conosco, vasos de misericórdia que somos, e é dessa maneira que Ele mostra este Seu pensamento, esta mente, este poder, este amor, esta graça e compaixão. E aqui tudo isso brilha em nós e através de nós!

Mas o processo continua. Deus coloca o Seu Espírito em nós, e o Espírito nos incorpora em Cristo. Estamos "em Cristo". Ele é a Cabeça, nós os membros do corpo, e participamos dEle: fomos crucificados com Ele, mortos com Ele, sepultados com Ele. Isso verdadeiramente diz respeito a você! Não é teoria; estou lhe dizendo o que é verdade a seu respeito como cristão que você é. Você é um dos vasos de misericórdia de Deus, e Ele está mostrando o que Ele é ao fazer todas estas coisas para você!

E, naturalmente, Ele continua operando em nós. O Espírito nos leva a uma crescente conformidade à imagem do Filho de Deus. Já estava tudo ali, no capítulo 8, vocês recordam: "Os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos".

Depois prosseguimos para considerar como Ele coloca todos nós dentro da Igreja, que é o corpo de Cristo. O universo como tal – a criação – empalidece em sua significação quando vista ao lado desta "nova criação". "Ela é uma nova criação, pela água e pela Palavra." A Igreja! O corpo de Cristo! Que

concepção! Leiam estas Epístolas conforme elas vão desdobrando a doutrina concernente à Igreja, em particular os primeiros quatro capítulos de Efésios; como Ele derruba a parede de separação, aproximando judeus e gentios. Que obra! Existiria coisa mais difícil do que conciliar irreconciliáveis? Haveria coisa mais difícil do que unir um judeu e um gentio? Não só reconciliar os homens com Deus, porém uns com os outros. Mas Ele fez isso! Ele fez dos dois "um novo homem, e assim estabeleceu a paz"; e eu e vocês somos partes dessa Igreja.

Entretanto, indo mais longe, vemos algo das riquezas da glória de Deus até mesmo na maneira pela qual Ele nos castiga. "Todas as coisas", lembrem-se, "contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Romanos 8:28). Mesmo quando você está passando por tempos adversos e difíceis, isso pode ser uma parte desta glória, porque Deus o está levando àquela perfeição, àquela conformidade à imagem de Seu Filho, e dá a impressão de que Ele está operando contra o Seu próprio propósito. Mas não está. Ele nos conhece e revela o Seu amor por nós. "O Senhor corrige o que (Ele) ama" (Hebreus 12:6). Alguma vez vocês enxergaram a glória de Deus nos castigos dados por Ele? Devemos aprender a buscar estas coisas; é para isso que existem as Escrituras. Elas aí estão para fazer-nos ver, para dar-nos estas aberturas, e para seguirmos essas aberturas. E, da próxima vez que você for castigado por causa do seu pecado, recue extasiado e maravilhado ante a glória de Deus, que, embora tão grandioso e todo-poderoso, conhece você e o castiga em particular porque você é Seu filho. E nisso Ele dá a você um vislumbre de algo do Seu coração de Pai que você nunca tinha visto. Vocês vêem, pois, que tudo isso faz parte da maneira pela qual Deus mostra as riquezas da Sua glória naquilo que Ele faz em nós. Esse é o argumento. Em nós! Os vasos de misericórdia!

E então, a palavra final é, naturalmente, esta: "que para *glória* já dantes preparou". Este é o fato que nos deixa sem fala,

por assim dizer! O fato de que isso nos diz respeito, a nós que não merecemos nada senão a punição do inferno e da destruição eterna; a nós, que somos pecadores e que acerca de nós mesmos podemos dizer verdadeiramente, nas palavras de Charles Wesley: "Torpe e cheio de pecado eu sou" – pois todos nós o somos – nós, que podemos dizer com o apóstolo Paulo: "em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" (Romanos 7:18); nós, que também podemos dizer com ele o que se lê na Epístola a Tito, que éramos "odiosos, odiando-nos uns aos outros" Que criaturas miseráveis e desprezíveis éramos todos nós em pecado!

Sim, mas eis como Paulo o expressa escrevendo a Tito: "Também nós éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros. Mas quando apareceu a benignidade e caridade (ou amor)* de Deus, nosso Salvador, para com os homens,não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador; para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna" (Tito 3:3-7).

Bem, esse é apenas outro modo de expressar o que ele diz no versículo que temos diante de nós. É para isso que Deus nos está preparando. Ele nos tira dessa situação pecaminosa e nos vai levando e elevando para a glória. E considerem esta extraordinária maneira pela qual ele o diz: Ele nos justificou pela fé somente, sem nossas obras, sem sequer o nosso desejo, sem nada. A própria fé Ele nos dá; Ele nos dá tudo. E assim, de maneira inteiramente oposta ao que o homem jamais teria imaginado, somos salvos. Somos "os vasos de misericórdia,

---

* Assim na margem da edição ou tiragem de 1969 (ARC). Nota do tradutor.

que para glória já dantes preparou".

Eu gosto de repetir isso; gosto de falar dessa glória para a qual vamos indo – vocês não gostam? Será possível ouvir tal coisa vezes demais? Que eu e vocês vamos ser glorificados em nosso próprio corpo! Veremos a Cristo, seremos semelhantes a Ele e reinaremos com Ele. Reinaremos sobre anjos; reinaremos sobre o mundo; seremos partícipes da herança com Ele. Seremos "co-herdeiros" de Cristo agora, e seremos co-participantes da herança com Ele. Essa é a glória! – perfeitamente redimidos, corpo, mente e espírito, sem nenhum traço de pecado ou mal por perto de nós, mas sem mancha nem ruga nem coisa semelhante – total e inteiramente glorificados, assim como Ele está glorificado!

Assim então, diz o apóstolo – e aqui está o seu argumento, vocês vêem, permitam que eu o trace agora – que é que realmente saberíamos sobre Deus e Sua glória, se não fosse tudo isso? Noutras palavras, é em Sua misericórdia para conosco que as riquezas da Sua glória se nos tornaram conhecidas. Por isso resumo o argumento do apóstolo como segue: Deus, em Seu caráter justo e santo, odeia o pecado e Se enche de ira contra o pecado. Haveria algo de errado nisso? Haveria alguma injustiça nisso? Vocês fazem alguma objeção ao fato de que Ele, que é santo, que é luz, não havendo nEle treva alguma, odeia o pecado com toda a intensidade da Sua natureza divina? Haveria alguém em todo o universo que tenha vivido entre os homens que não mereça ser punido, e ser punido eternamente? Ninguém! Haveria alguma base para queixa contra a manifestação, contra o fato de se dar conhecimento da ira e da justiça de Deus? Nenhuma! Deus é livre para punir a todos, se assim escolher, e, se todos fossem punidos, ninguém poderia levantar um dedo ou abrir a boca.

Mas, por outro lado, se Ele escolhe e quer poupar e salvar alguns, você se opõe às riquezas da glória de Deus, você acha que isso é injusto? Deus, que tem direito de condenar a todos, não tem direito de salvar alguns, se essa for a Sua escolha?

Por que não? Onde está a injustiça? Quem foi vítima de injustiça? Ninguém, porque ninguém tem direito a nenhuma reivindicação. Quereria você perguntar: "Mas por que só alguns são salvos?" A resposta é que ninguém merece a salvação; todos estão sob condenação e, portanto, Deus está livre para mostrar e manifestar Sua misericórdia quando quiser, quando assim decidir, e onde, quando e em quem a Ele aprouver e Ele escolher.

Entretanto não posso deixar o assunto nesse pé. Por que é que sempre vemos só um lado da questão? Por que é que em geral não há quem leia o capítulo nove de Romanos e se abisma em encantamento, amor e louvor quando chega a esta frase, "as riquezas da sua glória"? – porque esse é o efeito que este capítulo deveria produzir em nós. O que há de surpreendente e espantoso não é que alguém seja condenado, mas que alguém seja salvo! Nada, senão as riquezas da glória de Deus, poderia fazer isso. Nada, exceto esse caráter eterno de Deus que estivemos estudando, poderia jamais tê-lo produzido.

Qual é a dificuldade? É que o homem em pecado sempre teve desejo de saber o que não foi destinado a saber, e assim pessoas há que perguntam: "Por que só alguns são salvos? Com base em que princípio e sobre que fundamentos Deus faz isso?" Digamos com clareza: eu não sei! Vou além: nunca houve o propósito de que eu o soubesse! Vou mais longe ainda: não devo nem sequer desejar sabê-lo! Para mim é suficiente que algum indivíduo seja salvo. Unicamente as riquezas da glória de Deus podem fazer isso. E, tendo visto isso, vi mais que o suficiente. O que me enche de encanto é eu estar nisto e Deus ter tido misericórdia de mim, e, por Sua graça, ter feito de mim um vaso de misericórdia e ter me trazido à posição em que me encontro. Não quero saber mais nada, pois o desejo de saber mais é um desejo de compreender o incompreensível, de entender o que Deus é, o que ninguém jamais pode entender.

Imagino que na eternidade teremos a explicação completa,

mas aqui, na terra, não é da vontade de Deus que a tenhamos. Tudo o que nos é dito é que Deus tem direito de condenar a todos e, portanto, tem direito de fazer o que quiser com todos. E nos é dito que é da Sua vontade que alguns recebam misericórdia e sejam preparados para aquela glória eterna e sempiterna, o que Ele tornou possível para nós por causa das riquezas da Sua glória. Se você continuar querendo fazer perguntas, meu amigo, então, só lhe posso dizer que não é possível respondê-las e que me espanta que você ainda queira fazê-las. Se você não foi dominado pela idéia de que Ele enviou Seu único Filho do céu a este mundo pecaminoso e mau, e mesmo à morte na cruz e a uma sepultura, por você – se isso não o leva a cair diante dEle para servi-lO em adoração, penso que você terá que voltar ao princípio e pedir a Ele que tenha misericórdia de você e abra os olhos do seu entendimento mediante o Seu Espírito Santo.

Se você ainda deseja meter-se em cavilações, fazer perguntas e levantar objeções, isso é porque você não conhece as riquezas da Sua glória, e é isso que você precisa conhecer. Uma vez que tenha visto isso, não fará mais perguntas; simplesmente O louvará e Lhe dará graças, e expressará a sua admiração e o seu deslumbramento; você dirá:

Pode ainda ser que eu deva ganhar
Algum lucro do sangue do Senhor?
Morreu por mim, que Lhe causei Sua dor?
Por mim que O impeli à cruz padecer?
Extasiante amor! Como pode ser
Que devesses, ó Deus, por mim morrer?

Essa é a atitude própria do homem que vê esta bendita e gloriosa verdade e que se vê como um vaso de misericórdia.

E assim, no versículo 24, o apóstolo termina todo o argumento: "Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". "Agora

então", diz praticamente Paulo, "à luz do que lhes estive dizendo, vocês ainda têm dificuldade sobre esta questão de judeu e gentio? Bem, não deveriam. A humanidade toda estava perdida; foi da vontade de Deus apossar-Se de um homem dentre toda aquela massa de perdição, um homem chamado Abrão, e chamá-lo a Si, fazer dele uma nação e dar-lhe o nome de Abraão. Foi Deus que realizou isso. Mas não significa que todo aquele que nasce dele é agora automaticamente salvo e vai ser cristão. Absolutamente não! O Deus que o escolheu tem igual liberdade para escolher quem quer que Ele queira, e o faz; às vezes um judeu, às vezes um gentio. Por que não?"

Essa é, finalmente, a resposta do apóstolo aos judeus. "Não imaginem", diz ele, "que existe algo de especial quanto a vocês como judeus, ou algo que os recomende a Deus, ou alguma reivindicação que vocês têm direito de fazer a Deus e à Sua misericórdia." Ninguém jamais é salvo pela hereditariedade – nunca! Você não é salvo porque os seus pais eram cristãos ou porque você pertence à nação judaica ou a qualquer outra nação. A hereditariedade não entra nisso, de forma alguma. Isso é demolido por este capítulo.

É Deus que salva cada um de nós, e é aí que você vê as riquezas da Sua glória. Ele, que fez as estrelas e constelações e a criação universal, que maneja a história, a providência e tudo mais, que nos conhece um a um, cada um de nós – é somente Ele, e nada mais – nem os ancestrais, nem a educação, nem as boas obras, nem a retidão, absolutamente nada do que haja em nós; é ação de Deus, total e completamente. Ele pode fazer isso com um judeu, pode fazê-lo com um gentio. Ele fez o mundo inteiro; Ele fez o homem no princípio, e estas distinções para Ele são insignificantes e irrelevantes. E assim Ele faz conosco; alguns de nós são judeus, alguns são gentios. Mas não é isso que importa. É sempre Deus que faz isso com cada indivíduo e que é livre, em Seu Senhorio soberano, para mostrar misericórdia a quem Ele mostrar misericórdia, e

para mostrar ira a quem Ele mostrar ira.

Bendito seja o nome de Deus! Oh, as riquezas da glória de Deus reveladas e manifestadas a nós – sim, mesmo a nós – neste glorioso plano e propósito de salvação, e supremamente na face de Jesus Cristo!

20

"Como também diz em Oséias: chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada. E sucederá em que no lugar em que lhes foi dito: vós não sois meu povo; aí serão chamados filhos do Deus vivo." – Romanos 9:25,26

Chegamos agora a uma nova subdivisão do argumento deste capítulo nove de Romanos. O apóstolo está continuando o tema que ocupa toda a extensão do capítulo, tema que, como devemos sempre ter em mente, é a questão geral da situação dos judeus com relação à Igreja Cristã e, por conseguinte, com relação ao reino de Deus.* O apóstolo tinha concluído o seu argumento no versículo 24, dizendo: "Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". A tese do seu argumento consiste em mostrar que a salvação é sempre resultado imediato da ação direta de Deus. O homem não se salva a si mesmo, nem determina a sua salvação. É obra realizada inteira e totalmente por Deus, pelo Deus que disse: "Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia".

Além disso, ele estivera provando que Deus escolhe "dentre Israel", mas também, igualmente, dentre os gentios; a salvação não se limita aos judeus, de modo nenhum. E,

* É significativa esta relação estabelecida pelo autor entre a Igreja Cristã e o reino de Deus. Apesar da Igreja não se identificar plenamente com o reino de Deus, sendo fato que os contornos daquela não coincidem com os deste, a Igreja o representa neste mundo e é sua maior agência e sua embaixada. Nota do tradutor.

portanto, o mero fato de que pode suceder que haja pessoas que são descendentes físicos ou biológicos de Abraão, Isaque e Jacó não as salva automaticamente. Não existe salvação automática por motivo de nascimento, de nacionalidade ou de qualquer outra coisa.

E o apóstolo teve que penetrar nisso tudo porque estava bastante claro naqueles dias que a maioria dos judeus como nação estava rejeitando o evangelho de Jesus Cristo e que o maior número das pessoas da Igreja consistia de gentios. Claro, justamente esse fato inquietava tanto os judeus e os deixava aturdidos. A admissão dos gentios à Igreja, e a declaração e pregação de que eles eram "co-herdeiros" dos judeus, para estes não passavam de blasfêmia. E essa é a situação geral de que trata o apóstolo.

Esse é, pois, o ponto ao qual chegamos, e agora ele vai continuar a mostrar que, não somente isso tudo é verdade, mas também que ninguém deve se surpreender com isso; e que ninguém deve se surpreender porque não há novidade nenhuma nisso. "Por que", diz ele, "os judeus tropeçam nisto, ou por que alguém deveria tropeçar nisto? Porque todo este ensino não é nenhum argumento pessoal meu. Deus mesmo revelou claramente aos profetas, centenas de anos antes de acontecerem estas coisas, precisamente esta coisa que realmente ocorreu." E então o apóstolo vai apresentar suas evidências para mostrar que essa é a verdade.

Contudo, antes de passarmos a examiná-las, não seria interessante observar mais uma vez o método do apóstolo? Como já vimos, não há nada tão fascinante como observar o modo de agir de uma grande mente, e esse é o privilégio que temos quando lemos as Epístolas de Paulo. Ele não dizia as coisas de qualquer jeito, de qualquer maneira; ele não dizia a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Ele sempre tinha um plano, um esquema; sempre fazia as coisas seguindo certa ordem. E os que pregam o evangelho devem aprender isso dele. Não fiquem imaginando que vocês estarão manifestando espiritualidade

por não terem ordem em seus sermões ou em suas palestras ou em suas aulas na Escola Dominical. Falta de ordem não é sinal de espiritualidade. É exatamente o oposto. Eis aí este homem extraordinário, cheio do Espírito de Deus, e, todavia, observem a ordem, observem o arranjo, observem a lógica e a seqüência, observem como ele organiza as suas provas e apresenta o seu caso. Nada é mais importante para nós do que sabermos apresentar o caso, quer em público quer privadamente; e aqui, o método de Paulo é o seguinte: ele não se limita a citar versículos; ele faz uso do seu versículo para dar suporte ao argumento que já havia desenvolvido.

Pois bem, há pessoas que parecem pensar que basta ler uma lista de versículos e fazer apenas um ligeiro comentário. Isso não é pregar. Isso não é realmente apresentar o caso. Não; Paulo aqui já tinha elaborado o seu grande princípio teológico, mas ele conhece tão bem o Velho Testamento que extrai dele este grande princípio central acerca da eleição da graça – como ele a denominara no versículo onze: "o propósito de Deus, segundo a eleição". Ele o vê percorrer todo o Velho Testamento, e assim elabora o seu grande argumento, oferecendo umas poucas ilustrações à medida que passa. Depois, tendo desenvolvido o grande argumento, tendo chegado ao princípio da sua tese, agora vai dar-lhe suporte e vai confirmá-lo pela evidência que as Escrituras fornecem. É assim que ele faz, e me parece que é, incomparavelmente, o melhor método já imaginado por alguém. Você simplesmente introduz as partes que selecionou das Escrituras para sublinhar ou escorar o seu argumento, e para estabelecê-lo fora de toda dúvida ou incerteza.

E Paulo faz isso para que ninguém diga que ele, homem inteligente que era, estava lhes impingindo suas próprias idéias. Há quem sempre esteja pronto a dizer isso. Tais pessoas dizem: "Ah, vejam aí este homem; ele diz que leu as Escrituras, mas só está dando as suas idéias e teorias pessoais". Pois bem, Paulo põe por terra tal argumento ou objeção simplesmente

apresentando passagens das Escrituras que dizem de forma clara e explícita justamente o que ele lhes está demonstrando.

Voltando, então, a esta interessante subdivisão, penso que pode ajudar se eu puder oferecer-lhes uma espécie de análise geral do restante do capítulo, do versículo 25 ao fim. Eis o que Paulo faz: nos versículos 25 e 26 ele apresenta evidência bíblica para provar que Deus, pelos profetas, tinha predito que os gentios entrariam e seriam co-herdeiros com os judeus. Nos versículos 27 e 28 ele apresenta a sua prova bíblica do fato de que a rejeição por parte da maioria da nação de Israel foi profetizada, e que somente um "remanescente" dentre os israelitas seriam membros e cidadãos do reino de Deus na forma da Igreja. Depois, no versículo 29, ele mostra como, segundo o profeta Isaías, este remanescente fora introduzido. É algo surpreendente, mas foi o que aconteceu.

E, finalmente, quando chegamos aos versículos 30 e 31, Paulo faz algo que lhe é bastante característico; ele resume o argumento do capítulo todo com sua fórmula: "Que diremos pois?" Essa é sempre a sua maneira de resumir: "Que é que vamos dizer à luz disso tudo?" E nos dois versículos ele nos diz o que pretende; ele expõe a situação como é, qual seja, que em geral são os gentios que estão no reino, e os judeus estão fora. E nos dois últimos versículos – os versículos 32 e 33 – ele explica a tragédia da rejeição por parte dos judeus, a razão pela qual eles estão fora e não dentro. E por sua vez, é claro, isso propicia uma espécie de introdução ao capítulo 10, no qual ele expõe a questão em grande detalhe.

Essa é, então, a análise, e agora partimos dos versículos 25 e 26, nos quais o apóstolo mostra e prova que a admissão dos gentios ao reino de Deus era algo que de havia muito tinha sido profetizado. Vocês vêem, ele precisa demonstrar isso, porque o versículo 24 insiste neste ponto: "Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". Ele precisa fazer duas coisas: precisa provar que as Escrituras tinham profetizado a admissão

dos gentios, e, também, a rejeição por parte da maioria dos judeus. Nos versículos 25 e 26, então, ele começa citando as passagens das Escrituras que provam o primeiro desses fatos.

Aqui de novo é interessante observar a mente deste homem. Notem que ele inverte a ordem do que ele diz no versículo 24 – "...nós, ...não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios"; contudo, ao fazer as suas citações, ele começa com os gentios. Fala da admissão dos gentios primeiro, e coloca a rejeição por parte dos judeus em segundo lugar, nos versículos 27 e 28. Por que será? Bem, para mim só há uma resposta e explicação adequada. O grande apóstolo não se dispunha primariamente a apenas demonstrar o seu argumento, e sim a conquistar os seus concidadãos, os judeus. Lembram-se de como ele começou o capítulo? "Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo): Que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne." É disso que se trata. O fato deles estarem fora o entristece. E o que ele está tentando fazer em toda esta argumentação é persuadi-los, fazer com que enxerguem, para que entrem.

Paulo faz o melhor que pode pelos judeus, por todos os meios. Aqui, quando ele se põe a fazer as citações, ele não começa dando passagens que mostram que eles iam ser expulsos, punidos etc. Não, ele retarda isso quanto pode, pelo que fala da admissão dos gentios primeiro. Ele está poupando os seus patrícios; não se precipita a fazer nenhuma condenação; ele tenta ganhá-los, tenta persuadi-los. É do seu agrado ser positivo. Ele terá que provar a sua tese quanto aos judeus, entretanto parece pospor essa tarefa o mais que pode. Disso eu deduzo que o apóstolo não somente era um grande homem e um grande polemista, um mestre e um especialista em lógica; era também um grande cavalheiro.

Afirmo isso em parte por causa do professor Carstairs,

que, ao proferir as suas Reith Lectures* (Preleções Reith), disse mais ou menos que o apóstolo Paulo era um tipo tirânico e dominador de homem, que gostava de seguir sempre o seu próprio caminho. Como estas pessoas ignoram as Escrituras! Não, o apóstolo Paulo era um genuíno cavalheiro, e ele constantemente dá prova disso em questões como esta, as quais parecem relativamente triviais e sem importância. "Que importa o que ele põe em primeiro lugar?" alguém perguntará. Bem, importa, e aqui devemos aprender outra lição. Se pretendemos ganhar as pessoas, como é nosso dever, retenhamos nossas denúncias contra elas enquanto pudermos. Vimos que o nosso Senhor tolerou os escribas e fariseus quase até ao fim do Seu ministério. Examinem o Evangelho Segundo Mateus – Cristo realmente não os atacou e não os denunciou até chegar-se ao capítulo 23. Alguns de nós começam denunciando, e pensam que podem conquistar as pessoas depois. Não, nós devemos dar às pessoas uma chance, uma oportunidade. Elas estão cegas pela ação do diabo; não nos precipitemos em ser negativos e acusadores. Devemos ser positivos e fazer o trabalho tão atraente quando pudermos. Devemos fazer tudo o que pudermos para conquistar as pessoas. E quanto mais certos estivermos de que elas estão erradas, mais devemos esforçar-nos para tentar conquistá-las para a verdade. Oxalá todos nós nos decidamos imitar o exemplo de Paulo nisto. Há algo muito mais importante do que provar que você está certo no que diz: é ter coração amoroso e um real anseio pela salvação dos homens e das mulheres. Portanto, vemos aqui novamente que não podemos permitir-nos passar rapidamente pelas Escrituras. Devemos observar tudo, e assim veremos coisas extraordinárias onde menos esperamos.

Agora vamos examinar a citação propriamente dita. Versículo 25: "Como também diz em Oséias: chamarei meu

---

* Em 1962. Ver pp. 258, 259.

povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada". E mais uma citação de Oséias: "E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: vós não sois meu povo; aí serão chamados filhos do Deus vivo". Bem, a primeira citação, no versículo 25, é de Oséias 2:23; mas é interessante observar que o que Paulo diz aqui não é uma citação exata nem da Bíblia Hebraica nem da Septuaginta, a tradução grega do Velho Testamento, que era o Velho Testamento então usado, naturalmente, no mundo romano do tempo em que Paulo e o nosso Senhor viveram. O apóstolo estava muito familiarizado com essa versão e com muita freqüência a usava em suas citações. Mas aqui ele não cita exatamente nem esta nem o original hebraico. Como explicar isso? Paulo teria ficado cansado quando estava escrevendo? Estaria sendo descuidado? Estaria de fato cometendo um erro?

Muita gente tem tropeçado nisso. Os seguidores da alta crítica, assim chamada, não crendo na inerrância das Escrituras, e não crendo realmente na inspiração divina dos escritores do Novo Testamento, gostam muito de usar isto como um argumento a favor da sua causa. "Aí está", dizem eles, "vocês são literalistas e insistem em cada palavra, mas o grande apóstolo não era assim; vejam com que liberdade ele cita! Ele não é tão meticuloso, cuidando que cada palavra esteja no ponto certo e no lugar certo etc. Não, ele só se interessava pelo sentido geral, e, portanto", dizem eles, "quando vocês falam em "inspiração verbal", vocês estão fazendo uma coisa na qual obviamente os próprios apóstolos não acreditavam."

E então? Qual será a resposta a isso? É que o grande apóstolo era um homem profundamente versado nas Escrituras; provavelmente conhecia as Escrituras como ninguém jamais as conheceu. Ele seria o último homem do mundo a ser descuidado ou a permitir-se cometer enganos. "Se é assim", dirá alguém, "qual será a explicação?" Bem, a explicação é certamente esta, e é um ponto muito importante: o mesmo Espírito Santo que conduziu e guiou o profeta Oséias no que

ele escreveu, conduziu e guiou o apóstolo Paulo no que ele escreve aqui. O Autor das Escrituras é o mesmo, no Velho e no Novo Testamentos. Lembremos a declaração de Pedro com relação a isso: "...nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:20,21). Assim é o Velho Testamento. Assim é a profecia.

E exatamente a mesma coisa na verdade diz respeito ao apóstolo Paulo. Ele está sendo conduzido pelo mesmo Espírito. Ora, a única pessoa que tem algum direito de variar a forma exata da expressão é o Espírito Santo, e é Ele que o faz no caso do apóstolo Paulo. Ele declara a mesma verdade essencial que tinha declarado por meio do profeta Oséias, mas a declara nesta forma ligeiramente diversa, e o meu argumento é que só Ele tem direito de fazer isso. Logo, isto, longe de ser um argumento contra a inspiração do apóstolo Paulo, é, para mim, uma das provas cabais da sua inspiração.

Digo isso por esta razão: nenhum destes homens brincou com as Escrituras, como também nenhum deles a manuseava levianamente. Muito ao contrário. Paulo chama às Escrituras "os oráculos de Deus", e ele era igual aos judeus na reverência que eles prestavam a estas Escrituras, na maneira pela qual as tinham guardado e protegido e na maneira pela qual as copiavam. Essa era uma das características proeminentes deles, especialmente dos fariseus, entre os quais o apóstolo Paulo tinha sido educado. Vocês não conseguirão apanhar nenhuma negligência entre taispessoas. Assim é que, se o apóstolo estivesse escrevendo algo de sua lavra pessoal e não sob a influência do Espírito, indubitavelmente manteria consigo os seus documentos e teria copiado a sua citação exata e acuradamente. Mas é claro e patente que ele não fez isso; ele estava sendo conduzido, guiado e inspirado pelo Espírito, e o próprio Espírito introduziu aquela variação ligeira e quase imaterial ou insignificante. Vimos exatamente a mesma

coisa no versículo dezessete do capítulo primeiro.*

Mas eu vou tirar uma segunda conclusão deste mesmo ponto, uma conclusão prática para nós. O fato de que o Espírito Santo muda o texto como se vê aqui, isso não nos dá o direito de fazer a mesma coisa, e nós temos que ser cuidadosos e acurados. Não temos direito de mudar as palavras porque não somos inspirados como o apóstolo era. Digo isso, claro, porque sabemos muito bem que muitas pessoas, mesmo ao exporem este parágrafo, e na verdade, todo este capítulo, fazem precisamente aquilo que estou dizendo que não devemos fazer. Para adequarem o texto às suas próprias idéias, não hesitam em omitir palavras ou partes de versículos, ou não hesitam em mudar trechos de lugar. Talvez vocês estejam familiarizados com os métodos dos seguidores da alta crítica; pode-se ver isso em algumas traduções modernas. Eles alteram os próprios documentos em grego para adaptá-los às suas idéias preconcebidas. Todavia não temos direito de fazer isso. Se há alguma variação ou mudança, é a do Espírito Santo mediante o apóstolo inspirado. Isso não nos dá nenhum direito de tratar levianamente as Escrituras ou de cortar e mudar o texto a fim de comprovar as nossas opiniões particulares.

Ainda há um ponto que devemos focalizar acerca desta citação. Oséias, no capítulo 2, versículo 23, como na verdade em toda a sua profecia, evidentemente está falando sobre as dez tribos de Israel. Houve uma divisão em Israel, dez tribos se apartaram em rebelião e se separaram de Judá e Benjamim, e formaram um reino delas mesmas, o qual é mencionado como o reino do norte, ou como Israel, em contraste com o reino do sul, ou Judá. Pois bem, Oséias foi um dos profetas que se dirigiram ao reino do norte, a estas dez tribos, e ele escreveu dirigindo-se a elas logo depois do primeiro ano do cativeiro assírio a que foram sujeitas.

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 1: O Evangelho de Deus*. PES, São Paulo, 1998.

No entanto aqui temos o apóstolo tomando estes escritos de Oséias e aplicando-os aos gentios, que não pertenciam nem ao reino do norte nem ao do sul. Teria ele direito de fazer isso? Ele não está só nisso; o apóstolo Pedro faz exatamente a mesma coisa. Em 1 Pedro 2:10, ele diz: "Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia". Então, com que base eles fazem isso? Que direito tem Paulo de tomar esta profecia dirigida a um povo particular, as dez tribos, e dizer que ela diz respeito aos gentios?

Esta é uma questão muito importante. Os fariseus e aqueles que são conhecidos como escritores rabínicos gostavam muito de usar as Escrituras para fazer com que elas servissem aos seus próprios fins. Isso não se restringe a eles; todos os hereges fizeram a mesma coisa, e continuam fazendo. Isso é uma coisa com a qual sempre devemos ter cuidado. Muitas vezes há pessoas que têm uma idéia errada, e então dizem: "As Escrituras dizem isto"; mas estão citando uma passagem que realmente não se aplica ao caso defendido por elas. Daí, será que o apóstolo é culpado de fazer justamente isso? Ora, este é um ponto de vital importância em toda esta questão de interpretação de profecia. Isto não só se aplica a esta passagem, mas também a muitas outras do Novo Testamento. Noutras palavras, é importante que saibamos muito bem como os escritores do Novo Testamento usam o Velho Testamento, e como eles manuseiam as profecias.

Em primeiro lugar, então, naturalmente não se trata aqui de um mau uso das Escrituras. Nenhum homem inspirado pelo Espírito Santo usa mal as Escrituras. Não, a explicação é simples: as profecias do Velho Testamento geralmente têm mais de uma aplicação. A primeira é à situação imediata dos judeus, a quem eles escreviam. Mas em geral a profecia tem outra aplicação mais distante. Em acréscimo a tratar de uma situação particular então imperante, também se refere a algo que iria acontecer sob a dispensação do Novo

Testamento ou do evangelho.

E é isso que temos aqui, neste exemplo particular. O método de Deus é sempre o mesmo. É o mesmo Deus que opera tanto no Velho Testamento como no Novo, e uma das grandes funções do Velho Testamento é ser uma profecia e uma figura do Novo. A ilustração clássica disso é a história da libertação dos filhos de Israel do cativeiro do Egito; como foram tirados de lá e como tiveram que matar o cordeiro e espargir o seu sangue na verga e nas ombreiras das portas e comer pães asmos, como foram conduzidos e levados milagrosamente através do Mar Vermelho, enquanto seus inimigos eram destruídos na sua retaguarda, e como foram conduzidos através do deserto, cruzaram o Jordão e entraram em Canaã. Bem, isso tudo é história. Deus lhes fez isso, salvou Seu povo humano e terreno dessa maneira real e concreta. Esse é o primeiro sentido.

Contudo em toda parte as Escrituras ficam nos dizendo que essa profecia tem uma segunda aplicação; que ela é uma esplêndida figura da salvação espiritual da alma que passa a fazer parte do povo de Deus em nosso Senhor Jesus Cristo e por meio dele. Ele é um segundo Moisés, um segundo Josué. Ele é o nosso Cordeiro Pascal, etc. Todas estas coisas, que realmente aconteceram, são utilizadas pelo Novo Testamento de um modo que nos diz o seguinte: "Ora, tudo isso foi de há muito predito e profetizado". Essa dupla aplicação da profecia é um princípio muito importante. Com muita freqüência os próprios profetas e o povo não entendiam isso; às vezes sim.

Nesta conexão Pedro nos diz algo muito significativo: "Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas

para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam bem atentar" (1 Pedro 1:10-12). Aí está. Primeiro e acima de tudo, o profeta falava da situação imediata, porém ele tinha ciência de que havia algo mais que isso; havia uma profecia de algo que haveria de acontecer de maneira muito mais grandiosa num sentido espiritual. Por isso devemos ter sempre em mente esta possibilidade de duas aplicações – a imediata e a remota.

Bem, esta passagem é uma ilustração justamente disso. Naturalmente, as dez tribos originariamente faziam parte de Israel, mas, sob Jeroboão, tinham-se rebelado e tinham formado o reino do norte, e a conseqüência foi que elas foram cortadas da comunidade de Israel, tinham-se tornado virtualmente pagãs. Vocês se lembram de que Jeroboão tinha estabelecido aquele culto em Dã; certamente elas não pertenciam mais ao povo de Deus. Por isso os profetas se dirigem a elas nessa qualidade.

E o que o apóstolo está dizendo aqui, sob inspiração divina, é que, conquanto essa fosse a primeira e imediata aplicação, havia também esta outra. E ele diz, de maneira maravilhosa, que agora estamos vendo concretamente o cumprimento do sentido remoto ou mais distante daquela antiga profecia de Oséias. Ele não escrevera apenas sobre o reino do norte; escrevera também sobre o que ia acontecer com os verdadeiros pagãos, com aqueles que estão total e inteiramente fora da comunidade de Israel. Portanto, quando Oséias declara que aquelas pessoas, aquelas dez tribos rebeldes do reino do norte, haveriam de ser trazidas de volta, ao mesmo tempo está dizendo: "Se essas pessoas podem ser trazidas de volta, os gentios também podem; se aqueles que a si mesmo se fizeram pagãos podem ser recuperados, os pagãos propriamente ditos também podem". As duas aplicações se fundem e ambas ganham foros de veracidade. De modo que o que Oséias de

fato disse é, num sentido supremo e final, que haverá gentios que serão salvos e que serão cidadãos do reino de Deus, em acréscimo aos judeus.

Depois, o versículo 26 diz quase exatamente a mesma coisa: "E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo; aí serão chamados filhos do Deus vivo". Pois bem, não há necessidade de ninguém tropeçar na expressão "no lugar em que... ali...". Alguns a entendem no sentido de que é uma profecia de que todos os judeus voltariam para a Palestina. Mas não significa nada disso. O que significa é que naquele lugar de desespero e desamparo em que se encontram, mesmo ali poderão ser salvos. Você não precisa voltar para a Palestina para ser salvo; você é salvo onde está. Aquele é apenas um modo dramático de dizer: "Mesmo nessa situação de impotência e desespero, mesmo aí...". Permitam que eu o coloque em sua forma neotestamentária: "E, vindo, ele evangelizou a paz, a vós que estáveis longe, e aos que estavam perto" (Efésios 2:17). Lá, nessa posição remota, a Palavra vem a eles, e por ela são eles salvos e libertados.

Finalmente, então, permitam-me chamar a atenção de vocês para a maravilhosa descrição que é feita nestes dois versículos da diferença que a salvação faz. Que é que nós somos, que é a humanidade, por natureza? Eis a resposta: não somos povo de Deus. "Chamarei meu povo ao que não era meu povo." Essa é a terrível realidade acerca daqueles que estão em pecado e que não são cristãos – vocês não são povo de Deus! Vocês estão "sem Deus", vocês estão "no mundo". Que coisa terrível! Nas Escrituras não há nenhum ensino sobre a paternidade universalde Deus e a fraternidade universal dos homens. Não, todos estão por natureza fora da relação com Deus, e não têm relação nenhuma com as Suas alianças ou com as Suas promessas.

Não somente isso. "Não amada!" Significa duas coisas. Significa ser como uma esposa infiel. Vocês devem lembrar-se do que o pobre Oséias teve que fazer; teve que se casar com

uma "mulher de prostituições" simplesmente para assinalar esta grande figura. A humanidade é, por natureza, como essa "não amada". Não, muito pior que isso. Horrível! Uma mulher infiel, não tendo Deus por ela nenhum interesse, nenhum cuidado, nenhum amor. "Não amada"! Em Efésios 2:12 o apóstolo lembra aos pagãos o que eles eram antes, quando diz: "...naquele tempo estáveis... separados da comunidade de Israel, e (éreis) estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo". Que situação terrível! É o que são todos os que não são cristãos! Excluídos da luz e das bênçãos e da vida de Deus.

Notem, porém, o que viemos a ser; aí está a verdadeira maravilha. "Chamarei meu povo ao que não era meu povo". Se você é cristão é isso que você é – faz parte do povo de Deus! Não pense no cristianismo apenas em termos do perdão de pecados. É isso, porém é muito mais que isso. Vocês não são só perdoados quando se tornam cristãos; vocês são mudados da condição de não povo de Deus para passarem a ser Seu povo, da condição de marginalizados e de gente sem Deus no mundo para virem a ser "filhos do Deus vivo", com tudo o que significa o termo "filhos". Deus diz a tais pessoas: "Eu vos serei por Deus, e vós me sereis por povo" (Levítico 26:12). Mas, em acréscimo: "Chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada".

E isso, lembro a vocês, não significa meramente que agora Deus nos ama; vai mais longe. Nós nos tornamos como noivas comprometidas com Ele; nós nos casamos com Ele! Essa figura é utilizada freqüentemente na Bíblia. A Igreja é "a esposa de Cristo", com tudo o que isso representa, não só de dignidade e posição, mas especialmente de cuidado, interesse e proteção.

E assim, ao demonstrar, provar e comprovar a sua tese, ao mesmo tempo o apóstolo nos lembra o que somos em Cristo e a mudança que se operou: "não povo", agora povo! "Não amada", agora amada! "Filhos do Deus vivo"!

21

"Como também diz em Oséias: chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada. E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: vós não sois meu povo; aí serão chamados filhos do Deus vivo. Também Isaías clamava acerca de Israel: ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque o Senhor executará a sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a. E como antes disse Isaías: se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência, teríamos sido feitos como Sodoma, e seríamos semelhantes a Gomorra."

– Romanos 9:25-29

Nesta divisão de Romanos, capítulo 9, lembrem-se, o apóstolo aduz evidência do Velho Testamento para dar suporte ao argumento que tinha elaborado em detalhe do versículo 6 ao fim do versículo 24, e para comprová-lo. Cabe-lhe provar os seguintes pontos: primeiro, que o elemento vital da salvação, o único realmente vital, é a escolha soberana e absoluta feita por Deus; segundo, Sua liberdade de escolha, de modo que Ele pode escolher gentios, se o quiser, e pode rejeitar judeus, a maior parte da nação de Israel, se o quiser. É dessas coisas que o apóstolo nos estivera falando, e agora ele passa a mostrar que não há nada de novo nisso, que não é uma nova idéia produzida por sua mente, mas sim que é algo exposto claramente nas Escrituras. E, ademais, que a situação com que eles se defrontavam naquele exato momento também é algo que tinha sido profetizado nas Escrituras.

Naturalmente, ambas estas coisas eram verdadeiras pedras de tropeço para os judeus. Eles não podiam acomodar-se, nem

acomodar o seu pensamento, à idéia de que os gentios poderiam vir a ser cidadãos do reino de Deus. E a outra pedra de tropeço era que eles não podiam aceitar a idéia de que algum judeu poderia ser rejeitado; para eles era totalmente impossível que a maior parte da nação dos judeus haveria de ser rejeitada como um todo e que a Igreja Cristã, que se afirmava ser a forma agora assumida pelo reino de Deus, haveria de consistir de muito mais gentios do que de judeus. Bem, para os judeus isso era algo inimaginável, de modo que o apóstolo está fazendo uma coisa muito sábia, bem como muito engenhosa, quando cita as Escrituras para eles.

Vimos como ele tratou da questão do chamado e da admissão dos gentios, por meio das suas citações do livro do profeta Oséias; e agora ele passa a tratar deste segundo aspecto do problema. Tendo mostrado que tinha sido profetizado que os gentios seriam admitidos, ele agora deve estabelecer este outro fato, a rejeição dos judeus. Os judeus, como já vimos repetidamente no transcurso da Epístola, supunham que tudo estava bem com eles simplesmente porque eram judeus.

Isto, naturalmente, é algo que também é proeminente nas páginas dos quatro Evangelhos. Esta é a suprema tragédia de todos os tempos, que Cristo "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11). O nosso Senhor procedeu da linhagem de Israel, da tribo de Judá. Ele veio para o Seu povo e, todavia, dentre todos, foi o Seu próprio povo que O recusou e O rejeitou. E, como já vimos no início do capítulo, o apóstolo quase fica dominado por um sentimento de tragédia quando considera isso. Mas, não obstante, ele tem que expor a eles a verdade, e, tendo apresentado o seu grande argumento, torna a mostrar que a vinda dos gentios tinha sido simples e claramente predito nos escritos dos profetas.

Note-se agora que existe um aspecto subsidiário da tragédia dos judeus. Eles se orgulhavam de que tinham as Escrituras, o que o apóstolo havia chamado, no início do capítulo 3, "os oráculos de Deus". Eles eram tremendamente

orgulhosos disso, e tinham todas as razões para ser assim. Os gentios não tiveram tal revelação; não tinham oráculos, nenhum ensino da parte de Deus, estavam "sem Deus no mundo", e estavam nas trevas da ignorância. Entretanto, os judeus tinham a Palavra de Deus, e se orgulhavam do seu conhecimento das Escrituras. E, contudo, nestes mesmos versículos, o que o apóstolo lhes está realmente mostrando é que, apesar de se orgulharem da sua posse e do seu conhecimento das Escrituras, todo o seu problema era devido ao fato de que eles estavam cegos para a mensagem das Escrituras. E, naturalmente, é isso que torna o que estamos fazendo agora uma coisa tão solene e tão séria. Somos pessoas que se dizem interessadas nas Escrituras – bem, observemos o nosso espírito antes de darmos sequer um passo. Aí estavam homens que, num sentido, viviam pelas Escrituras e que acreditavam que eram autoridades a respeito delas, e, todavia, estavam absolutamente cegos para o claro ensino das Escrituras. Deus tenha misericórdia de nós e nos livre e salve de entendermos mal a mesma Palavra na qual todos nós nos gloriamos!

Noutras palavras, o apóstolo está fazendo aqui precisamente a mesma coisa que o nosso Senhor tinha feito muitas vezes com estes mesmos judeus, e particularmente com os fariseus e com os escribas. Por exemplo, em João, capítulo 5, versículos 39 e 40, Ele diz: "Examinai as Escrituras" – ou, se preferirem outra tradução, "Examinais as Escrituras", não importa se é uma ordem ou uma declaração sobre elas – "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para terdes vida." Aí está o ponto, declarado de forma tão explícita pelo nosso Senhor, pessoalmente. Vocês estão sempre falando acerca das Escrituras, diz Ele; bem, vão até elas, examinem-nas, e verão, se tiverem olhos, que elas estão repletas de Mim, e, contudo, vocês Me estão rejeitando.

Esta é, na verdade, a suprema tragédia de todas as eras, que os judeus estavam tão cegos por causa dos seus

preconceitos que não conseguiam ver a sua própria Palavra e o sentido desta. Estavam demasiado cegos para a verdade concernente ao Messias. Eles tinham a sua própria idéia carnal sobre o Messias, de modo que quando o verdadeiro Messias apareceu, eles diziam: "Impossível! Este é um blasfemo!" O Messias deles haveria de ser um grande personagem militar, e, quando Ele veio como um carpinteiro, isso lhes pareceu ridículo, e quando Ele morreu de fraqueza num madeiro, pareceu-lhes monstruoso. Por isso a cruz se tornou um escândalo, uma pedra de tropeço, para os judeus, a despeito de Isaías, capítulo 53, a despeito do cordeiro pascal, e a despeito do cordeiro oferecido de manhã e de tarde, regularmente, em todo o cerimonial do tabernáculo e do templo, e a despeito de todas as outras passagens das Escrituras. E assim o apóstolo lhes mostra agora, baseado nas próprias Escrituras das quais eles se gabavam tanto, quão cegos e inescusáveis eles eram.

Claro está que este é o método favorito de Paulo. Vocês podem ver fartamente no livro de Atos que, quando ele tratava com judeus ou falava na sinagoga, sempre baseava o seu argumento nas Escrituras. Por exemplo, lemos em Atos 17:1-3: "E, passando por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles; e por três sábados disputou com eles sobre as Escrituras, expondo e demonstrando que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. E este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo".

Assim Paulo proclamava a mensagem do reino de Deus, e depois a demonstrava pelas Escrituras, provando, alegando, arrazoando com eles, baseado nas Escrituras. E, obviamente, quando vocês estiverem tratando com judeus, claro que este deverá ser o método de evangelização. Vocês não vão fazer afirmações gerais; vocês tomam as Escrituras, nas quais eles dizem que crêem, e lhes mostram Cristo ali, bem como todos os outros aspectos da verdade. E aqui, em particular, Paulo lhes está mostrando este aspecto da verdade, que as Escrituras,

os profetas, tinham profetizado a rejeição e a punição dos judeus, falando em geral deles como nação.

O que ele faz é, então, o seguinte: nos versículos 27 e 28 cita Isaías 10:22,23, e esta primeira declaração, no versículo 27, é muito interessante. Notem como Paulo a expressa. "Também Isaías clamava", diz ele, "acerca de Israel." Notem particularmente a palavra "clamava". Paulo não se limita a dizer, "Isaías dizia" ou "Isaías profetizava acerca de Israel", mas "clamava". Vemos exatamente a mesma palavra no versículo quinze do capítulo oito, onde lemos: "Porque não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito* de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai".** É uma palavra que tem um sentido denso e profundo. Quer dizer que não apenas *dizemos*, "Aba, Pai". Não, trata-se de uma declaração veemente, de um grito inarticulado; é um forte clamor expressando intensa emoção. De fato, algumas autoridades nos dizem que a origem primordial desta palavra é do pio estridente de uma ave que está sob forte tensão.

É, pois, uma palavra interessante e importante. Quando um homem tem realmente o Espírito de adoção, sabe que Deus é seu Pai, e, brotando das profundezas do seu ser, jorra este grito, "Aba, Pai"! É emoção profunda, não apenas uma palavra serena e polida dirigida a Deus como Pai! É como uma criança pequena que não vê seu pai há muito tempo; o pai aparece, e a criança corre para ele, gritando com vibrante alegria e felicidade por vê-lo chegar.

Assim, Paulo diz aqui que "Isaías clamava acerca de Israel", o que significa que quando Isaías proferiu aquela profecia

---

* VA e NVI: "Espírito". A NVI diz: "vocês... receberam o Espírito que os adota como filhos...". Nota do tradutor.

** Para uma discussão mais pormenorizada disto, ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 8:5-17: Os Filhos de Deus*, PES, São Paulo, 2002.

o fez com um sentimento de surpresa e admiração; ele quase foi esmagado pela tristeza em face da terrível e terrificante mensagem que Deus lhe dera para transmitir. Foi uma declaração carregada de comoção! Isaías mal podia controlar-se quando a disse. Por quê? Porque como judeu, como pertencente aos "filhos de Israel", ele mal podia acreditar que isso fosse possível. E, contudo, Deus o estava incumbindo de comunicar essa mensagem. Era a última coisa que ele teria escolhido para dizer. E ele não gostou de dizer isso, como tampouco Jeremias e os outros profetas gostaram de dizer coisas como esta, mas Deus deu a ele uma revelação. E quando viu a verdade sobre o que viria, Isaías "clamava...".

E, todavia, é justamente isso que os judeus nunca tinham visto. Orgulhavam-se de Isaías como um dos seus profetas; orgulhavam-se do rolo do livro do profeta Isaías; liam-no; estudavam-no e expunham-no, e ali estava Isaías realmente gritando de angústia, e eles ainda não tinham entendido o que ele estava dizendo. Eles diziam: "Se você é judeu, está tudo bem com você, você não é como aqueles "cães". Todo judeu é salvo. Claro que é! Ele é membro da família de Deus; é um dos filhos de Deus; nós temos as alianças e os oráculos; tudo está bem conosco". Eles nunca tinham enxergado a verdade. Ali estava a verdade cintilando diante deles com este grito de angústia emitido pela boca do profeta, porém eles nunca a viram, nunca a ouviram.

É desse modo, pois, que o apóstolo introduz a declaração: "Também Isaías clamava acerca de Israel". Mas, qual foi o clamor do profeta? – "Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo". Agora, quando examinamos esta declaração, e a que se lhe segue no versículo 28, que é tão-somente uma ampliação do 27, vemo-nos na mesma situação em que estávamos na citação prévia, de Oséias. De novo o apóstolo não nos dá a citação exata, e pela mesma razão. Longe de lhe negar a inspiração divina, como vimos anteriormente, prova-a mais do que nunca. O

Espírito que compôs uma compôs a outra, e Ele varia a expressão. E a declaração é que, embora o número dos indivíduos da nação de Israel seja tão grande como o número de grãos de areia na praia do mar, só um remanescente deles será salvo.

Pois bem, não há dúvida de que aqui o profeta Isaías estava se referindo à promessa de Deus a Abraão, acerca de Isaque: "...grandissimamente multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus e como a areia que está na praia do mar" (Gênesis 22:17). Ora, os judeus tinham se apegado a isso, a esse grande milagre, o nascimento do seu antepassado Isaque. Quando Abraão tinha noventa e nove anos de idade e Sara mais de noventa, a promessa foi feita; contudo, Abraão não vacilou, não duvidou; ele creu em Deus, e assim veio a ser o pai de todos os que crêem. Sim, mas a promessa era que ele teria esta grande progênie, e os judeus se gloriavam nela e a interpretavam, naturalmente, no sentido de que cada um deles estaria sempre em boas relações com Deus e assim seria por toda a eternidade.

Mas Isaías toma aquela promessa e diz a esta nação: "Embora Deus tenha prometido a vocês que seriam tão inumeráveis como a areia na praia do mar, somente um remanescente será salvo dentre vocês". E remanescente certamente significa só o que foi deixado, (o restante)! Esse é outro modo de dizer o que Paulo havia dito no versículo 6 – "Nem todos os que são de Israel são israelitas". É a citação que ele usa para provar este seu grande argumento – que só um pequeno grupo desta grande massa pertence realmente a Deus.

Pois bem, o versículo 27 só trata deste ponto: que apenas uma minoria de judeus será salvo; é tão-somente uma declaração feita com esse fim. Mas no versículo 28 o apóstolo amplia a questão; ele fala da rejeição, da punição e da destruição da massa, da maioria. É evidente que esse aspecto também é essencial ao argumento do apóstolo. Não basta que

ele meramente estabelecesse que havia sido profetizado que só uma pequena porção seria salva; o fato estonteante é que a maioria do próprio povo de Deus (os israelitas) é rejeitado e será destruído.

Portanto, o versículo 28 ocupa-se da segunda parte: "Porque o Senhor executará a sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a". Bem, se estivemos em dificuldades quanto à tradução antes, muito maior é a dificuldade aqui. Afortunadamente, não há nada vitalmente importante nisso; o sentido é perfeitamente claro e óbvio. Todavia uma vez mais a base não é nem o hebraico nem a Septuaginta. É uma variante, por assim dizer, com base em ambos os referidos textos. A única palavra à qual devemos dar atenção é a palavra "obra" (VA). "Pois ele terminará a obra", diz a Versão Autorizada (inglesa). Essa tradução é realmente muito infeliz, porque a palavra não é "obra" *(work)*, mas "palavra" *(word)*. "Pois ele terminará a palavra, e a abreviará com justiça." Esse é um modo de se expressar; emprega-se com relação a uma doutrina ou a uma confissão; usa-se no sentido de explicação ou justificação; portanto, pode-se traduzir a frase desta forma: "O Senhor executará a Sua palavra sobre a terra, concluindo-a e abreviando-a". (Ver Almeida).

Charles Hodge sugere a seguinte tradução: "Pois Ele executará o juízo e o cumprirá rapidamente, pois o juízo determinado sobre a terra o Senhor executará". É o que a palavra de Deus anuncia que Ele executará. Deus, mediante os profetas, fez um anúncio, uma proclamação. Deus disse que iria punir. "Muito bem", diz Isaías, "o que ele disse, Ele fará. O que Ele prometeu, Ele realizará." É esse o real sentido da declaração. E notem que ele a colocou numa forma dramática – que Ele a "terminará" e "a abreviará", e fará disso uma "obra breve" Todas essas idéias sugerem subitaneidade, rapidez e completação ou consumação – nada será deixado por fazer. Deus fará isso de repente, e o levará a efeito até ao último limite do que Ele havia dito de antemão.

Devemos, pois, elaborar isso e procurar compreender o seu significado. Aí está uma grande declaração no sentido de que a Palavra de Deus é sempre verdadeira. Tudo o que Deus disse, Ele fará. Ele julgará, Ele punirá, Ele destruirá, e a completude* da obra de Deus é algo temível, no verdadeiro sentido da palavra, algo temível de se ver. Diz o apóstolo que a palavra de Deus tem dois lados. Há a palavra que declara ira e punição, e a que proclama salvação a um remanescente; e Deus levará a efeito os dois lados da Sua grande declaração. Agora, lembremo-nos disto: tudo quanto Deus alguma vez disse é absoluto, e com absoluta certeza acontecerá.

Portanto, quando examinamos esta citação de Isaías, devemos ter em mente o que descobrimos em conexão com a citação de Oséias – que as profecias dos profetas bíblicos geralmente contêm duas aplicações distintas, a imediata e a remota. Isso era verdade acerca da profecia de Oséias, e o é ainda mais acerca da profecia particular que temos aqui. A declaração é de que a maioria da nação será punida sob a ira de Deus. A que se refere? Em que pensava Isaías quando proferiu e escreveu aquelas palavras? Não há dúvida de que em primeira instância ele estava tratando do que visivelmente ia acontecer logo depois aos filhos de Israel. Ele pode muito bem ter tido em mente a história da separação das dez tribos para formarem o reino do norte, deixando só as duas tribos restantes para formarem o reino do sul. Isso é uma parte da explicação. Ele pode também ter tido em mente o que aconteceu por ocasião da invasão assíria. Todavia, não há dúvida nenhuma de que Isaías tinha em mente, de maneira definida e predominante, o ataque movido pelos caldeus, a destruição de Jerusalém e o aprisionamento e a transferência do povo para o cativeiro da Babilônia, de modo que, finalmente, houve apenas um "remanescente" que voltou ao lar dos seus ancestrais na terra de Canaã.

---

* Neologismo que comecei a usar há alguns anos. Nota do tradutor.

Mas, como o apóstolo nos mostra aqui, essa não era a única aplicação. Pois esta é também uma notável profecia do que aconteceu no século primeiro, especialmente no ano 70 a.D., quando a cidade de Jerusalém outra vez foi destruída e arrasada, agora pelos exércitos romanos, e os judeus foram dispersos entre as nações onde estão até hoje.* Não só isso; foi apenas um pequeno número deles que creram no evangelho (como o apóstolo já nos fizera lembrar no versículo 24), e tiveram continuidade como cidadãos da nova forma do reino de Deus à qual chamamos Igreja Cristã.

Assim, o argumento é que quando Isaías escreveu aquelas palavras, o cumprimento máximo da sua profecia seria o que estamos testemunhando agora (no tempo do apóstolo). O ano 70 a.D. ainda não tinha chegado, lembrem-se. O apóstolo se refere particularmente às condições da Igreja Cristã, e ele também pôde ver se aproximando o que aconteceria no ano 70 a.D. Temos então aqui outra grande lição que obviamente aprendemos enquanto prosseguimos. A própria situação que prevalecia então na Igreja tinha sido profetizada oito longos séculos antes, pelo profeta Isaías. Através do transcurso dos séculos Deus tinha feito estas diversas advertências e, contudo, nada parecia acontecer. Aconteceram coisas, não porém para cumprir a profecia; eram como cumprimentos menores, mas a grande realidade a cumprir-se ainda não tinha acontecido.

Muito bem, de muitas maneiras o melhor comentário desta citação particular acha-se em Mateus 23:34-36: "Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; (notem isto) para que sobre vós caia todo o sangue justo que foi derramado

---

* Em 1948 foi restabelecida a nação de Israel na Palestina, mas apenas uma parcela dos judeus espalhados pelo mundo vivem lá. Nota do tradutor.

sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração". Portanto, eis o sentido da profecia de Isaías: Deus faz este pronunciamento de juízo, porém depois parece não fazer mais nada, e o incrédulo, o não iluminado e o incapaz de entender dizem: "Ah, bem, é apenas uma ameaça, e não vai acontecer nada". "Onde está a promessa da sua vinda?" como diz Pedro em 2 Pedro 3:4.

No entanto a resposta é que Deus nem sempre executa imediatamente o que diz que vai fazer, e é nisso que as pessoas em geral são cegas. Porque Ele não age logo, elas dizem: "Ele não vai fazer coisa alguma". Foi assim nos dias anteriores ao Dilúvio. Deus levantou Noé para pregar – um "pregoeiro da justiça" – e para advertir o povo do seu pecado. "A ira de Deus está sobre este mundo", dizia Noé, "e Deus o punirá; Ele o vai destruir." E as pessoas a princípio o ouviam, mas, passaram-se semanas, meses e anos, e nada acontecia, e elas começaram a rir, a troçar, a comer e a beber, a casar-se e a dar-se em casamento, até que veio o Dilúvio e as destruiu a todas. E a mesma coisa é verdade a respeito de Sodoma e Gomorra.

Ah, não existe falácia maior que essa! Deus faz a Sua declaração, e aqui somos levados a lembrar que Ele a levará a efeito. Poderá demorar, por causa do Seu propósito cheio de graça, e já nos foi dado algum discernimento da razão pela qual Ele age assim. Ele o faz em parte para mostrar algo da Sua paciência com os vasos da ira, preparados para destruição. Nós já investigamos isso. Entretanto o princípio é que, mais cedo ou mais tarde, o dia virá em que Ele o executará, e virá uma geração à qual sobrevirá tudo aquilo que Deus ameaçou fazer.

E assim foi com os judeus, os quais Deus tolerou durante tantos longos séculos e dos quais Ele tinha "suportado as suas más obras", como as Escrituras dizem. Finalmente chegou o dia em que, como o Senhor tinha profetizado, eles foram postos de lado. Disse o nosso Senhor que agora Deus tinha

chegado ao ponto de pô-los de lado e de escolher uma nação que "desse os seus frutos" – o terrível veredicto que o nosso Senhor emitiu quanto aos judeus quando se aproximava o fim dos Seus dias na terra. E lembremos novamente a Sua declaração em Mateus, capítulo 23. Afinal chegou o dia, o momento chegou; Deus o estivera ameaçando através dos séculos. Pois bem, Ele vai fazer isso, e, quando o fizer, será um ato terrível. E 70 a.D. foi simplesmente assim terrível. Conforme Josefo e outros escritores, foi uma das coisas mais terríveis que aconteceram em toda a história da raça humana, Deus completando a obra com justiça e abreviando-a. Tudo sobreveio de repente àquela geração; "...desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias", subitamente foi derramada toda a ira de Deus sobre a nação. "Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem fino."

Há uma historieta que ilustra bem isso, sobre um velho pregador do Canadá que pregara durante anos numa região agrícola, e tinha ensinado o povo a não trabalhar no domingo. Ele lhes havia dito que, se quisessem ser abençoados por Deus, não deviam fazer isso, não deviam quebrar as leis do Senhor, por maior que fosse o prejuízo imediato que sofressem. O velho pregador tinha pregado isso anos e anos. Então, num verão em que o tempo estivera particularmente mau, de repente houve um ótimo domingo, e um grande fazendeiro da área decidiu trabalhar com os seus empregados e fazer a colheita. Andando pela rua um ou dois dias depois, encontrou-se com o velho ministro e, dirigindo-se a ele, disse: "Olá, pastor! Sabe o que eu fiz domingo?" "Sei", disse o ancião. "Bem", continuou o outro, "não me aconteceu nada, a casa não pegou fogo, não perdi ninguém da família, Deus não me fez nada, tudo continua exatamente como antes." "Ah, meu amigo", respondeu o velho pastor, "Deus guarda as contas durante muito tempo; nem sempre Ele acerta as contas no outono." *

*É curioso que a palavra inglesa *"fall"* tanto significa outono como queda.>

O que ele quis dizer é: Deus nem sempre bate imediatamente, mas o fato é que bate. O que Deus disse, Ele fará. Deus proclamou estes grandes juízos sobre o pecado. Portanto, não sejam tolos, diz o profeta Isaías, não suponham que, porque o juízo não veio, nunca virá. Virá! Deus "executará a sua palavra sobre a terra, completando-a a abreviando-a". E assim o apóstolo diz a estes seus contemporâneos, a estes judeus, que, em sua incredulidade, rejeitam a Cristo: "Vocês sabem que foi exatamente isso que o profeta Isaías profetizou; vocês estão sendo rejeitados, os gentios estão sendo admitidos, e coisa pior sobrevirá a vocês. Soou a hora do juízo, a palavra proferida por Deus, agora vai entrar em operação".

Noutras palavras, esta citação de Isaías é uma das mais relevantes dentre as quais o apóstolo poderia ter escolhido. Ela mostra o seu conhecimento das Escrituras e o seu entendimento espiritual. Ela prova exaustivamente a tese dele. As promessas de Deus nunca foram incondicionais. Eles pensavam que eram, mas não eram. As promessas de Deus nunca se realizam automaticamente. Você não deve supor que, porque é cristão, seus filhos são cristãos. Não deve supor que, uma vez que os seus pais são ou eram cristãos, você é. Você não deve nunca fazer suposições desse tipo, nem sobre nacionalidade, nem sobre coisa alguma.

Não deve; Deus fez maravilhosas e grandíssimas promessas aos filhos de Israel, mas, ao mesmo tempo, fez a eles algumas das ameaças mais terríveis. Ao entrarem na terra prometida, eles viam o Monte Ebal e o Monte Gerizim, o monte da maldição e o monte da bênção (Deuteronômio 11:29). Os dois estavam lá. E o que o profeta diz e Paulo explica é que Deus sempre leva a efeito os dois lados da declaração por Ele feita. Não somente as promessas, mas igualmente as ameaças. E a tragédia dos judeus é que eles tinham ficado cegos para as

---

<< É notável que as piores conseqüências da queda de Adão e Eva não lhes sobrevieram imediatamente. Nota do tradutor.

ameaças e advertências, porém agora elas estavam sobrevindo visivelmente a eles. Não se surpreendam, pois, diz o apóstolo, ante o estado e condição da Igreja, ante o fato de que ela é mormente gentílica, e de que vocês, como judeus, estão fora. Foi exatamente isso que Deus concedeu ao profeta prever há oitocentos longos anos, e, muito longe de estar dizendo algo novo, eu estou simplesmente expondo diante de vocês o cumprimento das promessas de Deus.

Depois, no versículo 29, ele continua e leva o argumento um passo adiante. "E como antes disse Isaías" – o que significa: "como ele tinha dito previamente em seu livro". O apóstolo vinha citando estes versículos de Isaías, capítulo 10, e agora ele diz que Isaías já havia dito a mesma coisa antes, no capítulo primeiro. Aqui, mais uma vez, o apóstolo muda o que se vê no Velho Testamento. Em Isaías 1:9 lemos: "algum remanescente" (ou, VA: "um remanescente muito pequeno"); mas aqui lemos: "Se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência" (VA: "uma semente"). Pois bem, desta vez o apóstolo está fazendo uso da Septuaginta. E, naturalmente, não faz diferença – "remanescente" e "semente" significam quase exatamente a mesma coisa. Quem tem algum conhecimento de agricultura sabe disso. Um homem cultiva batatas e, ou as vende ou ele e sua família as comem, mas retém algumas como "sementes" para garantir colheita para o ano seguinte.

Aqui Paulo não está pensando em semente vegetal, mas em semente animal, que pode garantir a perpetuação da linhagem. Ele já havia falado duas vezes sobre "a semente", nos versículos 7 e 8 – "Nem por serem descendência" (ou, "semente") "de Abraão são todos filhos; mas: em Isaque será chamada a tua descendência" (ou "semente"). Vocês se lembram de como ele desenvolvera isso. Diz ele no versículo 8: "Isto é: não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência" (ou "semente"). É por meio deles que a linhagem é perpetuada. Assim, o apóstolo toma a palavra "semente" aqui para fazê-la

corresponder à linhagem, em vez da palavra "remanescente", porém é exatamente a mesma coisa.

Por que será, então, que Paulo faz esta citação? É que a nação de Israel merece total punição e destruição, como Sodoma e Gomorra. Só um remanescente fica impune e é salvo. Sobre quais fundamentos esse remanescente é salvo? Há somente uma resposta – a misericórdia e o poder do Senhor dos Exércitos. Portanto, talvez esta seja a questão mais vitalmente importante de todas quantas há. O argumento do apóstolo foi que a salvação depende da soberana eleição de Deus. No versículo 11 nós vimos: "Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)". Aí está. A salvação é, inteiramente, ação de Deus. Nenhum de nós viveria, seríamos todos como Sodoma e Gomorra, não fosse que "o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado uma semente" (VA). Ele o fez. Não fomos preservados por nós mesmos; foi Deus que nos preservou.

Temos aí, pois, um sumário perfeito de todo o longo argumento no qual estivemos analisando. Absolutamente ninguém merece ser salvo; cada um de nós merece destruição e condenação. Cada um de nós merece ser esmagado com a destruição de Sodoma e Gomorra. Ninguém merece ser salvo. Ninguém consegue salvar-se. E o fato de alguém ser salvo só se deve atribuir a uma coisa, e esta consiste na misericórdia e na graça de Deus e em Seu extraordinário poder para salvar.

Todos os judeus que foram destruídos mereceram totalmente isso, por sua pecaminosidade. Já notaram como Isaías, no capítulo primeiro do seu livro, alista os pecados, a rebelião, a loucura e todas as demais transgressões dos filhos de Israel? Eles merecem total destruição. Foi o que receberam, e o fato de existir um remanescente, ou uma semente, deve-se inteiramente a este admirável propósito de Deus, que está

formando um povo para Si em Seu Filho unigênito e por meio dEle, a quem Ele enviou ao mundo para encarnar-Se e assumir a natureza humana, para vir a ser o primogênito entre muitos irmãos.

E Ele está construindo uma nova humanidade em Cristo, alguns sendo judeus, alguns gentios. Ninguém tem direito a qualquer palavra de queixa, porque todos merecem ser condenados e destruídos como Sodoma e Gomorra, e Deus, em Sua escolha soberana, é perfeitamente livre. E foi isso que Ele, por livre escolha, decidiu fazer, no tempo oportuno, aconteça o que acontecer. A situação e a exclusão dos judeus, fora um remanescente muito pequeno, e a entrada dos gentios, os de fora. E só se pode chegar a uma conclusão, qual seja, que tudo isso é ação do Senhor dos Exércitos, o Senhor de Sabaoth;* nós em nada influímos nisso.

Portanto, a citação do apóstolo prova a sua tese. O fato de você ser judeu não o salva. O fato de você ser um bom homem não o salva. Nada o salva. É Deus quem o salva; o Senhor dos Exércitos nos deixou uma semente. E, se não tivesse deixado, não haveria nenhum salvo. Ele nos salva por Seu amor e por Seu poder. O evangelho é o poder de Deus, e a sabedoria de Deus. O evangelho é o poder capaz de criar novamente. Ninguém se torna cristão por tomar uma decisão. O cristão é feito por Deus, que o assinalou antes da fundação do mundo e providenciou para que ele nasça e para que ele creia. O apóstolo já dissera isso no capítulo primeiro, versículo 16: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação" – e é inteiramente Seu poder – "de todo aquele que crê". Sim! No resto do capítulo ele continua a introduzir esse elemento. Portanto, não pense que é o seu crer que é o fator vital. É o Senhor de Sabaoth que deixa o "remanescente". A obra é totalmente dEle. "Pela graça sois salvos, por meio da

---

* "Exércitos", em hebraico. Nota do tradutor.

fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8,9).

Dê glória a Deus, meu amigo! O que é espantoso, repito, é que exista até mesmo um só um cristão. E não há nada que explique a existência de um cristão sequer, senão o amor, a graça, a misericórdia e o poder do Senhor, o Todo-poderoso. Inclinemo-nos diante dEle.

22

"Que diremos pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei: tropeçaram na pedra de tropeço. Como está escrito: eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido." – Romanos 9:30-33

Nestes versículos chegamos a uma nova subdivisão deste capítulo 9 de Romanos. Na análise que no princípio fizemos dele e em nossas análises subseqüentes das diversas subdivisões, indicamos o tempo todo que o argumento principal é concluído no fim do versículo 29. Daí, o que o apóstolo faz aqui, nos versículos 30-33, é tirar uma conclusão, ou fazer um sumário de todo o argumento que estivera elaborando, e ele introduz o sumário com sua conhecida fórmula: "Que diremos pois?" Noutras palavras: à luz disso tudo, a que situação chegamos? Esse é o método. É bastante lógico e, evidentemente, é a característica proeminente dos escritos deste apóstolo em particular.

Bem, é importante compreender que aqui ele está tirando uma conclusão não só relativa ao que fora dito imediatamente antes; é também uma conclusão de todo o capítulo, especialmente do que ele estivera afirmando tão rigorosa e convincentemente desde o versículo 6. Notem que nos versículos 30 e 31 ele apenas declara a conclusão. Ele coloca os fatos diante de nós. Depois, nos versículos 32 e 33, ele nos dá uma explicação desses fatos. E vocês podem subdividir ainda mais isso

dizendo que no versículo 32 ele dá a explicação, e lhe dá suporte no versículo 33 como é seu costume, com uma citação das Escrituras.

Primeiramente, então, devemos examinar os fatos, e o primeiro deles é: "Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça. Sim, mas a justiça da fé". Naturalmente já vimos isso; ele já o tinha dito no versículo 24, onde lemos: "Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios". Temos aí, num sentido, um sumário e a dedução de uma conclusão, porém o respectivo suporte foi dado pelas citações que estivemos considerando. Assim, tendo estabelecido a sua tese segundo todos os pontos de vista da argumentação e da lógica, e depois esclarecendo-a com as suas citações, ele chega à sua conclusão.

Examinemos, pois, a declaração. É uma pena que a Versão Autorizada (inglesa) se refira aqui a "*os* gentios" (como a Versão de Almeida). Não consta no original, que diz apenas "gentios". Digo isso porque quando vocês lêem "os gentios" podem concluir que todos os gentios eram crentes. Contudo não eram, é evidente. Tudo o que o apóstolo está desejoso de dizer é que, em geral, nos defrontamos com o espantoso fato de que "gentios" – mesmo que fosse um só já seria uma coisa assombrosa, mas há mais que um – estão na Igreja, e judeus estão fora. Nem todos os judeus, também, é claro, porque havia um remanescente, como ele havia dito. Mas ele está dizendo em termos amplos que, olhando para a Igreja em geral, vemos gentios, e não judeus.

Entretanto, ele não se contenta em deixar a coisa nesse pé. Ele a desenvolve, e, naturalmente, sua elaboração não é só importante, é também extremamente interessante. A característica desses gentios, diz ele, é que "não buscavam a justiça" – e não há como questionar isso, porque já no capítulo primeiro, do versículo 18 em diante, ele nos fizera uma terrificante descrição do tipo de vida que os gentios levavam. Nós

examinamos isso em detalhe;* é uma das passagens mais terríveis e terrificantes das Escrituras. Longe de buscarem a justiça, levavam vida ímpia, vil, corrupta, pecaminosa – quase falta linguagem, no esforço para descrevê-la.

Aqui em Romanos, capítulo 9, porém, é evidente que ele não se refere meramente ao tipo de vida que eles realmente viviam; ele diz também que eles não estavam nem um pouco interessados em sua relação com Deus; não procuravam ser retos para com Ele. Esse é o ponto importante. Acima e além do fato de que era uma vida má, a realidade terrível acerca da vida daqueles pagãos, daqueles gentios, é que eles estavam "sem Deus", como Paulo diz em Efésios: "sem Deus no mundo".

Ou, como ele diz tão claramente noutro lugar, eles "serviam a ídolos",** não tinham nenhum interesse pelo "único Deus vivo e verdadeiro". Eles não tinham consciência da ira de Deus contra o pecado ou do Seu juízo; não tinham consciência da sua situação precária; estavam completamente despreocupados quanto à necessidade de reconciliação com Deus, e não faziam coisa alguma a respeito. Na verdade, como diz também o apóstolo em Efésios 2:1, eles estavam "mortos em ofensas e pecados"; não tinham vida espiritual. Portanto, toda esta questão de "Como pode o homem ser justo e reto diante de Deus?" nunca tinha ocorrido a eles; não estavam interessados nisso. Contudo, diz ele, o fato espantoso é que gentios que estavam nesse estado e nessa situação "alcançaram a justiça".

Este ponto é muito importante, e eu lamento ter que criticar mais uma vez os tradutores da Versão Autorizada. Eles não deviam traduzir isto por "alcançaram a justiça" (como

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 1: O Evangelho de Deus*, PES, São Paulo, 1998.

** Ver, por exemplo, 1 Coríntios 12:2 e Gálatas 4:8. Nota do tradutor.

Almeida). Notem que no próximo versículo a mesma palavra aparece de novo – ao menos na Versão Autorizada. "Mas Israel que buscava a lei da justiça, não alcançou a lei da justiça." Todavia no original não é a mesma palavra, e é importante traçar uma distinção entre ambas. A palavra que temos no versículo 30 deveria ser traduzida por "apreenderam". É até mais forte que isso. Significa "agarrar avidamente", "capturar". Agora, é interessante observar que a Nova Bíblia Inglesa ("NEB"), que notou que o certo não é "os gentios" mas "gentios", traduz o versículo assim: "Que gentios, que não faziam nenhum esforço pela justiça, não obstante a realizaram" – o que, é claro, está inteiramente errado! É até pior que "alcançaram", porque nos dá a impressão de que, como resultado dos seus esforços, eles a realizaram. Seria a última coisa que ele quereria dizer. Na verdade, ele está dizendo exatamente o oposto disso. Não, a tradução correta aqui é: "Gentios, que não buscavam a justiça, apreenderam a justiça", "agarraram-na avidamente", "apoderaram-se" desta justiça, que, como ele diz, é "a justiça que é pela fé".

Essa é, pois, a declaração de Paulo com relação a estes gentios. Eles não estavam preocupados, não se interessavam; estavam "separados da comunidade de Israel, e (eram) estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Efésios 2:12), jamais dedicando seu pensamento a estas coisas, simplesmente vivendo aquela vida pecaminosa, má, vil. E, contudo, quando ouviam a apresentação e a pregação deste plano de salvação em Cristo Jesus, "abraçavam-no avidamente". E, como vemos no livro de Atos, foi precisamente isso que aconteceu quando este apóstolo e outros saíram pregando e apresentando o evangelho. Os judeus o rejeitaram, mas somos informados de que os gentios gostaram; eles se deleitaram e se regozijaram com esse fato. "E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se, e glorificaram a palavra do Senhor" (Atos 13:48).

Temos aí, então, a primeira parte desta declaração que o

apóstolo coloca diante de nós em sua conclusão. Mas depois, no versículo 31, chegamos a este triste e trágico contraste: "Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça". Pois bem, é isso que o apóstolo nos vem dizendo constantemente, o fato que quebrantava o seu coração. Foi isso que lhe deu "grande tristeza e contínua dor no... coração" – que Israel, dentre todos os povos, tinha que estar fora da Igreja. Por quê? Porque, diz ele, Israel de fato "buscava a lei da justiça". Bem, "seguir" (VA) é a mesma palavra nos versículos 30 e 31, e realmente significa "perseguir", "dar caça a". "Seguir" não é suficientemente forte. Eles a perseguiam avidamente, ou ansiosamente.

Portanto, o ponto que Paulo está salientando é que a característica dos judeus é que eles estavam muito preocupados com esta questão de justiça, e a perseguiam, a buscavam, com grande avidez. Mas, diz o apóstolo, "eles perseguiam a lei da justiça", o que significa que eles estavam perseguindo ou buscando uma justiça que opera em termos da lei. Parece-me que esse é o único sentido que se pode, fácil e acertadamente, ligar a esta declaração. As autoridades têm discutido e divergido muito sobre isso, porém me parece inteiramente óbvio, especialmente com base no fim do versículo e em todo o contexto, que o apóstolo está pensando aqui na lei de Moisés; não nalguma lei geral de justiça.

Os judeus não estavam interessados numa lei geral de justiça. Eles se interessavam pela lei mosaica porque acreditavam que a observância da lei mosaica era, não somente a estrada principal para a justiça, e sim a única estrada para ela. Por conseguinte, quando Paulo afirma que eles "buscavam" ou "perseguiam a lei da justiça", ele quer dizer que eles estavam perseguindo ou buscando esta meta da justiça por meio da guarda da lei de Moisés. E essa era a verdade pura e simples acerca de Israel, acerca dos judeus. Ora, Israel e os judeus são o mesmo povo; Paulo usa os termos um pelo outro, e ele vai fazer isso, como veremos. Portanto, qualquer tentativa que se

faça para diferenciar entre Israel e os judeus é completamente antiescriturística. Afirmo isso simplesmente porque há uma seita popular que faz justamente isso, sem nenhuma sanção escriturística.

Eis aqui, pois, a verdade acerca dos judeus: eles estavam "perseguindo" ou "buscando avidamente" ser retos para com Deus, e faziam isso tentando cumprir a lei de Moisés e procurando persuadir-se de que a estavam cumprindo e de que a tinham cumprido. Mas, diz o apóstolo, eles não tiveram sucesso: "Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça". Pois bem, aqui aquela palavra pode ser corretamente traduzida por "atingiu" ou "alcançou", ou talvez melhor, "não chegou a" (como Almeida).

Vocês vêem a importância que há em mostrar a diferença entre estas duas palavras. Deliberadamente o apóstolo não usou no versículo 30 a mesma palavra que usou aqui. O que ele diz, com razão, acerca dos gentios no versículo 30 é que, quando eles ouviram a mensagem a respeito da justiça em Cristo, eles a apreenderam e se agarraram a ela ávida e ansiosamente. Por outro lado, os judeus diziam: "Aí está a meta, o cumprimento da lei moral, a lei de Moisés. Enquanto nós tivermos isso como a nossa meta, e enquanto praticarmos isso, teremos alcançado a justiça e teremos prestado plena satisfação a Deus". E assim vão eles rodando estrada abaixo, por assim dizer, tentando chegar à meta da justiça. Mas, diz o apóstolo, eles não chegaram lá, ficaram aquém da meta.

Naturalmente, ele não está dizendo nenhuma novidade aqui. Os primeiros quatro capítulos de Romanos foram dedicados a produzir uma prova absoluta disso. Mas aqui, com vistas a este argumento particular, para mostrar por que os judeus estão fora, ele o diz novamente, de maneira sumária. Assim, eles não chegaram a esta "lei" e ao cumprimento desta lei. E o fato de que as palavras "da justiça" não estão nos melhores manuscritos não importa. Estão implícitas, e, naturalmente, é isso que o apóstolo tem em mente.

Pois bem, o apóstolo, especialmente no capítulo 2, tinha demonstrado isso de maneira muito direta e muito clara.* Praticamente ele diz: "Vocês têm descansado no fato de serem possuidores da lei e de que têm certo conhecimento da lei. Vocês acham que, porque Deus lhes deu a lei, isso os coloca automaticamente na posição certa. Mas", diz ele, "não é quem conhece a lei que é justo para com Deus, é aquele que a pratica". Ele começa aquele capítulo, lembram-se?, com "Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem" – e este homem é o judeu – "quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois, tu que julgas, fazes o mesmo". E o seu argumento é, em geral, que a simples posse da lei não justifica, é o homem que obedece à lei que é justificado perante Deus. E o apóstolo elabora isso bastante minuciosamente.

Esta é, então, a tragédia dos judeus; eles tinham esta grande preocupação com a justiça, e estavam persuadidos de que a tinham alcançado; e eles agiam assim, como certamente vocês se lembram, da maneira exposta pelo nosso Senhor no Sermão do Monte, onde Ele contrasta a justiça definida nos termos dos fariseus com a justiça definida na lei de Moisés propriamente dita. Eles tinham colocado a lei de Moisés num desvio; tinham traçado uma distinção artificial entre realmente fazer algo na prática e tê-la na mente, pelo que o nosso Senhor pôde convencê-los a todos de pecado (fazê-los réus de pecado). Eles tinham ficado cegos para o caráter espiritual da lei.

Na verdade, o apóstolo nos tinha dito tudo isso com a maior clareza no capítulo 7, onde ele diz, no versículo 9: "E eu, nalgum tempo, vivia sem (a) lei" – isso quando ele era um judeu típico, um fariseu, não tendo ainda compreendido o caráter espiritual da lei – "E eu, nalgum tempo, vivia sem (a)

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulos 2:1-3:20: O Justo Juízo de Deus*. PES, São Paulo, 1999.

lei, mas, vindo o mandamento" – quando o Espírito Santo abriu os meus olhos para a natureza da lei – então "reviveu o pecado, e eu morri" – e ele ficou no mais completo desamparo e desespero. E o que ele diz a respeito de si mesmo no capítulo 7 é também verdade, diz ele agora, a respeito de todas estas pessoas.

Somos, pois, confrontados por este fato espantoso: pessoas que nunca tinham dedicado um só pensamento a Deus, são retas diante de Deus! Ao passo que as pessoas para as quais, num sentido, a realidade máxima da vida era a religião e serem retas para com Deus, agora não são retas diante dEle. Bem, essa é a declaração do fato que ele coloca diante de nós nos versículos 30 e 31, e, naturalmente, ao mesmo tempo o apóstolo nos leva para dentro do segredo. Por assim dizer, ele o insere de um lance, no fim do versículo 30: "mas a justiça que é pela fé". Essa é a chave, e ele estava tão interessado nela que obviamente não pôde conter-se e deixar de introduzi-la, mesmo na declaração do fato.

Noutras palavras, a razão pela qual os judeus não alcançaram a lei da justiça, a meta da justiça que eles pensavam que podia ser obtida pela observância da lei mosaica, é o ponto que o apóstolo Tiago expõe tão claramente em sua Epístola: "Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos" (Tiago 2:10). Essa é a nossa dificuldade com a lei. Ela exige perfeição absoluta. Não faz nenhuma concessão. Ser 99,.999 por cento correto não basta. Se houver um só defeito, a pessoa estará totalmente condenada.

Foi por isso que os judeus nunca alcançaram esta meta de justiça que era a maior realidade na vida deles. Eles costumavam gabar-se disso; costumavam contrastar-se com os gentios, os "cães", os pagãos, os estranhos. Eles eram o povo de Deus, eram retos diante de Deus, e estes outros estavam no mais completo desamparo. Todavia, diz o apóstolo, o fato é que, quando olhamos para a Igreja Cristã, vemos os

estranhos dentro, e os que deviam estar dentro, fora. Pois bem, o nosso Senhor tinha dito exatamente a mesma coisa. Ele tinha dito às mesmas pessoas que viria o dia em que eles veriam Abraão, Isaque, Jacó e os gentios no reino de Deus, e eles mesmos estariam fora. Esse é um dos grandes temas do Novo Testamento.

Tenhamos portanto todo o cuidado de ter o grande argumento de Paulo bem claro em nossa mente. Ele compôs este capítulo para encarar justamente essa situação. A pergunta é: a palavra de Deus teria de fato falhado? Versículo 6: "Não que a palavra de Deus haja falhado". Parecia que tinha falhado, não parecia? E nós já consideramos isso. A resposta do apóstolo é: "Nada disso; a palavra de Deus *se efetivou*; mas o que a palavra de Deus disse é que, falando em termos gerais, os judeus estão saindo e os gentios estão entrando. E assim o apóstolo lhes lembra o fato mais uma vez.

Depois, tendo tratado disso, que é a parte mais simples do assunto que temos diante de nós, chegamos agora àquilo que muitas pessoas têm achado extremamente difícil. Esta e a nossa segunda divisão geral – a saber, a explicação deste fato extraordinário, explicação que ele põe diante de nós nos versículos 32 e 33 e que ele introduz com a expressão "Por quê?" Noutras palavras, ele pergunta: por que a situação é esta? – e passa a dar a sua resposta. "Porque não foi pela fé (que a buscaram), mas como que pelas obras da lei". E então faz a sua citação para provar isso – "tropeçaram na pedra de tropeço; como está escrito...".

Dessa forma, surge aqui uma importante questão: por que é que os gentios estão dentro e os judeus estão fora? Ou, ainda mais particularmente: por que é que os judeus estão fora? Por que é que estas pessoas cuja grande ocupação na vida era a justiça de Deus e ser consideradas retas por Deus, por que não são consideradas retas por Ele? Por que elas estão fora do Reino, cumprindo assim a profecia do nosso Senhor quanto aos judeus: "O reino de Deus vos será tirado, e será dado a

uma nação que dê os seus frutos"? – profecia que se verificou e se cumpriu na Igreja Cristã. Aqui está a Igreja, principalmente gentílica, com apenas um remanescente de judeus; aqui está o reino de Deus. Daí a pergunta: por que é assim? E então Paulo dá a resposta: "Porque não foi pela fé...".

Bem, este é um grande problema para as pessoas em geral. Na verdade muitas delas não hesitam em dizer que agora, nesta passagem, o apóstolo passa a contradizer tudo o que ele tinha dito até este ponto no presente capítulo. Dizem elas que do versículo 6 até o fim do versículo 29 ela estivera argumentando e mostrando por diferentes ângulos que a salvação depende inteiramente da soberania de Deus; e que tinha usado a ilustração do barro e do oleiro a fim de deixar absolutamente claro que o homem não tem participação nenhuma nessa obra.

Ele dissera também que a diferença entre Jacó e Esaú é algo que foi determinado no ventre, antes de eles nascerem, antes que pudessem fazer mal ou bem; e ele dissera que isso é totalmente de Deus: "Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece." "Logo pois compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer." (Romanos 9:16,18.) Bem, essa tinha sido a sua grande tese, e, contudo, aqui – dizem tais pessoas – ele de repente vem até nós e afirma que o que decide se um homem está no reino de Deus ou não é a maneira pela qual ele o busca; que o que decide se um homem é salvo ou não é se ele tem fé, se ele crê ou não. E assim, afinal de contas, é a fé que o homem tem que o salva, não a soberania de Deus em Sua escolha e eleição.

E daí? O apóstolo estaria se contradizendo aqui, ou não? Há duas maneiras pelas quais certas pessoas têm procurado solucionar este problema. A primeira consiste em dizer que, embora creiam que Deus escolhe pessoas para a salvação, não obstante, obviamente, à luz do que o apóstolo está dizendo aqui, a Sua graça operante na eleição é condicionada por Seu

pré-conhecimento. Ele só elege e salva aqueles que, em Seu pré-conhecimento, Ele viu que vão crer e vão exercer sua fé. Dizem elas que não é possível outra solução, porque Paulo diz aqui: "Por que não a alcançaram?", e responde: "Porque não foi pela fé (que a buscaram), mas como que pelas obras da lei"; ao passo que sobre os gentios nos é dito que eles "alcançaram a justiça, sim, mas a justiça que é pela fé". Os gentios exerceram fé, creram, e por isso estão salvos. Os judeus não creram, não exerceram fé, pelo que estão fora. "Portanto", dizem tais pessoas, "há só uma explicação; só se pode conciliar tudo o que ele disse do versículo 6 ao 29 com o que ele está dizendo aqui pelo fato de que, obviamente, a eleição de Deus baseia-se em Seu pré-conhecimento."

Há outra maneira pela qual não faltam pessoas que tentam resolver o problema. Esta segunda maneira é o ensino característico dos luteranos. Agora, notem que eu digo luteranos, não Martinho Lutero, porque Martinho Lutero mesmo não ensinou isso. Os que o seguiram, especialmente os seus seguidores de um século e tanto atrás, e também os seus seguidores modernos, dão esta explicação: sim, dizem eles, é unicamente Deus que pode salvar e se obriga a salvar; o homem não pode salvar-se; a idéia de que a fé exercida pelo homem o salva é errônea. É Deus que necessariamente salva, mas, não obstante, o homem tem poder, um poder negativo, pelo qual é capaz de resistir à salvação ou recusar-se a ser salvo. Jamais o homem é salvo por sua fé, porém tem poder e capacidade negativa para recusar a permitir que Deus o salve. Não há muita diferença, há? E, contudo, há uma diferença entre as duas maneiras, como penso que veremos. O conceito luterano está um pouco mais perto daquilo que eu opino ser a verdade sobre esta questão, todavia ainda é gravemente errôneo.

São essas, então, as duas maneiras pelas quais os homens têm procurado resolver este problema; dessa forma, chegamos a isto: a questão que está diante de nós é a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade do homem; e este é,

realmente, o primeiro ponto no qual o problema é levantado neste capítulo. Não deveria ter sido levantado por nós antes. Tive que fazê-lo porque sei das questões que alguns apresentam, mas o fato é que o apóstolo não o coloca diante de nós até chegarmos a este ponto particular. Este é o ponto lógico no qual ele realmente entra, e, por isso, devemos enfrentá-lo.

Comecemos, então, colocando-o nestes termos: a minha primeira resposta é que não devemos supor que há contradição no ensino do grande apóstolo. Pois bem, os dois professores a quem me referi em mais de uma ocasião durante o estudo deste capítulo – os professores C. H. Dodd e William Barclay – os dois, está claro, não hesitam em dizer isso. Eles não têm dificuldade nenhuma; a solução é muito simples: Paulo se contradiz! A declaração dos dois é mais ou menos que, afinal de contas, Paulo era humano como o resto de nós, e todo o mundo erra às vezes; ele ficou em dificuldade aqui e, vendo-se nessa dificuldade, saiu pela tangente, por assim dizer, contradizendo-se rotundamente no transcurso deste capítulo.

Agora, por que eu me nego a aceitar isso como o jeito de escapar do problema? Bem, primeiro, claro está que dizer isso imediatamente significa que você não crê que o apóstolo Paulo foi inspirado pelo Espírito Santo quando escreveu estas palavras. Você não pode dizer que ele se contradiz e continuar acreditando na inspiração, porque o Espírito Santo não Se contradiz e nunca Se engana. Ora, naturalmente, os dois professores não crêem na inspiração; isso não é nenhum problema para eles. Mas, se você disser que crê que esta é a Palavra de Deus, inspirada, e se você concordar com o apóstolo Pedro que os escritos do apóstolo Paulo são colocados na mesma categoria das "outras Escrituras", então você simplesmente não pode dizer que Paulo estava se contradizendo, porque imediatamente envolveria o Espírito Santo na contradição. Isso deveria ser mais que suficiente para nós.

No entanto, em segundo lugar, mesmo que eu não

acreditasse nisso, não poderia aceitar a idéia de contradição simplesmente em termos da impressão que tenho de que se trata de uma grave injustiça feita à mente do grande apóstolo. Não considero o apóstolo Paulo, mesmo do ponto de vista humano, como alguém capaz de contradizer-se tão chocantemente no mesmo contexto. Com o devido respeito para com eles, tenho mais alta opinião sobre o apóstolo do que sobre os seus dois críticos modernos! Eles se colocam numa posição superior; entendem tudo, e, condescendentemente, sentem um pouco de tristeza pelo apóstolo ter caído flagrantemente em contradição. Mas, independentemente da inspiração, acho inconcebível que um homem da sua capacidade e com a sua perspicácia lógica possa colocar no fim de uma vigorosa argumentação lógica algo que contradiz a coisa toda.

Contudo, em terceiro lugar – e este é para mim outro argumento muito importante – a explicação proposta é fácil demais; tira o mistério das Escrituras. Esse é um princípio muito bom que devemos sempre ter em mente. Nunca adotar uma explicação de uma real dificuldade ou de um impasse que o torne fácil demais. Sempre devemos lembrar-nos de que as Escrituras são profundas, que estas questões não são simples; e a explicação oferecida é por demais fácil. Não deixa lugar para mistério; você não conclui dizendo: "Grande é o mistério da piedade", ou o que o próprio apóstolo nos dirá no fim do capítulo 11. Portanto, rejeito-a também por essa razão.

Mas, além disso, a minha quarta razão para rejeitá-la é que ela realmente não resolve o problema, não me põe fora da dificuldade. Se a verdadeira explicação da razão pela qual os judeus estão fora da Igreja é que eles não creram no evangelho quando ele lhes foi pregado, que eles confiavam na justificação pelas obras e não na justificação pela fé – se essa é a única explicação, bem, então, eu pergunto em nome da consciência e em nome do céu, por que foi que o apóstolo escreveu tudo o que escreveu do versículo 6 ao versículo 29? – Ele devia estar louco! Se a explicação é essa, por que dizer tudo aquilo, se

não tem nada a ver com o tema e se está errado? A explicação acima oferecida é tão simples que tudo o que o apóstolo precisava dizer seria isto: "Bem, desafortunadamente, tenho esta grande tristeza e contínua dor no meu coração porque os meus parentes estão fora; eu quase me faria maldito e separado de Cristo por amor dos meus irmãos, dos meus parentes segundo a carne. Mas isso é uma tragédia, eles estão fora simplesmente porque tentaram justificar-se pelas obras em vez de crerem no evangelho, de o aceitarem pela fé". E isso é tudo o que ele teria que dizer; seria o suficiente. Mas ele fez todas aquelas outras declarações juntamente com o argumento envolvido.

Portanto, parece-me que, se vocês fizerem esse tipo de abordagem do problema, não deverão dizer que o apóstolo está em contradição, e sim que ele é um lunático; que ele introduziu esta tremenda passagem que vai do versículo 6 ao versículo 29, sendo que ela é completamente irrelevante e não tem nenhuma ligação com a questão em apreço. Ele cria dificuldades para si próprio, e depois tem que ir adiante e contradizer-se. Todavia um ditame do bom senso é que um homem como o apóstolo jamais faria isso; jamais introduziria algo desnecessário e depois, vendo-se em dificuldades, precisaria contradizer-se para sair do problema. O que obviamente se deve fazer é dizer unicamente o que é preciso dizer, e nada mais. Mas nos defrontamos com os versículos 6 a 29, e não recebo ajuda nenhuma dos tais críticos; eles não me fazem sair da dificuldade. Devemos, pois, rejeitar essa idéia de que a resposta é que há uma contradição.

Por conseguinte, o meu segundo item geral é a contundente asserção de que não há contradição aqui. Que fazer, então, acerca das declarações? E a minha resposta é que tanto a doutrina da soberania de Deus como a doutrina da responsabilidade humana são verdadeiras, e que o apóstolo está expondo as duas doutrinas aqui, em Romanos, capítulo 9. Na verdade, ele já havia exposto a doutrina da responsabilidade

humana no capítulo primeiro, versículo 20, onde ele diz: "Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis". Isso basta.

Ele a tinha exposto também, mais de uma vez, no capítulo dois. Diz ele que os judeus e os gentios estão igualmente sem defesa. Sobre os gentios ele diz, no versículo 15: "Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os". Já expusemos isso em detalhe;* não podemos fazê-lo de novo aqui. Mas é isso que significa. E o judeu também, é óbvio, é inteiramente responsável.

Agora, é porque estas duas coisas são verdadeiras que o evangelho de Jesus Cristo deve ser oferecido a todos. Certamente vocês se lembram de que o apóstolo, pregando em Atenas, disse: "Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo lugar, que se arrependam" (Atos 17:30). Deus ordena isso! Essa é uma afirmação da responsabilidade humana. O evangelho deve ser oferecido a todos. É aí onde o chamado "hiper-calvinismo" é tão terrivelmente errôneo e antiescriturístico. O evàngelho é para ser oferecido a todos. É para ser pregado a todos. E o apóstolo fez isso. A responsabilidade humana é uma verdade asseverada em toda parte nas Escrituras, e é asseverada lado a lado com a doutrina da absoluta e livre soberania de Deus, e de que a salvação é inteiramente resultante da Sua eleição.

É isso, pois, que a Bíblia ensina. A eleição, por si só, explica os salvos, mas a eleição não explica os perdidos. Vale

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulos 2:1-3:20: O Justo Juízo de Deus*. PES, São Paulo, 1999.

a pena repetir isso! Só a eleição explica os salvos, mas a ausência da eleição não explica os perdidos. Permitam-me explicar isso. Nenhum ser humano seria salvo, não fosse que Deus, de maneira soberana, o tivesse escolhido, como vimos fartamente do versículo 6 ao 29. É unicamente a ação de Deus que salva o homem. Então, por que há os que se perdem? É porque não são eleitos? Não! O que explica os perdidos é a sua rejeição do evangelho, e, antes disso, naturalmente, o fato de que eles estão em Adão, pertencem a esta massa de perdição. Todos nós pecamos em Adão. E é aí que entra a responsabilidade humana. Somos responsáveis por nossa rejeição do evangelho, mas não somos responsáveis por nossa aceitação dele. Isso é resultado da graça operante na eleição provinda de Deus.

Portanto, eis o que o apóstolo faz aqui: nos versículos 6 a 29 ele explica por que alguém é salvo; é graças à soberana eleição determinada por Deus. Nestes versículos ele nos mostra por que alguém está perdido, e a explicação disso é a sua própria responsabilidade. Noutras palavras, os judeus, por sua rejeição do evangelho, de certo modo justificam a Deus por puni-los. É precisamente a mesma coisa que vimos acontecer no caso de Faraó. Deus não fez Faraó mau, ou pecador; ele já o era em Adão. O que Deus fez foi endurecer o seu coração em pecado, para pôr isso às claras, para mostrá-lo.

Vocês se lembram de quão claramente vimos isso; por Sua longanimidade, por Sua paciência, Ele fez isso. A realidade se tornou mais evidente do que era. Esse é o seu argumento geral. Vocês recordam que ele o expôs no versículo 17: "Porque diz a Escritura a Faraó: para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra". E o caso dos judeus é exatamente o mesmo. Eles estavam perdidos em Adão como todos os demais. Eles tinham confirmado isso rejeitando o evangelho, justificando assim a ação de Deus pela qual Ele derrama sobre eles a Sua ira e os envia à destruição final.

Em conclusão, deixem que eu esclareça o ponto ao qual

chegamos. O apóstolo, vocês vêem, sempre tem um método e sabe que estas duas coisas devem ser consideradas – a soberania divina na eleição, e a responsabilidade humana, e ele declara ambas. Ele ensinou ambas, ele creu em ambas. E assim deve ser conosco. Mas tudo isso depende de como vemos estas coisas. Se você perguntar: como tal homem está salvo?, haverá só uma resposta: porque Deus o escolheu. E por que tal homem está perdido? Está pedido porque é um pecador voluntário e deliberado, e um pecador orgulhoso e escarninho, que rejeita a oferta de salvação. Esse é o outro lado. Aí está a responsabilidade humana. Portanto, devemos ser cuidadosos ao manusearmos esta doutrina, a doutrina da eleição. Se alguma vez vocês pensaram que a doutrina da eleição significa que o homem não é responsável, vocês estiveram inteiramente errados. O homem é responsável. Contudo o fato de ser responsável não significa que ele pode salvar-se. É isso que nos diz o apóstolo.

Na próxima exposição vamos considerar a justificativa deste ensino. Mas, meditem nisto, e meditem nisto com o espírito com o qual estivemos examinando este argumento desde o começo até este ponto. Examinem estas duas coisas e evitem todos estes meios de escapar da dificuldade. É uma verdade profunda! É a verdade de Deus! É um grande mistério! Entretanto está aqui, e é o ensino do grande apóstolo neste ponto particular.

23

"Que diremos pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei: tropeçaram na pedra de tropeço. Como está escrito: eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido." – Romanos 9:30-33

Vimos que se o nosso crer, a nossa fé e a nossa aceitação é que, afinal de contas, determinam a nossa salvação, então, em primeiro lugar, o apóstolo está especificamente se contradizendo e está voltando atrás no que dissera na parte anterior do capítulo. Mas, além disso, ele não só está voltando atrás no capítulo 8, versículos 28 a 30, onde lemos: "Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto (ou, VA: "segundo o seu propósito"). Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou".* O próprio fato de que nos é dito que já estamos glorificados é uma garantia de que a salvação é totalmente resultante do propósito de Deus e da ação de Deus.

* Para uma discussão detalhada destes versículos, ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos*, PES, São Paulo 2002.

Logo, não podemos cair definitivamente da salvação; não podemos perder-nos, se alguma vez fomos regenerados: "...aos que justificou a estes também glorificou". Já estamos glorificados em Cristo. Assim, apegar-nos à outra interpretação é voltar atrás em tudo isso e é fazer o apóstolo contradizer aquilo que é o seu ensino básico e central.

Todavia este ensino não está restrito a Romanos; vocês encontram exatamente o mesmo ensino na Epístola aos Efésios – constitui a essência do seu ensino no capítulo 2: "E vos vivificou", escreve ele, "estando vós mortos em ofensas e pecados"; e fica repetindo isso: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)". E depois ele torna a dizê-lo, no mesmo trecho: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas". Agora notem que, a fim de deixar o ponto mais plenamente claro, o apóstolo o expressa não só positiva porém também negativamente – "Não vem das obras, para que ninguém se glorie". E assim, vejam bem, se vocês disserem que o que nos salva é o nosso crer e a nossa fé, estarão transformando o ato de crer em obra, e o homem terá direito de gloriar-se nisso e de gabar-se, e isso significa que o apóstolo está contradizendo tudo aquilo que constitui o seu ensino básico em toda parte.

Entretanto, vamos adiante. Vejam a questão desta forma: a situação com a qual nos defrontamos, diz Paulo, é que os gentios, que não buscavam a justiça, estão na Igreja, estão salvos; mas os judeus, que buscavam a justiça, estão fora. Temos aí o mesmo evangelho pregado a judeus e a gentios; os judeus o rejeitam, os gentios o recebem. A única conclusão que vocês podem tirar, se disserem que é o próprio homem que decide, é que os gentios eram pessoas melhores do que os

judeus e tinham maior entendimento espiritual. Isso necessariamente envolve vocês nessa situação.

E, contudo, quando vocês lembrarem o que dissemos sobre estes gentios, por exemplo em Efésios, capítulo 4, e noutros lugares, essa idéia se tornará claramente ridícula. E, de qualquer forma, somos informados sobre eles de que estavam "mortos em ofensas e pecados" e que esse era o seu estado e condição. Vejam vocês, se disserem que é as pessoas crerem no evangelho e o receberem que as salva, automaticamente estarão dizendo que os gentios tinham maior entendimento – os judeus o recusam, os gentios o acatam.

Isso me leva ao terceiro ponto, que consiste em observar que, se fosse assim, a dádiva da lei de Deus por meio de Moisés aos filhos de Israel teria sido uma coisa má; a lei teria sido um obstáculo para eles, não um auxílio. Nesse caso, a lei não deveria ser descrita como Paulo a descreve para os gálatas, que ela "nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo" (Gálatas 3:24). Ela seria aquilo que os mantém fora, e os gentios teriam sido muito afortunados por nunca terem tido a lei. Porque, se a lei é dada a você, há o perigo de a usar mal e de a entender mal, e com isso você se porá fora do Reino. Muitíssimo melhor seria nunca tê-la recebido!

No entanto, o apóstolo nunca aceita essa insinuação; ele se gloria no fato de ser judeu. "Qual é logo a vantagem do judeu?", diz ele no capítulo 3, "Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em toda maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas". Ele se orgulha do fato de pertencer aos judeus. Eles estavam numa posição muito superior; eles tinham a Lei, as Escrituras, os oráculos de Deus. Esse é o seu argumento em todos os primeiros capítulos, e na verdade ele nos fizera lembrar isso tudo neste mesmo capítulo 9:4, onde lemos: "Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais...".

Mas, se você disser que é a fé que salva o homem e que os

gentios estão salvos e os judeus não, e que os judeus não estão salvos por terem entendido mal a lei, haverá só uma conclusão: os gentios estavam nessa posição vantajosa porque nunca tiveram a Lei. Essa é uma dedução inevitável, porém, naturalmente, é uma conclusão que não pode ser aceita nem por um momento, porque contradiz o ensino da Bíblia inteira.

Ou deixem que eu coloque isso nestes termos: vejam a questão em nossa situação moderna. Se o problema dos judeus fosse o seu conhecimento da Lei, enquanto que os gentios, que não tinham tal conhecimento, eram puros de alma e corpo, de modo que quando ouviram o evangelho, creram nele – se fosse assim, a conclusão que se deveria tirar disso é que não se deve ensinar Bíblia às crianças. É mau criá-las de maneira religiosa; é mau dar às pessoas instrução moral e religiosa ou qualquer coisa que as anime a buscar a Deus e à justiça. Essa é a única conclusão que se pode tirar; é vantagem ser ignorante como os gentios e nada saber destas coisas.

Ou permitam que me expresse sobre isso de outra maneira. Examinem a situação descrita pelo apóstolo em 1 Coríntios, capítulo 1 – realmente ele defende ali o mesmo ponto: "Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação. Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados" – Aí está o termo, *chamados* – "tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus", continua ele, "é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens". Então, continuando ele, notem bem: "Porque, vede, irmãos, a vossa vocação" – notem a situação que prevalece na Igreja – "que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas

fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são" (1 Coríntios 1:21-28).

E então? Que é que deduzimos disso tudo? Bem, se vocês disserem que o homem é responsável por sua salvação, pode-se tirar mais uma conclusão, a qual é que seria uma séria desvantagem nascer com bom cérebro, com inteligência, ou com o que Paulo chama ali em Coríntios "sabedoria". Observem a Igreja Cristã, diz o apóstolo; o que vêem? Bem, diz ele, o que de fato vocês vêem é que a maioria dos componentes da Igreja não é constituída de pessoas talentosas, nem de pessoas muito inteligentes ou cultas, nem de pessoas muito capazes e sábias, e, sim, de pessoas não muito dotadas nem muito instruídas, pessoas que certamente nada sabem de erudição e filosofia – pessoas ignorantes, "as coisas... que não são". Que conclusão vocês tiram? Digo que da suposição em foco só se pode concluir que seria uma desvantagem muito séria nascer inteligente e com boa cabeça. O homem que estaria em vantagem, na questão da salvação, seria o menos inteligente de todos!

"Ah", dirá alguém, "mas você não está sendo muito justo. O que Paulo diz não é tanto que foi a posse de cérebros capazes que fez com que os judeus ficassem fora, porém o fato de que eles se orgulhavam do cérebro deles." Isso está perfeitamente correto. Mas não muda o argumento, porque, se você não tiver bom cérebro, não terá do que se orgulhar. Logo, se a causa do problema for o orgulho do intelecto, o homem que não o tiver ainda estará numa posição vantajosa.

Bem, isso é muito importante, não é? Todas estas coisas resultarão, vejam vocês, se for a fé ou o ato de crer do homem que determina o fato de que ele está no reino de Deus. O gentio – com todas as conotações que essa palavra implica – está em posição vantajosa sobre o judeu.

Devemos, pois, seguir adiante, em quarto lugar, para dizer o seguinte: afirmar que é a nossa fé, etc., que nos salva é entender de maneira completamente errada o que o apóstolo

diz, não só aqui, mas também em 1 Coríntios, capítulo 1. Lá ele não diz que é vantagem não ser sábio, não ser forte, não ser nobre. O que ele diz é que Deus chamou esse tipo de pessoas com um objetivo e propósito específico, o que é uma coisa muito diferente. O que o apóstolo diz em 1 Coríntios, capítulo 1, é que, do ponto de vista da salvação, não importa se a pessoa é sábia ou tola; não importa se a pessoa é forte ou fraca, não importa o que a pessoa é, porque nunca é isso que salva o homem.

No momento em que vocês disserem que esta salvação é uma coisa determinada pelo homem, o que é próprio do homem é que será o fator importante. Mas, segundo o apóstolo, isso nunca é o fator importante. O que salva é sempre o chamado de Deus. "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias" – foi por essa razão que Ele fez isso. "E Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são." Por quê? Por esta razão: "Para que nenhuma carne se glorie perante ele". Nem o sábio nem o tolo devem gloriar-se na presença de Deus; tampouco o forte deve gloriar-se na presença de Deus, nem o fraco. Ninguém deve gloriar-se na presença de Deus! Com isso Paulo quer dizer que nada do que há no homem importa. A única coisa que importa é a escolha e o chamado de Deus.

Certamente isso deveria estar perfeitamente claro e deveria ser considerado totalmente inevitável. E de fato o que Deus faz, como Paulo diz, é escolher pessoas de todo tipo e de toda espécie. Ele chama alguns judeus, como também chama gentios; Ele chama alguns sábios. O que o apóstolo não diz é que não há sábios na Igreja, mas, sim, que não são "muitos"! Entretanto não mudem isso como se ele tivesse dito que não há nenhum e que deve ser dado um prêmio à ignorância e à

falta de habilidade, de intelecto e de poder. Isso é igualmente errado. Deus não precisa de cérebros, mas também não precisa da falta de cérebros. Ele não precisa do entendimento do homem; não precisa da sua falta de entendimento. Não há vantagem nem num lado nem no outro.

Portanto, não há em nós nada que determine se somos salvos ou não. Na verdade a Bíblia nos deixa claro e simples que há só uma explicação sobre como os gentios entram na Igreja Cristã. Não foi a sua ignorância, como já vimos. Não permita Deus que alguma vez nos coloquemos na posição na qual digamos isso. Examinem a condição dos gentios. O apóstolo nos fez uma terrífica descrição deles no capítulo primeiro, do versículo 21 ao fim. Tornem a ler aqueles versículos, e também 1 Coríntios, capítulo 6, versículos 9 e seguinte, e Efésios, capítulo 2, versículos 1-3. Leiam também Efésios 4:18 e seguinte: "Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda impureza" – mergulhados na iniqüidade, na vileza, no mal e no pecado.

Portanto, a questão deve ser: como é que tais pessoas puderam crer no evangelho? Como foi que elas entraram na Igreja Cristã? "Ah", vocês dirão, "é porque quando elas ouviram o evangelho, creram nele, aceitaram-no e se entregaram a ele. Elas tiveram o entendimento espiritual para fazê-lo, estavam suficientemente esclarecidos, ao passo que os judeus não estavam." Poderão vocês dizer isso acerca de tais pessoas? Elas estavam "sem Deus" – "no mundo". Estavam absolutamente cegas e obscurecidas em sua mente. E, todavia, me pedem que acredite que eles tiveram habilidade e capacidade para reconhecer a verdade e crer nela e, por meio disso, puderam salvar-se! A coisa toda e uma pura e completa impossibilidade, e, na verdade, é uma rotunda negação das Escrituras.

É isso que nos fala Atos, capítulo 13. Ali Paulo está

pregando em Antioquia da Pisídia, e primeiro ele prega a um grupo misto de judeus e gentios. Nos versículos 44-48 lemos: "E no sábado seguinte ajuntou-se quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus. Então os judeus, vendo a multidão, encheram-se de inveja; e, blasfemando, contradiziam o que Paulo dizia. Mas Paulo e Barnabé, usando de ousadia, disseram: era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus. mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios. Porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te pus para luz dos gentios, para que sejas de salvação até aos confins da terra. E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se, e glorificavam a palavra do Senhor; e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna".

E essa é a única e exclusiva explicação. Não se pode postular que havia entendimento espiritual nessas pessoas que estavam mortas em ofensas e pecados e mergulhadas nas profundezas da iniqüidade, com sua mente entenebrecida e cega. É impossível. Há somente uma explicação: "creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna". E foram só eles que creram. Ninguém mais creu. "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua...". É óbvio – porque estávamos mortos, e é a ordenação de Deus, destinando-nos para a vida eterna, que nos leva e nos habilita a crer!

Ao que me parece, a situação ali está clara. É óbvio o que o apóstolo está dizendo. Foi dessa forma que os gentios entraram. Mas o que mantém alguém fora vê-se também na mesma passagem, em Atos 13:46: "visto", diz o apóstolo, "que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios". É a ordenação de Deus que faz entrar quem quer que seja; é a recusa e rejeição deliberada que o mantém fora.

Ademais, como já vimos no caso de Faraó, embora Deus

tenha poupado e retido a Sua ira, longe de isso amolecer Faraó ou de melhorá-lo ou de fazê-lo mais pronto a ouvir, teve o efeito contrário; ele ficou cada vez mais endurecido. A graça de Deus endureceu Faraó e com isso revelou a sua pecaminosidade essencial. Ele se opôs deliberadamente a Deus, desobedeceu deliberadamente a Ele, deliberadamente O rejeitou. Muito bem, diz Paulo, essa é precisamente a situação dos judeus. Eles têm desobedecido e rejeitado a Deus durante séculos. O Velho Testamento nos dá a história e o relato disso.

Contudo Deus os poupou. E depois, "vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4:4). O Deus eterno conferiu esta grande honra a Israel, como o apóstolo nos tinha lembrado no versículo 5: "dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente". Quando Deus enviou Seu Filho unigênito do céu a este mundo, não O enviou aos gentios, enviou-o entre os judeus. Como homem o nosso Senhor era judeu. O versículo 3 do capítulo primeiro já nos dissera isso: "da descendência de Davi segundo a carne". Que maior honra poderia jamais ser dada a uma nação? Assim, Deus enviou Seu Filho e O fez judeu, e Ele viveu entre os judeus e ensinou entre eles, foi sujeito à lei deles, a lei de Moisés, na qual eles tanto se gloriavam.

Não somente isso, Ele pregou a eles a graça, disse-lhes que tinha vindo para morrer, para salvar. Toda a Sua pregação, toda a Sua vida, todo o Seu ensino, Sua morte na cruz; apesar disso tudo, qual foi o efeito sobre os judeus? Isso os abrandou, os amoleceu, encheu-os de alegria, gratidão e louvor? Bem, os quatro Evangelhos respondem a essa pergunta. Isso os endureceu! Ninguém jamais enfureceu tanto os judeus como o nosso Senhor os enfureceu. Eles nunca mostraram tanto ódio, tanta astúcia maligna e tanta mordacidade para com alguém como o fizeram contra o Filho de Deus, que viera para estar entre eles. Vocês vêem o que isto significa: a graça de Deus em

Seu Filho, e até mesmo Sua morte na cruz, endureceram-nos, e revelaram a condição deles, sua condição essencial de perdidos, de condenados. Eles O recusaram deliberadamente, deliberadamente O rejeitaram, e são responsáveis por sua própria condenação. Exatamente como aconteceu com Faraó. Pois bem, o apóstolo está dizendo tudo isso aqui. Nestes dois últimos versículos ele não trata do que salva o homem, ele trata do que condena o homem; e ele afirma que essa condenação é responsabilidade do próprio homem, é ação do homem, com a sua recusa e rejeição da pregação da graça de Deus em Jesus Cristo.

Portanto, o que o verdadeiro cristão diz é isto: "Se não fosse a graça de Deus onde estaria eu? Sou o que sou pela graça de Deus! Sou cristão, não porque eu cri, não porque tenho certo entendimento que outros não têm. Não, eu sou cristão, sou o que sou, porque Deus, segundo o Seu propósito inescrutável, ordenou que eu obtivesse a vida eterna. E não há outra razão".

A única alternativa a isso é você atribuir o crédito a si mesmo por sua salvação. A única alternativa é dizer – "Foi o meu ato de crer que fez isso. Estou salvo e o outro não, porque eu exerci fé". Isso significa que você se salvou a si mesmo. Existe em você algo que não existe em outros homens. Você creu, eles não. É isso que salva você?

Permitam-me repetir perguntas que já fiz. Se você acredita nisso, então que é que faz você crer e o outros não crer? "Bem", você dirá, "eu entendi o evangelho, e os outros não." Mas, por que foi assim? Que há com relação a você que o fez ou o habilitou a entender e a eles não? Deve haver em você algo melhor do que o que há neles – talvez um melhor cérebro, ou você tem maior propensão espiritual. Mas, por que você é assim e por que é diferente? "Bem", você responderá, "eu não sei; simplesmente sou assim." Exatamente! Você não determina isso, determina? Você nasceu assim.

Logo, por fim se retorna a isto: ou você crê em acidente e

em acaso, ou crê na eleição de Deus. Ou você terá que dizer: "Bem, esta é a minha condição natural; simplesmente nasci assim, e me vejo crendo quando o outro não crê". Ou terá que dizer que é "o propósito de Deus, segundo a eleição". E é isso que a Bíblia ensina: "quantos foram ordenados para a vida eterna".

Meus caros amigos, não digo estas coisas porque entendo isso tudo. Não entendo! Não me perguntem por que Deus ordena uns e outros não; eu não sei. A Bíblia não me diz por que é assim, e eu não sei coisa nenhuma, exceto o que ela me diz. Vou além: Não quero saber. É um mistério. Um grande mistério. Assim é a mente inescrutável de Deus. Há um hino no qual, na minha opinião, Charles Wesley expressa isso perfeitamente:

Pode ainda ser que eu deva reclamar
Algum ganho do sangue do Senhor?

E então, notem isto:

Ah, todo este misterio! O imortal morre!
Quem sondar pode o Seu estranho desígnio?
O primeiro dos anjos em vão tenta
Investigar o profundo amor divino.
Que de misericórdia! A terra O adore,
E os anjos não inquiram nada mais.

Pois bem, essa é a verdade literal:

O primeiro dos anjos em vão tenta
Investigar o profundo amor divino.

E, contudo, você está tentando fazer isso, não está? Você quer entender? Você diz: "Quero saber isto, não posso entender aquilo". Mas nem o mais brilhante ser angélico do céu pode entendê-lo! É um mistério profundo. Aqui estamos contemplando a mente do Deus eterno, e o propósito não é que entendamos.

E é exatamente isso que o apóstolo diz em 1 Coríntios, capítulo 1. Foi por que alguns de nós são inteligentes e querem entender até a mente de Deus, e dizer: "Não crerei enquanto não entender", que "Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias". Não é que a sua sabedoria seja uma desvantagem, mas significa que você deve compreender que a sua sabedoria nada é, quando se contrapõe à mente e à sabedoria de Deus. E foi para humilhar-nos que Deus escolheu os loucos antes que os sábios, e os fracos antes que os fortes. Agiu assim para fazer com que todos nós vejamos que não podemos fazer nada; "para que nenhuma carne se glorie perante ele".

Ninguém deve gloriar-se perante Deus. Seja sábio ou louco, não importa; seja judeu ou gentio. Seja qual for a nacionalidade, sejam quais forem os seus dons e as suas propensões, nada disso faz a menor diferença. Acrescentarei algo. Se você é uma pessoa de boa moralidade ou uma pessoa muito imoral, graças a Deus isso não faz nenhuma diferença quando se trata da questão de salvação. Não faz a mínima diferença. Se você se gloria em alguma coisa, mesmo que seja no fato de que você crê ou em sua fé, você está tentando justificar-se a si mesmo pelas obras, e não está salvo. "Tu, Senhor, salvas. E Tu somente." "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Coríntios 1:30,31).

É unicamente Ele que salva. "Quantos foram ordenados para a vida eterna." A sua fé é uma prova do fato de que você foi ordenado por Deus. Crer é o primeiro sinal da nova mente que há em você. Para o homem natural estas coisas são uma loucura; ele não as pode aceitar. O fato de que você as aceita significa que você não é um "homem natural"; você se tornou um "homem espiritual", você é um "novo homem". "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus."

24

"Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei: tropeçaram na pedra de tropeço; como está escrito: eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido."

–Romanos 9:32,33

Voltamos a esta declaração mais uma vez porque aqui o apóstolo nos dá a explicação de toda a tragédia da nação judaica. Ele trata aqui, não de judeus individuais, mas dos judeus como nação, e do fato de que eles estão fora da Igreja, ao passo que os gentios, como nações e como pessoas, entraram. Graças a Deus – como ele diz no versículo 24 – há alguns judeus dentro, porém são um pequeno remanescente. Como nação, eles estão fora, e a pergunta que o apóstolo faz é – por quê?

Acontece isso, diz ele, por duas razões. A primeira, a razão positiva, é que eles tinham procurado ser justos e retos para com Deus por meio das obras da lei, uma justiça de "obras", em vez de procurarem a justiça que é somente pela fé. Depois, negativamente, ele nos dá esta segunda razão, que eles tinham "tropeçado" no plano divino de salvação, o plano providenciado pelo próprio Deus. Diz o apóstolo que eles "tropeçaram na pedra de tropeço", e essa pedra de tropeço não é outro senão o Senhor Jesus Cristo e Sua obra em nosso favor.

Portanto, agora devemos examinar em particular esta segunda razão, e esta declaração extraordinária. Declaração importante, não só do ponto de vista de habilitar-nos a entender a história real e concreta do que aconteceu com o nosso Senhor, e a situação antiga da Igreja como prevalecia no tempo do

apóstolo; é uma declaração crucial para todas as eras e épocas e para todos os lugares. Noutras palavras, estamos examinando aqui o que podemos corretamente descrever como o cerne e o centro do evangelho cristão.

Agora o apóstolo, notem vocês, de novo nos lembra, como vem fazendo o tempo todo, que tudo isso foi profetizado e predito. Esse é, naturalmente, o enigma por excelência, a questão sobre como foi que estas pessoas, os judeus, com as Escrituras abertas diante delas, puderam ser tão cegas. Tudo isso que é verdade acerca da Igreja, diz ele, é uma coisa que tinha sido prevista. Deus tinha concedido aos profetas que o vissem, e eles realmente o haviam registrado por escrito. Temos observado que cada vez que Paulo faz uma declaração, ele desenvolve um argumento. Depois ele o prova, comprova-o e sublinha-o com uma citação dos profetas.

Assim, ele faz aqui, com relação a esta última declaração, exatamente o que tinha feito com respeito às outras, e esta é, em muitos aspectos, sobre a própria essência da tragédia dos judeus. Eles foram condenados por sua própria boca, por assim dizer. Eles se gloriavam nas Escrituras, os oráculos de Deus, orgulhavam-se dos profetas e dos escritos dos profetas. E são esses mesmos escritos que, acima de tudo mais, os condenam. "Como está escrito", ele fica dizendo, e o que foi escrito é que eles seriam afligidos por esta "cegueira" que os leva a tropeçar no seu próprio Messias e na salvação que Deus tinha providenciado gloriosamente nEle e por meio dEle.

Mas agora esta lembrança profética é também uma questão de grande interesse, especialmente com relação à morte do nosso Senhor na cruz. Sua citação de Isaías aqui, sua lembrança de que tudo isso havia sido predito e profetizado, refuta completa e definitivamente o ensino tão comum – de que a morte do nosso Senhor veio como uma surpresa para Ele e que Ele nunca a tinha antecipado. Alguns vão tão longe que chegam a dizer que Ele morreu sofrendo a mais completa decepção e, metaforicamente falando, de coração partido.

Pois bem, isso é refutado definitivamente por esta declaração, sem necessidade de aduzir nenhuma outra. O nosso Senhor conhecia os profetas; Ele estava preparado; sabia o que estava para vir. Ele tinha vindo para morrer. Não foi tomado de surpresa. Também é refutada a idéia de que a morte do nosso Senhor não precisava acontecer, e bem podia não ter acontecido jamais. Há muitos que ensinam isso; desafortunadamente, isso aconteceu, dizem eles, por causa da cegueira destas pessoas, porque o nosso Senhor, como muitos outros profetas e muitos outros grandes homens, estava adiante do Seu tempo e, portanto, não foi apreciado devidamente; e isso bem que poderia não ter acontecido. Todavia esta declaração desmente frontalmente esse ensino também.

Ora, igualmente, isto me parece ser uma refutação cabal de um ensino dispensacionalista muito popular, que nos diz que o nosso Senhor veio ao mundo primariamente para oferecer o Reino aos judeus, e que foi somente depois que os judeus se negaram a crer e a aceitar o ensino sobre o Reino, e como conseqüência disso, que o evangelho da graça mediante a morte de Cristo teve que ser apresentado e introduzido. Esta foi então, sustentam eles, uma idéia ulterior. Se tão-somente os judeus tivessem aceitado o ensino sobre o Reino, isso nunca teria acontecido; nunca teria havido necessidade da doutrina da graça de Deus. E daí eles passam a dizer que esta doutrina do evangelho da graça de Deus é apenas uma doutrina temporária, e que ainda virá o dia em que o evangelho do Reino voltará a ser pregado, e as pessoas serão salvas por crerem, ou se perderão por rejeitarem essa oferta do Reino.

Parece-me, porém, que só esta declaração já é suficiente para refutar esse ensino. A cruz foi planejada antes da fundação do mundo. Não houve mudança nenhuma no programa de Deus em conseqüência do que aconteceu com o nosso Senhor nos dias da Sua carne. A idéia de que o "relógio profético" parou então, e que o plano todo teve que ser reformulado por causa da rejeição dos judeus me parece uma pura negação do

que lemos aqui e noutros lugares – que a cruz foi profetizada e predita do começo ao fim do Velho Testamento. Todos os tipos e sombras, o cordeiro pascal, a oferta queimada, os sacrifícios, todas essas coisas proclamando a necessidade absoluta da encarnação e do sacrifício do Filho de Deus.

E aqui somos levados a lembrar que o tratamento dado pelos judeus a Ele foi de há muito profetizado pelo profeta Isaías. Por conseguinte, esta é uma refutação extraordinária de todo e qualquer ensino que insinue – a própria insinuação é monstruosa! – que o plano eterno de Deus teve que ser modificado porque os judeus rejeitaram o evangelho do Reino. Não! Como nos diz o autor da Epístola aos Hebreus, Jesus "fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte" (Hebreus 2:9). Tudo isso Lhe aconteceu para que Ele "provasse a morte por todos". Ele veio ao mundo principalmente para morrer, e essa é a razão pela qual isso foi profetizado e predito muito tempo antes, nos escritos dos diversos profetas e em todo o conteúdo do cerimonial e ritual levítico.

Mas, deixando isso de lado, focalizemos diretamente esta momentosa declaração. Qual é o seu ensino? Bem, eu penso que podemos expressá-lo na forma de três princípios principais. Primeiro, a nossa relação com Deus é determinada única e inteiramente por nossa atitude para com o Senhor Jesus Cristo. Ele é a "pedra". Ele é o teste. Tudo vem dar nisso. Por que é que os judeus estão fora? Porque tropeçaram nesta Pessoa. Ele determina tudo. Em termos finais e definitivos, nenhuma outra coisa importa. O Senhor Jesus Cristo constitui a prova final e definitiva do valor de qualquer pretensa fé em Deus.

Pois bem, é por isso que esta é uma tão crucial e momentosa declaração. Assevero que Ele, e somente Ele, importa. Dizerem as pessoas que crêem em Deus não tem valor nenhum, a menos que creiam no Senhor Jesus Cristo. Terem as pessoas os mais elevados conceitos sobre a vida e sobre o modo de viver não importa, a menos que creiam no Senhor Jesus

Cristo. Não crerem as pessoas na guerra, ou acreditarem na prática do bem, não faz a mínima diferença, se elas não crêem no Senhor Jesus Cristo. O fato das pessoas fazerem grandes sacrifícios pelo bem de outros e, como acreditam, para o louvor de Deus, é completamente inútil, a menos que elas creiam no Senhor e Salvador Jesus Cristo.

É isso que o apóstolo está dizendo aqui. O que ele faz é dar-nos duas citações do livro do profeta Isaías, e o faz da maneira que já vimos. Ele toma duas citações e as funde numa só. A primeira é Isaías 8:13 e 14. Nessa passagem o profeta escreve aos filhos de Israel quando eles estavam em dificuldade, e esta é sua mensagem a eles: "Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai; e seja ele o vosso temor, e seja ele o vosso assombro. Então ele vos será santuário; mas servirá de pedra de tropeço, e de rocha de escândalo, às duas casas de Israel; de laço e rede aos moradores de Jerusalém". Depois, Isaías 28:16: "Portanto, assim diz o Senhor Jeová: eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada: aquele que crer não se apresse". O apóstolo toma essas duas declarações, funde-as numa só, e nos dá aqui esta declaração: "Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido".

Bem, nós já tivemos ocasião de assinalar que a interessante maneira pela qual o apóstolo manuseia estas citações do Velho Testamento é prova cabal da sua inspiração. Nenhum homem, especialmente um homem como Paulo, que tinha sido criado e treinado como fariseu, nenhum homem que tivesse o respeito que ele tinha pela Palavra de Deus, pelos oráculos de Deus, sonharia em fazer o que ele faz aqui, a não ser guiado e inspirado pelo Espírito Santo para fazê-lo. Ele está preocupado em expor um determinado aspecto da questão, pelo que diz: "Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço". Isaías não disse propriamente isso, mas, quando se tomam as duas citações juntas, chega-se a isso; como aqui ele só está interessado no

fracasso dos judeus em não crerem, é isso que ele quer salientar. E assim, guiado e inspirado pelo Espírito Santo, ele o expressa dessa forma particular.

Outra alusão à mesma verdade acha-se no Salmo 118, versículo 22: "A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça da esquina". É exatamente a mesma idéia. O nosso Senhor Se refere pessoalmente a essa passagem e faz uso dela quando finalmente condena os fariseus no fim do Seu ministério, e na verdade condena a totalidade da nação judaica! "Diz-lhes Jesus: nunca lestes nas Escrituras: a pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isto, e é maravilhoso aos nossos olhos?" E isso leva à declaração subseqüente, tão pertinente ao nosso assunto aqui: "Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos". Noutras palavras, a Igreja é tirada dos judeus e dada aos gentios. E então Ele prossegue: "E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó" (Mateus 21:42-44).

Pedro também usa a mesma citação quando ele e João são acusados perante o tribunal. "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:11,12). E, naturalmente, o apóstolo faz uso dela quando diz: "Os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo" (ou, VA: " pedra de tropeço") para os judeus, e loucura para os gregos" (1 Coríntios 1:22,23).

Mas Paulo não se contenta com isso, e então diz, na mesma carta: "Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1 Coríntios 3:10,11). O único! E, finalmente,

lemos em 1 Pedro, capítulo 2, versículo 8: "...uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados".

É isso, então, que o apóstolo diz aqui. Significa que o Senhor Jesus Cristo, Sua pessoa, Sua vida, Seu ensino, mas principalmente a Sua morte na cruz, a Sua ressurreição e a Sua ascensão, constituem o fundamento, o único fundamento, baseado no qual o homem pode ser reto para com Deus e ser justo aos Seus olhos. Esta é a mensagem da proclamação cristã – que "nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos". Ou a que tinha sido proferida pessoalmente pelo nosso Senhor: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim". O único fundamento! Jesus Cristo – em toda a glória e maravilha da Sua Pessoa, e em toda a glória e maravilha da Sua obra – Ele é a pedra, a pedra fundamental, o único fundamento.

E, portanto, o apóstolo retamente assinala que, por isso, há somente duas atitudes possíveis para com Ele, e nesta declaração ele nos diz qual é. "Todo aquele que crer nela não será confundido"; (ou, VA: "Todo aquele que nele crer não será envergonhado"); essa é uma reação: confrontado por Cristo, você crê nEle, entrega-se com confiança completa e absoluta a Ele, descansa confiante nEle, e somente nEle. Nada em você, mas somente nEle. Você vê nEle um refúgio, um lugar de livramento, um lugar de repouso e segurança, onde não há mais temor nem é possível passar vergonha. Esse é Aquele, o Único – "Todo aquele que nele crer não será envergonhado". A outra possível reação e atitude para com Ele é a de tropeçarmos nEle, tornar-se Ele para nós "uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo", e isso leva finalmente a vergonha, a sermos envergonhados e confundidos.

Aí está, pois, a primeira grande e fundamental declaração do apóstolo. A nossa relação com Deus, diz ele, é determinada única e exclusivamente por nossa atitude para com o Senhor

Jesus Cristo e o que Ele realizou. Os judeus estão perdidos, estão fora, estão reprovados. Por quê? Porque tropeçaram nEle. Os gentios estão dentro. Por quê? Porque creram nEle.

Sendo, então, que o apóstolo está particularmente preocupado aqui com este trágico tropeço dos judeus, devemos tomar o seguinte item como o nosso segundo princípio: por que o Senhor Jesus Cristo é uma pedra de tropeço para alguns? Ele foi uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo para os judeus, e também para muitos gregos. Através dos séculos consecutivos, Ele continuou sendo uma pedra de tropeço para muitos. Na verdade, Ele ainda é uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo para a imensa maioria das pessoas do mundo. Por quê?

O Novo Testamento nos propicia muitas respostas a essa pergunta. Sua própria Pessoa tem sido uma pedra de tropeço. Foi isso para os judeus. A própria maneira como Ele veio foi um escândalo para eles – o caráter do Seu nascimento. Eles aguardavam e esperavam o Messias, mas não esperavam que o Messias nascesse num estábulo, em abjeta pobreza, numa condição baixa e humilde. Eles ficaram escandalizados com isso; ficaram escandalizados desde o início. Eles tinham noções de grandeza e de glória a esse respeito. Era assim que eles retratavam o Messias em Sua vinda. Ele haveria de ser um grande rei, um grande personagem militar e político, e haveria de vir com grande magnificência – a exata antítese do que de fato aconteceu. E tropeçaram nisso.

Depois, há a Sua humildade na maneira como Ele foi criado. Conforme lemos os evangelhos, vemos que a Sua completa falta de instrução foi uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo para os fariseus e para todos os líderes religiosos. "Como sabe este letras não as tendo aprendido?" (João 7:15). "Quem é este sujeito? Quem é este homem que assume a posição de mestre? Que é que ele sabe?" Eles tropeçaram nisso – em Sua aparência, em Sua formação e em Sua maneira de ensinar. Ele não pertencia à elite – nem aos

fariseus nem aos saduceus. Também, no que dizia respeito aos gregos, Ele não foi um filósofo. Ele não tinha freqüentado as escolas, os pórticos* e as academias; e isso continuou sendo através dos séculos um dos motivos pelos quais as pessoas tropeçam nEle e se escandalizam com Ele. A realidade apresentada parece monstruosa e ridícula – alguém se dizer Salvador do mundo e ter vindo dessa maneira. E, naturalmente, os homens tropeçam no nascimento virginal e em seu caráter miraculoso – não podemos considerar isso agora, mas tudo isso é parte integrante da mesma coisa.

A seguir, os judeus tropeçaram igualmente nas reivindicações de Jesus Cristo. Ele ficava reiterando que tinha vindo de Deus. Ele reivindicava igualdade com Deus. Ele afirmava que falava com autoridade. Ele dizia: "Ouvistes que foi dito... eu, porém, vos digo". E isso enfurecia os fariseus. Ele estava Se arrogando, pensavam eles, este ensino revestido de autoridade. Sobre que base? – e especialmente as declarações que Ele fez quanto à Sua relação com Deus o Pai.

E depois, outra coisa na qual eles tropeçaram, é claro, foi o que Ele não fez. Ele não Se proclamou rei em Jerusalém. Não mobilizou um exército. Não proclamou guerra contra os conquistadores romanos, e não conduziu o Seu exército para libertar os judeus e elevá-los à posição suprema entre todas as nações. Era isso que eles queriam, e Ele não fez. Até João Batista tropeçou neste ponto particular. Uma vez, quando os judeus ficaram impressionados ao ver o Senhor Jesus Cristo alimentar cinco mil, tentaram tomá-lO à força e fazê-lO rei. Mas Ele não quis! Essa foi uma dolorosa causa de tropeço. Por que Ele não se "declarou", não Se "manifestou"? Seus próprios irmãos, vocês se lembram, O censuraram mais tarde por causa disso.

---

* Certamente uma referência ao "pórtico colorido" *(stoà poikíle - Vtoa poikilh)*, local onde ensinava o filósofo grego Zênom = Zenão (c.335 a c.264 a. C.), daí ser um designativo dos estóicos. Nota do tradutor.

Mas, naturalmente, o fato que os escandalizou e os fez tropeçar definitivamente foi Sua morte na cruz. Ei-lO ali – preso, aparentemente incapaz de defender-Se; condenado pelo tribunal. Não se vê dizer uma palavra, mas deixa que façam o que quiserem com Ele. Aquele que se dizia o Messias, que podia curar os enfermos, fazer andar os paralíticos, dar vista aos cegos, ressuscitar os mortos, acalmar a fúria do mar... "Aos outros salvou, salve-se a si mesmo", diziam dEle quando estava na cruz, "desça agora da cruz, e creremos nele".* Coisa ridícula – esta demonstração de fraqueza; verdadeiro fracasso e vergonha total. Para eles a cruz foi suficiente para provar como eram ridículas as Suas reivindicações – que Ele era o Filho de Deus, que Ele era o Salvador! "Salve, rei dos judeus" – "Salve, Filho de Deus", diziam com sarcasmo, zombaria e mofa. Puseram uma coroa de espinhos em Sua cabeça, e escarneciam dEle e O ridicularizavam. Oh, Sua morte foi uma terrível causa de tropeço e de escândalo!

Mas havia uma coisa pior ainda que isso. Trata-se do ensino que veio por meio de Sua morte, a implicação da Sua morte. Foi isso que os enfureceu acima de tudo mais. Diz o apóstolo Paulo: "A palavra da cruz é loucura para os que perecem" (1 Coríntios 1:18). A pregação da cruz é uma pedra de tropeço para os judeus e é loucura para os gregos. Por quê? Ah, é por causa da implicação e da mensagem dessa cruz! E foi isso que realmente tocou na ferida deles e os levou a odiá-lO definitivamente e a desfazer-se dEle.

Qual é a mensagem? Ah, é esta – que a cruz é o único meio de salvação! Noutras palavras, como Paulo dirá no próximo capítulo, "o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê". Aí estão os judeus tentando salvar-se pelo cumprimento e observância da lei. A cruz proclama que há somente Um que pode cumprir a lei. E Ele o fez! Foi isso que

---

* Lucas 23:35 ; Mateus 27:42. Nota do tradutor.

os enfureceu terminantemente – que Ele, e só Ele, pode satisfazer às exigências da lei de Deus. Dessa forma, todos os esforços e lutas dos judeus, dos fariseus, dos saduceus, dos escribas, dos melhores deles, são inúteis! Paulo já nos dissera isso: "Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça". E aqui vem esta proclamação: vocês nunca poderão chegar lá! Nunca chegarão! Cristo veio ao mundo porque eles falharam. Nunca teria vindo, se eles pudessem fazê-lo. Mas não podem; ninguém pode. "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos" (Mateus 20:28).

É isso que finalmente os faz tropeçar. Essa é a rocha de escândalo – o fato de que Ele é a expiação; que Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; que Ele é a oferta para a qual todos os tipos do passado apontavam, o grande, o glorioso antítipo! Foram o ensino e a mensagem da cruz que, acima de tudo, os fizeram tropeçar. E ainda fazem. Essa é a razão pela qual o sangue de Cristo é ridicularizado hoje na Igreja Cristã. As pessoas odeiam o sangue, e estão repetindo o que os judeus fizeram.

Noutras palavras, a causa suprema do tropeço e da rocha de escândalo é que com todo o Seu ensino e, supremamente, com a Sua morte na cruz, Ele desmascara toda a autoconfiança, todo o orgulho e toda a justiça própria do homem. A cruz me diz que nada do que eu possa fazer me porá na condição de reto para com Deus, e que toda a minha fé em mim mesmo e em minhas boas obras, em minha justiça, em minhas boas ações, em minhas belas idéias, não passa de "trapo da imundícia", esterco e refugo. Esse é todo o problema deles, diz Paulo: "Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus" (Romanos 10:3). O homem, o judeu em particular, desgasta-se para estabelecer a sua própria justiça, mas Cristo, em toda a Sua pessoa e em todas as suas obras, diz: Não se pode fazer isso. Eu vim porque não se pode fazer isso.

"Não há um justo, nem um sequer" – essa é a vigorosa argumentação do capítulo três desta gloriosa Epístola aos Romanos. E Paulo resume tudo isso aqui numa frase.

Essas são, pois, algumas das razões pelas quais o Senhor Jesus Cristo é uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo para muitos. Ele os atinge em seu ponto mais sensível – orgulho: orgulho do intelecto, orgulho da moralidade, orgulho das boas obras, orgulho das façanhas, orgulho do entendimento. Não importa qual seja o seu orgulho; qualquer que seja o orgulho ou a confiança ou a segurança ou o que for que você veja em você, ou qualquer coisa que você possa fazer ou faça pessoalmente, foi reprovado e condenado uma vez por todas pela morte de Cristo na cruz. E todos os homens naturais a odeiam, abominam-na, tropeçam nela; ela é um escândalo para eles. O homem natural quer gloriar-se em si mesmo, e a cruz proclama: "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor", e nEle somente.

Depois, em terceiro lugar portanto, notem a tragédia desse tropeço, dessa rejeição do Filho de Deus e da grande salvação que dele vem! O apóstolo tinha começado o capítulo com: "Em Cristo digo a verdade não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo), que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne". E dirá de novo, no próximo capítulo: "Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para a sua salvação". Mas eles não receberam a salvação. A tragédia disso tudo!

Essa é a maior tragédia do mundo, e se vê em sua máxima expressão, claro, no caso destes mesmos judeus. Mas não se restringe a eles. É verdade a respeito de todos quantos rejeitam o Senhor Jesus Cristo, ou para quem Ele vem a ser uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo. No entanto, isto se pode ver com particular clareza no caso da nação judaica. Ouçam como o apóstolo o diz: "Eis que eu ponho em Sião" –

em Sião! – "uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo". Vocês vêem o que isso significa? Quando o Messias veio, quando veio o Filho de Deus, para onde veio? Não entre as nações, mas à Palestina! Entre os judeus! Ele veio para os Seus! Em Sião – a gloriosa cidade deles, da qual tanto se orgulhavam!

Esta é a tragédia: de todos os povos, eles O rejeitaram e tropeçaram nEle – pois eles eram justamente os que aguardavam a vinda do Messias. Eles eram um povo religioso, um povo que buscava a justiça, como Paulo já nos fizera lembrar. Eles eram o povo que tinha "os oráculos de Deus" – as Escrituras. Não as nações, os "cães". Eles eram o povo de Deus, e tinham estas coisas preciosas. E eles liam as Escrituras e as estudavam, e, baseados nisso, esperavam e ansiavam pela vinda do Messias. E Ele veio para eles, para o Seu povo, "e os seus não o receberam". Essa é a tragédia! O povo que tinha todas as vantagens que Paulo enumera nos versículos 4 e 5 deste capítulo: eles, dentre todos, tropeçaram nEle e viram nEle uma rocha de escândalo!

Não podemos penetrar fundo neste aspecto do assunto – voltaremos a ele em nosso próximo estudo – mas vocês sabem que no presente estamos testemunhando uma repetição justamente disso. Onde é que tantas vezes Cristo é clara e patentemente uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo? É fora da Igreja, no mundo? Não, é em Sua própria Igreja, é entre aqueles que reivindicam o Seu nome. Recentemente um líder da Igreja regozijou-se no fato de que "esta nova abordagem não vem de fora, mas realmente vem de dentro da Igreja"; ele se gloria no tropeço! Isso não passa de uma reedição do que aconteceu há uns dois mil anos – "Eis que eu ponho em Sião". Mas é o povo de Sião – todo o povo – que tropeça nEle, ao passo que os gentios, que estão totalmente fora, creram nEle e entraram no Reino. Não existe maior tragédia que esta – Ele veio para os Seus, e os Seus não O receberam.

Avançando ainda mais, porém, vejamos que outra coisa

está envolvida na tragédia: "Eis que eu ponho em Sião...". Quem é que está falando? O Deus todo-poderoso e sempiterno! Se você não crê em Cristo completa e absolutamente como o seu Salvador, o que você está realmente fazendo é colocar-se contra Deus e lançando em Seu rosto as Suas ações. "*Eu ponho* em Sião"! Este é o plano divino de salvação, preparado antes da fundação do mundo, proclamado profeticamente, como já vimos, no transcurso de todo o Velho Testamento. Esta é a mensagem clara, a mensagem central da Bíblia toda. É isso que os homens estão rejeitando – o que Deus revelou tão simples e claramente. É uma rejeição do próprio plano de Deus e da provisão feita pelo próprio Deus.

Permitam-me citar novamente o apóstolo: "Não conhecendo a justiça de Deus", o caminho da justiça de Deus – aquilo em que ele se havia gloriado no início. "Não me envergonho do evangelho de Cristo", dissera ele no capítulo primeiro. Por quê? Porque "é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus..." (Romanos 1:16,17) – a justiça no plano de Deus! Paulo tinha repetido isso; vemo-lo no capítulo 3, versículo 21: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus". Esse é o seu grande tema. Mas é isso que as pessoas estão rejeitando. Os judeus que afirmavam que somente eles criam em Deus, diversamente destes gentios pagãos que cultuavam ídolos mudos e coisas vãs, eles, os crentes em Deus, estão rejeitando o próprio plano de Deus para salvação!

Contudo a tragédia é pior ainda. Eles não estão rejeitando somente o propósito e o plano de Deus para salvação; estão rejeitando o ato mais glorioso, a ação mais maravilhosa realizada por Deus. É coisa terrível rejeitar alguma coisa que tenha sido feita por Deus, porém, rejeitar o Seu feito mais maravilhoso de todos, que se pode dizer a respeito? Permitam que eu cite de novo (Isaías 28:16): "Portanto, assim diz o Senhor Jeová: eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e

fundada: aquele que crer não se apresse".

Que é que ele quer dizer com esta "pedra já provada", esta "pedra preciosa de esquina", pedra "bem firme e fundada"? Oh, esta é apenas uma maneira pitoresca de dizer o seguinte: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). A pedra preciosa! O Seu bem-amado Filho unigênito! "Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho" (Gálatas 4:4). Nada maior que isso Ele poderia enviar! Ele envia o Seu próprio Filho com toda a perfeição e glória da Sua deidade eterna – Ele é Aquele que Deus envia. Não um grande homem, não um profeta. O Seu próprio Filho! Sim, Aquele que não somente pode ser aprovado em todas as provas, mas que de fato o foi. "Uma pedra já provada"! Aquele que "como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado". O diabo investe contra Ele e põe em ação todas as suas reservas. Ele resiste! O vencedor poderoso! Ele doou uma vida de perfeita obediência à lei de Deus. Experimentado e provado pela lei. "Nascido de mulher, nascido sob a lei." E Ele obedeceu à lei com perfeição absoluta.

Não somente isso. A fim de nos salvar, foi-Lhe dito que Ele teria que ser, Ele próprio, uma oferta pelo pecado em nosso favor. Ele deveria levar sobre Si os nossos pecados e a nossa culpa e receber o castigo merecido que a eles cabia, e isso envolveria separação do Seu Pai. Eis aí o teste! Eis aí a prova! Poderá resistir a tal prova? Ei-lO ali encarando-a no jardim de Getsêmani, suando gotas de sangue, e Ele diz: "Pai, se possível... todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres". Ele resistiu à prova! "Eu irei", diz Ele. "beberei e sugarei o cálice até o fim, sem deixar nenhuma escória." E o fez! Como um cordeiro Ele foi para o matadouro. Não somente isso; Ele prestou perfeita obediência ativa à Lei; Ele prestou igualmente perfeita obediência passiva à Lei e a cada uma de suas exigências. E ali está Ele na cruz do Calvário, em agonia, com as taças da ira de Deus derramadas sobre Ele.

"Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou" – já consideramos isso no capítulo 8:32* – "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós..." – não Lhe poupou nada do horror da punição do pecado. Ele a recebeu totalmente! Sofreu-a completamente! Uma pedra provada! Uma pedra submetida à prova! Uma preciosa pedra de esquina! "Mas Ele morreu", vocês dirão. Eu sei. Todavia não foi o fim. Ele ressuscitou! Está consumado", Ele tinha bradado na cruz. E Ele provou que estava consumado ressuscitando na manhã do terceiro dia, manifestando-Se por Sua ascensão e tomando assento à destra de Deus. Mas para estes judeus tudo isso foi um escândalo. Foi uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo. Esta coisa maravilhosa e gloriosa realizada pelo Pai e o Filho e o Espírito Santo! A maravilha da eternidade rejeitada e repudiada com ignomínia, com ignomínia e escárnio!

No entanto, nem aí a tragédia termina, porque, ao fazerem tudo isso, eles estão rejeitando uma salvação extraordinariamente gloriosa. Que é que eles estão rejeitando? A livre graça de Deus! Estão rejeitando algo que lhes diz: assim como vocês estão, "sem nenhum direito", poderão ser perdoados, se crerem em Cristo. Justificação somente pela fé! Nada exigido que se faça, senão crer! "Vinde às águas... comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite." "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus." Estão rejeitando o dom gratuito! O dom de quê? O dom do perdão perfeito, os seus pecados cancelados, inteiramente esquecidos e lançados nas profundezas do mar do esquecimento divino. Não somente isso; vocês serão considerados como se tivessem cumprido a Lei perfeitamente, pois a justiça de Cristo lhes será imputada. Vocês terão cumprido a Lei, tê-la-ão observado, estarão quites

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos*, PES, São Paulo, 2002.

com ela, estarão mortos para ela. "Nenhuma condenação há", nunca mais, para sempre, "para os que estão em Cristo Jesus."

Mas tudo isso é recusado. A nova vida, a nova natureza, o poder e o auxílio para a luta e o combate enquanto somos deixados neste mundo; a esperança da glória, o fato de sermos feitos filhos de Deus, "E... se filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, e a certeza de que estaremos com Ele na glória eterna. Tudo isso é recusado, apesar de tudo ser oferecido sem nenhuma cobrança! E tudo por causa do orgulho do homem, tudo porque ele pensa que por si mesmo pode adequar-se a Deus, ao céu e à glória. Tudo porque ele é orgulhoso demais para admitir que é pobre, que é incapaz, que está em desamparo e que não tem coisa alguma. Ele rejeita tudo isso. Essa é a tragédia.

Eis aqui, porém, o fim da tragédia: "Todo aquele que crer nela (na Pedra) não será confundido; mas todo aquele que vê em Cristo uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo será confundido. Quem não crê no Filho de Deus como o único Salvador e como o único meio de ser reconciliado com Deus, nunca terá satisfação nesta vida, nunca! Estará sempre lutando e buscando, nunca chegando. Ele não conhecerá nenhum refúgio em sua hora de provação, de crise e de necessidade. "Ponho em Sião... uma pedra já provada, um refúgio", disse Deus por meio de Isaías; um lugar para onde você poderá correr e estar a salvo. Um refúgio! Mas o homem que rejeita a Cristo não tem onde procurar refúgio. Quando desaparece a saúde e chega a doença, quando a morte visita a família, quando é tentado e provado, ele não tem coisa alguma. Nada a que recorrer, nada em que se apoiar, nada que o sustenha.

E quando chegar a hora da sua morte e ele tiver o seu primeiro vislumbre da lei de Deus, da glória de Deus, da glória de Cristo e de todos os espíritos dos justos aperfeiçoados, enxergará a sua própria vileza e ficará horrorizado; quando tentar pôr-se de pé diante de Deus, não conseguirá. Não conseguirá subsistir na congregação dos justos; será como a

moinha que o vento espalha. Perceberá que não chegou "à lei da justiça", que tudo aquilo de que se gabava e em que punha a sua confiança não é nada senão vil refugo na presença de Deus, e ele próprio verá isso. Contudo será muito tarde; finalmente ele perceberá a sua loucura, a loucura de um orgulho que prefere continuar com seus esforços vãos e inúteis, e que rejeita o oferta gratuita de salvação; ele perceberá isso, mas será muito tarde. E passará toda a sua eternidade num estado de remorso inútil e vão.

Essa é a tragédia do judeu! Foi por isso que o apóstolo disse: "Eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne". Por isso ele disse: "O bom desejo do meu coração e a oração a Deus... é para sua salvação" – que sejam salvos, que sejam libertados de tudo isso. A tragédia! O tropeço – não ver nada senão" uma rocha de escândalo"! No plano de Deus! No Filho de Deus! Na livre graça de Deus! Todas as bênçãos da salvação nesta vida e a bênção interminável da vida de glória na eternidade!

Falemos com clareza. O Senhor Jesus Cristo é uma destas duas coisas para cada um de nós: ou você crê nEle e firma sua fé nEle somente, ou então Ele é para você uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo. Oxalá a terrível lição da nação judaica acorde todo aquele que acaso esteja em dúvida. Queira Deus abrir os seus olhos e mostrar a você a loucura, a tragédia, a atrocidade que há em ver o próprio Filho de Deus e a Sua obra perfeita e gloriosa como uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo. Seja Deus misericordioso! Mas, oxalá Ele abra os olhos de todos – daqueles que crêem nEle inclusive. Meus amigos, nós não cremos o suficiente! Não nos gloriamos nEle como deveríamos gloriar-nos! Nós declaramos isso; tomamos isso como coisa líquida e certa, mas, nós nos damos conta do que aconteceu? Deus pôs esta pedra, o Seu próprio Filho. Isso envolveu feri-lO para que fôssemos libertados, perdoados, renovados, para que nos tornássemos filhos de

Deus e "co-herdeiros de Cristo", e para que, finalmente, entremos na posse da glória!

Oh, roguemos humildemente a Deus que nos olhe, a todos nós, com misericórdia e compaixão. Sentimos que os nossos ouvintes são tão frios! Peçamos a Ele que, por Seu Espírito, abra os olhos do nosso entendimento para que possamos ver estas coisas com tal clareza que fiquemos comovidos nas profundezas e nos órgãos vitais do nosso ser, e nos enchamos de um sentimento de encantamento, amor e louvor. Queira Deus conceder-nos que, doravante, quando cantarmos o hino de Isaac Watts, realmente queiramos dizer o que ele diz:

Quando contemplo a estupenda cruz,
Na qual morreu o Príncipe da glória,
Meu maior ganho, perda considero,
E desprezo derramo em meu orgulho.

Se fosse meu o universo inteiro,
Pequeníssima oferta a Deus seria.
Amor tão admirável, tão sublime
Minha alma e vida e todo o meu ser exige.

E que seja a nossa oração: "Toma-os, ó Senhor Deus! Já pagaste por eles. Devolvemo-los a Ti".

25

Não temos nenhum versículo particular de Romanos, capítulo 9, como texto para este estudo porque o meu desejo é tirar certas lições e deduções do capítulo todo. Qualquer que seja a avaliação feita, este capítulo é vital e central, não somente considerado no argumento de toda a Epístola aos Romanos, mas também do ponto de vista da doutrina cristã e de um entendimento da verdade cristã. E penso que, à medida que o temos percorrido, todos nós tenhamos chegado a vê-lo e a examiná-lo – ao menos é o que eu espero – de maneira mais profunda do que jamais havíamos feito antes.

Pois bem, claro está que enquanto o apóstolo tratava principalmente da situação que prevalecia de maneira real e concreta na Igreja Cristã do seu tempo e da sua geração, da trágica situação dos judeus como nação, ao mesmo tempo lançava princípios que são de aplicação universal e que, de tempos em tempos, têm emergido com particular clareza na longa história da Igreja Cristã. E é por isso que chamo a atenção de vocês para algumas dessas lições gerais que, ao que me parece, sobressaem na própria superfície deste ensino. E, ao fazê-lo, quero salientar que o nosso estudo das Escrituras sempre deve ter esta intenção e este objetivo práticos.

Não há nada que seja tão fatal – é por isso que fico repetindo isto – como aproximar-nos das Escrituras com interesse puramente teórico ou intelectual ou acadêmico. Esse é um dos maiores perigos; é uma armadilha muito real. É um perigo em que muitos têm caído. Estes abordam a Bíblia dessa maneira intelectual, desligada, como se fosse um assunto como outro qualquer, e nunca se deram conta da sua relevância para

eles próprios. Portanto, é para mostrar que esta passagem das Escrituras que estivemos examinando é tão abundante de lições práticas para nós que vamos tomar todo o presente estudo para extraí-las.

Bem, a primeira grande lição que vejo aqui é o valor do Velho Testamento. Devemos começar com isso porque é bastante óbvio em todo o conteúdo do capítulo que, para Paulo, o Velho Testamento é absolutamente essencial à sua posição e a todo o seu argumento. E isso é igualmente certo agora como foi então. Talvez vocês digam: "Ah, mas ali, naturalmente, ele estava tratando do problema judaico e só dos judeus; por isso ele necessariamente usa o Velho Testamento. Todavia agora somos cristãos, e porque somos cristãos e membros da Igreja Cristã, que é que o Velho Testamento tem para nos dar?" Assim, há muitos, parece-me, que pensam que como agora estamos nesta nova posição, o Velho Testamento é totalmente inútil e irrelevante para eles e nada tem a ver com eles.

Pois bem, mesmo que não tivéssemos nada senão este capítulo nove de Romanos, certamente seria suficiente para corrigir qualquer tendência desse tipo em nós. O apóstolo usa constantemente o Velho Testamento, e não o faz somente aqui, como também em todas as suas outras Epístolas. Na verdade, não há nada que seja tão característico do Novo Testamento em geral como a maneira pela qual ele extrai e cita textos das Escrituras do Velho Testamento a fim de elucidar ou de explicar algum ponto, ou para estabelecer algum argumento particular; e por isso eu extraio estas lições particulares com relação ao valor do Velho Testamento.

A primeira é que se vê a sabedoria dada à Igreja Primitiva neste sentido. Lembrem-se de que ela era uma Igreja mormente gentílica e que recebeu dos judeus algumas das perseguições mais cruéis que sofreu. Que é que seria mais natural e instintivo para os cristãos do que rejeitarem o Velho Testamento e dizerem que não tinham nada a ver com os judeus, e que a Igreja Cristã era uma coisa inteiramente

nova? Mas não fizeram isso; eram guiados pelo Espírito Santo. E portanto, quando desenvolveram a sua nova literatura, foram guiados a incorporar nela a velha literatura e a formar o livro que agora chamamos Bíblia. Vemos aí a sabedoria de Deus dada à Igreja Primitiva, uma sabedoria que tem protegido a Igreja através dos séculos, livrando-a de muitos erros e perigos graves.

O segundo ponto acerca do valor do Velho Testamento – e devemos ter notado isso quando estivemos considerando este capítulo – é quão forte esteio ele é para a nossa fé! O apóstolo, mais adiante nesta Epístola, fala sobre a "paciência e consolação das Escrituras" (Romanos 15:4), e quanta verdade há nisso! Por exemplo, quando vocês se defrontam com o problema do qual o apóstolo trata neste capítulo, que os judeus estão fora da Igreja enquanto os gentios estão dentro, vêem que é um problema muito grande, e há outro semelhante. Pessoas que esperaríamos ver como cristãs, muitas vezes não são, e vice-versa. E é muito difícil entender estas coisas. Entretanto, com muita freqüência a resposta encontra-se no Velho Testamento, e é por isso que não devemos cessar de dar graças a Deus por nos ter dado a paciência e a consolação das Escrituras do Velho Testamento, bem como do Novo. Que consolo deve ter sido para o apóstolo, quando estava elaborando o seu argumento, poder dizer: "Como disse Oséias", ou, "Como disse Isaías", ou alguma outra citação do Velho Testamento utilizada por ele!

Depois, uma terceira lição é que o propósito de Deus é um só. Seu propósito no Velho e no Novo Testamentos é o mesmo. É muito errado fazer grande diferença entre o Velho e o Novo Testamentos. Muitos são os que fazem isso; dizem eles: "Atualmente não estamos sob a lei, estamos sob a graça". Certo; o apóstolo disse isso, porém não o disse nesse sentido errôneo. Não o disse no sentido de que podemos repudiar o Velho Testamento. O propósito de Deus parte do Velho Testamento e nele vai-se desenvolvendo até chegar ao Novo Testamento, e

continua. E ainda está continuando, mas o propósito original é o que foi anunciado em Gênesis 3:15. Certamente este capítulo vem pondo isso diante de nós o tempo todo. Temos sido levados de volta a Abraão, ao princípio mesmo da nação judaica, e Paulo nos conduziu no percurso todo até aos profetas. Dessa forma vemos que o propósito de Deus é um só, e continua sendo o mesmo.

A seguir, em quarto lugar, vimos que não somente o propósito de Deus é sempre o mesmo, mas também que o método de Deus é sempre o mesmo. O método que Ele empregou, por exemplo, com Isaque e Ismael é exatamente o mesmo que Ele empregou com Jacó e Esaú. A mesma coisa através dos tempos dos profetas; e continua sendo a mesma coisa agora, diz o apóstolo – é sempre o mesmo método. Noutras palavras, o plano e o propósito de Deus são um só, e assim é o Seu método. Um princípio da graça é tão óbvio no Velho Testamento como no Novo. Pois bem, muitas pessoas nunca viram isso. Elas acham que no Velho Testamento vocês não têm nada senão lei. Contudo isso está completamente errado! O apóstolo nos esteve mostrando a operação da graça; não somente da graça, porém também da eleição, tanto no Velho Testamento como no Novo – e a operação da graça ainda prossegue. Isso é uma coisa maravilhosa para mim. Significa que estamos no centro do propósito de Deus e que Ele está efetuando esse propósito mesmo hoje, como sempre fez nas eras passadas.

E a derradeira lição que extraio, quanto ao valor do Velho Testamento, é que quando somos confrontados por algum problema da esfera da fé e da doutrina, o que sempre devemos fazer é enfrentá-lo à luz do ensino das Escrituras. É o que o apóstolo faz. Ele argumenta e argúi, mas sempre tem as Escrituras como seu pano de fundo: aí está a sua prova final. Assim o vemos citando as Escrituras de maneira tão livre e liberal a fim de estabelecer a sua causa; e esse deve ser o nosso método. Nunca devemos encarar estes problemas com uma

espécie de método abstrato como tantas pessoas fazem hoje em dia. Devemos evitar isso, e devemos enfrentá-los à luz do ensino das Escrituras.

Além disso, é espantoso o número de problemas que podem ser resolvidos meramente com o Velho Testamento. Naturalmente, isso de fato não nos surpreende porque, como eu disse, o método de Deus é um só, e, portanto, vocês verão, talvez, nalguma ilustração histórica registrada no Velho Testamento, o procedimento de Deus para com alguma pessoa ou para com toda a nação. Verão ali o ensino que é aplicável a vocês, pessoal e individualmente, hoje, ou com relação a algum problema que está deixando perplexa a mente de vocês. Vocês vêem, aqui o apóstolo responde realmente a esta grande questão do "propósito de Deus, segundo a eleição", e trata dela por meio de uma série de citações do Velho Testamento. Diz ele: "Acaso vocês não vêem que foi isso que Deus sempre fez? Não se surpreendam, pois, face ao que Ele está fazendo agora". E esse argumento é tão válido hoje como quando o apóstolo o utilizou há cerca de vinte séculos.

Portanto, aí estão algumas lições gerais que se pode aprender quanto ao uso e ao valor do Velho Testamento. Nunca nos esqueçamos disso. Essa é a maneira de lidar com um problema. Pensem! Pensem nas Escrituras! Deixem vir sobre o seu problema aquilo que Deus ensinou e revelou tão claramente nas Escrituras. Temos agora o Novo Testamento, como também o Velho Testamento, porém isso não quer dizer que descartamos o Velho Testamento.

Mas permitam que eu passe a um segundo grupo de lições, as lições pessoais que, ao que me parece, devemos aprender do argumento deste capítulo. Quando digo lições pessoais, entendo que certamente todos nós devemos ter visto mais claro do que nunca antes, se estivemos acompanhando este argumento, que há certas coisas nas quais nunca devemos apoiar-nos em conexão com a nossa relação com Deus. Bem, pode ser que pensemos que estas coisas não precisam mais

ser ditas; pensamos que as conhecemos bem; mas não! Penso que um dos maiores perigos da vida cristã é o de sempre o cristão se voltar a apoiar-se nas obras, de um modo ou de outro. À semelhança dos gálatas, temos a tendência de começar pelo Espírito e terminar pela carne. Começamos pela fé e terminamos firmados nas obras. Isso está sempre se insinuando. Se há na Bíblia um capítulo que mais que qualquer outro deve servir-nos de advertência contra esse perigo, é o capítulo nove da Epístola aos Romanos.

Que coisas Paulo exclui? Eis algumas delas: exclui o nascimento natural. Entendemos bem isso? O fato de que os nossos pais e os nossos avós ou os nossos antepassados eram grandes cristãos não significa que somos cristãos. Essa foi toda a tragédia dos judeus, como já vimos. Juntem-se ao nascimento a família, a nação – nenhuma destas coisas importa. Mas, amigos, que importância estas coisas têm tido através dos séculos! Ainda existem pessoas que acreditam que a Inglaterra é um país cristão.* Absurdo total! Isso não existe. Nunca houve um país cristão, e, à luz deste ensino, não pode haver. Se o governo de vocês se diz cristão ou não, não faz a mínima diferença para este ensino espiritual. Não, nunca devemos firmar-nos nestas coisas. Este capítulo põe isso fora, talvez mais claramente do que qualquer outra coisa repudiada por ele.

No entanto devemos acrescentar algo. Nunca devemos fiar-nos na religião. O fato de que você é uma pessoa religiosa não significa necessariamente que você é cristão. Os judeus eram altamente religiosos. Você pode ser religioso sem ser cristão; estas coisas não são sinônimas. Você pode crer em Deus e, contudo, não ser cristão. Essa é a grande lição aqui. Eles "tropeçaram na pedra de tropeço". Que pedra? Não só crer em Deus, mas crer no Senhor Jesus Cristo. Essa foi a pedra de tropeço! E ainda é. Não devemos fiar-nos na religião, não

---

* E não só lá acontece isso, lamentavelmente! Nota do tradutor.

devemos fiar-nos numa crença em Deus, não devemos fiar-nos em nossas boas obras. Apesar de boas, são inúteis aos olhos de Deus. Unicamente uma coisa nos faz retos para com Deus; não as nossas obras. Tivemos isso exposto claramente diante de nós: "Não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal...". Isso põe fora as nossas obras uma vez por todas. Nunca devem entrar. Nunca se lhes deve permitir que façam qualquer tipo de aparecimento em nossa relação com Deus. Não é isso que determina a salvação.

E, finalmente, devemos ter visto claramente que não devemos fiar-nos nem em nossa fé no Senhor Jesus Cristo. Não é o fato de eu crer que me salva, não é a minha fé que me salva. Se eu disser isso, estarei transformando a minha crença e a minha fé em obras. Estarei atribuindo crédito a mim mesmo, e eu não devo fazer isso. Este é o capítulo dos capítulos da Bíblia que tira do homem toda e qualquer espécie de crédito: "Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)". O apóstolo usou trinta e três versículos para expor esse ponto. É essencial. Queira Deus que tenhamos aprendido essa lição. Somos o que somos pela graça de Deus, e unicamente por Sua graça. E, como isso é verdade a nosso respeito agora, igualmente será verdade a nosso respeito em nosso leito de morte. Não temos nada em que possamos pôr a nossa confiança a não ser no propósito de Deus e em que estamos incluídos nele por Sua graça.

Então, a primeira lição pessoal foi mostrar-nos o que é excluído, e a segunda é o inverso disso: a nossa relação com Jesus Cristo, e Ele crucificado, é a única e exclusiva coisa que importa. Somos justificados em Cristo, e nEle somente. É o que Ele é e o que fez por nós que nos salva, e nada que haja em nós. O que nos salva está total e inteiramente nesta Pessoa única e bendita. Ei-lo: Ele é, ou uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo, ou Ele é para nós tudo em tudo – absolutamente

tudo! Esse é o grande propósito deste capítulo, e essa é a tragédia dos judeus. Eles estavam certos em tantas coisas, mas erraram no que realmente importa. Nada importa, senão isso. A única e singular questão é: "Que pensais vós do Cristo?"

Portanto, o nosso terceiro ponto sobre esta lição pessoal – e certamente este ponto deve ter sido captado por nós de maneira terrificante – é a necessidade de constante auto-exame. Por quê? É por causa do perigo que corremos de presumir e de supor que tudo está bem conosco. Os judeus nunca tinham suspeitado que havia algo de errado com eles. Eles sabiam que eram "israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais...", e sempre haviam presumido que tudo estava bem. Temos aí de novo uma aterrorizante lição que também aparece, talvez, mais claramente neste capítulo do que em qualquer outra parte das Escrituras. Aí está a tragédia do judeu, uma vez por todas; a tragédia de tomar como coisa líquida e certa que tudo está bem conosco quando não está.

Naturalmente, o nosso Senhor trata do mesmo ensino. Esse é o ponto visado por Ele na grande parábola do fariseu e o publicano que juntos subiram ao templo para orar. É exatamente o mesmo ponto. "Ó Deus, graças te dou", disse aquele pobre fariseu, "graças te dou, porque não sou como os demais homens." Perfeitamente feliz e, contudo, totalmente errado! Essa é a grande lição da nação judaica. Examinemo-nos a nós mesmos, "provemo-nos a nós mesmos", como diz o apóstolo aos coríntios, certifiquemo-nos de que permanecemos "na fé" (2 Coríntios 13:5), ou, como diz Pedro, procuremos "fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição" (2 Pedro 1:10). O Novo Testamento está repleto de exortações desse tipo, e aqui, nesta tremenda descrição da situação da nação judaica, somos levados a ver a importância do constante auto-exame.

E a última lição pessoal que tiro – e esta acha-se à superfície nesta passagem – é o perigo de ler as Escrituras com mente preconceituosa. E aqui, de novo, essa é uma coisa que é bastante

óbvia no caso dos judeus. A eles pertenciam as Escrituras. O apóstolo nos tinha lembrado isso já no capítulo 3: "porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas (ao judeu)". Eles diziam: "Aqueles outros povos, os gentios, são cães; eles não têm nenhuma revelação, não têm as Escrituras, Deus não lhes falou; eles nunca tiveram nem profetas nem patriarcas; mas nós temos as Escrituras" – ou "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna". Essa era a sua orgulhosa jactância, e eles liam as Escrituras e eram peritos nelas. Contudo, estão perdidos, estão fora do Reino, foram reprovados. Por quê? Bem, como já vimos tão claramente nas citações que o apóstolo fez das Escrituras, o preconceito os cegara.

Agora, esta é a coisa mais alarmante que podemos compreender acerca de nós. Cada um de nós está sujeito ao preconceito. Nenhum de nós está livre disso; o diabo cuida que seja assim. E, quanto ao número, os preconceitos são quase intermináveis. Assim é que quando vamos às Escrituras, vamos com olhos preconceituosos, e vemos o que queremos ver. É o que os hereges sempre fizeram, não é? Eles sempre citavam as Escrituras. Alguns dos hereges modernos citam um pouco das Escrituras, não muito, porém mesmo eles tentam citá-las um pouco. E, se vocês tomarem as Escrituras com preconceito na mente e no entendimento, poderão provar quase tudo o que quiserem. Assim, os judeus se sentiam perfeitamente felizes acerca de si mesmos, porque lhes parecia que as Escrituras, em toda parte, diziam que só eles estavam salvos e que todos os demais estavam perdidos; ao passo que a verdade era que eles estavam perdidos e os outros estavam salvos.

Devemos sempre ter cuidado com o preconceito. Nunca devemos ler as Escrituras sem orar. Nunca devemos abordá-las sem pedir ao Espírito Santo que nos guie, nos dirija e nos conduza. Devemos humilhar-nos deliberadamente, devemos dizer a nós mesmos: bem, por que vou às Escrituras? Estou indo só para encontrar argumentos que dêem suporte à minha

tese, ou vou para ser instruído, para ser esclarecido, a fim de ter os meus olhos abertos para a verdade de Deus? Devemos sempre tentar ir como crianças e estar sempre prontos a ver que estamos errados. Não é nenhuma vergonha mudar de opinião ou dizer: "Eu estava errado". Ora, é maravilhoso dizer isso. Existe uma espécie de coerência que é sumamente repreensível, que revela mente estreita. Devemos ter estatura suficiente para confessar que estávamos errados. Não devemos buscar as Escrituras meramente para comprovar o que sempre pensamos e dissemos. Não há nada mais maravilhoso do que um homem dizer: "Havendo eu sido cego, agora vejo"! (João 9:25).

Espero realmente que alguns de nós tenhamos passado por essa experiência enquanto estivemos trabalhando o capítulo nove de Romanos. Se você assumir a posição na qual diga, "Eu nunca acreditarei nisso!", duvido que você é cristão. Você nunca deve dizer isso com relação à verdade de Deus. Jamais devemos dizer isso quanto a nenhum aspecto dela. Devemos estar prontos a ouvir, prontos a examinar, a ter mente aberta, mente predisposta à iluminação do Espírito. Aqui, vocês vêem, estão estas pessoas; elas são uma perpétua advertência para nós; com as Escrituras abertas diante delas, e com o prazer que nelas têm, estão todas erradas. Por quê? Preconceito! Que coisa terrível é! Deus nos livre a todos disso.

Aí estão alguns dos pontos que chamei de lições pessoais encontradas neste capítulo. Mas agora quero dar mais um passo e ir a um terceiro grupo de lições, de escopo mais amplo. Ao que me parece, aqui há algumas lições que são muito relevantes do ponto de vista da Igreja como um todo, especialmente para a Igreja Cristã nas condições em que ela se encontra na atualidade. Por exemplo, aqui está uma lição: este capítulo é uma perpétua advertência contra a atitude de considerar como cristãos todos quantos são membros da Igreja Cristã, no sentido de Igreja visível. Permitam que eu diga isso mais uma vez. O erro essencial daqueles judeus era que eles

pensavam que o mero fato de que eram judeus significava que necessariamente eles eram filhos de Deus e eram retos para com Deus. O argumento deles era: "Nós nascemos judeus, pertencemos à nação judaica, e, portanto, necessariamente, somos o povo de Deus e somos os herdeiros das promessas". Todo o objetivo do capítulo consiste em dizer que não é assim; isso é asseverado explicitamente, como já vimos, no versículo 6: "Nem todos os que são de Israel são israelitas", ou, VA: "Nem todos os que são de Israel são Israel". Você pode pertencer ao Israel visível e, todavia, não ser autenticamente membro do verdadeiro Israel.

Ora, esse é um daqueles pontos que são muito pertinentes hoje. Parece-me que o principal argumento a favor do chamado movimento ecumênico é precisamente este – que as pessoas que se dizem cristãs e que são membros da Igreja Cristã são portanto cristãs e devem ser consideradas como tais. Todavia me parece que esse argumento se contrapõe ao principal argumento de Romanos, capítulo 9. É uma lástima, mas é possível afiliar-se à Igreja Cristã e, contudo, não ser cristão. Você pode ter o seu nome num rol de igreja, pode ser considerado cristão e, todavia, não o ser. Esse é o argumento geral do capítulo todo. Assim como foi possível a Israel cometer esse erro, assim também nos é possível cometê-lo. O que corresponde ao Israel visível é a Igreja visível, e o que o apóstolo está dizendo é: "Nem todo aquele que é do Israel visível é "de" Israel; assim também, nem todo aquele que é da Igreja visível é da verdadeira Igreja.

Naturalmente os judeus pensavam que pertenciam ao verdadeiro Israel porque eram circuncisos. Quantos haverá, pergunto eu, que pensam hoje que são cristãos porque foram batizados? Há muitos que pensam que são cristãos porque foram batizados na infância. Há outros que pensam que são cristãos porque foram batizados quando adultos. Contudo o batismo nunca faz ninguém cristão, seja criança seja adulto. Os judeus achavam que a circuncisão fazia isso, muitos

acham que o batismo o faz, mas ambos estão errados. Você pode ter passado pelo rito, ou o rito pode ter sido realizado em ou sobre você, porém não é isso que muda a sua condição. Portanto, devemos ser cautelosos quanto ao argumento que diz: "Olhe aqui, por que você não se junta a nós? Você está criticando seus colegas cristãos". "Mas", você perguntará, "vocês estão seguros de que eles são cristãos?" "Ora, ora", responderão eles, "aí está, você pensa que só você é cristão. Certamente eles são cristãos; são membros da Igreja Cristã, e, por conseguinte, só podem ser cristãos." Mas isso é uma negação do argumento do apóstolo em Romanos, capítulo 9.

Depois, a segunda lição que vejo aqui é a diferença entre continuidade vera e falsa. O erro dos judeus realmente se baseava no fato de que eles procediam em linhagem linear de Abraão. Seu grande argumento sempre era: "Abraão é o nosso pai". Eles o apresentaram contra o nosso Senhor quando em certa ocasião Ele lhes disse: "Se vós permanecerdes em minhas palavras, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Eles Lhe responderam: "Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: sereis livres?" (João 8:31-33). Descendência linear, direta! Continuidade física! Eles achavam que era isso que garantia a sua salvação e provava que eles, e somente eles, eram filhos de Deus. Pois bem, é a isso que chamo "falsa continuidade". É a continuidade de Ismael, Esaú e companhia. Há uma continuidade aí, naturalmente que há, uma continuidade direta de Abraão, Ismael, Esaú etc., seguindo seu curso ininterruptamente. É uma continuidade, porém, de acordo com este argumento, é uma continuidade falsa. A real continuidade, diz Paulo, é: Abraão, Isaque, Jacó, Davi etc.

"Mas, que é que isso tem a ver conosco?", alguém perguntará. Bem, há também na igreja cristã uma continuidade falsa e uma verdadeira; e é devido muitos não perceberem isso que se extraviam em sua doutrina. Existem os que assumem a

posição segundo a qual dizem que nenhuma outra coisa importa e que esta é a questão final sobre autoridade – a sucessão apostólica, aquele grande argumento da igreja católica romana, bem como dos anglo-católicos.* "Vocês, não conformistas", dizem eles, "não têm ministério nenhum; não foram ordenados por um bispo procedente em descendência linear do apóstolo Pedro, que foi o primeiro. Mas nós fomos. Aqui temos uma linha direta, temos a continuidade."

No entanto Romanos, capítulo 9, trata disso também – vocês perceberam? É muito pertinente à situação atual. Para começar, questionamos e contestamos essa continuidade. Mas não precisamos desperdiçar tempo com isso. Mesmo que concedêssemos a eles a sucessão e a continuidade apostólicas – o que não fazemos, porém, mesmo que o fizéssemos – isso não provaria nada, porque o argumento de Romanos, capítulo 9, é que essa pode muito bem ser a continuidade falsa. A verdadeira continuidade é o que importa. A verdadeira sucessão apostólica não é a que tem seqüência com uma imposição mecânica das mãos de um ao próximo, como Ismael e Esaú provieram de Abraão e de Isaque dessa maneira falsa. Não, a real continuidade é espiritual. O homem que está na linha direta de sucessão dos apóstolos é o que prega a doutrina dos apóstolos, o que tem em si o espírito dos apóstolos.

Este é o argumento, notem vocês, empregado com muita freqüência no Novo Testamento. Em Efésios 2:11, onde Paulo nos fala sobre a atitude dos judeus para com os gentios, ele diz: "Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens". Essa é a falsa continuidade. A circuncisão feita por mãos – a falsa, a externa. A verdadeira é a circuncisão do coração. De fato Paulo

---

* Pertencentes a um segmento da Igreja Anglicana que pende favoravelmente para os ritos e instituições da igreja católica romana. Nota do tradutor.

já se havia referido a isso em Romanos 2:29, onde ele se expressa nestes termos: "É judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra: cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus"

E assim aplicamos tudo isso à situação atual desta maneira: o que importa na esfera da Igreja não é o visível, é o invisível. Paulo, permitam que lhes lembre, argumentou: "Nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é: não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência". Vocês vêem a distinção? A descendência falsa e a verdadeira. Há somente uma Igreja realmente contínua, e essa é a continuidade espiritual dos que "nasceram de novo", dos que são "guiados pelo Espírito". Nenhuma outra coisa tem qualquer valor.

A outra, eu sei, é um tipo de continuidade; vocês podem partir dos apóstolos e descer percorrendo o curso da história, e verão uma continuação numa instituição. Mas não tem valor nenhum. Pode até ser do diabo. Pode ser a continuidade que foi uma maldição para a nação de Israel e o cegou para a verdade espiritual, como cegou e mantém cego o catolicismo romano até hoje. Nada importa aqui, senão a continuidade espiritual. A verdadeira semente, a real continuidade, não é mecânica, externa, física, fruto da imposição das mãos ou resultante de qualquer outra coisa; é a continuidade da obra do Espírito.

Passemos a uma terceira lição, que deduzimos nestes termos: nunca devemos surpreender-nos se a Igreja achar-se num estado de apostasia. Acho isso sumamente reconfortante; na verdade, é por isso que eu acho todo este capítulo um capítulo muito reconfortante. Se a nação de Israel pôde apostatar, apostatar é então uma possibilidade para todos. O fato de que a Igreja é a Igreja não prova que ela está sempre certa. O povo visível de Deus pode andar errado, todo ele.

Isso aconteceu muitas vezes, e eu acredito que está acontecendo hoje. Portanto, não devemos supor que, porque as pessoas dizem, "Nós pertencemos à Igreja", elas estão certas. Tampouco a Igreja deve supor que, porque é a Igreja, ela está certa. A Igreja sempre deve colocar-se sob o juízo da Palavra de Deus.

Vejam vocês, a nação de Israel era a Igreja sob a antiga dispensação. A nação e a Igreja eram uma coisa só. Logo, o que é verdade quanto à nação na antiga dispensação, é verdade quanto à Igreja na nova. A nação tornou-se apóstata, a Igreja pode tornar-se apóstata. Eu acredito que isso aconteceu antes da Reforma. Receio que esteja acontecendo novamente, até na Igreja reformada, mas não devemos ficar surpresos com isso. Aqui está o ensino que nos prepara para isso. Portanto, longe de dizer que a Igreja como um todo nunca pode errar, devemos estar prontos a acreditar que pode.

Agora, ao passarmos à próxima lição, número quatro, temos aqui real fortalecimento e consolação. Supondo, por mera hipótese, que este capítulo não nos ensina nenhuma outra coisa, certamente nos ensina que jamais precisamos ter temor acerca do futuro da Igreja Cristã; jamais teremos necessidade de ficar alarmados acerca do futuro do povo de Deus. Por que não? Temos a resposta aqui: "Também Isaías clamava acerca de Israel: ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo". Somente um remanescente! Paulo o repete: "E como antes disse Isaías: se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência, teríamos sido feitos como Sodoma, e seríamos semelhantes a Gomorra". Era como se toda a nação tivesse desaparecido – Sodoma e Gomorra! O fim! Destruição final!

Não! Deus preservou uma semente. Portanto, não temos por que jamais temer o futuro da Igreja Cristã. Que o inimigo faça o que quiser; falem vocês quanto quiserem sobre o comunismo e sobre todos os outros inimigos da fé cristã... Não se apavorem, não se preocupem com o que possa acontecer

com a Igreja; esse tipo de coisa já aconteceu muitas vezes. Quem a preserva é Deus, e Ele sempre vai preservar uma semente. Não precisamos ter nenhum temor, e o Seu propósito certa e seguramente será levado a efeito. Houve muitas ocasiões em que o fim parecia ter chegado – Sodoma e Gomorra! No entanto, Deus a manteve em curso, e a manterá em curso até que o Seu propósito seja cumprido final e completamente.

A quinta dedução é a questão do significado dos números em conexão com a Igreja e sua função. E a resposta é que número não importa. Deus preserva um remanescente, preserva uma semente. Talvez apenas uma mancheia, não importa; não temos necessidade de preocupar-nos com isso. Não devemos envergonhar-nos de ser um remanescente, fraco e pequeno; este é o plano de Deus. Em certo sentido isto pode ser um privilégio. Devemos parar de pensar em termos de números, devemos pensar em termos do propósito de Deus e da pureza, da vida e do testemunho. Deus preservará esta semente. Ele a levará adiante, apesar de tudo, (e a nós nela), graças a Deus, se pertencermos ao remanescente fiel.

A próxima lição, número seis, é que sempre devemos ter o cuidado de não cair no perigo de tornar-nos uma "corporação fechada". Israel tinha feito isso. Não se interessou pelos gentios. Preocupava-se consigo mesmo, tinha orgulho da sua posição, sempre olhando para si mesmo, sem nenhum interesse por aqueles que estavam fora. Estes eram "cães", bárbaros, indignos de consideração. Muitas vezes a Igreja caiu nesse erro particular, e eu detecto sinais disso em certos amigos na presente hora. Vocês devem preocupar-se com a pureza da Igreja, mas isso não significa que devem erguer barreiras, manter fora o estranho e quase fazê-lo sentir que não tem direito de vir para dentro. Isso é uma negação da Igreja Cristã. Israel voltou-se para si mesmo e se tornou centralizado em si mesmo, orgulhoso e preconceituoso. Livre-nos Deus de tão terrível destino! Uma igreja que não propaga ativamente a verdade,

que não dá testemunho da verdade e que não se preocupa com os perdidos é indigna do nome de igreja de Jesus Cristo. Tudo isso põe-se diante de nós aqui.

Mas, permitam que agora eu passe à lição número sete – e, oh, que fortaleza consoladora encontramos aqui também! Na verdade, o que temos aqui não é somente reconfortante; há algo deveras glorioso para mim neste próximo ponto. É o seguinte: se já aprendemos o que Romanos, capítulo 9, ensina, devemos ter aprendido a esperar que o avivamento venha nos lugares onde menos se espera e nas pessoas mais inesperadas. Recordem: "Que diremos pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça". Essa é a maior surpresa dos séculos, porém é bem característica da soberania de Deus.

Portanto, nunca nos surpreendamos com o que quer que aconteça nesta esfera. Deus constantemente derrama surpresas sobre nós. Não penso que alguma vez tenha ocorrido um avivamento na história da Igreja em que Deus não tenha repetido mais ou menos isso. Onde começam os avivamentos? Bem, geralmente começam numa cidade ou aldeia pequena e desconhecida da qual nunca se ouviu falar. A quem Deus usa? Não algum homem que era proeminente ou que era considerado grande pela Igreja, mas alguém completamente desconhecido e inesperado. Umjovem como George Whitefield, criado na Taverna do Sino, em Gloucester – quem jamais teria pensado nisso? E isso é verdade referente a todas as eras e gerações. É assim que Deus realiza a Sua obra, sempre cheia de surpresas, espanto e assombro. Portanto, estejamos preparados para isso.

E assim chego ao meu último ponto, ponto muito solene por sinal. Eu e vocês não estaríamos estudando este capítulo desta maneira, se não estivéssemos apegados à fé verdadeira, se não fôssemos ortodoxos, se não nos preocupássemos com doutrina, e com a verdadeira doutrina. É como deve ser. Está

certo. É excelente. Contudo, com uma condição – que não presumamos nada sobre isso. No momento em que o fizermos, no momento em que começarmos a sentir-nos satisfeitos com nós mesmos, no momento em que o espírito do fariseu começar a introduzir-se e em que começarmos a dizer, "Nós somos o povo, graças a Deus não somos como os demais", nós nos estaremos colocando nesta situação terrivelmente perigosa, na qual, quando Deus vier avivar a Sua obra, poderá deixar-nos de lado e usar uma destas pessoas desprezadas que nem nós nem ninguém jamais pensou que estivesse no centro da vontade e do propósito de Deus.

Aqui temos a terrível lição: são os gentios que estão dentro, que estão no centro da igreja, e é por meio deles que Deus está espalhando as boas novas, e os judeus estão fora, postos de lado! Não permita Deus que algo deste espírito de preconceito que havia no judeu se apodere de nós e nos leve a essa situação patética na qual vemos Deus de novo tomar as coisas que nada são "para que nenhuma carne se glorie perante ele". Devemos ser ortodoxos, mas não devemos orgulhar-nos disso, não devemos firmar-nos nisso – nem mesmo nisso. Tratemos de compreender esta grande lição, a soberania de Deus, o Seu propósito grande e glorioso; demo-nos conta de que é Ele quem chama, e que Ele chama quem Ele quer. Ele levanta e derruba.

Portanto, a única conclusão a que se pode chegar como resultado disso tudo é que devemos andar com reverência e santo temor, que devemos andar humildemente com o nosso Deus. Seus propósitos são seguros, e o nosso anseio, o desejo do nosso coração, deve ser no sentido de que sejamos pessoas tais, que Deus venha a usar-nos, que Ele jamais tenha que, de um modo ou de outro, deixar-nos de lado, por assim dizer, ou passar-nos por alto, para fazer o que Lhe apraz. Não permita Deus que, em nosso desejo de proteger-nos contra certos erros e excessos, nos façamos culpados de apagar o Espírito. Pode acontecer que estejamos tão seguros de nós mesmos e com tal

controle da situação, que não estamos dando oportunidade ao Espírito de Deus.

Aprendamos, pois, estas grandes lições deste capítulo 9 da Epístola de Paulo aos Romanos. Aí estão elas, gritando para nós, logo ali na superfície; elas são atuais, como vocês podem ver, com relação à igreja em geral, à nossa situação particular e com relação a todos os aspectos da nossa vida e da nossa conduta. Mas, acima de tudo, humilhemo-nos sob a poderosa mão de Deus, e Ele nos exaltará. Quem se exalta o Senhor humilha, mas quem se humilha será exaltado. Vamos, pois, atribuir sempre a Deus todo o louvor, toda a honra e toda a glória, e regozijemo-nos unicamente nisto, "o propósito de Deus, segundo a eleição", e sua certeza suprema e absoluta.

Romanos

Neste livro, O Soberano Propósito de Deus, Dr. Lloyd-Jones continua sua exposição da Epístola aos Romanos com um tratamento caracteristicamente exaustivo do capítulo 9. Inevitavelmente este será um volume a que muitos leitores e resenhistas virão com perguntas tais como: o que Dr. Lloyd-Jones pensa do endurecimento de Faraó? Como médico de almas o Dr. Lloyd-Jones conhecia muito bem esta tendência de ler as Escrituras à luz das nossas próprias interrogações, e muitas vezes, conseqüentemente, não perceber o quadro maior. Ele insiste, portanto, que seus ouvintes (e leitores) sigam do princípio ao fim o ensino do apóstolo Paulo.

No decorrer da exposição descobrimos, de fato, "o que Dr. Lloyd-Jones pensou...". Jamais era pessoa para esquivar-se de coisas difíceis ou de questões complexas. Contudo, perante a majestosa soberania de Deus, aqui ouvimos o Dr. Lloyd-Jones conclamando-nos, com Agostinho, à "humildade, humildade, humildade".

Nascido no sul do país de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu ali até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP